

REVISTA  
DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO - LETRAS

# RUA-L

COORDENADORES  
TERESA ALEGRE & ABDELILAH SUISSE  
N.º 8 (II. SÉRIE) 2019



## ITINERÂNCIAS LÍNGUAS, TEXTOS E MEDIAÇÕES



dlc

universidade de aveiro  
departamento de línguas e culturas

cllc

universidade de aveiro  
centro de línguas, literaturas e culturas

**ITINERÂNCIAS:  
LÍNGUAS, TEXTOS E MEDIAÇÕES**

## FICHA TÉCNICA

RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras

N.º 8 (II. série) 2019

Revista Anual

Sítio na www: <https://proa.ua.pt/index.php/rual>

Logótipo da RUA-L: Ana Salomé Santos

## DIREÇÃO

Ana Maria Pinhão Ramalheira (Diretora)

Reinaldo Silva Nuno Rosmaninho

## CONSELHO CIENTÍFICO / ARBITRAGEM

|                               |                                |                                 |
|-------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|
| Abdelilah Suisse              | Ana Margarida Ramos            | Ana Maria Ramalheira            |
| Anthony Barker                | António Barreira Moreno        | António Manuel Andrade          |
| António Manuel Ferreira       | Carlos de Miguel Mora          | Carlos Morais                   |
| Clara Sarmento                | Cláudia Martins                | Cornelia Plag                   |
| Cristina Flores               | David Callahan                 | David Damrosch                  |
| Eugénio Lisboa                | Francisco Javier Juez Gálvez   | Francisco José Fidalgo Enriquez |
| George Monteiro               | Gillian Owen Moreira           | Gueorgui Hristovsky             |
| Isabel Cristina Rodrigues     | Isabel Margarida Duarte        | João Manuel Torráo              |
| João Paulo Silvestre          | Juliana House                  | Katrin Herget                   |
| Luís Machado de Abreu         | Lurdes Moutinho                | Márcia Seabra Neves             |
| Margarida Esteves Pereira     | Maria Aline Salgueiro Ferreira | Maria Cristina Carrington       |
| Maria Eugénia Pereira         | Maria Fernanda Brasete         | María Jesús García Méndez       |
| Maria José Grosso             | Maria Luísa Álvares Pereira    | Maria Manuel Baptista           |
| Maria Manuela Gouveia Delille | Maria Manuela Tavares Ribeiro  | Maria Sofia Pimentel Biscaia    |
| Maria Teresa Cortez           | Maria Teresa Roberto           | Noemí Pérez Pérez               |
| Nuno Rosmaninho               | Onésimo Teotónio Almeida       | Otília Pires Martins            |
| Paulo Alexandre Pereira       | Paulo Osório                   | Ran Mai                         |
| Reinaldo Silva                | Rosa Lúcia Coimbra             | Serhii Wakúlenko                |
| Telmo Verdelho                | Teresa Alegre                  | Teresa Seruya                   |
| Thomas Hüsken                 | Wang Suoying                   |                                 |

## CAPA

Design: Carlos Gonçalves

## EDIÇÃO | ADMINISTRAÇÃO | CONTACTOS

UA Editora – Universidade de Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas (DLC)

Editora: UA Editora

Campus Universitário de Santiago – 3810-193 Aveiro

Telef.: (+351) 234 370 358 | Fax: (+351) 234 370 940

E-mail: [dlc-rual@ua.pt](mailto:dlc-rual@ua.pt) – [amram@ua.pt](mailto:amram@ua.pt)

PAGINAÇÃO Pedro Bandeira

IMPRESSÃO Clássica – Artes Gráficas SA (Rio Tinto)

TIRAGEM 500 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL 85031/94

ISSN 0870-1547 | E-ISSN 2183-4695

A RUA-L adota a licença Creative Commons BY 4.0.

A RUA-L está indexada no RCAAP e no OpenAIRE e está em processo de indexação nas seguintes bases de dados:

DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/ReMEO e Web of Science

*Aceitam-se permutas | Exchanges are accepted*

RUA-L  
Revista da Universidade de Aveiro – Letras  
N.º 8 (II. série) 2019

# ITINERÂNCIAS: LÍNGUAS, TEXTOS E MEDIAÇÕES

Coordenação de  
Teresa Alegre  
Abdelilah Suisse

Departamento de Línguas e Culturas  
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas  
Aveiro  
2019



**NOTAS DA DIREÇÃO:**

1. Foi deixado ao critério dos autores a adoção, ou não, do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.
2. As rubricas «Recensões/Textos de apresentação», «Apontamentos literários» e «Eventos do DLC» foram coordenadas pela diretora da revista, que contraiu uma enorme dívida de gratidão para com todos os autores, e outros, que com ela colaboraram de forma assaz generosa e diligente.

# Índice

## 9 Introdução

### Parte 1

- 15 Metafórica da Tradução no Contexto Português Contemporâneo. Alguns Exemplos, MARIA ANTÓNIO HÖRSTER
- 33 A Arte da Fuga em (projetos de) tradução literária, ÂNGELA MARIA PEREIRA NUNES
- 51 Filtrar ou não filtrar? A decisão do tradutor no momento de aplicar um filtro cultural, TERESA ALEGRE
- 69 Traducción del derecho de familia islámico: problemas terminológicos y elementos socioculturales, SONIA PRIETO MONTEAGUDO
- 85 How Much Hybridity Can Translation Tolerate? Hidden Translation in Intercultural Text Transfer (In News and Advertising Agencies), ANA MARIA BERNARDO
- 99 (Inter/Cross/Trans)Mediality, Appropriation and Subjectivity: Translational Approaches to Transmedia Storytelling, VANESA CAÑETE-JURADO
- 111 Interculturalidad y especialización en traducción museística de arte contemporáneo: retos de traducción al español del programa de mano de Jan Fabre: Estigma. Acciones y performances 1976-2017, MARÍA LUISA RODRÍGUEZ MUÑOZ
- 135 Projeto Rurtugal: da tradução/localização à produção digital multilingue, SÍLVIA ARAÚJO / DANIELA GOMES

### Parte 2

- 151 O erro na expressão escrita: análise de um *corpus* e do perfil dos estudantes de língua portuguesa, FILOMENA BARBOSA AMORIM
- 165 La Adquisición de la Lengua de la Comunidad de Acogida como Herramienta para la Integración de la Población Migrante: El Proyecto INMIGRA-2, OCARINA MASID BLANCO / ANNA DOQUIN DE SAINT PREUX
- 185 O recurso à sociedade hospedeira como complemento do manual nas aulas de Português Língua Segunda: estudo de caso no nível A2, RAFAELA DALBONY VIEIRA DE BETTENCOURT GESTA / ÂNGELA CRISTINA FERREIRA DE CARVALHO / MÁRCIA MARISA CAMPOS NATIVIDADE

- 203 Política linguística em ambiente multilingue: o caso de Timor-Leste, PAULO HENRIQUES / RUI RAMOS
- 217 Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve, ELISA CARUSO
- 247 Um estudo geoprosódico em quatro falares transmontanos, LURDES DE CASTRO MOUTINHO / ROSA LÍDIA COIMBRA

### **Recensões / Textos de Apresentação**

- 263 *Vida aberta: Tratado Poético-Filosófico e A engenhosa tragédia de Dulcineia e Trancoso* de W. J. SOLHA (2018), ADELTO GONÇALVES
- 267 *Atrás da Porta e outras Histórias* de Teolinda Gersão, VAMBERTO FREITAS
- 271 *Luzes distantes, vozes perdidas* de João de Mancelos, MARIA JOÃO L. G. DE OLIVEIRA
- 273 *Mulheres fantásticas* de Clauder Arcanjo, ADELTO GONÇALVES
- 277 *Cair para dentro* de Valério Romão, EMANUEL MADALENA
- 285 *Resposta ao terno* de Daniel Blume, ADELTO GONÇALVES
- 291 *A Fuga da Personagem* de Miguel Jorge, ADELTO GONÇALVES
- 295 *Rebeldes: Geração Beat e Anarquismo Místico* de Claudio Willer, ADELTO GONÇALVES

### **Apontamentos Literários**

- 301 Poemas Primos e de Pi, ANTÓNIO MOTA
- 305 ISABEL CRISTINA PIRES
- 315 O beijo do íncubo, JOÃO DE MANCELOS
- 321 LUÍS AGUIAR

### **Departamento de Línguas e Culturas: Eventos | 2019**

- 329 Provas Académicas
- 336 Congressos, Colóquios, Ciclos de Conferências, Seminários e Jornadas
- 341 Conferências, Aulas Abertas, Seminários, *Workshops*, Exposições e Visitas de Estudo

# Introdução

## Itinerâncias: línguas, textos e mediações

O número de 2019 da revista RUA-L, subordinado ao tema *Itinerâncias: línguas, textos e mediações*, inscreve-se no diálogo entre línguas e culturas sob diferentes perspetivas – linguísticas, culturais, literárias, tradutológicas. Os artigos aqui reunidos confluem em torno de duas temáticas aglutinadoras que dizem respeito aos textos e à tradução (Parte 1) e às línguas (Parte 2).

Assim, a respeito das línguas discutem-se questões relacionadas com os processos de aprendizagem de línguas estrangeiras e variação linguística em contextos multilingues e multiculturais. Relativamente aos textos e às suas trajetórias, valoriza-se o texto enquanto fenómeno social, cultural e histórico, sublinhando-se as suas recontextualizações e reconstruções de significado. Tais processos de ressignificação, quando observados sob o ponto de vista de transposições culturais e literárias, emergem de interações complexas entre diferentes espaços linguísticos e culturais. Os estudos de tradução têm vindo a valorizar, desde meados do século passado, as interações entre tradução e cultura e a análise de processos de recriação, numa trajetória que conduziu a propostas de interdisciplinaridade, nomeadamente com as áreas da linguística, literatura e cultura. Refira-se ainda a visão da tradução como fenómeno indissociável de comunicação interlinguística e intercultural, caracterizada pela aplicação de filtros culturais.

Os artigos que constituem a primeira parte da presente publicação têm como denominador comum a atividade da tradução, mas abordam-na de modos diversos: desde reflexões de cariz teórico a estudos carácter empírico, desde a tradução literária à de domínios de especialidade, desde a formação do tradutor à identificação de zonas de fronteira entre a tradução e a edição textual ou a localização.

Começamos com a análise de metáforas do conceito de tradução e do próprio tradutor no contexto português contemporâneo, no artigo de Hörster. Partindo das conceções de tradução de cinco autores portugueses do séc. XX, a autora explora os modelos conceptuais que lhes subjazem.

Os dois artigos que se seguem ocupam-se da formação do tradutor, tendo por base intervenções didáticas em contexto universitário. O primeiro (Nunes)

incide sobre dois projetos didáticos de tradução literária: um respeitante à tradução de contos de português para alemão e outro envolvendo a retroversão de alguns desses contos de alemão para português, ato que a autora compara ao recurso da «arte da fuga». O segundo (Alegre) recai sobre a consciência tradutológica dos estudantes ao traduzirem, de inglês para português, elementos linguísticos com carga cultural. A análise das suas decisões e comentários aquando da aplicação (ou não) de um filtro cultural permitem à autora a apreciação da consciência tradutológica.

O trabalho seguinte, de Prieto Monteagudo, debruça-se sobre problemas terminológicos e socioculturais da tradução do direito de família islâmico. Os exemplos apresentados revelam a evolução dos procedimentos de tradução adotados mais recentemente, fruto do processo de globalização.

A diluição das fronteiras entre a tradução e a edição textual é o tema do artigo de Bernardo. A autora analisa o papel do tradutor no discurso globalizado das agências noticiosas e publicitárias internacionais e constata o surgimento de um paradigma novo, no qual os processos de hibridização prevalecem. Conceitos como o de transedição e adaptação cultural esbatem as fronteiras entre tradução e edição. O artigo seguinte, de Cañete-Jurado, incide igualmente sobre fatores externos que influenciam a atividade da tradução. A autora reflete sobre a tradução de produtos transmedia em contextos multiculturais e multilingues, contextualizando a «complexa rede de fatores linguísticos, sociolinguísticos e socioculturais» que influenciam a própria tradução.

Os desafios da tradução museológica, em particular da tipologia textual «programa de mão» são apresentados no artigo de Rodríguez Muñoz. Com base num estudo de caso realizado pela autora, são identificados os desafios de tradução, as estratégias e as técnicas aplicadas no texto que acompanha a exposição de Jan Fabre.

Por último, o trabalho de Araújo / Gomes dá-nos a conhecer um projeto de produção digital multilingue, que revela a possível interdisciplinaridade da formação de tradutores.

Os artigos constantes da segunda parte da presente publicação exploram temas relacionados com o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, o plurilinguismo e as políticas linguísticas bem com a variação linguística.

Os três primeiros artigos adotam a investigação do tipo reflexão-ação sobre o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras. Os autores destes estudos apresentam respostas às questões investigativas de acordo com os contextos de ensino e adequadas ao perfil linguístico dos aprendentes de línguas estrangeiras.



Assim, o estudo levado a cabo por Filomena Amorim elabora uma reflexão sobre a análise do erro no processo de aprendizagem do português por parte de alunos chineses. No âmbito dos estudos da interlíngua, a autora considera o erro cometido pelos alunos chineses na produção escrita um fator que potencia a aprendizagem e modela o processo de ensino do português.

Os dois artigos seguintes são dedicados ao ensino de línguas estrangeiras, o espanhol e português, destinado para a população migrante, tendo como objetivo a sua integração sociolinguística e cívica em Espanha e Portugal. O artigo (Masid Blanco / Doquin de Saint Preux) descreve o projeto «IMMIGRA-2», desenvolvido na universidade Nebrija, realizado sobre a população migrante da comunidade de Madrid. Destaca-se, neste estudo, a eficácia dos diagnósticos feitos à população migrante na implementação de ações didáticas que simplifiquem a aprendizagem da língua espanhola. De igual modo, embora noutro contexto linguístico, o trabalho (Gesta / Natividade / Carvalho) seguinte trata de outros aspetos como seja o ensino de línguas baseado em tarefas, a análise do manual didático *Português XXI 2*, os Direitos Humanos e a importância da sociedade hospedeira no processo de integração de imigrantes.

Nesta segunda parte, encontramos, ainda, dois estudos sobre o plurilinguismo e sobre as políticas linguísticas. O primeiro da autoria de Elisa Caruso investiga o hibridismo linguístico no âmbito da investigação no ensino superior, identificando os fatores objetivos e subjetivos que promovem a disseminação e a primazia do inglês como língua de produção científica internacional. O segundo artigo destaca a questão do multilinguismo, que caracteriza a sociedade de Timor-Leste, relacionando-a com o papel preponderante dos tradutores na expansão das línguas oficiais deste país através da comunicação social e da publicidade.

O último trabalho (Moutinho / Coimbra) apresenta a continuidade de outras pesquisas na área da geoprosódia que foram divulgadas no âmbito do projeto internacional AMPER, Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico. De acordo com as autoras, os resultados deste estudo visam fomentar a construção de uma plataforma interativa *online* da variação prosódica em todas as línguas românicas.

*Teresa Alegre  
Abdelilah Suisse*







# Metafórica da Tradução no Contexto Português Contemporâneo. Alguns Exemplos

## Translation Metaphorics in Contemporary Portuguese Context. Some Examples

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER\*

PALAVRAS-CHAVE: Metafórica da tradução; Quintela, Torga, Freire, Bento, Moura.

KEYWORDS: Translation metaphorics; Quintela, Torga, Freire, Bento, Moura.

«Moving texts» é o tema geral da presente publicação pelo que, ao falar de tradução, nos inscrevemos no núcleo mesmo do encontro. Na realidade, na base do conceito que generalizadamente se impôs para designar a actividade que consiste na transposição de um texto de uma língua para outra, «tradução», encontra-se precisamente a ideia de deslocação e de transporte. A pervivência desta metáfora levou o teorizador Andrew Chesterman, na sua já clássica obra *Memes of Translation* (<sup>1</sup>1997), a considerá-la como o primeiro dos cinco supermemes<sup>1</sup> da tradução, o que quer dizer que, no grande reservatório de memes, se tem persistentemente afirmado a noção de que a tradução tem uma natureza direccional e implica transferência.<sup>2</sup> Porém, ao comentar esta ideia, o académico de Helsínquia procede a um ajustamento: mantém a imagem do movimento, mas considera – e a meu ver com razão – que há um aspecto que esta representação da tradução não contempla: é que, ao ser traduzido, o texto original não cessa de existir na margem de que supostamente parte, continuando aí a viver e a entrar em dinâmica relação com toda a sua envolvente.<sup>3</sup> Por isso

\* Professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da mesma Faculdade.

<sup>1</sup> Supermemes são, para Chesterman, ideias, unidades culturais, que manifestam um grau particularmente elevado de generalidade (Chesterman, 1997, p. 6).

<sup>2</sup> As correntes designações metafóricas de «texto fonte», «texto alvo» ou de «texto de partida» e «texto de chegada» são manifestações óbvias desse meme.

<sup>3</sup> Chesterman observa que muitas vezes, até, o texto dito original ganha nova vitalidade como resultado da sua tradução (*ibid.*).

Chesterman propõe, em alternativa, as sugestivas metáforas da propagação, da difusão, da extensão e, mesmo, da evolução (Chesterman, 1997, p.8).

Todos estamos cientes de que traduzir é uma das mais complexas actividades humanas: os sistemas linguísticos em contraste, os contextos histórico-culturais eventualmente muito diferentes, as respectivas normas e valores, as situações comunicativas em jogo, os receptores e as suas expectativas, a diversidade temática e genológica dos textos, os conhecimentos, gostos e preferências pessoais dos tradutores representam um conjunto imenso de variáveis que, entrando sempre em novas combinações, condicionam tanto o processo como o resultado de cada tradução. Sendo tão numerosos os factores em jogo, tão difícil de apreender o que realmente acontece no acto de traduzir, não admira que, desde a Antiguidade, tenha sido frequente o recurso à expressão indirecta e analógica para tentar captar o fenómeno. E se nas cerca de quatro décadas após a Segunda Guerra Mundial a linguagem metafórica foi postergada porque considerada pouco científica, na actualidade assiste-se, segundo Lieven D'hulst e St. André, a um ressurgimento do interesse pela forma como ela conforma a nossa compreensão do mundo.<sup>4</sup>

Longe de pretender apresentar uma lista mais ou menos completa de antigas e novas metáforas sobre a tradução, gostaria ainda assim de recordar algumas das mais conhecidas. Desde a famosa ideia de pagamento em moedas com o mesmo peso global mas não necessariamente no mesmo número e com o mesmo valor individual, que encontramos em Cícero (cf. Robinson, 1997, p. 9), passando pela da submissão e da conquista, de S. Jerónimo, ou a do direito e do avesso de uma tapeçaria, presente no *D. Quixote* de Cervantes,<sup>5</sup> do equilíbrio funambulesco com os pés atados, que Dryden entendia ser a situação do tradutor apostado em reproduzir conteúdo e letra do original (cf. Robinson, 1997,

<sup>4</sup> Cf. St. André, 2012, p. 1. Anteriormente, D'hulst (1992) frisara que, com a formalização própria das abordagens linguísticas por alturas da década de 50, o anterior pensamento sobre tradução fora desconsiderado como pré-científico. Na sua exposição debate o poder cognitivo da metáfora e as relações interactivas entre metáforas e modelizações científicas, especialmente no domínio da teoria da tradução.

<sup>5</sup> No final do capítulo LXII do volume II lê-se um diálogo entre Dom Quixote e um tradutor. Os dois parecem partilhar o conceito da correspondência directa entre palavras dos dois idiomas. Dom Quixote filosofa então sobre o ofício da tradução. Numa metáfora famosa, compara o texto traduzido a uma tapeçaria vista pelo avesso, na qual, embora se distingam as figuras, elas se encontram cheias de fios que as obscurecem, e não se vêem com a lisura e o brilho do lado direito (cf. Robinson, 1997, p. 149). Tal como muitas outras, esta metáfora veicula a ideia da superioridade do texto dito original.

p. 172), das recorrentes imagens da transfusão do líquido de uma vasilha para outra ou a da mudança de vestes, que por exemplo D'Ablancourt retoma lembrando o embaixador que deve adaptar-se ao novo país sob risco de se tornar ridículo (cf. Robinson, 1997, pp. 158-159), da pintura original e da sua cópia, do seguir nas pegadas de um outro, da estafada ideia da ponte, da metáfora camiliana do leitor que pede *filettes* de javali mas a quem o criado serve cabeça de porco com grelos<sup>6</sup> (Cabral, 1981, p. 110), às metáforas marcadas por estereótipos de género, como a famosa etiqueta seiscentista das *belles infidèles*,<sup>7</sup> às imagens sexualizadas mais recentes de George Steiner e de algumas feministas ou, ainda, a uma mais recente representação do tradutor como alguém que põe *ketch up* num prato de veado *a la marsalla* (cf. St. André 2010, p. 3), é muito grande a variedade metafórica. Interessante é que estas metáforas comportam uma dimensão teórica, veiculando, por exemplo como a última faz de forma óbvia, relações de hierarquia ou tensões entre original e texto traduzido, entre autor do texto dito original e tradutor, percepções sobre a situação e o papel do tradutor, sobre o ideal de tradução, etc. Curioso é que, como faz notar St. André, por vezes basta a alteração de um pequeno traço para o quadro teórico se alterar. Se em vez de *ketch up*, na última metáfora referida, se usasse queijo parmesão ou trufas, já a intervenção do tradutor apareceria a uma luz bem diferente...

Estas metáforas, grande parte delas de carácter intuitivo, quase sempre plásticas e apelativas, com maior fortuna umas do que outras, são interessantes pela dimensão pedagógica que podem assumir, pelo conteúdo teórico e pragmático que denunciam e, ainda, pelo valor heurístico que lhes assiste na construção de modelos conceptuais.

Reportando-nos agora ao contexto do nosso país, podemos colocar as seguintes questões: Tradutores e escritores portugueses têm-se referido à tradução? Em que termos o têm feito? Será neles frequente o recurso à metáfora?

<sup>6</sup> «Faça o leitor de conta que entrou num restaurante e pediu filettes de javali; mas o criado serviu-o de cabeça de porco com grelos. O leitor, que tinha fome, comeu, certíssimo de que não comia javali; mas gostou e não deixou nada no prato. É o que lhe sucede, leitor, quando pede o *Fausto* de Goethe e lhe servem o *Fausto* de Castilho.» (apud Cabral, 1981, p. 110).

<sup>7</sup> Cerca de 1654 Gilles Ménage terá dito de certa tradução de Perrot d'Ablancourt que lhe fazia lembrar uma mulher que ele próprio havia amado «et qui était belle mais infidèle» (cf. Robinson, 1997, p. 156). Esta imagem passou a designar uma moda de tradução no século XVII, em França. Pela sua sugestividade, tem tido ampla circulação. Tradutoras e teorizadoras feministas da tradução têm explorado a dimensão sexista nela contida.



Em caso afirmativo, o que nos diz a metafórica usada? Ora, não está feito o levantamento dos campos metafóricos entre nós activados – seria um belo tema para uma tese – e com o presente trabalho pouco mais pretendo do que chamar a atenção para esse domínio, enunciando e comentando alguns casos particulares contemporâneos com que mais de perto tenho contactado.<sup>8</sup>

## Paulo Quintela

E começo por Paulo Quintela (1905-1987), nas palavras do poeta e também tradutor José Bento (1932-2019), «o tradutor a quem a poesia portuguesa deste século [o século XX] mais deve» (Bento, 1963, p. 87).<sup>9</sup> Quintela traduziu por paixão – Goethe, Hölderlin, Rilke, Nietzsche, Nelly Sachs, Georg Trakl, Bertolt Brecht, entre centenas de outros autores – e ao longo da vida foi-nos deixando, nas notas e prefácios às suas traduções, bem como noutros contextos,<sup>10</sup> testemunhos sobre a maneira como entendia a sua actividade. Fá-lo frequentemente por recurso à metáfora, ressaltando, na maior parte das vezes, uma imagética religiosa. O facto é tanto mais curioso quanto Quintela se apresentava como agnóstico. Quase diríamos que este germanista assumia uma verdadeira divinização da arte, comum a um grande número de artistas dos inícios do século, após a morte de Deus anunciada por Nietzsche. A sua imagética vem-lhe, em grande parte, de Lutero, nomeadamente do seu «Rundbrief vom Dolmetschen» (Luther, <sup>2</sup>1969, pp. 14-32).

A veneração pela palavra poética<sup>11</sup> transparece já da própria selecção dos autores que traduziu, quase exclusivamente poetas, tendo sempre procurado o convívio com figuras de primeira grandeza do universo literário. Herdeiro do pensamento de Wilhelm Dilthey, interessa-lhe o frémio vivencial que os textos

<sup>8</sup> Alguns dos materiais apresentados podem encontrar-se em trabalhos meus anteriores (vd. Bibliografia), mas são aqui abordados sob uma perspectiva diferente, nomeadamente, a do potencial metafórico que encerram.

<sup>9</sup> Da relação que José Bento considerava existir entre poetas e tradutores e das qualidades necessárias a estes últimos para que exerçam devidamente o seu mister, dão conta as palavras de abertura deste texto: «Raríssimos poetas estrangeiros têm encontrado em Portugal os leitores com o amor e a cultura, a humildade e o gosto pela aventura que os transformem em seus tradutores.» (Bento, 1963, p. 87).

<sup>10</sup> Sobre tudo a conferência «Traduzir», proferida em Coimbra, em 27 de Fevereiro de 1959 (Quintela, 1999, pp. 641-651).

<sup>11</sup> Sobre a relação de Quintela com a poesia, vd. por ex. Ramalho, 2008.

manifestam e, nessa linha, nos testemunhos que nos deixa, o que traz a primeiro plano é o seu envolvimento pessoal com o autor e com o seu verbo. Veja-se agora um trecho em que fala de Lutero como tradutor e da sua própria prática enquanto tal:

[...] todo o tradutor deve proceder com humildade, piedade e respeito em face do verbo poético que se lhe revela e se lhe impõe. Christlich – cristãmente. Quer dizer: identificação, tão completa quanto possível, com o objecto – passada agora a coisa do caso concreto da tradução do texto sagrado de Lutero –, para a generalidade do texto poético. Adesão, quanto possível integral, à situação e ao verbo do poeta que nos solicita. Porque – e aí está outra coisa essencial, pelo menos em minha pessoalíssima experiência – não se traduz o que se quer, traduz-se o que se nos impõe, o que quer ser traduzido, o que apela para a nossa força íntima de identificação, de consubstanciação. Traduzir será pois, em primeiro lugar, aderir, reviver, recriar uma situação poética.

(Quintela, 1999, p. 649)

O ritmo entrecortado deste passo, de cuja tríade final – «aderir, reviver, recriar» – transparece a assimilação de Wilhelm Dilthey, sinaliza bem a emoção, e a imagética dominante fala por si: o encontro do tradutor com o texto poético adquire a dimensão religiosa de uma revelação, o leitor/tradutor abre-se ao sopro primevo de criação que ele transporta, identifica-se com ele e, uma vez possuído da sua força, tal como os antigos profetas – aqueles que emprestavam a sua boca à palavra divina –, obedece com piedade e humildade, tornando-se ele mesmo oficiante, na medida em que se dispõe agora a dirigir toda a sua força íntima para um novo acto criativo, uma «consubstanciação» – e é com esta metáfora religiosa que Paulo Quintela designa o texto traduzido.<sup>12</sup>

Vão em sentido semelhante as palavras que inscreve no prefácio à 1.<sup>a</sup> edição dos *Poemas* de Hölderlin:

Traduzir um poeta é sempre uma aventura (...). E a sua grandeza e autenticidade [do poeta e da poesia] avalio-as por esse secreto sentido de elevação e força com que de mim se apoderam. Esse «apoderar-se» é sempre uma violência – uma aventura, pois, um arrebatamento para terra incógnita. Quer isto dizer que os grandes poetas, se o são, chamam sempre o leitor – se ele é também leitor verdadeira

<sup>12</sup> Para além das recorrentes metáforas religiosas, também comparecem nos seus textos imagens de outras esferas.

e ingenuamente – à sua intimidade e de certa maneira o identificam a si mesmos. Este sortilégio, este encantamento, quando se trata de um poeta em língua estranha, é *dobrado* – (aqui fala, evidentemente, só a minha pessoalíssima experiência) – de um sentimento de necessidade de apropriação, de consubstanciação, por parte do leitor (Hölderlin / Quintela, *Poemas*, 1945, p. XXXI).

Isto é, a elevação, a dimensão sacral da grande poesia arrasta-o, enquanto leitor, a uma identificação, e o encantamento que se verifica no encontro com a palavra poética gera nele, no caso de se tratar de um poeta em língua estranha, um desejo de apropriação que vem a traduzir-se numa consubstanciação. Aventura, identificação, apropriação, consubstanciação. O que nos dizem estas metáforas? Elas encerram um conjunto de posições teóricas em relação ao texto original, que é experimentado como encantatório e objecto de desejo, mas também à língua, ao tradutor e ao texto traduzido. A metáfora do desejo de apropriação implica a valorização do texto original e a ideia de que, por maior que seja a adesão a um texto em língua estrangeira, é na língua própria que ele se torna nosso. Na da aventura, estão contidas as ideias do prazer lúdico e da entrega do tradutor, mas também do desafio, da descoberta, do risco e da incerteza quanto ao desfecho do empreendimento. Na metáfora da consubstanciação encontramos por um lado a confirmação do alto valor, mesmo da dimensão divina, do original – já que «consubstanciação» pode significar a presença de Cristo na Eucaristia –, mas também a do alto valor do texto traduzido, idêntico em substância ao original mas outro, pois que consubstanciação significa também a união de dois ou mais corpos na mesma substância.

Deste excerto, portanto, como do anterior, ressaltam a valorização da linguagem poética e da nossa língua mãe, a qual nos permite ficar mais ricos na medida em que nos apropriamos de, isto é, tornamos nossos originais escritos noutras línguas;<sup>13</sup> um grande respeito pelo tradutor, ser humilde mas corajoso,

<sup>13</sup> Ao contrário dos receios de uma perda de identidade pelo contacto com o estrangeiro, encontramos a ideia de que a língua de acolhimento se enriquece através da tradução, no famoso ensaio *Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (1811), de Friedrich Schleiermacher, que acalentava o ideal de um repositório das grandes obras da humanidade vertidas em língua alemã: «Wie vielleicht erst durch vielfältiges Hineinverpflanzen fremder Gewächse unser Boden selbst reicher und fruchtbarer geworden ist, und unser Klima anmuthiger und milder: so fühlen wir auch, daß unsere Sprache, weil wir sie der nordischen Trägheit wegen weniger selbst bewegen, nur durch die vielseitigste Berührung mit dem fremden recht frisch gedeihen und ihre eigne Kraft vollkommen entwickeln kann.» [Tal como, possivelmente, só por via de uma variada cultura de plantas estrangeiras

que se entrega ao original, abdica de si, assume um risco; finalmente, uma concepção altamente positiva do texto traduzido, que em substância se funde com o original. Como decorre da metáfora da consubstanciação, este texto é em parte outro, em parte o mesmo que o original, o que aponta para o carácter dual do texto traduzido.

Numa autoapreciação que se tornou proverbial, Quintela, neto ele mesmo de um almocreve, falava frequentemente de si como de um «almocreve da cultura», metáfora com que, partindo de dados biográficos, adopta e adapta a imagem do transporte.<sup>14</sup> Nesta metáfora vêm a primeiro plano, não, como nas anteriores, a relação de tradutor com autor e texto originais, ou uma especulação sobre a natureza dual do texto traduzido, mas a noção de transporte de conteúdos culturais e uma valorização do trabalho do tradutor: enquanto almocreve ele é um ser humilde, um trabalhador esforçado, destacando-se a ideia do serviço em benefício de outros.

Comuns a todos os testemunhos são uma visão altamente positiva do texto original, mas também do tradutor e dos textos traduzidos, os quais participam da substância dos originais, por meio da tradução se recriando bens e objectos de desejo, que também queremos para nós e que nos enriquecem.

## Miguel Torga

Vai um pouco na senda de Paulo Quintela, com quem conviveu diariamente ao longo de muitos anos, a metafórica usada por Miguel Torga (1907-1995) no conjunto dos dezasseis volumes do seu *Diário* (1941-1993).<sup>15</sup> Nos primeiros

importadas os nossos solos puderam tornar-se mais ricos e mais frutíferos e o nosso clima mais ameno e aprazível: também sentimos que a nossa língua, uma vez que devido à inércia nórdica pouco a transformamos por nossa iniciativa, só por meio dos mais variados contactos com o que nos é estranho pode de facto frutificar com frescura e desenvolver perfeitamente a força que lhe é própria.] (Schleiermacher / Justo, 2003, pp. 148-149).

<sup>14</sup> «Pois que tenho sido eu, senão almocreve? Levo e trago – não os botos de azeite ou as canastras de sardinha, por montes e vales, à chuva e à neve e à torreira do sol, mas a veniaga cultural de franças e aranganças.» (*apud* Aguiar, 2005, p. 3). Em Julho 1973, no contexto de uma homenagem que lhe prestaram os antigos membros do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra a comemorar o facto de nesse mesmo ano ter sido galardoado com a medalha de ouro do Instituto Goethe, proferiu as seguintes palavras: «Não passo de um pobre homem de Bragança, filho de um pedreiro e de uma padeira, neto (pelo lado a mãe) de um almocreve.» (*apud* Aguiar, 2005, p. 10).

<sup>15</sup> Na presente análise só se tem em conta o seu *Diário*.

testemunhos percebe-se-lhe alguma reserva quanto a traduções. Porém, num momento avançado já da sua vida, inclinado porventura a maior tolerância e armado do realismo, da liberdade e da serenidade que a idade confere, é outro o tom, admirativo e, mesmo, eufórico, com que reflecte sobre esta actividade, numa entrada assinalada «Coimbra, 15 de Janeiro de 1988»:

Traduzir. Trasladar a expressão. Florir o génio de uma língua no génio doutra. Fazer o milagre de dar ubiquidade a um texto, que, com força nativa, tenha voz alheia.

(Torga, 1999, p. 1613)

Para além da imagem do transporte, contida em «traduzir» e «trasladar», encontramos visões muito positivas do texto traduzido. Pela via da metáfora da florescência – «Florir o génio de uma língua no génio doutra» – a tradução insere-se nos campos da vida e da beleza, adquirindo o mesmo carácter de epifania que o escritor sempre atribuiu à criação poética. Curioso é que para Torga, homem da terra, a energia expansiva que a tradução imprime a um texto seja visionada mais em termos de espaço, «ubiquidade», do que nos habituais termos de persistência no tempo. Repare-se que, com esta percepção, Torga antecipa a inicialmente referida imagem da propagação, que Chestermann propõe. Com a referência ao milagre entra-se, tal como se viu em Quintela, no domínio da transcendência. Milagre é o fenómeno da ubiquidade, mas também a possibilidade de, na voz dúplice do texto traduzido, o original adquirir uma nova dimensão, sem contudo perder a sua individualidade. A atenção de Torga incide sobretudo sobre o texto de partida, que se propaga, entidade viva que ganha voz alheia pela força da tradução. Porém, dos agentes da tradução, Torga, que ao contrário de Quintela não era tradutor, nada em concreto diz aqui. A acção de traduzir é sempre referida por formas verbais no Infinitivo Impessoal.<sup>16</sup> É como se tudo se processasse a um nível puro e ideal das línguas!

Bastante mais tarde, por ocasião da homenagem que em Coimbra lhe foi prestada pelo Goethe-Institut em 23 de Novembro de 1990, entoou um hino de louvor a todos os tradutores na pessoa de Curt Meyer-Clason, seu tradutor para Alemão:

<sup>16</sup> O recurso a formulações infinitivas e elípticas coloca a reflexão em termos abstractos e gerais, mas, ao mesmo tempo, é veículo de emotividade.

E aqui estamos todos reunidos para aplaudir, antes de mais, o herói desse feito, Curt Meyer-Clason, a quem o português já devia a façanha da versão de *Grande Sertão Veredas*, a obra prima de João Guimarães Rosa. Homem de um só idioma, o que me ensinaram minha Mãe e o Senhor Botelho, meu saudoso professor primário, [...] é sempre num confuso sentimento de espanto e respeito que me vejo diante dos bem-aventurados que o Espírito Santo bafejou, e são capazes de dar ubiquidade à expressão. Traduzir é, primordialmente, um acto de amor. Só quem for tocado na mente e no coração pela singularidade radical de uma voz sente a necessidade e o gosto de alargar aos ouvidos do mundo. E o pobre poeta de qualquer S. Martinho de Anta, que sonha com o seu canto a ecoar para além das fronteiras que o limitam, é nessas almas sintonizadas e mediúnicas que confia. São elas as difusoras mágicas das suas palavras, que procuram entender em todos os recônditos sentidos e preservar vivas e equivalentes na transplantação verbal. Nunca será por demais exaltado o serviço que prestam à humanidade esses obreiros de uma outra comunicação dos santos, terrena, encarnada, naturalmente oposta à sobrenatural do Credo. Se nos faltassem, ficariam sem respostas inimagináveis interrogações, apelos e desafios. As esfinges que interpelam sibilinamente os viandantes à entrada de todas as Tebas da existência, são monstros de carne e osso e papel e tinta. E os seus enigmas, avisos ambíguos e catárticos [sic] que, depois de fielmente decifrados e trasladados, abrem caminho à ânsia libertadora de Gregos e Troianos.

Retoma-se e alarga-se a metafórica religiosa e mágica e bem assim os motivos do transporte, da difusão e da ubiquidade do texto, de o «alargar aos ouvidos do mundo», pela força da tradução. O foco incide agora sobre os tradutores, apresentados como heróis, agentes de façanhas, e como santos, «bem-aventurados que o Espírito Santo bafejou», «obreiros de uma outra comunicação dos santos», «almas sintonizadas e mediúnicas», como decifradores de enigmas, como agentes de liberdade, e, mais à frente, como «medianeiros».

Para concretizar a ideia de partilha com os seus novos leitores estrangeiros, Torga recorre à metáfora religiosa da comunicação dos santos, uma união dos espíritos que, decorrendo em espaço de leigos, parece tanto mais inesperada e difícil. Paulo Quintela vale-se da metafórica religiosa para expressar tanto a relação entre tradutor e texto traduzido como o próprio acto da tradução, enquanto Torga a desloca para a relação do autor com o novo público a que a tradução lhe permite aceder.

## Natércia Freire

São também o íntimo contacto entre tradutor e autor bem como a experiência mágica que é dado viver ao tradutor os aspectos destacados pela metafórica das «núpcias» e do «sortilégio», presente em «Uma breve nota» que a poeta Natércia Freire (1920-2004) publicou no suplemento do *Diário de Notícias* em 1967:

A 13 de Novembro de 1955, na secção que mantive por algum tempo, *Largos Dias Têm os Anos*, tendo em frente dos olhos o ar degradado de certa criatura ao lamentar-se de ter de trabalhar em traduções, escrevi: «Não sei por que razão consideram alguns escritores humilhante o trabalho de tradução de um livro. Nunca a sua leitura, por mais atenta, dará ao leitor aquela intimidade com a alma do autor, aquelas núpcias de espírito carregadas de verdadeiro sortilégio que ao tradutor é dado experimentar.» (18)

Tal como em Quintela, também aqui a tónica recai sobre a proximidade que se estabelece entre tradutor e autor, um encontro íntimo veiculado pela metáfora amorosa das «núpcias de espírito». Demarcando-se de quem a considera humilhante, Natércia Freire exalta a tradução como uma forma superior de leitura e fonte de um prazer muito especial, veiculando com a metáfora do «sortilégio» a magia desse encontro entre dois seres humanos.<sup>17</sup>

## José Bento

De José Bento (1932-2019)<sup>18</sup> vou apresentar apenas o poema «Eu tradutor, traidor», constante do seu volume lírico *Silabário*, de 1992:

<sup>17</sup> Talvez Natércia Freire esteja a referir-se a algum dos muitos escritores portugueses que, no período da ditadura salazarista, sendo-lhes vedado o acesso a carreiras públicas, tiveram que recorrer à tradução como meio de sustento.

<sup>18</sup> José Bento colaborou em revistas de poesia de meados do século passado, como *Árvore*, *Sísifo*, *Eros*, *Cadernos do Meio-Dia*, tendo sido um dos fundadores da *Cassiopeia*. Entre 1963 e 1969, fez parte da redacção da revista *O Tempo e o Modo*. Exerceu a crítica literária em numerosos jornais e revistas, designadamente na *Colóquio-Letras* e na *Brotéria*. Alcançou especial distinção como tradutor de literaturas em língua espanhola e divulgador entre nós das letras de Espanha e da América Latina. Traduziu uma extensa lista de autores e autoras, como sejam San Juan de la Cruz e Fray Luis de León, Jorge Manrique e Bécquer,

## EU TRADUTOR, TRAIADOR

*A Pilar Gómez Bedate e Ángel Crespo*

Não me dói o que de mim perdi.  
Busco, não o encontro, mas recolho  
sua exalação, não mais  
que a memória alumando  
quanto já não regressa:  
fogo hibernar que se mantém do frio.

Relanceio o que toquei não sendo meu:  
palavras,  
cicatrices indefesas  
numa boca, num lugar, numa data.  
Amei-as sem lucidez.  
Profanação?  
A quem prestarei contas?  
Muitos  
reivindicam o que é seu, e transmutei  
sem consciência, com avidez tão cega  
que não soube transmitir sua inteireza,  
ufano ao supor reter seu fundo aroma.

Dissipei tanto fulgor alheio  
ao querer dá-lo qual se me pertencesse,  
sem o remorso e a vergonha  
de o oferecer como se não o tivesse magoado.

(Bento, 1992, p. 98)

tendo publicado antologias de Garcilaso de la Vega, Santa Teresa de Jesús, Quevedo, M. Machado, A. Machado, J. R. Jiménez, Vicente Aleixandre, Lorca, Cernuda, Miguel Hernández, A. Crespo, Gil de Biedma, Francisco Brines, J. A. Ramos Sucre, Vallejo, Neruda; uma *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»* em dois tomos, Renascimento e Barroco; uma *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea* (desde Unamuno aos novíssimos); uma Antologia da Poesia Espanhola das Origens ao Século XIX. Traduziu igualmente ficção em prosa: *La Celestina*, de Fernando de Rojas, obras de Unamuno, Juan Ramón Jiménez, Ortega y Gasset, Jorge Luis Borges, María Zambrano, J. M. Arguedas, Octavio Paz, Ignacio Martínez de Pisón e, no âmbito do teatro, Calderón de la Barca, Valle-Inclán, Federico García Lorca. Em 2005 deu a lume uma versão portuguesa do *D. Quixote*, de Cervantes.



Neste poema, que se apresenta como espécie de exame de consciência num período avançado da vida, o eu lírico admite com alguma serenidade as perdas pessoais que o tempo necessariamente acarreta. Em contrapartida, porém, neste testemunho pessoal aparecem-lhe como especialmente gravosas, aquilo que entende como faltas cometidas contra algo que não lhe pertencia, os textos de autores alheios. Com a imagem das «cicatrices» impostas «numa boca, num lugar, numa data», José Bento aponta, ao que presumo, para o que há de idiossincrásico, de pessoal, mas também para o que há de específico de um lugar e de uma época no texto dito original – aspectos que, enquanto tradutor, ele nem sempre teria sido capaz de recriar.

A isotopia de fundo é, precisamente, a do tradutor como pecador e da tradução como traição e pecado. O título da composição parte daquele que será o mais conhecido e incontornável adágio quando se fala de tradução, *traduttore, traditore*, combinando-o com a fórmula inicial da confissão: «Eu, pecador, me confesso». Numa linguagem de sabor religioso, desfilam perante nós várias metáforas negativas tanto do tradutor como da tradução. O tradutor é apresentado como alguém que se apropria de bens alheios, mas, ao contrário de Quintela, indevidamente, e que sem remorsos os apresenta como seus, vincando-se bem com isto a corrente ideia da supremacia do autor dito original, esse sim, o detentor legítimo do texto. Na metáfora da «avidez» parece conter-se a ideia da sedução do original, mas, se atendermos às conotações negativas do termo, sublinha-se sobretudo a dimensão reprovável, porque excessiva, do desejo de apropriação de algo apetecível. Pecado é, igualmente, a vaidade de quem presume ter sabido salvaguardar os dons, o «perfume», do original. Quem traduz porventura profana, metáfora que transporta a ideia do carácter sagrado e inviolável do original, dissipa, magoa, obscurece, grava cicatrizes – imagens de amoralidade, de esbanjamento, de inconsciência, de insciência, que confluem na tradicional visão do tradutor como traidor e da tradução como perda. Com grande, com excessiva e injustificada humildade, José Bento declara a sua incapacidade, confessa todas as suas faltas, apaga-se como tradutor.<sup>19</sup> Estas imagens negativas contrastam paradoxalmente com a riqueza, a excelência e, sobretudo, a persistência ao longo de décadas do trabalho de José Bento como magnífico tradutor que é.

<sup>19</sup> Sugestivo da modéstia de José Bento é o título de um ensaio que José Tolentino Mendonça lhe dedicou: «Uma poética do apagamento» (Mendonça, 2003, pp. 5-8).

## Vasco Graça Moura

De Vasco Graça Moura (1942-2014), um dos mais insígnies tradutores portugueses das últimas décadas, apresento um soneto que o poeta português dedica ao lusitanista e tradutor brasileiro Joaquim Francisco Coelho, por terem ambos traduzido o famoso soneto «Der Panther» [A pantera],<sup>20</sup> de Rainer Maria Rilke:

1.

fomos os dois à caça da pantera  
que estava já da jaula sob o tecto;  
na mesma língua e em cada idiolecto,  
apanhá-la inteirinha, quem nos dera!

mas clonado, que fosse não se espera  
dorso verbal em músculo inquieto,  
e ao lê-lo, eu me felino e me arquitecto,  
pois me pantero, e mais, se reverbera

noutro registo a língua subtil que,  
de cada vez que a dupla se faz frente,  
é jogo especular no abismo, acaso

devíamos levar a rainer rilke  
esta parelha opaca e transparente  
à trela, quando formos ao parnaso.

(Moura, 2005, p. 145)

O soneto é rico em sugestões metafóricas, a começar pela contida no título, aretnap, grafismo que afinal constitui a forma especular de «pantera».

<sup>20</sup> O soneto começou por ser publicado no blogue ABRUPTO, de José Pacheco Pereira, em 2003, conforme anota Graça Moura no seu volume *Laocoonte, rimas várias, andamentos graves*, de 2005 (Moura, 2005, p. 187). Este é apenas um de um conjunto de poemas, reunidos sob o título geral de “aretnap a pantera, um divertimento em ressonâncias” (para Joaquim Francisco Coelho, por termos ambos traduzido ‘Der Panther’, de RAINER MARIA RILKE” (Moura, 2005, pp. 143-162). Os outros sonetos são igualmente ricos de metáforas, por exemplo a do «verbal destino/ que mesmo no que afina, desafina: panteras podem ser da cor da neve.» (Moura, 2005, p. 146).

Com este artifício, Graça Moura recupera de forma sugestiva a comum imagem da tradução como espelho.<sup>21</sup> A implicação é a de imagem invertida, de réplica ilusoriamente semelhante: a imagem captada no espelho não partilha a essencialidade daquilo que reflecte, ainda que permita o seu reconhecimento. Se explorássemos a sugestão do título até ao fundo, talvez a tradução nem aparecesse a uma luz muito positiva, pois que, se o conjunto de letras «Panther»<sup>22</sup> faz sentido, já «aretnap» se apresenta como um absurdo, ou seja, traduzir significaria produzir absurdos.

Suscitada pelo tema do soneto traduzido, a metafórica que informa toda a primeira quadra é a da caça, embora a dimensão paradoxal desta caçada não escape ao poeta tradutor, uma vez que o animal a capturar já se encontra enjaulado logo à partida no texto de Rilke. A segunda quadra, por sua vez, abre com uma imagem tomada das conquistas recentes da engenharia genética, a clonagem. Devo confessar alguma dificuldade na interpretação deste passo, mas creio que Graça Moura, tradutor experimentado e teoricamente informado, manifesta com ele a consciência de que nunca a tradução é um clone do original, sendo sempre algo de diferente, com uma individualidade própria. Aliás, o pensamento, que não é propriamente original, até pode ter sido impulsionado pela evidência de duas traduções distintas, a sua e a de Francisco Coelho.

No que respeita à concepção do tradutor, estamos longe das imagens de piedosa adesão e humildosa obediência ao original, ou da do tradutor como

<sup>21</sup> Não é a única vez que a metáfora do espelho é por Graça Moura aduzida por referência à tradução, como se vê pela resposta que dá em entrevista ao *JL*: «[A tradução] É uma obra de autor, embora em segunda mão. Há sempre qualquer coisa que na realidade não é traduzível. Um texto traduzido não terá todas as nuances do texto original, mas este está suficientemente espelhado para que possa ser reconhecido.» (Moura / Vasconcelos & Nunes, 2011, p. 14). Portanto, ainda que distinto, na sua individualidade, do texto original, o texto traduzido (imagem reflectida), que é visto por Graça Moura como «obra de autor», conserva do primeiro traços suficientes que permitem o seu reconhecimento.

<sup>22</sup> Incluído no volume de *Neue Gedichte* (1907), o poema «Der Panther» tem como modelo uma pantera enjaulada que Rainer Maria Rilke observou no *Jardin des Plantes*, em Paris, de que era frequentador. Profundamente impressionado com o trabalho de Rodin, de quem à altura era secretário, Rilke inaugura com esta composição uma poética de *Bildgedichte* [poemas-coisa], que persegue um ideal de objectividade, assim ultrapassando tendências neo-românticas. Escrito provavelmente em 5/6 de Novembro de 1902 (cf. Engel, 2004, p. 297), o poema é mundialmente conhecido e tem sido vertido para numerosas línguas. A tradução de Graça Moura encontra-se publicada no volume *Carrossel e Outros Poemas*, de 2004. Também Paulo Quintela apresenta uma versão de «Der Panther» na sua colectânea de *Poemas*, de Rainer Maria Rilke (1942).

prestador de serviços, que encontramos em Quintela, ou a da culpa, que vimos em José Bento. Da metafórica da caça decorrem as ideias fundamentais da captura, do desejo de submissão e de posse, de jogo e de afirmação pessoal, que apresentam algumas afinidades com a imagem hieronimita da tradução como conquista. Porém, aqui ressalta a ideia do exercício de uma actividade em plena liberdade e por puro prazer. Graça Moura forja três expressivos neologismos, «eu me felino e me arquitecto, pois me pantero». Felinar-se, arquitectar-se, panterar-se – estas metáforas apontam em duas direcções: a da identificação com o original, pela tentativa de assimilação ao bicho convocado no texto a traduzir, e a do esforço, mesmo físico, da tradução. A identificação com o original não é resultado de uma adesão piedosa, mas é luta com o texto, um corpo a corpo de ferocidade animal. Deste combate sai vitorioso o tradutor e, recuperando o clima arcadiano do companheirismo de poetas, o tradutor português propõe ao seu congénere brasileiro que se elevem ambos ao Parnaso para apresentarem a Rilke os respectivos troféus presos à trela.

## **Conclusões**

Os testemunhos comentados, que se estendem por um período de cerca de sete décadas, dizem respeito à tradução literária. À excepção de Miguel Torga, todos os escritores que nos deixaram estes testemunhos sobre a maneira ou maneiras como vêem a actividade, têm eles mesmos experiência de tradução e, muito particularmente, de tradução de poesia. De modo não surpreendente, é exclusivamente em termos metafóricos, e não conceptuais, que se debruçam sobre o fenómeno.

Os vectores em destaque contemplam as relações do tradutor com o autor do texto dito original, enquanto encontro humano (Quintela; Natércia Freire); ou do tradutor com esse texto, visto como figura de sedução com poderes encantatórios (Quintela), alvo de um desejo de apropriação (Quintela; Bento), carga transportada (Quintela), entidade magicamente transformada em ubíqua (Torga), vítima indefesa (José Bento), presa a conquistar (Graça Moura); mas também as do tradutor com o novo público, seja na figura do almocreve que transporta produtos culturais (Quintela) ou na de obreiro da comunicação dos santos (Torga); e, ainda, as do autor original com um novo público com o qual agora também comunica (Torga);

O tradutor é aquele que sucumbe à magia do original, que se identifica com ele, que se faz seu arauto, que o traslada (Quintela), que, numa comunhão

amorosa de espíritos, se une ao seu autor (Freire), mas também o que toma posse do texto (Quintela), que instaura a comunicação (Quintela e Torga), que o profana, o magoa, que indevidamente o apresenta como seu (Bento), que o recria, o persegue e o ostenta como troféu (Moura);

A tradução apresenta-se como algo de muito positivo: comunhão com outro ser humano; factor de enriquecimento; propulsora do original, instauradora da comunhão dos santos e só num caso (José Bento) ela representa sobretudo um somatório de atentados, só compreensíveis como resultado de uma paixão;

Pelos seus efeitos (texto traduzido enquanto consubstanciação, ubiquidade do original, fusão da voz própria com a voz alheia, comunhão entre autor e leitor) a tradução inscreve-se no domínio do transcendente.

Particularmente interessantes quanto ao seu potencial teórico parecem-me ser as metáforas a) da consubstanciação (Quintela), que aponta quer para a presença em substância do texto original no texto traduzido quer para a dimensão dual deste último; b) da ubiquidade (Torga), que perspicazmente sublinha o alargamento do texto dito original a novos territórios, sem que, com isso, deixe de existir no ponto em que se gerou e c) da não clonagem (Vasco Graça Moura), a qual, para vincar a semelhança mas não identidade entre texto base e texto traduzido, recorre ao campo da moderna engenharia genética.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, C. de (2005). *Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia. No centenário do seu nascimento*. 2.<sup>a</sup> edição. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- BENTO, J. (1963). A Tradução das «Elegias de Duino» de Rainer Maria Rilke. *O Tempo e o Modo*, 5, Maio, 87-93.
- (1992). *Silabário*. Lisboa: Relógio d'Água.
- CABRAL, A. (org.) (1981). *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, vol. V. Lisboa: Livros Horizonte.
- CHESTERMAN, A. (1997). *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Pub. Company.
- D'HULST, L. (1992). Sur le rôle des métaphores en traductologie contemporaine. *Target* 4 (1), 33-51.
- ENGEL, M. (Hrsg.) (2004). *Rilke-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

- FREIRE, N. (1967). Uma breve nota. *Diário de Notícias, Artes e Letras*, 627, 9 de Março, 17-18.
- GOETHE, J. W. / QUINTELA, P. (1958; 1.<sup>a</sup> ed. 1949). *Poemas. Antologia, versão portuguesa, notas e comentários de Paulo Quintela*, 2.<sup>a</sup> edição, corrigida e ampliada. Coimbra: Por ordem da Universidade.
- HÖLDERLIN, F. / QUINTELA, P. (1945). *Poemas. Prefácio, selecção, tradução, notas e comentários de Paulo Quintela*. Lisboa: Instituto de Cultura Alemã de Lisboa.
- HÖRSTER, M. A. (2008). O tradutor Paulo Quintela. In M.T. MINGOCHO / / M. A. HÖRSTER (coord.), *Homenagem a Paulo Quintela. No Centenário do seu Nascimento* (pp. 45-56). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- (2011). Tradutores e tradução na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI. In *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille* (pp. 643-658), Volume I/ Band I. Coordenado por M. T. MINGOCHO / / M. de F. GIL / M. E. CASTENDO. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Germanísticos, Edição de MinervaCoimbra.
- (2016). Tradutores e tradução na lírica portuguesa dos séculos XX e XXI. José Bento, Vasco Graça Moura e Armando Silva Carvalho. *Cadernos de Literatura Comparada*, 34, 523-538.
- LUTHER, M. (1969). Rundbrief vom Dolmetschen. In H. J. STÖRIG (Hrsg.), *Das Problem des Übersetzens* (pp. 14-32). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- MENDONÇA, J. T. (2003). Uma poética do apagamento. In J. BENTO, *Alguns Motetos* (pp. 5-8). Selecção e prólogo de J. T. M. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MOURA, V. G. (2005). *Laocoonte, rimas várias, andamentos graves*. Lisboa: Quetzal Editores.
- MOURA, V. G. / VASCONCELOS, J. C. de / NUNES, M. L. (2011) [entrevista] Vasco Graça Moura. Meio século de 'escritas'. *JL*, 27 de Junho a 10 de Julho, 10-14.
- QUINTELA, P. (1999). Traduzir. In P. Q., *Obras Completas* (pp. 641-651). Org. de L. SCHEIDL, A. S. RIBEIRO, C. GUIMARÃES e M. H. SIMÕES, vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAMALHO, M. I. (2008). Paulo Quintela, o amante da poesia. In M. T. MINGOCHO / M. A. HÖRSTER (coord.). *Homenagem a Paulo Quintela. No Centenário do seu Nascimento* (pp. 25-43). Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- RILKE, R. M. / MOURA, V. G. (2004). *Carrossel e Outros Poemas*. Organização e tradução de V. G. Moura com dez desenhos de J. Resende. Porto: Edições Asa.

- ROBINSON, D. (1997). *Western Translation Theory*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- SCHLEIERMACHER, F. / JUSTO, J. M. M. (2003). *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir* [*Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*]. Apresentação, Tradução, Notas e Posfácio de J.M.M.J. Porto: Porto Editora.
- St. ANDRÉ, J. (ed.) (2010). *Thinking through Translation with Metaphors*. Manchester, UK & Kinderhook (NY). USA: St. Jerome Publishing.
- TORGA, M. (1999). *Diário*. 2 vols., 2.<sup>a</sup> edição integral. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

TÍTULO: Metáforica da Tradução no Contexto Português Contemporâneo. Alguns Exemplos

RESUMO: A complexidade da tradução tem levado a que, desde a Antiguidade, seja frequente o recurso à expressão indirecta e análoga para tentar apreender o fenómeno. Em grande parte de carácter intuitivo, quase sempre plásticas e apelativas, as múltiplas metáforas aduzidas para referir a tradução são interessantes pela dimensão pedagógica que podem assumir, pelo conteúdo teórico e pragmático que denunciam e ainda pelo valor heurístico que lhes assiste na construção de modelos conceptuais. No presente estudo enunciam-se testemunhos colhidos em cinco autores portugueses contemporâneos – Paulo Quintela, Miguel Torga, Natércia Freire, José Bento, Vasco Graça Moura –, comentando-se as posições teóricas implícitas nas metáforas com que se acercam do fenómeno tradutivo. À excepção de Torga, familiarizado com a tradução pelo contacto com Quintela e enquanto escritor largamente traduzido, os autores estudados são tradutores e/ou tradutores-poetas com larga experiência no campo. Nos depoimentos analisados, que podem assumir a forma de poemas, somos confrontados com o modo como se posicionam perante a tradução, como avaliam o trabalho próprio ou o de outros, e com o estatuto e a função que atribuem ao texto traduzido.

TITLE: Metaphorics of Translation in Five Contemporary Portuguese Authors

ABSTRACT: Due to its complex nature, the phenomenon of translation has, since ancient times, often been indirectly expressed by means of analogy. Mostly intuitive, almost always plastic and appealing, the multiple metaphors used to signify translation are interesting for their potential pedagogical dimension, for the theoretical and pragmatic content that they convey, and for their heuristic value in the construction of conceptual models.

This study provides examples from five contemporary Portuguese authors - Paulo Quintela, Miguel Torga, Natércia Freire, José Bento, Vasco Graça Moura -, and comments on the theoretical positions that are implicit in the metaphors used in their approach to the translation phenomenon. With the exception of Miguel Torga, who is familiar with translation by virtue of being a widely translated author and also due to his contact with Quintela, all the other authors are experienced translators and/or poet-translators. In the testimonials of all five authors, which include two poems, we are confronted with their own positioning in regard to translation, with how they evaluate their own work or the work of others, and with their views on the status and function of the translated text.

# A Arte da Fuga em (projetos de) tradução literária

## The art of fugue in literary translation (projects)

ÂNGELA MARIA PEREIRA NUNES\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária, teoria e didática da tradução literária, retroversão em didática da tradução literária.

KEYWORDS: Literary translation, theory and didactics of literary translation, retroversion in the didactics of literary translation.

### Introdução

Com a publicação da antologia *Von Weiß bis Schwarz* (Nunes / Sieber / / Hendrich, 2017), na editora Leipziger Literaturverlag, a Área de Estudos Portugueses da *escola de tradução* de Germersheim, concretizava o segundo grande projeto didático inovador de tradução, de uma obra literária portuguesa, para o espaço de língua alemã e respetiva(s) cultura(s). Após o sucesso do primeiro projeto, de maior dimensão, a tradução do romance polifónico de Ana Nobre de Gusmão, *A Prisioneira de Emily Dickinson* (2008), publicado na editora Weidl sob o título *Die Gefangene von Emily Dickinson* (2013), era assim dado seguimento a projetos de tradução literária de obras portuguesas, cuja integração curricular, nos cursos de Tradução em Germersheim, virá brevemente a conhecer novos contornos.<sup>1</sup> A primeira publicação literária da Área de Estudos Portugueses foi, aliás, objeto de reflexão, teorização e divulgação científica em variadíssimos artigos publicados em *Stimmen hinter der Tür. Übersetzen des*

\* Centro de Estudos Latino-Americanos e Transatlânticos (CELTRA) do Departamento de Tradução, Línguas e Culturas (Fachbereich Translations-, Sprach- und Kulturwissenschaft), da Johannes Gutenberg-Universität Mainz, em Germersheim (FTSK/ /Germersheim).

<sup>1</sup> Reforma curricular com implementação de especialização em tradução literária atualmente em curso.



*polyphonen Romans* A Prisioneira de Emily Dickinson in *Projektarbeit* (Burgert / / Nunes, 2014), motivo pelo qual prescindimos, no presente artigo, de apresentação mais detalhada deste primeiro projeto. Não obstante, e antes de passarmos à breve apresentação dos dois projetos seguintes, de tradução e retroversão literários da Antologia *Do branco ao negro* (Amaral et al., 2014), com maior destaque para o projeto de retroversão, não queremos deixar de remeter, brevemente, para três categorias teóricas propostas num dos artigos, em «O olhar do tradutor» (Nunes, 2014, pp. 87-101), que, ultrapassando o domínio da reflexão teórica do projeto de tradução do romance em concreto, poderão ser vistos como contribuição para uma teoria geral da tradução literária e que serão utilizados no presente artigo:

## 1. Tradutor Literário Qualificado

Para delinear a categoria teórica do *tradutor literário qualificado*, partimos em «O olhar do tradutor» (Nunes, 2014) da reflexão de Carlos Reis sobre o *leitor comum* e o *leitor instrumentado*, sendo este último, segundo Reis, «dotado [...] de um perfeito domínio do código linguístico», devendo este «complementar esse domínio com o conhecimento, tanto quanto possível exaustivo, dos códigos retóricos, estilísticos, temáticos, ideológicos, etc., que estruturam o texto literário» (Reis, <sup>3</sup>1981, pp. 23 -24). Esta diferenciação serviu, portanto, por analogia, para estabelecer as marcas que, em teoria, julgamos poder diferenciar igualmente o (*tradutor/*)*leitor comum* do *tradutor/leitor instrumentado*, ou, como preferimos, do *tradutor/leitor qualificado*. Por conseguinte, propomos a partir deste conceito uma teorização da categoria do *tradutor literário qualificado* que, no ato tradutório, ora assume o papel de recetor/leitor competente/qualificado (=tradutor/ /leitor qualificado) da mensagem literária, ora o papel de emissor/autor competente/qualificado da mesma (=tradutor/autor qualificado), sendo que o tradutor literário qualificado pode coincidir, ou não, com o *tradutor literário real* (o tradutor concreto)<sup>2</sup> (Nunes, 2014, pp. 88-91).

<sup>2</sup> O objetivo dos projetos didáticos de tradução literária foi, obviamente, sempre o de formar tradutores literários qualificados.

## 2. Imediatismo Tradutório

Como *immediatismo tradutório* descrevemos a opção consciente por estratégias inibidoras da utilização de notas do tradutor (p. ex., notas em rodapé, comentários, etc.) sinalizadas no corpo do texto de chegada.<sup>3</sup> Em termos de comunicação literária, e assim de teoria da tradução literária, estamos perante uma construção intimamente ligada ao conceito de leitor ideal<sup>4</sup> – agora leitor ideal do texto literário de chegada. O leitor ideal do texto literário de chegada, construído, conscientemente, ou não, pelo tradutor/autor qualificado, faz, assim, implícita ou explicitamente, parte da poética do texto literário de chegada. Em termos de teoria geral da tradução estamos ainda perante uma construção intimamente ligada ao conceito de público-alvo (traduções com outro *skopos* recorrem, naturalmente, a outro tipo de estratégias como, por exemplo, a notas de rodapé, etc.). Este imediatismo tradutório que também se aplica à estratégia adotada na tradução do romance *A Prisioneira de Emily Dickinson* e da Antologia *Do branco ao negro* para alemão, não implica, obviamente, falta de reflexão, análise, interpretação por parte do tradutor/leitor. Trata-se, muito pelo contrário, de uma estratégia de produção, de resignificação, de reenunciação da mensagem literária (Nunes, 2014, pp. 91-92).

## 3. Ato interpretativo-tradutório

Partindo da reflexão sobre a tradução literária que Jorge de Sena faz na «Apresentação em português» de «21 dos 35 *Sonnets* de Fernando Pessoa» (Sena, 1966), propomos ainda, no âmbito de uma teoria da tradução literária, o conceito de *ato interpretativo-tradutório* para descrever todo o tipo de interpretação inerente ao ato de leitura por parte de um tradutor/leitor literário qualificado (Nunes, 2014, p. 92) que pressupõe a existência de imbricações entre culturas ou (instaura) a possibilidade de negociação da diferença cultural.

<sup>3</sup> Não nos referimos, portanto, a comentários como os que por exemplo efetuámos no posfácio da antologia de chegada, ou a outro tipo de paratextos.

<sup>4</sup> O leitor ideal é, nas palavras de Aguiar e Silva, «um peculiar tipo de leitor, caracterizado por certas marcas culturais, psíquicas, morais, ideológicas, etárias [...], etc. [...]». Este leitor assim configurado é um leitor ideal ou um leitor modelo, uma entidade teórica, construída por um escritor [...] que faz parte da poética implícita ou explícita desse mesmo escritor.» (Aguiar e Silva, 2005, p. 309)

## **A arte da fuga – projetos de tradução e retroversão da antologia *Do branco ao negro***

Em 2017, no seguimento da apresentação do projeto de tradução da antologia *Do branco ao negro* (Amaral et al., 2014), na Conferência Internacional *Itinerâncias: textos, mediações e transculturações*, na Universidade de Aveiro, surgiu a oportunidade de dar continuidade ao projeto didático da Universidade de Mainz/Germersheim na Universidade do Minho, a convite de Orlando Grossegeesse: No âmbito de um seminário intensivo de tradução literária de vários cursos de Mestrado, foi levada a cabo a experiência didática inédita de observar os resultados da retroversão de trechos da tradução alemã *Von Weiß bis Schwarz* (Nunes / Sieber / Hendrich, 2017). O projeto didático de tradução havia sido desenvolvido no ano académico de 2015-2016, com a participação de 14 alunos e duas docentes da Área de Estudos Portugueses de Germersheim: Cornelia Sieber, Ângela Nunes (do centro de investigação de Germersheim: Centro de Estudos Latino-Americanos e Transatlânticos, CELTRA) e uma docente convidada, Yvonne Hendrich, do Instituto de Romanísticas, da Universidade de Mainz. A metodologia seguida no projeto de tradução literária foi muito semelhante à arquitetada no anterior projeto de tradução, do romance *A Prisioneira de Emily Dickinson* de Ana Nobre de Gusmão: Os alunos efetuaram primeiramente uma tradução individual em casa, seguida de comparação e correção em trabalho de grupo, mormente a dois<sup>5</sup> e, finalmente, debate e correção do trabalho de grupo em sessões plenárias do seminário. Dado que os textos de partida, de contos da antologia, não apresentam nem a dimensão nem a polifonia do romance traduzido no primeiro projeto, o método didático de *empowerment* (Burgert / Nunes, 2014, p. 47), utilizado só na última fase do primeiro projeto, pôde ser adotado ao longo de todo o segundo. As estratégias de tradução inerentes ao *skopos* perseguido nos projetos didáticos de tradução, foram sendo ativadas enquanto estratégias de compreensão inter ou transcultural, pressupondo e confirmando a existência de imbricações, pontos de intersecção,

<sup>5</sup> Por fim, alguns contos da Antologia só tiveram um(a) alun(a) como tradutor(a) principal e nem todos foram traduzidos por alunos (nomeadamente o conto de Ana Luísa Amaral, de Elgga Moreira, de Lúcia Jorge, de Maria Teresa Horta e de Rita Roquette de Vasconcellos). Trata-se, à exceção do conto traduzido por Markus Sahr (o conto de Rita Roquette de Vasconcellos) e pelas docentes (o de Maria Teresa Horta), sempre, de um trabalho final com larga colaboração das docentes e organizadoras da antologia em alemão (Nunes / Sieber / Hendrich) e posteriormente revisto por Markus Sahr (revisor do projeto didático, subsidiado pelo *Gutenberg Lehrkolleg* da Universidade de Mainz).

entre a cultura de partida (portuguesa) e a de chegada (alemã) e aferindo sempre as possibilidades e melhores formas de negociação das diferenças culturais. As doze vozes femininas dos doze contos da antologia, originalmente em português, pertencem a diversas gerações – em parte feministas ou pós-feministas. Nos seus contos ecoam transformações da sociedade portuguesa: as da revolução do 25 de Abril, das vitórias e desenvolvimentos alcançados, mas também dos gorados, as da crise financeira e social em Portugal agravada no ano de 2011, etc. (Nunes / Sieber / Hendrich, 2017). Muitos dos contos são, já eles próprios, testemunhos de itinerâncias, mediações e transculturações.<sup>6</sup> Os direitos de autor da antologia (aliás como os de tradução<sup>7</sup>) reverterem para a *Alzheimer Portugal*, remetendo alguns contos da antologia também para o tema do envelhecimento, da demência ou *alzheimer*. Interpretação esta que se revelou por vezes pouco consensual no processo de tradução, em vários atos interpretativo-tradutórios, como, por exemplo, no conto «Arte da Fuga» de Elgga Moreira (2014), narrado a *vermelho*.<sup>8</sup> Embora existam características muito específicas da cultura portuguesa, a narrativa original do conto de Elgga/Helga Moreira testemunha, desde logo no título, a mobilidade de textos, a existência de imbricações, pontos de intersecção, entre a cultura de partida (portuguesa) e a de chegada (alemã) que obrigam a escolher formas de negociação das diferenças culturais. Em «Arte da Fuga», o diálogo e as zonas de contacto, não só entre a literatura e a cultura

<sup>6</sup> Aponto, desde já, alguns exemplos óbvios, como são os textos em epígrafe dos contos de Ana Luísa de Amaral (citação de *The Dying Animal* de Philip Roth) e de Ana Zanatti (poema de Ana Paula Tavares), a menção de nomes de autores como Ingeborg Bachmann ou Hildegard von Bingen, etc. no conto de Maria Teresa Horta, Ulisses/Penélope, Malraux, Hannah Arendt e tantos outros no conto de Raquel Freire, a Bíblia no conto de São José Almeida e Goethe ou Jakob Böhme, etc. no conto de Yvette Centeno.

<sup>7</sup> É notável que todas as autoras da antologia tenham abraçado o projeto didático de tradução, cedendo os direitos de autor para este projeto e também a ilustradora (que até ilustrou um *graffiti* em alemão para a antologia de chegada). O estado de saúde de Maria Isabel Barreno não lhe permitiu, infelizmente, conhecer a obra traduzida.

<sup>8</sup> Ato interpretativo-tradutório que foi, de resto, comprovado diretamente com a autora. A possibilidade de confirmação dos atos interpretativo-tradutórios, não sendo de todo obrigatoriamente necessária, como não é em qualquer ato de interpretação do texto literário, não deixou de constituir experiência largamente enriquecedora para consubstanciar a formação dos alunos que tiveram de facto oportunidade de, através de *workshops* realizados no âmbito dos projetos, etc., de colocar dúvidas a todas as autoras, incluindo a autora do romance do primeiro projeto didático de tradução.

portuguesa e alemã, são bem visíveis:<sup>9</sup> desde logo, a alusão à música e à «Arte da Fuga» de Johann Sebastian Bach no título, mas também a escrita lírica, rítmica, compassada, entrecortada, fortemente onomatopeica da autora deixam claro que o som da língua portuguesa é experimentado de forma semelhante à da poesia concreta, fortemente onomatopeica, de um Ernst Jandl.<sup>10</sup> Em português, o título do conto remete simultaneamente para a musicalidade da narrativa lírica, em analogia a Bach e à poesia sonora e para outro tipo de fuga (do verbo fugir), a fuga relacionada com a perda de memória e a doença Alzheimer. É neste contexto de «envelhecimento», «demência» e «*alzheimer*» que o conto de Maria Isabel Barreno, intitulado «Verde, cor da esperança» (2014), se apresenta ele próprio como uma espécie de tradução entre modos literários e fases de vida, correspondendo os modos narrativo, dramático e lírico a cada uma das principais fases de vida do protagonista Arlindo: adulto/narrativo, *midlifel*/dramático e velhice (e demência)/lírico. Como introdução para esta forma de representar a vida, e com isso, a representação da realidade extratextual através do texto literário, surge, metaforicamente, a ligação entre a vida, a memória e o texto, logo nas primeiras linhas do conto. Arlindo, o protagonista, começa por representar as suas memórias através do verbo, da gramática, ou como escreve a narradora «de períodos, de grandes blocos justapostos e consequentes»: «Arlindo recordava a sua vida como se fosse feita de períodos, de grandes blocos justapostos e consequentes, dentro dos quais as memórias se confundiam, formando imagens pouco nítidas.» (Barreno, 2014, p. 87) Arlindo só alcança a felicidade na velhice, só quando reconhece que os modos em que tinha escrito

<sup>9</sup> Se no conto autobiográfico de Yvette Centeno, «Nigredo» (2014), contado a «negro», as ligações interculturais (Alemanha/Portugal) se devem precisamente à biografia da autora, que nos fala da sua tese sobre *Fausto* de Goethe, etc., e se no conto «Ulisseia» de Raquel Freire (2014), as alusões à Alemanha se inscrevem num discurso antitroika, já no conto «A arte da fuga» de Elgga/Helga Moreira (2014) chega a ser utilizado léxico alemão (*Zettel*). Um exemplo menos óbvio, para quem só conheça a cantiga infantil «O meu chapéu tem três bicos» em português, é a inserção, e assim exposição das intersecções linguístico culturais Portugal/Alemanha de vários dos seus versos no corpo do texto do conto (em alemão „Mein Hut, der hat drei Ecken“, com a mesmíssima letra e música). Sendo este último tão-somente mais um exemplo de itinerâncias de textos.

<sup>10</sup> Várias repetições de sílabas e vogais, com recurso à utilização de reticências lembram poemas da poesia acústica de expressão alemã (como por exemplo os famosos poemas do austríaco Ernst Jandl). Já em tradução alemã, deixamos aqui um exemplo do texto de Elgga Moreira: „Papiere, Papiere, Papiere. [...] Briefe höööchs....steerrr Wichtigkeit, Wüichhhh....tig....keit. Höööch....sssteerrr Wüichhhh....tig....keiit.“ (Moreira, 2017, p. 53)

ao longo da sua vida o limitavam: a normatização da gramática e dos modos ou gêneros literários como a narrativa, o conto, o drama, etc., que formalmente lhe foram impondo regras: gêneros textuais padronizados que são a *mimesis* dos padrões de vida impostos pela sociedade. Só a liberdade da poesia, que Arlindo descobre com a experiência da demência, lhe transmite felicidade:

Viu o sol atravessando as folhas de um plátano, um verde luminoso, lindo. Sentiu uma emoção profunda, uma felicidade absoluta. O sentimento ocupava todo o seu corpo, preenchia-o completamente. A vida é feita de instantes, não é feita de grandes períodos, de grandes blocos de tempo justapostos, nem de enredos, nem de rotinas, a vida é feita de instantes brilhantes, coloridos, pensou. Era como se vivesse um poema, fosse um poema todo inteiro. Não precisava escrever coisa nenhuma, ele era o poema, a perfeita união com tudo o que o rodeava.<sup>11</sup> (Barreno, 2014, pp. 103-104)

A sua vida e a tentativa de a captar através da gramática, «de períodos, de blocos justapostos e consequentes», de textos e *mimesis* literários, surge como processo de metamorfose (com vários estádios evolutivos – que correspondem eles próprios a gêneros textuais, a modos literários), metamorfose que vai literalmente *sofrendo* ao longo da sua vida, quase sempre impulsionada por fatores externos e que o catapultam para uma nova fase da vida e uma nova forma textual e literária de a descrever. Foi, no âmbito deste *ato interpretativo-tradutório*, particularmente difícil traduzir a descrição do início da última fase da metamorfose que Arlindo sofre ao sair da vida ativa com recurso à polivalência e a etimologia das palavras *reforma* e *aposentação* sem deixar de seguir a estratégia de *imediatismo tradutório* perseguida ao longo de todo o projeto<sup>12</sup> de tradução literária:

<sup>11</sup> Tradução alemã: „Er sah, wie die Sonne in einem schönen leuchtenden Grün durch die Blätter einer Platane schien. Er war von tiefer Rührung ergriffen, empfand absolutes Glück. Sein ganzer Körper war von diesem Gefühl durchdrungen. Das Leben besteht [aus Augenblicken,] nicht aus großen Abschnitten, großen nebeneinanderliegenden und aneinandergereihten Blöcken, weder aus verzwickten Situationen noch aus Routine, sondern aus glänzenden und farbenfrohen Augenblicken, dachte er. Ihm war, als wäre sein Leben ein einziges Gedicht, als wäre er selbst ein formvollendetes Gedicht. Natürlich brauchte er nichts zu schreiben, war er doch selbst das Gedicht, die perfekte Verbindung zu allem, was ihn umgab.“ (Barreno, 2017, pp. 110-111)

<sup>12</sup> Este método refere-se, aliás, meramente ao corpo do texto. Na edição alemã da antologia considerámos importante incluir um posfácio (deliberadamente, não um prefácio, que

Reforma, palavra estranha, pensava Arlindo, parece que iremos tomar outra forma; aposentação também, parece que nos vamos recolher num aposento.<sup>13</sup> (Barreno, 2014, p. 92)

Dos contos traduzidos no âmbito do projeto de tradução, só cinco foram apresentados aos alunos da Universidade do Minho para a experiência inédita de retroversão. Em primeiro lugar, foram logo à partida excluídos os contos que tinham sido traduzidos pelas docentes (conto de Maria Teresa Horta<sup>14</sup>) ou por Markus Sahr (conto de Rita Roquette de Vasconcellos), em segundo, sendo só seis os alunos do seminário de tradução literária, e uma só a unidade curricular, ministrada durante um período muito mais curto (uma semana intensiva de trabalhos em grupo), os contos do projeto didático de retroversão tiveram de ser, naturalmente, em muito menor quantidade. Para fins didáticos, dos cinco contos<sup>15</sup> em versão alemã, propositadamente anonimizados pelos docentes e apresentados no seminário como textos de partida sem qualquer referência aos fatores externos,<sup>16</sup> os alunos optaram por três contos em alemão. O método didático, seguido no seminário, foi, no resto, muito idêntico ao do primeiro projeto de tradução da antologia original para alemão: os alunos efetuaram primeiramente uma tradução individual em casa, seguida de comparação e correção em trabalho de grupo a dois e, finalmente, debate e correção em sessões plenárias do seminário. Os contos escolhidos pelos alunos do seminário foram: a) o conto autobiográfico de Ana Luísa Amaral, intitulado «The Dying Animal», o conto sob o mote da cor «branco»; b) o conto «Rosa» de Eugénia de Vasconcellos; e c) o conto «Ulisseia», ou de cor «azul-escuro», de Raquel Freire. Este projeto didático culminou com uma comunicação no CEHUM, da Universidade do Minho, que fechou o ciclo hermenêutico, completando, assim, a experiência dos alunos do seminário da Universidade do Minho,

à partida distorcesse em demasia a receção da obra literária no espaço de língua alemã). Além disso, para combater a «invisibilidade do tradutor» (Venuti, 1995), não só foi incluída uma pequena biografia das autoras portuguesas, como também de todos e todas as tradutoras.

<sup>13</sup> Tradução para alemão: „Ruhestand, ein befremdlicher Gedanke, dachte Arlindo dann. Das klingt so, als würde man einen neuen Stand in der Gesellschaft annehmen. Rente auch. Das klingt auch so, als würde es sich rentieren.“ (Barreno, 2017, p. 98)

<sup>14</sup> A extrema complexidade deste texto literário não permitiu que este fosse objeto do projeto didático de tradução para publicação e, assim, a tradução também não foi objeto de retroversão nos projetos didáticos.

<sup>15</sup> Foram escolhidos, de dez contos, os textos literários mais curtos da antologia.

<sup>16</sup> Que de resto não foram questionados pelos alunos.

dando-lhes a conhecer os fatores externos dos textos traduzidos (textos de partida do seminário que tinham sido os textos de chegada de outro projeto de tradução literária) e permitindo também a comparação dos resultados com os textos da antologia original, em português, perante um público mais alargado.

*Ad a)* No conto autobiográfico «The dying animal», Ana Luísa Amaral narra a despedida do animal amado. A ficção corresponde nesta narrativa tão-somente a outra face da realidade: o conto narrado a «branco» é escrito como resposta ficcionada ao romance do autor norte-americano Philip Roth, «The dying animal», que Ana Luísa Amaral lia enquanto presenciava ao definhar do animal com quem havia mantido uma longa relação afetiva e de grande intimidade. Da tradução alemã deste texto original surgiu, no âmbito do seminário de tradução literária, na Universidade do Minho, a seguinte retroversão que foi comparada com o texto original de Ana Luísa Amaral e que serviu para melhor verificar o que terá ficado, ou não, perdido na tradução (*lost in translation?*) neste projeto. E se o resultado denota alguma perda de particularidades estilísticas, muito próprias da autora como p. ex. «o animal [...] era estrangeiro ao livro» ou «conversara comigo entre olho e voz», tendo em conta a voz lírica do conto, e como fica exemplificado pelos seguintes trechos, do texto de partida e da retroversão são verdadeiramente duas versões extramente próximas, revelando poucas perdas, principalmente tendo em conta que foram dois os processos de tradução a que a retroversão foi submetida:

1. Texto de partida:

O animal a morrer vi-o eu, e era estrangeiro ao livro. À minha frente, sobre a cama, em cima da colcha branca de algodão, antes de ser levado ao sono mais antigo, esse era o animal que morria. E aquele não era um capítulo, nem uma cena imaginada, cega e incógnita de sangue e carne, mas a cena real antes da sua morte, a verdadeira. E se eu tinha sido, para ele, sua, ele era meu, ou assim eu o havia sempre pensado: fora-me emprestado pela vida durante quinze anos, uma vida. Dormira nesta cama, ao meu lado, conversara comigo entre olho e voz. Conhecia-me os sons e entendia a luz com que eu às vezes abria a porta. Alguma escuridão, muitas vezes. (Amaral, 2014, p. 9)

2. Texto da retroversão:

O animal vi-o morrer. E foi diferente do livro. À minha frente em cima da cama e sobre a manta branca de algodão, antes de ser levado ao sono eterno, estava o animal. E não foi um capítulo de um livro, nem uma cena inventada, indiferente



a carne e sangue, mas sim o verdadeiro momento antes da morte do meu cão, antes da verdadeira morte. E se eu para ele, fora sua, ele fora meu. Pelo menos sempre sentira isso. Fora-me emprestado pela vida durante 15 anos, uma vida inteira. Dormira nesta cama, a meu lado, falara comigo entre olhar e voz. Conhecia todos os meus sons e entendia a luz, com a qual eu abria a porta. Um pouco de escuridão, muitas vezes. [Resultado final da retroversão, em trabalho de grupo no seminário de tradução literária da Universidade do Minho, do início do conto «The dying Animal» (Amaral, 2017, p. 8)]

*Ad b)* O conto «Rosa» de Eugénia de Vasconcellos é rico em vocabulário que remete para a realidade extratextual inerente à cultura portuguesa, quer no que diz respeito ao Portugal de hoje – principalmente a Lisboa – quer a um Portugal e a uma Lisboa de uma geração mais antiga. O conto retrata grandes transformações ocorridas na sociedade desde então, focando o papel de duas personagens femininas de classes e estratos sociais muito divergentes. Para esse efeito, a autora recorre, entre outras coisas, à utilização do vernáculo como referência linguística de classificação das personagens: Rosa, a protagonista, filha de uma cozinheira, cresce no seio de uma classe baixa de – nas palavras de Eugénia de Vasconcellos – «uma Lisboa que já não existe» (Vasconcellos, 2014, p. 59). Invariavelmente recorre a um forte calão que vai ensinando a Mariana, filha do psiquiatra que se muda para a Rua da Rosa, intelectual de esquerda, que não proíbe à filha a utilização do calão que Mariana vai aprendendo com Rosa, dizendo-lhe apenas sorrindo «não deves falar assim, querida» (Vasconcellos, 2014, p. 59). Esta presença constante de um calão forte contrasta com a voz sensível e lírica da narradora, desde o início do conto. Da tradução alemã do início deste texto surgiu uma retroversão no âmbito do seminário de tradução literária que podemos passar a comparar. Na comunicação que finalizou o projeto na Universidade do Minho, colocámos ao público a questão: Qual é o original de Eugénia de Vasconcellos, qual é a tradução dos alunos e porquê? Ninguém soube dizer.

#### 1. Texto de partida:

No Bairro Alto, em Lisboa, a Rua da Rosa vem desde lá de baixo, ao fundo, do Largo do Calhariz. Nasce de um arco de vida como uma criança das pernas afastadas da mãe e segue entre dois passeios aquela única via de todo o caule: espinhos à esquerda e à direita, sempre a subir, com paragem sacra nas travessas: a das Mercês, a dos Fiéis de Deus, dos Inglesinhos, a da Água da Flor, de São Pedro, a do Conde de Soure, até desaguar no seu mar alto de pétalas desabrochadas

onde todo o sentido se abre, onde por fim se acaba, na Rua Dom Pedro V. (Vasconcellos, 2014, p. 57)

Para a tradução alemã, a isotopia «rosa» foi atualizada mais cedo do que no original («brota» em vez de «nasce»). Embora esta escolha se deva a uma impossibilidade de atualizar a metáfora esbatida, de resto usual em português (o sol «nasce» em português), do verbo «nascer»/«gebären» em alemão, a retroversão («brota») em nada perdeu de literariedade. De resto, poucas são as diferenças:

1. Texto de retroversão:

A Rua da Rosa, no Bairro Alto, em Lisboa, começa lá em baixo, bem lá em baixo no Largo do Calhariz. Brota de um arco de vida, como uma criança que sai de entre as pernas abertas da mãe e cresce ao longo de dois passeios, o único caminho a percorrer por todo o caule. Espinhos à esquerda, espinhos à direita, sempre a subir, com inevitáveis ramificações para as travessas, os estreitos becos: Mercês, Fiéis de Deus, Inglesinhos, Água da Flor, São Pedro, Conde de Soure, até desaguiarem num imenso mar de pétalas, culminando na rua D. Pedro V. [Resultado final da retroversão, em trabalho de grupo no seminário de tradução literária da Universidade do Minho, do conto «Rosa» (Vasconcellos, 2017, p. 58)]

O tempo passa, Mariana muda-se para longe de Rosa e quando, quase no fim do conto se voltam a ver, é Mariana a única das duas que continua a utilizar um forte calão. Rosa, que entretanto subiu na vida e ascendeu a uma classe privilegiada, casando «com um Sousa Coutinho», marido que «herdou o título de Conde de Soure», adquire todos os hábitos de uma família conservadora do pós 25 de Abril. Mariana, inversamente, nunca deixou de utilizar todo o vocabulário vernáculo aprendido com Rosa na infância, o que – escusado seria dizer – não correspondia minimamente, e muito menos nessa altura, à educação dada por uma família da sua classe social, e ainda bem menos a um elemento do sexo feminino. É um fenómeno facilmente observável aquele que acontece na maior parte das traduções literárias e fílmicas de vocabulário obsceno e, portanto, facilmente chocante: o da utilização de filtros linguístico-culturais. Este vocabulário é quase sempre suavizado, existindo muitas vezes uma autocensura por parte do tradutor que parece ser quase inevitável.<sup>17</sup> O calão é,

<sup>17</sup> Essa autocensura (=traduções eufemísticas), muito comum na televisão e cinema, tem, no entanto, vindo a decrescer na legendagem de séries de provedores de filmes como a

na sua grande maioria, ou abreviado ou traduzido de forma eufemística. Este tipo de filtro linguístico-cultural, muitas vezes verificável em tradução, não teria qualquer tipo de cabimento para este conto que vive deste recurso específico ao calão para caracterizar as personagens e a sua evolução bem como o da sociedade portuguesa. Mas não deixou de constituir um grande problema na tradução de português para alemão e também na retroversão de alemão para português.<sup>18</sup>

*Ad c)* Raquel Freire proporciona-nos uma narrativa muito visual, em que a exploração do espaço é feita através de sucessivas deambulações, numa perspectiva de câmara. Contado, fundamentalmente, a «azul-escuro», o conto veicula uma atmosfera claustrofóbica e opressiva, retratando a democracia como utopia, e a realidade política, de governos em teoria democráticos, como distopia, traçando amiúde analogias a regimes totalitaristas, nomeadamente ao regime nazi. É com enquadramento cinematográfico que a crítica à situação de crise em que vive o Portugal da Troika é tecida neste conto. A teia de intertextualidades com o romance de Jack Finney (e intermedialidades para com as respetivas adaptações cinematográficas) revela a itinerância de textos: a falta de pessoas nas ruas, o não poder dormir, a procura desesperada da protagonista por seu filho – desta feita os lisboetas Ulisseia e Telémaco – são apenas alguns dos primeiros elementos que tornam cada vez mais explícitas as imbricações entre as várias referências de ficção científica de forte pendor crítico sociedade apolítica, nomeadamente a portuguesa: «Estas pessoas na rua já

Netflix, etc. Por vezes, passando para traduções em que o calão do texto de partida é altamente potenciado. Nos últimos tempos, tem-se vindo a notar alguma tendência para o abandono das traduções eufemísticas também na televisão (incluindo a pública).

<sup>18</sup> Um trecho particularmente difícil do conto foi a tradução para alemão da última frase forte de Rosa – no fim do conto. Rosa (que várias vezes adverte Mariana no diálogo final para não lhe chamar Rosa, mas sim Maria, e que a repreende por utilizar o calão que lhe tinha ensinado na infância) tem uma espécie de recaída. O conto acaba, assim, com a despedida de Rosa dirigindo-se a Mariana com a frase: «Já te disse, Mariana, trata-me por Maria, Rosa é a puta que te pariu» (Vasconcellos, 2014: 69). A tradução desta frase para alemão e do *graffiti* elaborado por Rita Roquette de Vasconcellos mereceu grande destaque por altura do lançamento da antologia na feira do livro de Leipzig de 2017, tendo servido de mote para todo o programa da editora que a utilizou também para cartazes e postais que rapidamente esgotaram na feira do livro com a frase: „Steck dir dein scheiß Rosa sonst wo hin“ (Vasconcellos, 2017, p. 71). Esta frase não fez, no entanto, parte do trecho do conto traduzido no seminário intensivo, não existindo por isso uma retroversão a apresentar.

deixaram de ser pessoas-pessoas, são pessoas-escravas, mas não o sabem» (Freire, 2014, p. 134). O título *Ulisseia* remete para o mito da fundação de Lisboa, a protagonista Ulisseia/Maria é lisboeta e mãe de um filho de nome Telémaco.<sup>19</sup> Um das maiores dificuldades na tradução deste conto para alemão prendeu-se, por um lado, justamente com o título do conto, no original *Ulisseia*, visto que será muito mais difícil para um leitor de expressão alemã fazer a ligação sobre o mito da fundação de Lisboa e perceber assim que Ulisseia, a protagonista, é ao mesmo tempo a capital e *pars pro toto* Portugal, e, por outro, com utilização obrigatória do pronome pessoal em alemão em frases curtas em português como «vi-me». O uso repetido do pronome «eu»/«ich» em alemão tornava o estilo muito pesado e obrigou a transformações sintáticas para omitir o maior número de vezes possível o pronome «eu»/«ich»; como podemos ver na comparação entre 1. (tradução de grupo de Nora Brüsewitz e Florian Stange anterior à correção em aula) e 2. (versão publicada), em que constatamos a redução de quatro para duas vezes da frequência do uso do pronome pessoal, num fragmento de apenas três linhas (negrito nosso):

1. **Ich** erwachte [original: acordei] mit dem Gefühl, nie wieder schlafen zu können. **Ich** öffnete [original: abri] die Augen. Eine ungewöhnliche Stille färbte die Morgendämmerung bläulich. **Ich** sah mich [original: vi-me]. [...] **Ich** wollte [original: queria] in ihr bleiben [...]. [Primeira tradução elaborada no projeto]

2. **Ich** erwachte mit einem Gefühl, nie wieder schlafen zu können. Öffnete die Augen. Eine ungewöhnliche Stille färbte die Morgendämmerung bläulich. **Ich** sah mich. [...] Wollte in sich bleiben, sie sein [...]. [Tradução publicada (Freire, 2017, p. 72)]

Claro está que este grande problema não se colocava, verdadeiramente, na retroversão de alemão para português. Não obstante, alguns alunos seguiram a tendência geral de traduzir o «ich» alemão sempre para um «eu» repetitivo, gramaticalmente desnecessário e estilisticamente abusivo em português, que, na verdade, só a oralidade permite e que, naturalmente, não constava no original. Por último, a maior dificuldade foi a omissão do género gramatical que no original acontece através da utilização de um «x»: «Obrigo-me a marchar, tenho de caminhar com um passo médio, igual [...], agora é assim, temos de parecer todxs normais, ninguém pode sair fora do padrão, ninguém pode parecer muito

<sup>19</sup> «[...] eu vou conseguir salvar-me, não sou Penélope, não preciso que nenhum herói me venha salvar, eu sou a Ulisseia, apenas preciso que alguém ainda tenha a coragem de ser uma pessoa-pessoa» (Freire, 2014, p. 148).

triste ou muito alegre, muito excitadx ou deprimidx. Nenhum descontrole é permitido.» (Freire, 2014, pp. 135-136)<sup>20</sup> A maior parte das palavras com «x» em português, como as apresentadas neste último exemplo, não são invariáveis em termos de gênero gramatical em alemão, obrigando por isso à utilização do «x» noutras palavras (que tiveram de ser escolhidas a dedo no processo de tradução), por forma a poder compensar o uso deste recurso (que se encontra obviamente ligado ao movimento ativista LGBT, a que a autora pertence), noutras partes pertinentes do texto.<sup>21</sup> Esta última solução do problema teria indubitavelmente constituído igual grau de dificuldade numa retroversão, mas este fenómeno, por questões de tempo,<sup>22</sup> não se encontrava presente nos trechos que foram objeto de retroversão pelos alunos do seminário de tradução literária da Universidade do Minho.

## Conclusão

A antologia Von *Weiss bis Schwarz* (2017), o resultado do projeto didático de tradução da antologia *Do branco ao negro* (2014), veio apresentar novas autoras e temas portugueses contemporâneos no espaço de expressão alemã, revelando itinerância de textos e temas. O texto literário traduzido neste projeto, sendo, não obstante, um texto de chegada a uma comunidade de leitores que não coincide com a comunidade de leitores do texto literário original, veicula uma experiência estética pouco diversa da experiência do texto original: Com o projeto de retroversão, ficou, através da verificação da enorme semelhança entre textos originais e retrovertidos, por um lado, comprovada a qualidade dos respetivos trechos dos textos de chegada em alemão (primeiras páginas dos contos), ao mesmo tempo que a qualidade das retroversões pode ser igualmente comprovada através de comparação com os originais. Os resultados dos dois

<sup>20</sup> „Ich zwingen mich dazu weiter zu marschieren, muss mich unauffällig bewegen, wie die anderen, gleichmäßig, ohne mich in den Hüften zu wiegen, das ist jetzt so, wir müssen alle gleich wirken, niemand kann von der Norm abweichen, niemand darf sehr traurig oder sehr glücklich sein, sehr aufgeregt oder deprimiert.“ (Freire, 2017, p. 73)

<sup>21</sup> Como por exemplo na seguinte passagem em o «x» não é utilizado no original em português: „In der Küche wird der erste Gang zubereitet, damit ich ihn servieren kann, es gibt Hummer von der Algarve, aus Fuseta, dx Fischex, die meinx Kumpex sind, ich versuche sie mir vorzustellen, ich hoffe es geht ihnex gut, sie sind in Sicherheit auf einer Insel, weit weg von der Gefahr.“ (Freire, 2017, p. 153)

<sup>22</sup> No projeto de retroversão, o tempo disponível não permitiu retroverter os três textos escolhidos por inteiro.

projetos sucintamente apresentados neste artigo, com enfoque para os contos que fizeram de alguma forma parte de ambos os projetos, e principalmente para os três contos que foram parcialmente submetidos a retroversão (os contos de Ana Luísa Amaral, Eugénia de Vasconcellos e Raquel Freire), apontam, ainda, para a atualidade didática da prática, análise e reflexão sobre o método da retroversão em tradução literária, método considerado, por muitos, hoje desatualizado, nos estudos de tradução em geral, e certamente pouco relevante para outro tipo de texto que não o literário, mas que serviu para obter resultados extraordinários numa área em que a criatividade e literariedade dos textos de partida e dos processos de interpretação e produção textuais não permitiam *a priori* adiantar a hipótese de as retroversões obterem o grau de semelhança, a todos os níveis surpreendente, que de facto se veio a verificar, revelando assim o sucesso da negociação da diferença cultural e linguística nos dois projetos de tradução.

Para leitores que dominam ambas as línguas, entretecer a) o texto original de partida em português com b) o texto de chegada da tradução em alemão e c) o texto de chegada da retroversão em português, nomeadamente das partes mais líricas de poetizas como Ana Luísa Amaral e Eugénia de Vasconcellos, é igualmente comparável ao recurso da *arte da fuga*, desta feita a *fugas-espelho*, nas quais toda a partitura pode ser invertida sem perda de musicalidade, ou todo o texto *retrovertido* sem distorção, ou apenas distorção negligenciável, da criatividade e literariedade. Nos projetos didáticos de tradução literária para publicação, os formandos em tradução literária aprendem a conhecer todas as etapas da publicação de uma obra traduzida: Foram vários os aprendizes de tradução literária que tiveram, assim, a oportunidade única de apresentar as respetivas traduções para alemão perante um público interessado e alargado, nomeadamente na feira do livro de Leipzig, em 2013 (tradução do romance *A Prisioneira de Emily Dickinson*), e em 2017 (tradução da antologia *Do branco ao negro*<sup>23</sup>) contribuindo, assim, para a visibilidade dos tradutores e para complementar a sua formação académica enquanto *tradutores literários qualificados*. Visibilidade que ficou especialmente patente com a inserção não só das biografias das autoras como também das tradutoras e tradutores na antologia em versão alemã.

<sup>23</sup> Três dos alunos também apresentaram a antologia e as suas traduções na editora Leipziger Literaturverlag, num evento organizado pelo editor por ocasião da Feira do Livro de Leipzig em 2017.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, A. L. (2014). The Dying Animal [branco]. In A. L. AMARAL [et al.], ilustrações de Rita Roquette de Vasconcellos. *Do branco ao negro* (pp. 9-13). Lisboa: Sextante Editora.
- (2017). The Dying Animal [weiß]. In Â. M. P. NUNES / C. SIEBER / Y. HENDRICH (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos (pp. 7-12). Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- BARRENO, M. I. (2014). Verde, cor da esperança [verde-escuro]. In A. L. AMARAL [et al.], ilustrações de Rita Roquette de Vasconcellos: *Do branco ao negro* (pp. 87-104). Lisboa: Sextante Editora.
- (2017). Grün, Farbe der Hoffnung [dunkel-grün]. In Â. M. P. NUNES / C. SIEBER / Y. HENDRICH (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos (pp. 91-111). Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- CENTENO, Y. K. (2014). Nigredo [negro]. In Â. M. P. NUNES / C. SIEBER / Y. HENDRICH (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos. Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- FREIRE, R. (2014). Ulisseia [azul-escuro]. In A. L. AMARAL [et al.], ilustrações de Rita Roquette de Vasconcellos: *Do branco ao negro* (pp. 133-151). Lisboa: Sextante Editora.
- (2017). Ulisseia [dunkel-blau]. In Â. M. P. NUNES / C. SIEBER / Y. HENDRICH (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos (pp. 139-160). Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- GUSMÃO, A. N. de (2008). *A Prisioneira de Emily Dickinson*. Porto: Asa.
- (2013). *Die Gefangene von Emily Dickinson*. Übersetzung aus dem Portugiesischen durch Studierende der Johannes-Gutenberg-Universität Mainz. Bonn: Weidle Verlag.
- MOREIRA, E. (2017). Kunst der Fuge – Kunst der Flucht. In Â. M. P. NUNES / C. SIEBER / Y. HENDRICH (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos (pp. 41-54). Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- NUNES, Â. M. P. (2014). O olhar do tradutor sobre o texto literário de partida: do tradutor/leitor qualificado. In A. BURGERT / Â. M. P. NUNES (org.) (2014) *Stimmen hinter der Tür. Übersetzen des polyphonen Romans A Prisioneira de*



- Emily Dickinson in *Projektarbeit* (pp. 85-99). Frankfurt am Main: Peter Lang.
- NUNES, Â. M. P. / SIEBER, C. / HENDRICH, Y. (org.) (2017). *Von Weiß bis Schwarz. Erzählungen portugiesischer Autorinnen*. Illustrationen von Rita Roquette de Vasconcellos. Leipzig: Leipziger Literaturverlag.
- REIS, C. (1981). *Técnicas de Análise Textual. Introdução à leitura crítica do texto literário*. Coimbra: Almedina.
- SENA, J. (1966). 21 dos “35 Sonnets” de Fernando Pessoa. Apresentação em português. *Alfa*, n.º 10, 7-23.
- SILVA, V. M. A. e (2005). *Teoria da Literatura*. Volume I. Coimbra: Almedina.
- VASCONCELLOS, E. (2014). Rosa [rosa]. In A. L. AMARAL [et al.], ilustrações de Rita Roquette de Vasconcellos: *Do branco ao negro* (pp. 57-69). Lisboa: Sextante Editora.
- VENUTI, L. (2009). *The translator's invisibility: A history of translation*. London: Routledge.

TÍTULO: A Arte da Fuga em (projetos de) tradução literária

RESUMO: Traduzir significa obviamente mais do que um transfer de uma língua para outra ou de um texto de partida para um texto de chegada. Traduzir implica um complexo processo de transferência entre culturas e encontra-se, ao mesmo tempo, intrinsecamente ligado às mais diversas formas de contacto e confronto entre as mesmas. A tradução ativa, assim, estratégias de compreensão que pressupõem a existência de imbricações entre culturas e (instauram) a possibilidade de negociação da diferença cultural. Uma verdadeira arte da fuga. Neste artigo apresentaremos dois projetos didáticos de tradução literária, e portanto, de tradução cultural: O primeiro projeto didático de tradução, de contos da antologia *Do branco ao negro* (2014) para alemão, *Von Weiß bis Schwarz* (2017), realizado por alunos e docentes da Universidade de Mainz/ Gernersheim em 2015-2016; e um segundo projeto didático, de menor calibre, mas de carácter verdadeiramente experimental e com resultados deveras surpreendentes, de retroversão de trechos de três dos contos da antologia em tradução alemã, realizado no âmbito de um seminário de tradução literária de cursos de Mestrado da Universidade do Minho, em 2017.

TITLE: The art of fugue in literary translation (projects)

ABSTRACT: Translating obviously means more than a transfer from one language to another or from a source to a target text. Translating implies a complex transference process between cultures and is, at the same time, intrinsically linked to the most diverse forms of contact and confrontation between cultures. Translation activates, therefore, particular comprehension strategies that presuppose the existence of imbrications between cultures and (establish) the possibility of negotiating cultural difference. A real art of fugue. In this article I will briefly present two didactic projects of literary translation, that are, therefore, projects of cultural translation: The first didactic project of translation



of the Portuguese anthology *Do branco ao negro* (2014) into German, *Von Weiß bis Schwarz*, (2017), carried out by students and professors of the Universität Mainz/Germersheim on the year 2015-2016; and a second didactic project, of smaller calibre, but of truly experimental character and with surprising results of retroversion of excerpts from three short stories of the anthology in German translation, carried out in a seminar on literary translation from Masters Programmes of the Universidade do Minho in 2017.

# Filtrar ou não filtrar? A decisão do tradutor no momento de aplicar um filtro cultural

To filter or not to filter? The translator's decision when applying a cultural filter

TERESA ALEGRE\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Filtro cultural, Consciência linguística, Consciência tradutológica.

KEYWORDS: Translation, Cultural filter, Language awareness, Translation awareness.

## Introdução

Numa época marcada pela globalização, em que facilmente acedemos a conteúdos provenientes das mais diversas partes do mundo, podemos interrogar-nos sobre a receptividade do leitor a conteúdo lexical vindo de outras culturas e com o qual lidamos quotidianamente através dos meios de comunicação social. O contacto diário com notícias de carácter social e político de outros países estimula a nossa experiência intercultural e obriga-nos a lidar por vezes com o estranho. Embora a maior parte da informação seja traduzida e filtrada antes de chegar ao público português, cada vez mais palavras-chave e expressões (especialmente em inglês<sup>1</sup>) chegam até nós na língua original, enriquecendo o vocabulário. Traduzir uma palavra e adequá-la às convenções da cultura de chegada ou, pelo contrário, introduzi-la inalterada na língua-cultura de chegada, prescindindo assim de um filtro, é uma decisão frequentemente ponderada pelo tradutor, ou pelo mediador, que estabelece a ligação entre a cultura de partida e a cultura de chegada. A decisão pela estrangeirização ou, pelo contrário, pela domesticação (na aceção de Venuti, 1995) depende de inúmeros fatores como o uso, a receptividade do público-alvo a estrangeirismos, entre outros.

\* CLLC/Universidade de Aveiro.

<sup>1</sup> É também possível encontrar exemplos de palavras alemãs que são igualmente utilizadas na comunicação social portuguesa, como por exemplo, a *Mannschaft* para designar a seleção alemã de futebol ou, mais recentemente, *Spitzenkandidat*, termo cunhado aquando da eleição do presidente da UE em 2019.

Estas são questões que porventura se têm tornado mais prementes com a globalização e com a hegemonia da língua inglesa como língua franca, mas que sempre se colocaram ao tradutor. Este é, pois, um campo de decisão sobre o qual o tradutor deve estar particularmente ciente. Porque consideramos que para estas questões complexas não existem respostas pré-definidas, pensamos que a melhor forma de preparar o tradutor é ajudá-lo a desenvolver a sua consciência linguística, colocando-o perante situações de tradução em que necessite de refletir e justificar as suas opções. Sendo a consciência linguística/*language awareness* (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Gnutzmann, 1992; Wolf, 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001) um conceito proveniente da didática das línguas que facilmente se adequa a outros contextos de aprendizagem, julgámos pertinente convocá-lo no âmbito da formação de tradutores e operacionalizamo-lo para a análise do caso em estudo.

Numa época em que os portugueses acedem quotidianamente a produtos da globalização, como séries televisivas estrangeiras, e a conteúdos culturais em língua inglesa, serão os estudantes de tradução (futuros tradutores e parte integrante desse conjunto mais vasto) sensíveis à aplicação de um filtro cultural? Em que medida pode um texto traduzido e possuidor de conteúdos culturais ser sentido como autêntico pelo recetor da língua de chegada? Até que ponto consegue este texto transmitir a mensagem de origem ao público, para o qual, à partida, não foi concebido? As questões que se levantam com a tradução e as «contaminações» linguísticas não são simples. As línguas não são estáticas, vivem em permanente evolução, e aquilo que nos parece estranho num dado momento torna-se mais tarde aceitável, ou mesmo natural.

House (1977/1981), que introduziu o conceito de filtro cultural no âmbito dos estudos de tradução, sublinha a importância da consciencialização (*critical awareness*) do tradutor para as questões interculturais: «[...] necessary is translators' [...] critical awareness of the state of the art in intercultural communication and intercultural understanding so as to enrich their understanding of the need, or indeed the absence of the need, for cultural filtering.» (House, 2015, p. 96). Com uma conceção ligeiramente diferente, também Chesterman (2000, p. 107-108) recorre ao conceito de filtragem cultural (*cultural filtering*) apresentando-o como uma estratégia pragmática do tradutor. É preciso também ter em conta que o conceito de filtro cultural está associado às dicotomias metodológicas da tradução como *overt versus covert translation* (House, 1977, 2015) e *foreignization versus domestication* (Venuti, 1995).

Assim, tendo como cenário a formação inicial de tradutores, debruçar-nos-emos sobre as decisões e os comentários de um grupo natural de estudantes

de licenciatura em Tradução relativos a uma tarefa de tradução (inglês-português) e reflexão sobre as opções tomadas. O presente estudo centra-se exclusivamente sobre os comentários dos estudantes que dizem respeito à aplicação (ou não) de um filtro cultural. Para tal, apresentamos inicialmente os conceitos de filtro cultural, tal como este é entendido por House (2004, 2015) e por Chesterman (2000), e de consciência linguística, de acordo com a perspetiva genérica de Garrett nos anos 80 e no princípio do séc. XXI no ensino da língua alemã (Alegre, 2001). Passamos depois à aplicação do conceito de consciência linguística ao contexto particular da Tradução, com a criação do conceito de consciência tradutológica e articulando-o seguidamente com a capacidade de justificar a eventual aplicação de um filtro cultural. Por fim, apresentamos o estudo prático e a análise dos resultados. Pretendemos, desta forma, contribuir para um melhor conhecimento das decisões do estudante-tradutor, de modo a criar tarefas didáticas que potenciem a consciência do futuro tradutor relativa à decisão de recorrer (ou não) ao filtro cultural.

## **1. Enquadramento teórico: O conceito de filtro cultural e a consciência do tradutor**

Neste ponto daremos conta dos diversos conceitos que sustentam esta análise. Por um lado, o filtro cultural como estratégia aplicada pelo tradutor em casos especiais de discrepâncias entre a cultura de partida e a cultura de chegada. Por outro, o conceito de consciência linguística como uma capacidade a ser desenvolvida pelos aprendentes de línguas estrangeiras que pode repercutir-se positivamente no tradutor em formação. Por último, numa tentativa de ligar estes dois universos (aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução), apresentaremos a proposta do conceito de consciência tradutológica, como uma competência a desenvolver pelo tradutor aquando da tomada de uma opção tradutiva, que deve simultaneamente ser informada pelo conhecimento teórico-metodológico.

### **1.1. Filtro cultural**

Muito embora o conceito de filtro cultural, como forma particular de percecionar a realidade de acordo com as normas e os valores de uma dada sociedade, extravase os Estudos de Tradução, centrar-nos-emos em autores do âmbito da Tradutologia, particularmente em Juliana House e Andrew

Chesterman. Tendo como ponto de partida o conceito de *cultural filter* de House (1977/1981), que lhe atribui um significado específico no âmbito do seu modelo de avaliação da qualidade em tradução, introduziremos posteriormente o conceito de *cultural filtering*, que Chesterman (2000) caracteriza como uma das estratégias pragmáticas a que o tradutor pode recorrer, remetendo por um lado para o conceito de House e, por outro, para estratégias como naturalização, domesticação e adaptação. Além disso, dada a proximidade dos conceitos e a vantagem didática, refletiremos igualmente sobre a *domesticação*, tal como esta é apresentada por Venuti (1995):

An illusionism produced by fluent translating, the translator's invisibility at once enacts and masks an insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails in English and that selects precisely those foreign texts amenable to fluent translating. (Venuti, 1995, p. 17).

O conceito de filtro cultural, em House, está integrado num modelo mais vasto de avaliação da qualidade da tradução (*Translation Quality Assessment*) que assenta na divisão entre dois tipos de tradução: *overt translation* (em português, tradução manifesta) e *covert translation* (tradução velada). A autora apresenta estes dois tipos de tradução como uma versão mais «prosaica» (2004, p. 110) de dicotomias anteriores como a de Schleiermacher (*verfremdende Übersetzung* – tradução estranhante *versus* *einbürgernde Übersetzung* – tradução naturalizante), de Reiß (*dokumentierend versus kommunikativ*), de Schreiber (*Textübersetzung versus Umfeldübersetzung*), Newmark (*semantic versus communicative*), Koller (*transferierend versus adaptierend*), entre outros.<sup>2</sup> A tradução manifesta<sup>3</sup> é caracterizada como uma tradução que é «overtly a translation, not a 'second original'» (House, 2015, p. 66). Os textos que são objeto desse tipo de tradução são «either historical source texts such as those tied to a specific occasion in which a precisely source language audience is/was being addressed or they may be timeless source texts, i.e. works of art and

<sup>2</sup> Apesar desta aparente semelhança com conceitos anteriores, House não deixa de sublinhar a diferença, salientando que a dicotomia *overt-covert* está assente numa teoria tradutológica coerente, na qual os dois tipos de tradução estão consistentemente descritos e explicados (ver House, 2001, p. 249). Essa teoria consiste no modelo funcional-pragmático de avaliação da tradução, inspirada na teoria funcional-sistémica de Halliday.

<sup>3</sup> Apesar de criticada por Munday (2016, p. 147) como uma classificação confusa, consideramos que House tem sido bastante clara e explícita na caracterização destes conceitos, ilustrando-os muito bem com exemplos de análise muito concretos.

aesthetic creations which transcend a distinct historical meaning» (House, 2015, p. 66). Em causa estão géneros textuais como sermões, discursos políticos, entre outros. De acordo com a autora (House, 2004, p. 110), conteúdo e forma devem, tanto quanto possível, permanecer intactos, cumprindo assim a tradução manifesta a função de possibilitar ao recetor o acesso ao texto original. Dada, no entanto, a alteração necessária de universos discursivos, a tradução poderá apenas atingir uma «second level equivalence» (House, 2004, p. 110). É por isso que House compara a tradução manifesta a uma espécie de «citação» (House, 2015, p. 66).

Quanto à tradução velada (*covert translation*), esta goza, nas palavras da autora, «the status of an original source text in the target culture» (House, 2015, p. 66). Ao contrário do que sucede com a tradução manifesta, o texto objeto de tradução velada não é específico de uma cultura particular e poderia ter sido concebido na cultura de chegada. Os textos objeto de tradução velada serão assim sobretudo textos «sem autor»: textos sobre ciência, economia, brochuras turísticas, notícias, textos informativos, instruções, textos publicitários, etc. Apesar da sua natureza tendencialmente «transitória», estes textos não devem ser subestimados em relação aos problemas de tradução que oferecem (House, 2004, p. 111). O facto de operarem numa moldura diferente, num novo contexto discursivo<sup>4</sup> e precisarem, assim, de serem adequados às expectativas do público-alvo, levanta problemas de natureza mais subtil. De modo a funcionar como «original», o texto de chegada tem de ser objeto de uma filtragem cultural que a autora descreve do seguinte modo:

Um diese “Originalität” zu erzielen, setzt nun der Übersetzer einen sog. “kulturellen Filter” ein, er sieht zum Übersetzen das Original durch die Brille der Zielkulturadressaten. (House, 2004, p. 112).

[Para atingir esta “originalidade”, o tradutor terá de introduzir um “filtro cultural”; para traduzir, o tradutor terá de ver o original através dos óculos do recetor da cultura-alvo].

É, pois, ao caracterizar a tradução velada que House introduz o conceito de filtro cultural, definido como «ein Konstrukt zur Erklärung von Prozessen der Kompensation von Kulturspezifität beim Übersetzen» [um constructo para a clarificação de processos de compensação de especificidades culturais em

<sup>4</sup> Para a exploração destes conceitos, ver House, 2015, pp. 66-67.

tradução] (House, 2004, p. 112). Trata-se, portanto, de processos de compensação que dizem respeito a diferenças socioculturais, convenções estilísticas e preferências comunicativas da cultura de chegada (ver House, 2015, p. 68). Os exemplos que a autora fornece referem-se ao par de línguas inglês-alemão e assentam em investigação realizada pela própria sobre pragmática contrastiva. Tais estudos permitem a identificação de preferências diferentes relativas a dimensões como *directness*, *content-focus*, *explicitness* and *routine-reliance* (House, 2015, p. 68).

Interessante, no modelo de House, é o facto de esta classificação (tradução manifesta *versus* tradução velada) não ser estática. Isto é, um texto que se adequa à tradução velada, pode para um propósito específico vir a necessitar de uma tradução manifesta e vice-versa. De facto, não basta definir à partida o tipo de tradução (manifesta *versus* velada), é necessário refletir sobre o impacto de cada opção tradutiva.

De um modo semelhante, no âmbito da tradução literária, o processo de estrangeirização/ *foreignization* (Venuti, 1995) pretende resistir ao modelo etnocêntrico que reduz a obra original, fazendo-a perder a força cultural própria e mascarando-a com a roupagem da cultura de chegada. É precisamente a reação de estranhamento que recorda ao leitor de que está a ler uma tradução.<sup>5</sup>

Para além de House, Chesterman (2000) recorre igualmente ao conceito de *cultural filtering* para designar uma das estratégias do tradutor. O conceito de estratégia, que tem uma longa tradição em tradução e que não é utilizado de uniformemente, não nos ocupará aqui. No entanto, é importante referir que o autor define estratégias como «forms of explicitly textual manipulation» (Chesterman, 2000, p. 89) que são observáveis no texto traduzido, excluindo assim a aceção de estratégias como comportamentos gerais do tradutor perante um problema de tradução como a verificação de equivalentes ou o acesso a uma base de dados.<sup>6</sup> Chesterman classifica *cultural filtering* como uma estratégia de natureza pragmática, também designada como «naturalization, domestication or adaptation» (Chesterman, 2000, p. 108). De acordo com o autor, esta

<sup>5</sup> Embora não estejamos aqui no âmbito da tradução literária, os conceitos de estrangeirização e de domesticação são muito plásticos e adequam-se bem ao ensino da Tradução em geral, pois são facilmente apreendidos pelos estudantes. Já os conceitos de tradução manifesta e de tradução velada requerem normalmente uma maior capacidade de abstração por parte dos estudantes.

<sup>6</sup> Hurtado Albir (2004, p. 265) designa-os de procedimentos técnicos de tradução, para evitar a confusão com estratégias, no sentido referido.

estratégia descreve a forma como as designações de natureza cultural são traduzidas, de modo a respeitar as normas da cultura de chegada.

No presente estudo optamos por uma conceção lata de filtro cultural que designa a intervenção do tradutor em palavras ou expressões de cariz cultural, especialmente ligadas à cultura do TP, de forma a torná-las mais compreensíveis ou aceitáveis ao público-alvo do TC. A aplicação de um filtro desta natureza poderá dar origem a omissões, neutralizações, explicitações ou mesmo à introdução de informação adicional destinada a contextualizar o seu conteúdo.

## 1.2. Consciência linguística e consciência tradutiva

O conceito de *language awareness*, com origem no Reino Unido nos anos 80 (ver James / Garrett, 1991), insere-se inicialmente num contexto de ensino de línguas, marcado pelo multilinguismo, e surge como reação à desvalorização de um ensino explícito e com recurso à metalinguagem. Desde essa altura que esse conceito tem sido retomado em diversos contextos de ensino, sendo preferencialmente associado a uma dimensão explícita e metalinguística.

Nos anos 90, James / Garrett (1991) caracterizam *language awareness* como um termo genérico/abrangente, que diz respeito à educação, mas que extravasa para o universo sociopolítico. Como domínios de investigação, estes autores definem: o domínio afetivo (desenvolvimento de curiosidade pelas línguas e sensibilidade linguística), o domínio social (que reflete a heterogeneidade linguística e social em contextos de aprendizagem de línguas), o domínio do poder (dimensões da manipulação e do controlo do discurso), o domínio cognitivo (reflexão sobre a língua e a linguagem) e o domínio da *performance* (papel da consciência linguística na utilização prática).

Num estudo anterior, no âmbito da Didática das Línguas, analisei o papel da tradução pedagógica e da análise contrastiva no desenvolvimento da consciência linguística (Alegre, 2001). O enfoque desse estudo académico incidiu sobre os domínios cognitivo, relacionado com a reflexão linguística, e da *performance*. No âmbito desse estudo, defini consciência linguística como «a capacidade que o aprendente tem de refletir sobre a língua estrangeira, de a utilizar ou de agir sobre essa língua, tendo em conta o conhecimento sobre as suas regras de funcionamento» (p. 104), caracterizando-a simultaneamente como processo e como o resultado desse processo. Nesse contexto, a tomada de consciência do funcionamento linguístico através da tarefa pedagógica da tradução constituiu o centro da investigação, bem como a capacidade de



verbalização dos problemas de expressão e a relação que os estudantes de língua alemã estabeleciam entre as regras e a utilização linguística.

Retomando aqui a proposta de articulação de conceitos apresentada por James / Garrett (1991) sob a forma de dimensões, esta proposta revela-se igualmente adequada à formação do tradutor, em particular na dimensão reflexiva, bem como na dimensão do poder (no sentido da manipulação discurso), pois estas encontram-se presentes quando o tradutor se depara com unidades linguísticas culturais que podem não ser transparentes para o público-alvo da tradução.

Se a consciência linguística, como uma abordagem pedagógica no ensino de línguas estrangeiras, contrariou uma tendência de aprendizagem baseada no unilinguismo e na automatização de processos (excluindo a reflexão), a consciência tradutológica deverá, em meu entender, contrariar os processos de automatização na tradução. A formação do tradutor passa pelo desenvolvimento de um leque variado de competências, sendo uma delas a tomada de decisões ajustadas à metodologia de tradução adotada. As escolhas feitas pelo tradutor, aquando da tradução de expressões culturalmente marcadas, está, quanto a mim, dependente da consciência tradutológica e não se presta à automatização de procedimentos. Isto deve-se ao facto de a aceitação destas expressões, por parte do leitor, depender de diversos fatores e evoluir consoante o contexto.

Assim, para exemplificarmos esta capacidade de reflexão, ou consciência tradutológica, do estudante de tradução passamos à apresentação e análise de uma tarefa de tradução.

## **2. O estudo**

### **2.1. Apresentação e metodologia**

O estudo recai sobre uma tarefa de tradução, de inglês para português, de um artigo de cariz sociopolítico. O texto de partida (TP), que aqui resumidamente apresentamos, consiste num artigo de opinião, intitulado «He's hired» (*Monocle*, 2017, 5, pp. 54-57) que critica os primeiros tempos de governação de Donald Trump na presidência dos EUA e defende uma estratégia política de influência (ou mesmo de manipulação) do presidente, de modo a tentar aproximá-lo das políticas democráticas que o próprio defendera no passado antes de concorrer à presidência. À partida, um artigo de opinião como este seria pouco interessante para o público estrangeiro, não fosse o papel que

a política norte-americana desempenha em todo o mundo. Como artigo de opinião, este é destinado não apenas ao público norte-americano, mas genericamente ao público internacional, tal como se poderá verificar pelo subtítulo «How anti-Trump America fights back», e pelo facto de o jornalista ser correspondente da revista *Monocle*, que é distribuída em vários continentes.

A tradução de textos jornalísticos requer normalmente tradução velada (ver House, 2015, p. 56), e a recontextualização na cultura de chegada envolve a aplicação de um filtro cultural a elementos que não sejam claros para o público português. A ironia subjacente à descrição da estratégia política nos EUA, bem como as referências ao universo da política interna americana, obrigam o tradutor a questionar-se sobre a manutenção das expressões originais (sempre que estas sejam transparentes para o público português) ou a aplicação de um filtro cultural que as torne acessíveis.

Dadas os constrangimentos de espaço do presente artigo, centrar-nos-emos na tradução de apenas algumas unidades textuais de cariz pragmático-cultural (identificando a presença de um filtro cultural) e na análise qualitativa dos comentários dos estudantes sobre as suas opções tradutivas, procurando assim identificar reflexos da consciência tradutológica desses alunos.

Tal como anteriormente referido, a tarefa de tradução dizia respeito a um artigo de opinião política. O encargo de tradução tinha como objetivo (hipotético) a publicação na revista *Courrier International*, constituída por artigos de órgãos de informação internacionais traduzidos para português. A tradução foi realizada, em contexto de aula, por um total de 33 alunos, organizados em 12 grupos de 2 a 4 alunos cada. O trabalho em grupo favorece a discussão e a explicitação dos problemas de tradução e das opções tomadas, sendo por isso uma das formas de trabalho privilegiadas para a realização de tarefas de tradução em formação inicial. A tarefa desenrolou-se ao longo de 4 sessões de trabalho, pois o trabalho implicava não só a tradução como também a análise do texto de partida e o comentário das principais dificuldades. As instruções fornecidas aos alunos incluíam indicações sobre o faseamento do processo de tradução, com uma articulação entre a pré-tradução (leitura e análise do TP, com o apoio do modelo de análise de Nord, 2005), a fase de tradução propriamente dita e por fim a fase de pós-tradução com a revisão da tradução e a redação do comentário de tradução, com ênfase na reflexão sobre os problemas de tradução.

O presente estudo incide sobre os dados retirados desta última fase da tarefa de tradução, em que os grupos de trabalho deviam destacar os principais

problemas de tradução, registar as soluções encontradas e comentar as opções tomadas.

A análise, que se destina ao conhecimento exploratório da consciência tradutológica dos estudantes em formação inicial, é qualitativa. Contudo, não deixamos de apreciar os dados quantitativos, que podem indicar tendências, quer no recurso a um filtro cultural, quer ao número de comentários por problema de tradução.

Passamos seguidamente à apresentação dos resultados e respetiva análise.

## 2.2. Resultados e análise

Nesta secção apresentam-se as traduções, realizadas pelos grupos de trabalho, de três unidades de tradução com conteúdos culturais. Os dois primeiros dizem respeito ao modo como os políticos são nomeados na imprensa. O terceiro centra-se na tradução do lema de uma campanha política.

I – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento I do TP: «Here's how to handle the Donald Dilemma» (sublinhados meus)

Esta frase (retirada das primeiras linhas<sup>7</sup> do artigo a traduzir) remete para a possível atitude dos opositores de Donald Trump face à sua vitória eleitoral: desistir ou enfrentar o problema. A expressão «Donald Dilemma» dialoga com o título do filme de animação da Disney, «The Donald's Dilemma», dos anos 40. Contudo, é pouco provável que o público português estabeleça essa associação tão remota. Sob a forma de tradução literal, «o dilema Donald», a referência ao nome próprio do presidente provoca estranheza, pois estabelece uma aparente intimidade que não é própria deste contexto. O público português poderá estabelecer a associação à personagem de animação, o que provocará ainda uma maior estranheza. Independentemente da opção tomada, seria de esperar que os grupos comentassem este caso, justificando a sua tradução, o que não se verificou. As traduções realizadas pelos diversos grupos (Tabela 1) são apresentadas por ordem crescente de aplicação de um filtro cultural.

<sup>7</sup> «It's not what we hoped for. We're not happy about it. But rather than rear up against the nightmare, we need to face our fears. Here's how to handle the Donald Dilemma»

|     | Tradução                                           | Comentário dos estudantes |
|-----|----------------------------------------------------|---------------------------|
| T1  | Vejamos como lidar com o dilema Donald.            | -----                     |
| T2  | Como lidar com o Dilema de Donald.                 | -----                     |
| T3  | Aqui está como enfrentar o Dilema de Donald        | -----                     |
| T4  | Eis como lidar com o <i>Dilema do Donald</i> .     | -----                     |
| T5  | Aqui está como lidar com o dilema “Donald”         | -----                     |
| T6  | Aqui está como lidar com o dilema Donald Trump.    | -----                     |
| T7  | Aqui está como lidar com o dilema Donald Trump     | -----                     |
| T8  | Aqui fica como lidar com o Dilema Trump.           | -----                     |
| T9  | Aqui está a forma para lidar com o “Dilema Trump”. | -----                     |
| T10 | Aqui está como lidar com o dilema de Trump.        | -----                     |
| T11 | É assim que temos que lidar com o Problema Trump.  | -----                     |

Tabela 1: Traduções do segmento I do TP: «Here’s how to handle the Donald Dilemma».

Por um lado, as cinco primeiras traduções (T1 a T5) reproduzem o TP de forma literal, sem recurso a um filtro cultural, mantendo o nome próprio do presidente.<sup>8</sup> Por outro lado, as traduções seguintes (T6 a T11) transformam o nome, completando-o com o apelido (T6 e T7) ou substituindo-o pelo apelido (T8 a T11). Este recurso a um filtro cultural torna as seis últimas traduções num segmento aceitável para o público português (domesticação), embora eliminem a possível associação com a personagem da Disney e neutralizem a atitude depreciativa do autor. A T11 vai mais longe, substituindo a palavra «dilema» por «problema», solução que retira especificidade à frase.

É possível que as transformações operadas por alguns grupos, como a inclusão do nome completo (T6 e T7), ou a substituição do nome próprio pelo apelido (T8 a T11) sejam um reflexo da consciência de tais convenções. No entanto, o facto de não haver comentários dos alunos sobre este segmento, impossibilita a apreciação objetiva da consciência tradutiva relativa às convenções pragmáticas, e não permite saber se a associação com a personagem da Disney desempenhou algum papel nas suas decisões de tradução.

<sup>8</sup> Podemos considerar que as alterações gráficas, com a introdução do itálico em T4 e as aspas em T5, indicam uma estrutura marcada, mas não as consideramos filtro.

No segmento seguinte observamos mais uma tradução de nomes e respetiva forma de tratamento.

II – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento II do TP: «‘In the intelligence business,’ wrote former CIA director Michael Morrell, ‘we would say that Mr Putin had recruited Mr Trump as an unwitting agent of the Russian Federation.’»

O contexto do presente segmento textual remete para a atitude de estranheza dos norte-americanos perante a inesperada proximidade entre o presidente dos EUA e o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin. Este facto leva o autor a afirmar na frase anterior a este segmento «The theory among bewildered observers was that the candidate had been turned by the enemy».

|    | Tradução                                                                                                                      | Comentário dos estudantes |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| T1 | ... “nós diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação da Rússia”      | -----                     |
| T2 | ... “nós diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação Rússia”.        | -----                     |
| T3 | ... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> tinha recrutado <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa.”      | -----                     |
| T4 | ... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> para ser agente involuntário da Federação Russa”             | -----                     |
| T5 | ... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente inconsciente da Federação Russa.”             | -----                     |
| T6 | ... “podemos afirmar que <u>o Sr. Putin</u> recrutou inconscientemente <u>o Sr. Trump</u> como um Agente da Federação Russa”. | -----                     |
| T7 | ... afirmaríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um inconsciente agente da Federação Russa.           | -----                     |
| T8 | ... afirmaríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente da Federação Russa.                        | -----                     |

|     | Tradução                                                                                                                         | Comentário dos estudantes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| T9  | nós diríamos que o <u>Senhor Putin</u> tenha recrutado o <u>Senhor Trump</u> como um agente incôscio da Federação Russa.”        | -----                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| T10 | ... “Nós diríamos que <u>Putin</u> tinha recrutado <u>Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa”                  | -----                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| T11 | ... “diríamos que <u>Putin</u> recrutou <u>Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa.”                            | <p><u>Problema pragmático</u><br/>           – uma vez que, na língua portuguesa, não é comum a utilização de “Sr./Sra.” em textos jornalísticos para mencionar figuras importantes ou celebridades, fazer uma tradução que mantivesse esses elementos poderia causar estranheza no leitor do texto de chegada; portanto, optámos por não incluir esses elementos no texto de chegada.</p> |
| T12 | ... os agentes diriam que <u>Vladimir Putin</u> teria recrutado <u>Donald Trump</u> como agente inconsciente da Federação Russa. | -----                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

Tabela 2: Traduções do segmento II do TP: «‘we would say that Mr Putin had recruited Mr Trump as an unwitting agent of the Russian Federation.’».

A maioria das traduções (Tabela 2), independentemente da sua correção global, mantém o título *Sr.*, o que, em português, constitui uma forma marcada, pouco usual quando se trata de personalidades políticas. No entanto, é preciso ter em conta que se trata da citação direta das palavras de um antigo diretor da CIA, que ironicamente coloca ambos os presidentes no papel de espões. No caso destas traduções, tal como nas do segmento analisado anteriormente, não conseguimos saber o que fez os alunos manterem estas formas de tratamento, uma vez que não existem comentários. As três últimas traduções revelam a introdução de filtro cultural, através da omissão de *Sr.* (T10 e T11) ou da inserção do nome completo (T12).

No que diz respeito à consciência tradutológica, apenas um grupo (T11) explicita a convenção pragmática e justifica a sua opção, remetendo para a «estranheza» que a utilização de *Sr./Sra.* provocaria no leitor. A mesma razão poderá estar na origem das opções tomadas em T10 e T12, mas tal não poderá ser comprovado.

### III – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento III do TP: «... a candidate who said his guiding principle was ‘America First’»

Este último segmento diz respeito à tradução do lema «America First», usado recorrentemente pelo candidato Trump e reproduzido nos órgãos de comunicação social portugueses ora em inglês ora em português, bem como recorrendo simultaneamente a ambas as línguas.

| Tradução                                                                    | Comentário dos estudantes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| T1 o seu lema era “América Primeiro” -----                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| T2 um candidato cuja filosofia era “América Primeiro” -----                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| T3 um candidato que disse que o seu princípio era “América Primeiro”. ----- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| um candidato que havia dito                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| T4 que o seu motivo principal seria “América Primeiro” -----                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| candidato que tinha como                                                    | O problema aqui foi mais um problema de                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| T5 princípio de candidatura “América Primeiro”                              | julgamento no que ficaria melhor ou não. Decidimos traduzir o <i>slogan</i> da campanha porque achamos mais adequado neste tipo de texto.                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| um candidato cujo                                                           | <u>Problema extralinguístico</u> – uma vez que remete para uma expressão conhecida na língua de partida que é bastante popular, seria de esperar que os vários meios de comunicação portugueses já tivessem feito uma tradução desta expressão e que esta fosse uniforme em todos esses meios; desta forma, utilizámos a tradução mais utilizada nos meios de comunicação sociais portuguesas, na tradução deste texto. Exemplo: |
| T6 princípio orientador era “América Primeiro”                              | “Donald Trump inaugura a era da “América Primeiro” (Público)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

|     | Tradução                                                                                                                                       | Comentário dos estudantes                                                                                                                                                                                                             |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| T7  | um candidato que dizia que o seu princípio orientador era “América primeiro”                                                                   | -----                                                                                                                                                                                                                                 |
| T8  | um candidato que disse que o seu princípio de orientação era “América em Primeiro”                                                             | -----                                                                                                                                                                                                                                 |
| T9  | um candidato que disse que o seu princípio condutor era “América primeiro”                                                                     | -----                                                                                                                                                                                                                                 |
| T10 | um candidato que afirmava ter como máxima, “America First” (América primeiro)                                                                  | “Principle” à “Máxima”, neste caso antecede a expressão utilizada na campanha de Trump “America First”. Foi a palavra escolhida, por ser um princípio pelo qual Trump se rege durante a campanha, e ao qual se mantém fiel até final; |
| T11 | um candidato que tinha como princípio base a América em Primeiro Lugar, “ <i>America First</i> ”.                                              | -----                                                                                                                                                                                                                                 |
| T12 | um candidato que disse que o seu lema fundamental era a “America First” + nota rodapé: (Princípio de superioridade e poderio mundial dos EUA.) | Problema cultural – Mantivemos a expressão em inglês, acrescentando uma nota de rodapé – é um conceito já conhecido pela maioria das pessoas devido às notícias. Edições online também mantiveram o ideal de “America First” na LP.   |

Tabela 3: Traduções do segmento III do TP: «... a candidate who said his guiding principle was ‘America First’».

Apesar de ser uma expressão conhecida, nenhum dos grupos (Tabela 3) opta pela expressão original em inglês, sem qualquer informação adicional. A maior parte dos grupos (T1 a T9) traduz literalmente «América Primeiro», sem recurso a filtro cultural. Apenas três grupos (T10 a T12) optam por manter a expressão original em inglês, devido possivelmente à divulgação da expressão na imprensa portuguesa. No entanto, é de notar que cada grupo opta por uma solução diferente. Na Tradução 10, encontramos a adição da tradução portuguesa entre parênteses, que possibilita a compreensão em português. Contudo, o comentário feito por este grupo não justifica esta opção. Em T11 identificamos a aplicação de um filtro cultural, na medida em que os tradutores optam por uma explicitação em português «América em Primeiro Lugar», à



qual acrescentam a expressão original em inglês. Esta constitui uma técnica tradutiva de compromisso entre o valor da adequação ao público-alvo e a manutenção da especificidade cultural. Infelizmente, os alunos não refletiram sobre isso ou não consideraram importante verbalizar essa reflexão. Por último, em T12 deparamos com uma intervenção demasiado ostensiva dos tradutores que, por um lado, optam por manter a expressão inglesa, mas, por outro, colocam em nota de rodapé uma interpretação manipuladora do sentido do lema.

Relativamente a este segmento, encontramos quatro comentários (num total de doze traduções), o que também é pouco expressivo em relação à manifestação de consciência tradutológica. Dois desses comentários (T6 e T12) remetem para a estratégia de pesquisa em textos paralelos, justificando assim as suas opções. No entanto, nenhum reflete sobre a eventual aplicação de um filtro cultural.

Fazendo uma apreciação global do conjunto das traduções dos três segmentos textuais, verificamos que a aplicação de um filtro cultural é feita com moderação. Na maioria dos casos, os grupos não recorrem à aplicação de um filtro cultural, preferindo manter uma maior literalidade (apenas no segmento I há mais traduções com recurso a filtro cultural). Dada a escassez de comentários, não podemos, no entanto, saber se a proximidade com o original resulta de uma opção metodológica.

Comparando a quantidade de comentários relativos aos dois primeiros segmentos, relacionados com formas de tratamento, e o terceiro que incide sobre a máxima da campanha, pode-se constatar que a primeira temática não suscita necessidade de justificações por parte da maioria dos grupos, enquanto a segunda dá origem a apenas quatro comentários.

## **Conclusão**

Neste artigo estabelecemos a relação entre a estratégia de aplicação de um filtro cultural em tradução e o desenvolvimento da consciência tradutológica. Apoiando-nos em conceitos desenvolvidos nas áreas da Tradução e da Didática das Línguas, analisámos material didático proveniente de tarefas de tradução realizadas em contexto de aula, passíveis de conter manifestações dos fenómenos em estudo. Seleccionando alguns segmentos textuais adequados, analisámos o produto dessas traduções e os comentários de tradução a que deram origem por parte dos grupos de trabalho. Com base nos resultados obtidos, consideramos

que a discussão sobre convenções de natureza pragmática deve ser fomentada, possivelmente através de indicações mais dirigidas que orientem a reflexão dos estudantes de tradução. Deste modo, espera-se fomentar nos estudantes decisões mais conscientes sobre quando recorrer a um filtro cultural e (muito importante para a formação do tradutor) exercitar a verbalização dessas questões. Numa tentativa de espelhar na Tradução aquilo que o conceito de *language awareness* trouxe à aprendizagem de línguas, incentivar a consciência tradutológica poderá compensar o lado negativo dos mecanismos de automatização da tradução, fomentando a reflexão sobre as opções tradutivas, sobre os efeitos no público-alvo, bem como sobre a manipulação textual.

### Referências Bibliográficas

- ALEGRE, T. (2001). *Tradução pedagógica e consciência linguística – A tradução como estratégia de consciencialização da estrutura da língua alemã em aprendentes portugueses*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Dissertação de doutoramento).
- CHESTERMAN, A. (2000). *Memes of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- DONMALL, G. (1991) Old problems and new solutions: LA in GCSE foreign language classrooms. In C. JAMES & P. GARRETT (eds.) *Language Awareness in the Classroom* (pp. 107-122). London: Longman.
- GNUTZMANN, C. (1992). Reflexion über <Fehler>. Zur Förderung des Sprachbewußtseins im Fremdsprachenunterricht. *Der fremdsprachliche Unterricht – Englisch*, 26, 16-21.
- HECHT, K. (1994). Lernziel Sprachbewußtheit. *Die Neueren Sprachen*, 93: 2, 128-147
- HOUSE, J. (1977/1981). *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr.
- (1997). *Translation Quality Assessment: A Model Revisited*. Tübingen: Narr.
- (2004). Zwischen Sprachen und Kulturen: Dialog und Dominanz in der Übersetzung. (p. 107-124) In J. ALBRECHT, *et.al.* (Hrsg.) *Übersetzung – Translation – Traduction. Neue Forschungsfragen in der Diskussion. Festschrift für Werner Koller*. Tübingen: Narr.
- (2015). *Translation Quality Assessment: Past and Present*. London: Routledge.
- HURTADO ALBIR, A. (2004, 2.<sup>a</sup> ed.). *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra.

- JAMES, C. / GARRETT, P. (1991). The scope of Language Awareness. In C. JAMES & P. GARRETT (eds.). *Language Awareness in the Classroom*. (pp. 3-20). London: Longman.
- MUNDAY, J. (2016). *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. Fourth Edition. London & New York: Routledge.
- NORD, C. (2005, 2.<sup>a</sup> ed.). *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Second Edition. Amsterdam & New York: Rodopi.
- VENUTI, L. (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London & New York: Routledge.
- WOLF, D. (1993). Sprachbewußtheit und die Begegnung mit Sprachen. *Die Neueren Sprachen*, 92: 6, 510-531.

TÍTULO: Filtrar ou não filtrar? A decisão do tradutor no momento de aplicar um filtro cultural

RESUMO: A facilidade com que atualmente acedemos a conteúdos textuais e audiovisuais com origem nas mais diversas língua-culturas levanta a questão da consciência e da receptividade às diferenças culturais e à forma como essas diferenças se repercutem nas convenções linguísticas e textuais. Permitirá a nossa experiência intercultural que lidemos mais facilmente com o estranho ou com o estrangeiro? Estaremos cada vez mais em condições de prescindir de «filtros» que adaptem esses conteúdos à nossa forma de ver o mundo? O enfoque deste artigo recai sobre as decisões e justificações de um grupo de alunos de Tradução (em formação inicial) ao traduzirem, de inglês para português, elementos linguísticos com carga cultural. Pretendemos desta forma discutir a consciência linguística e tradutológica destes estudantes e contribuir para a discussão de questões como a adequação às expectativas do leitor e à cultura da língua de chegada. Tendo por base, por um lado, o conceito de consciência linguística (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Wolf 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001) e, por outro, os conceitos de filtro cultural (House, 1997, 2015; Chesterman, 2000) e de domesticação (Venuti, 1995), daremos conta do difícil equilíbrio entre a manutenção das especificidades do texto original e a comunicação sem entraves, como parte integrante da consciência tradutológica.

TITLE: To filter or not to filter? The translator's decision when applying a cultural filter

ABSTRACT: At a time in which one can easily access to textual and audiovisual contents originating in diverse languages-cultures, the question arises as to whether we will be more sensitive, aware and receptive to cultural differences and how these differences reflect themselves in the linguistic and textual conventions. Will our intercultural experience enable us to deal more easily with the foreign? Will we be able to dispense with filters that adapt these contents to our way of seeing the world? The focus of this paper is on translators' decisions and justifications (in a translator training context) when rendering culture-specific items. Our aim is to account for translator training issues and to discuss the need to comply with the reader's expectations and of considering target-language culture. Based on the notion of language awareness (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Wolf 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001), on one hand, and on the concepts of cultural filter (House, 1997, 2015; Chesterman, 2000) as well as domestication (Venuti, 1995), on the other, we describe the difficult balance between faithfulness to cultural specificities of the source text and communication without obstacles, as part of translation awareness.

# **Traducción del derecho de familia islámico: problemas terminológicos y elementos socioculturales**

## **Translation of the Islamic Family Law: Terminological Problems and Socio-cultural Elements**

SONIA PRIETO MONTEAGUDO\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução jurídica, Árabe, Direito privado, Assimetria, Terminologia, Culturemas.

KEYWORDS: Legal translation, Arabic, Private law, Asymmetry, Terminology, Culturems.

PALABRAS CLAVE: Traducción jurídica, Árabe, Derecho privado, Asimetría, Terminología, Culturemas.

### **Traducción especializada y anisomorfismos**

Es de sobras conocido que la traducción especializada, en este caso, la jurídica, requiere de conocimientos que rebasan el ámbito de lo meramente lingüístico.

De los cuatro planos de anisomorfismos<sup>1</sup> (lingüístico, cultural, interpretativo y genérico), abordaremos aquí solo el lingüístico y cultural. Sin entrar en disquisiciones que nos harían remontarnos al estructuralismo, podemos afirmar que el anisomorfismo lingüístico es consustancial al hecho de traducir, puesto que hace referencia al sistema de clasificación en torno al que se articula la morfología, sintaxis, fonética y el léxico propios de una lengua, más fácilmente apreciable en idiomas distantes. Tomando las lenguas árabe y española, podríamos tomar como ejemplos de anisomorfismos lingüísticos la morfología verbal, el orden lógico de la oración, el léxico relativo a las prescripciones rituales (en estrecha vinculación con los anisomorfismos culturales) o ciertos fonemas (por ejemplo, las consonantes enfáticas, inexistentes en castellano). Por su parte, el anisomorfismo cultural es el más común y más fácilmente apreciable, pues toda acción comunicativa trasluce el conjunto de vivencias, creencias, valores y otras expresiones de la cultura de la que la lengua es vehículo de expresión. Podemos citar aquí el ejemplo de la traducción al árabe de los conocidos cómics

\* Universidad Complutense de Madrid.

<sup>1</sup> Véase Enrique Alcaraz (2004) y Javier Franco Aixelà (2015).

de Asterix y Obelix, de cuyas versiones desaparece siempre la escena final en la que los galos festejan su triunfo con jabalí y cerveza (recordemos la prohibición ritual o *ḥarām* de la ingesta de cerdo y bebidas alcohólicas). Otro ejemplo sería el campo de los apelativos cariñosos que hacen referencia a órganos del cuerpo humano, que varían de una cultura a otra.

## **Génesis de los códigos de estatuto personal**

En el periodo poscolonial, los países arabo-islámicos debieron formular sistemas jurídicos coherentes con su nueva situación, de ahí que la mayoría de códigos que rigen el estatuto personal se remontan a esta época, si bien algunos de ellos son de época reciente. Así, Siria (en 1953), Marruecos (en 1956) e Irak (en 1959) son países que elaboraron prontamente un código de estatuto personal, mientras que en Omán hubieron de esperar hasta 1997 y en Mauritania hasta 2001 para promulgar su propio código. Al mismo tiempo, algunos países siguen careciendo a día de hoy de un código específico y remiten a la aplicación del derecho islámico.<sup>2</sup>

Nos referiremos aquí con más detenimiento a los países del Magreb. Túnez, Marruecos, Argelia y Mauritania fueron ocupadas en la época colonial por una misma potencia: Francia. Como secuela de este pasado, encontramos en estos cuatro países una doble vertiente jurídica. Por una parte, el derecho civil de inspiración francesa, que intenta acogerse a los acuerdos internacionales. Por otra parte, las fuentes jurídicas del islam, en su interpretación de la Escuela Malikí, para los derechos de la mujer y la familia. Esta dicotomía puede observarse hoy en día en las facultades de derecho de cualquiera de estos países, en las que encontramos dos ramas: derecho en francés y derecho en árabe.

Según Sana Ben Achour (2004), los países del Magreb comparten cuatro paradojas. Primera, la dualidad del sistema jurídico, ya enunciada arriba. Segunda, inherente a las instituciones políticas y la organización del poder, que conjuga los referentes liberales y democráticos con prácticas como el clientelismo y las alianzas clánicas. Tercera, el carácter compuesto del sistema jurídico, debido a la pervivencia de elementos del derecho islámico, del derecho consuetudinario y del derecho positivo, aspirando todas ellas a ser aplicadas en su totalidad.

<sup>2</sup> Caridad Ruiz-Almodóvar ha compilado en una única obra la traducción de todos los códigos árabes de estatuto personal (Ruiz-Almodóvar, 2005).

Cuarta, y no siendo esto exclusivo de los países del Magreb, los cambios legislativos suelen ir a remolque y con posterioridad a los cambios de mentalidad.

Al contrario de lo sucedido en los otros países del Magreb, Argelia obtuvo la independencia en 1962 tras la guerra que enfrentó durante ocho años a la metrópolis colonial con la resistencia argelina. La larga presencia colonial francesa (125 años) supuso la desestructuración social de Argelia convertida en departamento francés. Distinta sería la presencia francesa en Marruecos, Túnez y Mauritania, donde convivió la administración francesa con la pervivencia de autoridades locales, si bien siempre afectas a la colonia. Como resultado de este cambio de estructuras en la organización social argelina, encontraremos el recurso al islam como elemento identitario reafirmador de la cultura nacional. El islam aparecerá como religión de estado ya en la Constitución de 1963. Otro resultado fue la primacía del ejército, obtenida tras el largo enfrentamiento armado, de modo que la armada pasó a tener bajo su control a todos los estamentos sociales, incluyendo a los líderes religiosos, situación que se mantuvo hasta finales de los 80 (periodo en que se promulgará el Código de Estatuto Personal). El Código de Estatuto Personal fue adoptado en Argelia en 1984, siendo enmendado en 2005.<sup>3</sup>

Marruecos fue uno de los primeros países del Magreb en obtener la independencia. A partir de entonces, en 1956, este país se esforzará en la construcción de un estado según los principios modernos, pero sin olvidar su identidad religiosa, el islam, hecho que se ve reforzado por concentrar su soberano la máxima autoridad política del estado y la autoridad religiosa como Comendador de los Creyentes o *Amīr al-mu'minīn*. Así, acometerán una labor de elaboración y redacción de distintos códigos en un breve periodo de tiempo. Lo que caracteriza a todas estas codificaciones es la dicotomía entre el deseo de demostrar su entidad como estado a través de la instauración de estructuras e instituciones importadas de occidente (el enemigo colonial) y, a la vez, la necesidad de reforzar su propia identidad, que se hará esencialmente recurriendo al islam como elemento unificador y distintivo frente al colonialismo europeo de base cristiana y percibido como ateo. La *Mudawana* fue apareciendo sucesivamente, publicada por partes y promulgada por cinco *Ṣawāḥir*<sup>4</sup> entre 1957 y 1958. A partir de finales de los años 70 (coincidiendo con la efervescencia

<sup>3</sup> Para el estudio del Código Argelino remitimos a las publicaciones de Carmelo Pérez Beltrán (1991, 1996, 2005).

<sup>4</sup> Encontramos ya aquí un primer término “conflictivo”. Si bien el término *Ṣahīr* (plural: *Ṣawāḥir*) es de difícil traducción al español, podemos afirmar que es semejante a un Real

política de los llamados «años de plomo»), ciertos principios contenidos en la *Mudawana* serán cuestionados. En 1979 una comisión real será encargada de la revisión del Código, pero su trabajo nunca llegará a ver la luz al finalizar en mayo de 1981, coincidiendo con los acontecimientos de Casablanca que desembocarán a nivel nacional en las conocidas como «Revueltas del pan». El 8 de marzo de 1992 se produce una movilización de colectivos de mujeres en torno a la llamada realizada por la UAF (Unión de la Acción Femenina) para incentivar el cambio en la *Mudawana* y el 10 de septiembre de 1993 el Código será reformado por primera vez. Sin embargo, la reforma definitiva no tendrá lugar hasta 2004 (un proyecto se vio abortado por la muerte del soberano Hassan II), mismo año en que se publicará la versión árabe de la nueva *Mudawana* (para encontrar la versión francesa habrá que esperar hasta 2005). Dicha reforma fue importante no solo por los cambios introducidos, sino también por haber seguido un proceso de aprobación del proyecto por el Parlamento, lo que supone hacer hincapié en la mutabilidad de las leyes y su carácter de producción humana que puede ser adaptada al avance de los tiempos, sin dejar de lado en ningún momento la *šarī'a* como fuente principal (hasta el momento había sido considerado un código inamovible por estar imbuido de sacralidad religiosa). Supone también un reforzamiento institucional del estado, aunque no debemos sobredimensionar este aspecto, pues el Parlamento Marroquí nunca habría rechazado una ley sometida a aprobación por el monarca lo que supondría un cuestionamiento de su papel como cabeza del estado.

Mauritania, al contrario que sus vecinos magrebíes, no estuvo dotada de un Código de Estatuto Personal hasta época reciente, concretamente en 2001. Sin embargo, existieron otros tres intentos anteriores de codificación de los derechos de la mujer en 1961 (mismo año de la obtención de la independencia), 1970 y 1988. El Código no es fruto de movilizaciones masivas y reivindicaciones de la sociedad civil, sino que parece responder más bien al deseo gubernamental de ofrecer una determinada imagen ante el extranjero; Mauritania había ratificado desde finales de los años 80 diversas convenciones internacionales relativas a los Derechos Humanos, lo que tendría como contrapartida el afrontar determinados requerimientos. A ello se vino a sumar el peso cada vez mayor de las organizaciones internacionales de cooperación al desarrollo para la economía mauritana. En general, puede afirmarse que esto se refleja en el mismo texto del Código, pues confluyen aspectos que podrían aparecer como

Decreto Ley. En algunos textos aparece como Real Decreto Jerifiano o Real Decreto Chorfa (también con la variante “Xorfa”).

contradictorios (lo que no sería sorprendente comparado con otros códigos semejantes si no tuviésemos en cuenta la fecha de su promulgación) o, cuando menos, de formulación demasiado vaga para poder hacer frente a las necesidades impuestas por la coyuntura internacional, respetando a la vez las presiones ejercidas por quienes querían velar por el mantenimiento de las tradiciones dentro del país.

La *Mayalla* tunecina fue adoptada por Habib Bourguiba, primer presidente tunecino tras la independencia. El Código en su primera formulación reconoce a las mujeres tunecinas derechos de los que ni siquiera gozaban las francesas en la época, desmarcándose del resto de códigos de países de la misma región. La mayor diferencia entre este Código y los de sus países vecinos es que prohíbe la poligamia, apoyándose para ello todos en la misma azora y aleya (3ª aleya de la Azora de las Mujeres), que habla de la imposibilidad del trato igualitario entre coesposas. Bourguiba presentará siempre el Código como resultado del esfuerzo de interpretación de los textos religiosos, con el beneplácito de los líderes religiosos y adecuándose a las convenciones internacionales. Algunos autores afirman que el Código tunecino no obedece al convencimiento generalizado de que era necesario reconocer a la mujer ciertos derechos, sino al deseo del poder de contentar a la antigua metrópoli y ofrecer una imagen progresista. La *Mayalla* ha sufrido numerosos cambios desde el mismo año de su entrada en vigor (1957), tanto a través de modificaciones en su articulado como mediante la complementación con otros textos jurídicos en determinados puntos, como serían, por ejemplo, las leyes de 2006, 2007, 2008 y 2017,<sup>5</sup> que supusieron la lucha institucional contra la violencia de género, la tipificación del acoso sexual como delito y la autorización del matrimonio interreligioso. Actualmente se estudia la introducción de la igualdad en lo relativo a cuestiones testamentarias.

Pero no podemos olvidar que, además de los países considerados “árabes”, hay otros muchos países en los que el islam es la confesión religiosa mayoritaria y, algunos de ellos, están también dotados de códigos de estatuto personal. Este es el caso, por ejemplo, de países del África Subsahariana como Malí (antes de la adopción del código de 2009, disponía de un Código del Matrimonio y la Tutela desde los tiempos inmediatamente posteriores a la independencia, complementado por otros textos legales) y Senegal (hasta la adopción del Código

<sup>5</sup> Carmelo Pérez-Beltrán repasa en un artículo las enmiendas sufridas por la *Mayalla* desde su entrada en vigor hasta época reciente (Pérez-Beltrán, 2011).



de Familia en 1972, se había recurrido al derecho francés o islámico para regular las relaciones entre individuos).

### **Derecho árabe, derecho islámico y derecho privado islámico: asimetría jurídica y pluralismo legal**

Si bien en un principio derecho árabe y derecho islámico eran sinónimos por haber surgido en la Península Arábiga y ser su fundamentación la religión practicada en esa región geográfica, posteriormente debemos establecer una diferenciación entre ambas acepciones. Así, cuando empleamos “derecho árabe” aludimos a todas las distintas ramas del derecho (tributario, penal, procesal, civil, etc.) a las que se hace recurso en países culturalmente árabes. Por el contrario, cuando empleamos la expresión “derecho islámico” nos referimos al derecho confesional cuya fuente de inspiración es la religión islámica y que, por lo tanto, no es exclusivo de los países llamados árabes. Podemos encontrar también la denominación “derecho musulmán”, si bien este adjetivo hace referencia a la persona que profesa la religión mahometana, por lo que en este artículo emplearemos “derecho islámico” para hacer referencia al derecho relativo al islam. Asociado a esta clasificación encontraremos el término *qanūn* vinculado al concepto de derecho árabe, mientras que en el ámbito del derecho islámico encontraremos los términos *ṣarīʿa* y *fiqh*,<sup>6</sup> estos dos últimos más vulgarizados debido a su empleo cada vez más frecuente en los medios de comunicación en los últimos años, aunque en ocasiones la comprensión de dichos conceptos es errónea. De forma breve, la *ṣarīʿa* es el propio derecho islámico, mientras que el *fiqh* designa la jurisprudencia islámica o doctrina legal (Jalloul, 2016).

La traducción jurídica debe enfrentar la asimetría entre sistemas jurídicos, puesto que cada ordenamiento posee conceptos y figuras jurídicas características, y no puede ser desvinculada de la noción de intraducibilidad e incongruencia debido a la ausencia de equivalencias absolutas; dicho de otro modo, a la asimetría jurídica correspondería la asimetría terminológica<sup>7</sup> y conceptual. También debe tenerse en cuenta un aspecto fundamental de la traducción

<sup>6</sup> Para una mayor profundización en el derecho islámico remitimos a la obra de Noel J. Coulson (2011), cuya primera edición remonta a 1964.

<sup>7</sup> Elisa Calvo (2002) estudia la influencia de la asimetría procesal y el mayor papel desempeñado por el traductor jurídico, que ha de desarrollar nuevas estrategias de traducción.

jurídica y es que, al contrario de lo que sucede con los textos de otras especialidades, se trata de documentos que producen un efecto jurídico en su origen y, en ocasiones, también el texto término ha de surtirlo.

La mera definición de derecho privado marca ya una primera diferencia, puesto que su alcance no es el mismo en los países occidentales y en los araboislámicos. El concepto de derecho privado proviene de época romana y, aun siendo una clasificación objeto de controversia entre juristas, se define como aquella especialidad del derecho que regula las relaciones entre particulares, ámbito en el que sobresale la regulación de las relaciones entre los individuos en el seno de la sociedad. Los códigos de estatuto personal reglamentan el matrimonio en todos sus aspectos (elementos constitutivos, impedimentos, validez, efectos y requisitos procedimentales), la disolución del vínculo matrimonial a través del divorcio y el repudio, la filiación y el derecho de sucesiones.

La totalidad de estos códigos se caracteriza por su pluralismo legal (Serrano Ruano, 2007), esto es, que en un mismo texto conviven elementos de origen diverso, ya sea de inspiración en el derecho occidental (continental o anglosajón), el derecho islámico o el derecho consuetudinario (*`urf*),<sup>8</sup> pudiendo darse también el caso de que una ley islámica conjugue aspectos procedentes de distintas escuelas jurídicas. Por último, podemos mencionar también otro tipo de pluralismo legal: el que se produce en países aconfesionales o laicos de residencia de musulmanes, al no ser esta la inspiración del ordenamiento jurídico vigente en la sociedad de acogida, sobre lo que volveremos al hablar del Derecho Internacional Privado.

Algunos de los elementos en los que más destaca la asimetría jurídica son el matrimonio y el derecho hereditario.

## **Problemas terminológicos**

La problemática planteada por el abordaje de las referencias culturales en traducción ha sido abordada mediante diversos planteamientos teóricos desde mediados del siglo pasado, destacando las propuestas de Eugene A. Nida (1945), que estudia los elementos culturales en traducción, Peter Newmark (1988),

<sup>8</sup> Leyla Hamad analiza la convivencia entre derecho islámico y derecho consuetudinario para el caso de Yemen (Hamad Zahonero, 2007).

que habla de las palabras culturales, Sergej Vlahov y Sider Florin (*apud*, Hurtado, 2001), que emplean el término *realia* y realizan una clasificación en cuatro categorías, o Christiane Nord y Hans Josef Vermeer, que desarrollan el concepto de culturema. Tomamos prestada la definición de culturema de la tesis de L. Molina: “un elemento verbal o paraverbal que posee una carga cultural específica en una cultura y que al ser transferido a otra cultura, puede provocar una transferencia nula o distinta al original” (cf. Molina Martínez, 2001, p. 89). Para sortear la dificultad de traducción de los culturemas se recurre a una serie de procedimientos o técnicas, que describiremos a continuación.

E. Lapidra estableció una serie de criterios para la traducción jurídica del árabe y estima que es preferible la literalidad en algunos casos, al mismo tiempo que proporciona una serie de indicaciones, pudiéndose aplicar, entre otras, las siguientes a la traducción del derecho islámico: mantener la literalidad y el término árabe cuando se trate de un concepto sin equivalente jurídico, añadiendo una explicación entre paréntesis o una nota; preservar el estilo reiterativo característico del lenguaje jurídico; conservar la fecha arabo-islámica, a la que se añadirá su equivalente; traducir las denominaciones de organismos oficiales solo cuando tengan equivalencia en la lengua meta; seguir los criterios de uso de mayúsculas y minúsculas de la lengua meta, puesto que estas son inexistentes en el árabe; etc. (Lapidra, 2004).

M. Arcas Campoy explica los procedimientos para la elaboración de los tecnicismos jurídicos en árabe a partir del lenguaje común, mencionando procedimientos de transferencia léxica y semántica, evolución semántica o adaptación de vocablos extranjeros, entre otros. Aconseja adoptar como estilo de traducción una combinación entre traducción literal, empleando préstamos y calcos semánticos, y oblicua, es decir, aquella que incluye procedimientos de transposición, equivalencia y adaptación. Además, añade que no se hacen necesarias las notas explicativas cuando se trata de un término en árabe con significado bien conocido, como, por ejemplo, *ṣahāda* o profesión de fe (Arcas, 2006).

Algunas de las técnicas empleadas en las traducciones de códigos de familia son las siguientes:

- préstamo: adopción de una palabra de la lengua original por falta de concepto en la cultura meta
- calco: adopción del contenido semántico de una palabra o expresión extranjera por términos de la lengua de recepción
- traducción palabra por palabra
- generalización: emplear un término más general o neutro

- equivalencia: utilización de un segmento de texto de la lengua fuente por otro segmento de la lengua meta que no se traduce literalmente, pero que es funcionalmente equivalente
- adaptación: compensación de las diferencias socioculturales con una equivalencia establecida.

### **Términos problemáticos**

Tomando en consideración la amplitud de la problemática terminológica característica de los códigos de estatuto personal y su traducción al español, abordaremos aquí solo algunos ejemplos, optando por la escritura tal y como aparece en las distintas traducciones:

- *Fatiha*: en los códigos marroquí y argelino, en su versión en francés y en español, se ha optado por el préstamo, manteniendo la transcripción del nombre que recibe en árabe la azora que abre el Corán, en lugar de recurrir a su traducción literal (“la Abriente”).
- *Wali* y *wilaya*: en este caso podríamos hablar de una adaptación, ya que en algunas de las traducciones se recurre al término “tutor”, obviando que se trata solamente del tutor matrimonial (nunca tutora), distinto, por ejemplo, del responsable legal de un menor o del tutor testamentario. Por lo tanto, hablamos de una equivalencia establecida, a pesar de la limitada equivalencia funcional. En el caso de la traducción oficial al francés del código mauritano se opta por un doblete, ya que se recurre a la equivalencia parcial establecida pero se matiza por la adición del extranjerismo, hablando de “*tuteur weli*” y “*tutelle wilāya*”. En otras traducciones sí se explicita que el *wali* es el tutor matrimonial siguiendo una técnica de amplificación. *Idda*: este término carece de equivalente por no disponer de referente cultural, por lo que se recurre al préstamo, con adición de una nota explicativa. La *idda* es el llamado habitualmente “periodo de continencia”, es decir, el plazo de espera legal antes de poder contraer nuevamente matrimonio, aplicable solo a la mujer, cuya finalidad original era la de garantizar los derechos de paternidad tras el divorcio, repudio o fallecimiento del primer esposo. Suele aparecer vinculado a otro término *istibra* cuya diferencia semántica es leve, al referirse el segundo al tiempo que transcurre hasta la aparición de la menstruación.

- *Coesposa*: la inexistencia e ilegalidad de la poligamia en los ordenamientos jurídicos europeos ha llevado a la acuñación de un neologismo (no exclusivo del mundo islámico), término introducido recientemente en el DRAE.
- *Adul*: el español recoge este antiguo arabismo, que en ocasiones se traduce simplemente como “notario” intentando establecer una equivalencia latina que priva al término árabe de parte de su significado.<sup>9</sup>
- Términos relativos a la adopción y el acogimiento: únicamente el código tunecino contempla la adopción de forma semejante a la que podría presentar en ordenamientos occidentales, pues el resto afirman que el adoptado o adoptada no podrá ser considerado nunca como hijo/a a efectos testamentarios ni de la adopción se desprenden los efectos legales de la filiación biológica. En este caso se ha optado por la adaptación al concepto occidental, recurriendo al vocablo *tabanni*. Por contra, existe una institución judicial característica del derecho islámico, la *kafala*, que garantiza la protección del menor en acogimiento permanente, sin que en ningún momento se establezca vínculo jurídico de filiación con el menor acogido.
- Términos vinculados al divorcio:<sup>10</sup> es uno de los campos léxicos más fructífero, junto con el del derecho de sucesiones. Encontramos dos voces (*talaq* y *tatliq*) que provienen de una misma raíz trilítera, designando ambas la disolución judicial del vínculo matrimonial, sin especificar quién ha tomado la iniciativa de la ruptura, por lo que habrá de traducirse como divorcio o repudio atendiendo al contexto; se recurrirá al empleo de una u otra en función del país o la región geográfica. Existen otros muchos términos de este campo sin equivalente conceptual en castellano, tales como *chiqaq* (término empleado exclusivamente en el código marroquí y que se traduce como “desavenencias”), *jul` o khul`* (divorcio convenido mediante compensación económica<sup>11</sup>) o *dhihar* (caso concreto de repudio de origen preislámico

<sup>9</sup> Manuel C. Feria ha estudiado ampliamente el concepto y funciones del notario adular marroquí, tanto en su tesis doctoral como en artículos, como (Feria, 2007).

<sup>10</sup> Existe mucha bibliografía en español sobre el matrimonio, divorcio y repudio islámico, en su mayor parte, elaborada por juristas. Así, podemos citar a Ana Fernández-Coronado (2009), Sara Acuña y Agustín Motilla (2003), Zoila Combalá (2001) o Ana Quiñones (2002), por mencionar solo algunas publicaciones.

<sup>11</sup> Expresión empleada con respecto al código argelino por Carmelo Pérez Beltrán (2005, p. 165).

en el que se asocia a la esposa con la espalda de la madre, es decir, se recurre a una fórmula basada en los impedimentos permanentes para el matrimonio), por mencionar solo algunos de ellos.

- Terminología referida al derecho de sucesiones: es, quizás, el ámbito contemplado de forma más semejante en los distintos países araboislámicos, pues suele seguir de forma casi literal las fuentes del derecho islámico. Para solventar las dificultades terminológicas es frecuente el recurso a terminología propia del derecho romano (parentesco agnaticio y consanguinidad).

### **Recurso al derecho del país de origen**

La mayor movilidad personal, los movimientos migratorios (ya sea por motivaciones económicas, culturales o por imposición para escapar a procesos de guerra o conflictos sociales) y el proceso de globalización (deslocalización de mercados, acceso a la información a través de la generalización del uso de internet y las nuevas tecnologías, etc.) han dado lugar a sociedades multiculturales.

El Derecho Internacional Privado regula las cuestiones de índole privada cuando entran en juego más de un sistema jurídico y determina cuál debe ser la norma prevaleciente.<sup>12</sup> La Ley 29/2015 de Cooperación Jurídica Internacional en Materia Civil (LCJIMC)<sup>13</sup> fue aprobada en España el 30 de julio de 2015, pretendiendo subsanar así el vacío existente hasta entonces, que ya había sido advertido en la entrada en vigor de la Ley de Enjuiciamiento Civil el año 2000; ese año se fijó un plazo de un año para la presentación de un proyecto de ley que garantizase la tutela judicial efectiva de las personas, independientemente del país de origen y de residencia. Hasta el año 2015 se recurría a la aplicación de las normativas previstas para los países integrantes de la UE. El artículo 9.1 del Código Civil de España estipula que “La ley personal correspondiente a las personas físicas es la determinada por su nacionalidad. Dicha ley regirá la capacidad y el estado civil, los derechos y deberes de familia y la sucesión por

<sup>12</sup> Este aspecto se desarrolla de forma más extensa en Sonia Prieto (2019), donde también se mencionan algunos de los apartados anteriores.

<sup>13</sup> El texto completo de la LCJIMC fue publicado en el BOE (Boletín Oficial del Estado) número 182 de fecha 31 de julio. Está disponible para su consulta en [https://www.boe.es/diario\\_boe/txt.php?id=BOE-A-2015-8564](https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2015-8564).

causa de muerte”.<sup>14</sup> La aplicación de la normativa europea y española, por lo tanto, puede conllevar la aplicación del ordenamiento jurídico de países de muy diversa índole, siempre y cuando la legislación de esos países no suponga vulneración del orden público garantizado por la legislación española y europea. El caso de los países de confesión islámica requiere de una mayor labor de estudio, pues sus fuentes jurídicas se alejan de las fuentes del derecho civil occidental, apreciándose dichas diferencias con mayor claridad en el ámbito de la familia (matrimonio, filiación y divorcio) y de las sucesiones. Uno de los apartados en los que existe mayor unanimidad en su formulación en los distintos códigos de estatuto personal es en el ámbito del derecho de sucesiones, que sigue sin distinción la normativa islámica y consagra la desigualdad entre derecho-habientes hombres y mujeres (susceptibles de recibir solo la mitad del caudal hereditario de los primeros), no reconoce la posibilidad de aceptación o repudiación de la herencia por parte de los beneficiarios, imposibilita la recepción de legado de un musulmán a persona no musulmana y establece una complicada casuística de posibles herederos, lo que merecería un estudio por sí mismo de todos los problemas de traducción que plantea.

Aunque el ordenamiento jurídico español permite la aplicación de su ley nacional a cualquier extranjero, en la práctica, el recurso al derecho privado islámico se traduce en el recurso a la Mudawana marroquí en la mayoría de casos, dada la gran presencia de población inmigrante de origen marroquí. Prueba de la nueva situación generada en los últimos años es el aumento de publicaciones sobre el derecho privado islámico y su vigencia en España y de estudios traductológicos de los códigos de estatuto personal araboislámicos, entre las que podemos mencionar las obras de Tarik El Kaoutit (2011), Khaled Abdel Aziz Osman (2002) y Agustín Motilla (Acuña / Motilla, 2003). Se observa también como la jurisprudencia vinculada a la aplicación del derecho de familia islámico no cesa de crecer en España, lo que es fácilmente apreciable en las sentencias publicadas. De la consulta de sentencias podemos colegir el rechazo a la aplicación del derecho extranjero en caso de poligamia por ser contraria al orden público en España,<sup>15</sup> el declarado desconocimiento de los

<sup>14</sup> La formulación íntegra del Código Civil, incluyendo todas las modificaciones sufridas desde la primera versión de 1889 hasta la última actualización del 4 de agosto del pasado año 2018, puede ser consultada en <https://www.boe.es/buscar/act.php?id=BOE-A-1889-4763>.

<sup>15</sup> Por ejemplo, Sentencia del Tribunal Supremo de 26 de febrero de 2010 sobre denegación de nacionalidad española a ciudadano senegalés con matrimonio polígamo en su país de

tribunales de aplicaciones concretas del derecho extranjero, en cuyo caso se recurre a la aplicación de la normativa española<sup>16</sup> (sobre todo cuando entra en juego el criterio de interés superior del menor), y la oscilación en el empleo del derecho nacional o extranjero en primera instancia y apelación.<sup>17</sup>

Como conclusión, podemos afirmar que las traducciones a lenguas europeas del derecho de familia islámico han evolucionado a lo largo del tiempo, a la vez que crecían las investigaciones en torno a la traducción y los estudios traductológicos. Si observamos estas traducciones cronológicamente, veremos cómo las primeras de ellas tendían más a la extranjerización como estrategia, lo que puede explicarse en gran medida por sus destinatarios (arabistas y otros expertos en la materia), mientras que las más recientes tienden en su mayoría a la adaptación y domesticación (mediante técnicas de compensación, adaptación, modulación, sustitución, transposición o variación, el uso de equivalencias acuñadas...), con el fin de simplificar la comprensión a lectores no familiarizados con esta temática, tales como juristas, personal vinculado a los servicios sociales, etc.

## Referencias Bibliográficas

- ACUÑA, S. / MOTILLA, A. (2003). *El Matrimonio islámico y su eficacia en el derecho español*. Córdoba: Universidad de Córdoba, Servicio de Publicaciones.
- ALCARAZ, E. (2004). Anisomorfismo y lexicografía técnica. In *El español, lengua de traducción. Las Palabras Del Traductor*, n.º 2, 201-220.
- ARCAS, M. (2006). Notas sobre la traducción de tecnicismos del derecho islámico. *Boletín de La Asociación Española de Orientalistas*, n.º 42, 73-83.
- BEN ACHOUR, S. (2004). *Policy Paper 13 Les Chantiers de l'égalité au Maghreb*, 24. URL: [https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/pp\\_13\\_sbachour.pdf](https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/pp_13_sbachour.pdf).

origen, publicada por Ana Quiñones (2010), *Revista Española de Derecho Internacional (REDI)* vol. LXII, n.º 1, enero-junio, 245-248.

<sup>16</sup> Caso de la Sentencia de la Audiencia Provincial de Huesca (Sección 1.ª), núm. 252/2007 de 27 de noviembre, comentada por A. Quiñones (2008) en *REDI*, Vol. 60, n.º 1, enero-junio, 257-260, en la que se optó por la aplicación del derecho español.

<sup>17</sup> Por citar un último ejemplo, la Sentencia de la Audiencia Provincial de Barcelona (Civil) núm. 718/2005 (Sección 12.ª), de 17 de noviembre de 2005, comentada por la misma jurista en la misma publicación (2006), recoge la aplicación del derecho marroquí en primera instancia y de la Mudawana marroquí en apelación.



- COMBALÍA, Z. (2001). Estatuto de la Mujer en el Derecho Matrimonial Islámico. *Aequalitas: Revista Jurídica de Igualdad de Oportunidades Entre Mujeres y Hombres*, vol. 6, n.º 6, 14-20. URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=201562>.
- COULSON, N. J. (2011). *A History of Islamic Law*. New York, London: Routledge.
- EL KAOUTIT, T. (2011). *El divorcio en la ley islámica y su perspectiva en el derecho internacional privado español*. Madrid: Diwan Mayrit.
- CALVO, E. (2002). La influencia de la asimetría procesal en la traducción jurídica: procedimientos de separación y divorcio en Irlanda y España. *Puentes*, n.º 2, 37-52.
- FERIA, M. C. (2007). Convivencia e interacción de tradiciones jurídicas en Marruecos : la fe pública : sofrim, notarios latinos y adules. *Awraq*, n.º 24, 241-285.
- FERNÁNDEZ-CORONADO, A. (2009). Matrimonio islámico, orden público y función promocional de los derechos fundamentales. *Revista Española de Derecho Constitucional*, n.º 85, enero-abril, 125-156.
- FRANCO AIXELÀ, J. (2015). Anisomorfismos y traducción. En *Enciclopedia Ibérica de la Traducción y la Interpretación*. AIETI (Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación). URL: <http://www.aieti.eu/enciclopedia/anisomorfismos-y-traducccion/en-breve/>.
- HAMAD, L. (2007). Sobre la relación entre la ley islámica y el derecho consuetudinario en el Yemen tribal. *Awraq: Estudios Sobre El Mundo Árabe e Islámico Contemporáneo*, n.º 24, 215-240.
- HURTADO, A. (2001). *Traducción y traductología. Introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra.
- JALLOUL, H. (2016). La Charía Y El Fiqh: Su Significado Como Corpus Legal. *Anuario Da Facultade de Dereito Da Universidade Da Coruña*, n.º 20, 292-320. URL: <http://revistas.udc.es/index.php/afd/article/view/afdudc.2016.20.0.1926/1263>.
- LAPIEDRA, E. (2004). La traducción del derecho árabe: planteamientos y propuestas. En de M. EPALZA / M.J. RUBIERA (eds.), *Traducir del árabe* (pp. 215-260). Barcelona: Gedisa.
- MOLINA MARTÍNEZ, L. (2001). *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español. Tesis Doctorals en Xarxa (TDX)*. URL: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/5263/lmm1de1.pdf?sequence=1&isAllowed>.
- NEWMARK, P. (1988). *A Textbook of Translation*. New York: Prentice Hall International.

- NIDA, E. A. (1945). Linguistics and Ethnology in Translation-Problems. *WORD*, vol. 1, n.º 2, 194-208.
- OSMAN, K. A.-A. (2002). *Un estudio descriptivo de la Ley egipcia de Estatuto Personal número 100 de 1985: un enfoque traductológico*. Barcelona: Bellaterra / Universidad Autónoma de Barcelona. URL: <http://www.tdx.cbuc.es/TDX-1030103-152034/index.html>.
- PÉREZ BELTRÁN, C. (2005). El código argelino de la familia: estudio introductorio y traducción. In *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos (MEAH), Sección Árabe-Islam*, n.º 54, pp. 143-166. Granada: Universidad de Granada. URL: <http://meaharabe.com/index.php/meaharabe/article/view/151/151>.
- (2011). Una ley en constante evolución: el derecho de familia en Túnez desde la independencia a la actualidad. In *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos (MEAH), Sección Árabe-Islam*, n.º 60, pp. 235-254. Granada: Universidad de Granada. URL: <http://www.meaharabe.com/index.php/meaharabe/article/view/41/40>.
- PRIETO, S. (2019). Aplicación del derecho islámico en comunidades de migrantes musulmanes en España: de los problemas lingüísticos a los problemas jurídicos. En GÓMEZ, L. (ed.), *Islam y desposesión. Resignificar la pertenencia*. Madrid: Ediciones del Oriente y del Mediterráneo, 99-115 (en proceso de publicación).
- QUINONES, A. (2002). La disolución del matrimonio: especial referencia al repudio islámico. *Cuadernos de Derecho Judicial*, 8, Ejemplar dedicado a la multiculturalidad : especial referencia al Islam, 259-342.
- (2006). Nulidad, separación y divorcio. Divorcio de matrimonio marroquí residente en España. Determinación de los efectos respecto a los hijos y pensión alimenticia de la esposa. Aplicación del derecho español en primera instancia. Aplicación del nuevo Código del Estatuto Personal marroquí (Mudawana, 2004), en apelación. *Revista española de derecho internacional*, vol. 58, n.º 1, enero-junio, 481-484.
- RUIZ-ALMODOVAR, C. (2005). *El Derecho privado en los países árabes : códigos de estatuto personal*. Granada: Universidad de Granada.
- SERRANO RUANO, D. (2007). Pluralismo legal en el mundo islámico contemporáneo. *Awraq*, n.º 24, 195-213.

TÍTULO: Traducción del derecho de familia islámico: problemas terminológicos y elementos socioculturales

RESUMO: A tradução jurídica do árabe requer o conhecimento de fatores que vão além do âmbito do estudo da linguística. Comparado a outros ramos do direito, de inspiração maioritária no direito do país colonizador à época, o direito privado dos países árabes tem uma inspiração dupla, recorrendo como fonte ao direito anglo-saxão ou ao direito continental para os factos que dependem da vida pública, enquanto que para a regulamentação da vida privada, recorre-se ao direito islâmico. Assim, os países de confissão maioritariamente islâmica adotaram-se de diferentes códigos de estatuto pessoal para regular os factos e atos jurídicos que regem as relações humanas. A assimetria entre os ordenamentos jurídicos suscita questões terminológicas, pois não existem equivalências terminológicas perfeitas e, em muitos casos, não há léxico na língua-alvo capaz de igualar as realidades socioculturais tão distantes, problema que se tenta resolver através de diversos mecanismos, como a cunhagem de neologismos, o uso de empréstimos, o recurso aos calcos, etc. Além disso, o processo de globalização supõe que a lei da família islâmica transcendeu fronteiras, deixando de ser o objeto de estudo dos arabistas para se tornar uma necessidade.

TITLE: Translation of the Islamic Family Law: Terminological Problems and Socio-cultural Elements

ABSTRACT: The legal translation of Arabic texts demands knowledge of elements outside linguistics. Compared to other branches of law, mainly influenced by the law in the colonising country at the time, private law in the Arab countries has a two-fold influence: common law or continental law as inspiration for public life matters, and Islamic law for the regulation of private life. As a result, countries with an Islamic majority adopted different personal status codes to regulate legal matters and acts which govern human relations. The asymmetry between legal systems raises terminology-related questions, as there are no complete equivalences and, in many cases, no vocabulary in the target language to match such distant sociocultural realities. Various techniques are used in an attempt to solve these issues, such as coining neologisms, using loan words, employing calques, etc. Furthermore, the globalisation process has led to Islamic family law crossing borders, making it now a necessity rather than just an academic subject for Arabists.

# How Much Hybridity Can Translation Tolerate? Hidden Translation in Intercultural Text Transfer (In News and Advertising Agencies)

Quanto Hibridismo é Tolerável em Tradução?

Tradução Oculta no Transfer Textual Intercultural  
(Em Agências Noticiosas e de Publicidade)

ANA MARIA BERNARDO\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Hibridismo, Globalização, Transedição, Transcriação.

KEYWORDS: Translation, Hybridity, Globalization, Transediting, Transcreation.

## 1. Conceptualizations of translation

Within translatology<sup>1</sup> and in the course of its development, from the second half of the 20<sup>th</sup> century onwards, the term translation has undergone several epistemic changes. Originally taken as a key word which asked for definition as the object of study of the new scientific field, it soon became associated with the controversial notion of equivalence, as defended by the linguistic approach (in particular Koller, 1979/2011). With the functionalistic approach

\* Universidade Nova de Lisboa/Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (Universidade Católica Portuguesa).

<sup>1</sup> In 1972, the Canadian scholar Brian Harris first coined the term *traductologie*, for which he was urged to create the term translatology as its English equivalent (Harris, 1988). Whereas the former designation imposed itself in the French speaking academic community, translatology was superseded by Translation Studies in the Anglophone one. However, the designation Translation Studies encompasses two different usages: broadly speaking, it comprises any research on translation, whereas in its narrow sense it refers to the cultural approach, mostly confined to literary translation under the influence of cultural and postcolonial studies. Probably as a reaction to this narrowing of the research scope, supporters of the functional approach to translation took up the designation translatology (in analogy with the German designation *Translatologie*), from the 1980s onwards, and in the 21<sup>st</sup> century it was resumed by Muñoz-Martin (2010), along with its cognitive paradigm, as cognitive translatology. Translatology has in the meanwhile become a widespread designation for the discipline, being used now not just by scholars of the functional and the cognitive approaches.

to translation, both the definition of the term translation and the term equivalence were relentlessly contested and subsequently neglected as themes of discussion worth pursuing (Pym, 1995). By introducing the concepts of assumed translation and pseudotranslation into the discussion, Descriptive Translation Studies (Toury, 1995/2012) also contributed to the erosion of questions concerning both the term translation and its centrality to the field. Finally, the cultural approach, under the influence of Culture and Post-Colonial Studies, went a step further by recurrently referring to the term translation in its metaphorical meaning, thus blurring its contours as a specific activity even further.

This internal disciplinary neglect of the term translation was also corroborated by external agents coming from the language and localization industries, which shared the same prejudice against the term translation (taken as exclusively associated with equivalence, or even faithfulness) and was aimed at imposing their technological tools on the translation process, thus *reducing the translational result* to a mere product, just as the designation text (either source or target) has also been eroded (Pym, 2010, p. 121).

As a result of the confluence of the above mentioned factors, both internal and external, many other designations of the translational activity have become current in translatology in the last four decades, according to the approaches and ideological stances for which they argue (as with rewriting and hybridity) and to the contexts in which they are inserted (as in the case of transediting and transcreation).

The translational process occurs in both transediting and transcreation, although mingled with a series of other textual manipulative actions such as merging different sources, cutting and adding information, reorganizing the textual structure, changing perspective according to the ideological agenda of the news stakeholders or the commercial strategic aim of the advertising company involved. As transediting and transcreation incorporate processes of textual reorganization (including translation) and result in textual blends, both the concepts of rewriting (Lefevere, 1985; Bassnett / Lefevere, 1998) and hybridity (Bhabha, 1994), which seem to lie at a higher level of abstraction, can shed some light into the practices involved in transediting and transcreation.

## 2.1 Rewriting

When declaring the need to recognize the influence of power exercised on the writing of literary texts, Lefevere (1985) attributed a central role to

translation as a means to uncover the shaping force of power: “[...] translation, like other forms of rewriting, plays an analysable part in the manipulation of words and concepts which, among other things, constitute power in a culture” (p. 241). Lefevere identified three main control factors (agents, patronage and poetics) which had not been sufficiently taken into account until then, but which should now be incorporated into the literary system, endowing literary works with both a different poetics and ideology. He therefore advocated an alternative paradigm for the study of literary texts, so as to account for its dynamics and evolution throughout time. As interpretation was no longer a key concept in literary studies due to its potential infinity, Lefevere (1985) coined the term rewriting, which encompassed reading, interpretation, criticism and translation, in order to analyse the constraints under which the writing of literature operates. According to Lefevere, beyond the constraints imposed by patronage and poetics, which have a bearing on interpretation and criticism, both the universe of discourse and natural languages influence any philological endeavour. Translation is not only submitted to the four constraints mentioned above, but also to those imposed by the source text (pp. 232-234), hence the need to retranslate some literary works.<sup>2</sup> Thus, Lefevere consistently regards translation “as [...] probably the most radical form of rewriting in a literature or a culture” (p. 241).

Although originally coined to be applied to literary translation, rewriting encompasses many other forms in different text types, such as news and advertising in the globalized era.

In the latter two cases, the constraints those texts are subjected to are cultural, ideological (in line with the prevailing ideology and values in a given society), intersemiotic (the interplay between text and image must comply with the function of the ad, so that the potential consumers may feel they are being addressed), textual (text worlds in which they enter in each culture and their specific textual conventions) and pragmatic (ads and news must be appealing within the target context). All these layers must be dealt with in intercultural text transfer.

<sup>2</sup> In the United States, the translations of Brecht’s dramas produced and prepared for Broadway, from the 1940s onwards, and the constraints they have gone through (due to strategies of manipulation and domestication) illustrate the need for retranslation (Lefevere, 1998 in Bassnett / Lefevere, 1998, pp. 109-122).

## 2.2 Hybridity

Still another feature of contemporary text worlds is their blended character, as functional criteria are superimposed on the textual activities. As a result, most texts are blends of different text types or genres. Thus it is no wonder that still other manipulative strategies occur when translation, which implies code switching, comes into play.

In contemporary translatology, the concept of hybridity is mainly applied in two domains: machine translation<sup>3</sup> and cultural postcolonial approaches to translation. The latter is relevant when considering transediting and transcreation, as both practices deal with international or transnational, globalized and/or localized communicative discourses, which have to be adjusted to a new audience that shares different values, expectations and interests in order to be understood and functionally accepted.

The conceptualization of hybridity undertaken by Bhabha (1994) has become most influential. Although using the term translation metaphorically and having a post-colonial setting in mind, Bhabha recognizes translation as the very texture of culture, involving discontinuity, negotiation and hybridity, and creating a Third Space of enunciation, a space beyond dichotomies where cultural differences can be discussed and located (pp. 45-56). Seen from this perspective, a translation encompasses some hybridity, as it creates a new textual representation, different from those of the source and target texts and their contexts. Bhabha deals extensively with the linguistic and cultural hybridization of postcolonial literature and that of migrant writers, but literature is not the only field in which hybridization occurs. Both by means of transediting and transcreation new hybrid texts are produced which derive from a blend of different textual strategies as to content, form, style, function and impact.

<sup>3</sup> In translation memories, some texts are previously submitted to a pre-analysis and only then translated by the machine. These are called hybrid texts (O'Hagan, 2011, p. 50). Also in machine translation, so-called hybrid systems operate with rule-based and corpus-based technologies in order to enhance better outputs. In such systems, linguistic rules don't need to be so complex as in a rule-based system, as they will be enhanced by the corpus-based methodology (Ping, 2011, p. 167).

### **3. Impact of globalization on translation**

Besides rewriting and hybridity as textual activities, external factors have been shaping the translation field, of which globalization is of paramount importance.

In fact, globalization has considerably changed our perception of the world and imposed a new conceptualization of ideas and a recasting of social relations. These changes were fostered by technological innovations, which had an enormous impact on news texts and translations (Conway / Bassnett, 2006, p. 6). One has to bear in mind that the networks which allow people from rather different parts of the world to be connected (beyond boundaries of space and time, which get compressed) is only possible through language, or rather, different languages. Therefore, translation is and will be an essential link in the information flow in which we are immersed into. The constraints imposed on this global interconnectedness – the preeminence of the global through the erosion of the local, high speed (if not real time) creating a sense of instantaneity and competition among several sources (every news service wants to be the first to report “breaking news”) – are inflicted on those professionals who work in the fields of news and advertising agencies.<sup>4</sup>

When looking closer at the relation between translation and globalization, several paradoxes come to the fore. Firstly, the enormous amount of information that enters communication flows is consumed more and more quickly, mostly in real time. Although this information frequently needs to be translated, translation is often taken for granted and unproblematic, in other words, it goes unnoticed, as if performed by an invisible hand. And yet without the translator’s mediation much information would not reach such large audiences. Unfortunately, the translator’s role is underestimated or even ignored.

As texts that enter the communication flow enabled by the new technological devices come from quite different cultural contexts, their translation asks either for domestication (adjustment to the new target audience, their conventions, interests and needs) or at least for localization, particularly in the cases of news and advertisements. Theoretically, both strategies would enhance local cultural and linguistic differences. However, as the translation is mainly carried out into English (even if this Newspeak has been largely decontextualized out of its original cultural background), this circumstance ends up by reinforcing

<sup>4</sup> For a more comprehensive understanding of the influence of globalization on translation, see Biesla / Bassnett, 2009.



Anglo-American ethnocentrism, or rather, a new kind of imperialism, by means of which cultural and linguistic specificities of languages other than English are obliterated from global discourse.

Translation is also the field in which the tension between the global and the local inevitably shows. In news agencies, the target message can represent a rewriting of informational material gathered from several different sources, which reinforces the hybridity of translation and ultimately makes the concept of source text problematic, in as much as the piece of news presented to the readers is the result of the assemblage of chunks from different textual sources put together by the editor according to extra-textual factors (political or editorial agenda, particular group interests). In advertising, the target audience would like to receive ads in their own language. However, very often localization is not enough. Therefore, the adjustment of discourse to the new target readers (i.e. markets) also implies some kind of hybridization, as the conflicting conventions of source and target contexts lead to a recreation of the visual and textual material in order to achieve the same impact on consumers.

Embedded as we are in a globalized world, we hardly notice the tremendous impact new technological innovations have had both on translation and on news and advertising agencies, in particular. If one compares a printed newspaper or an advertisement with their online versions, the differences are obvious. And if the advantages of the latter (high speed, real-time information, huge audiences, possibility of immediate response) are also evident, one must ponder which constraints these new information vehicles have imposed upon journalistic and the advertising discourse.

When comparing a printed newspaper with its online version, constraints in both content and form are well-known.<sup>5</sup> Besides the amount of information communicated and the order chosen to transmit it, there are others constraints which affect the selection of news and which are superimposed on translators by global news agencies, such as the ideological stance of the news service and the gate-keeping processing,<sup>6</sup> which function as a kind of filter. On certain

<sup>5</sup> In the former, there is more space to develop a story in some detail from beginning to end, inserting it within its context and choosing which page it should be inserted into, whereas in the latter only the core information is presented in an easily intelligible and concise way.

<sup>6</sup> Editors in a newspaper acts as gate keepers as they ponder not only the newsworthiness of a story, but also evaluate it in as far as it is worth following up. Theoretically, translators working in a news agency could also function as gatekeepers, but they are seldom allowed so much power. Given the increasing number of fake news items, this gate-keeping

occasions, the editor of a newspaper has to ponder whether to release the news immediately or rather hold it back until a situation has been clarified.

Online global news also tends to be much more homogeneous in form and style than its printed version. The recognition of different text types (editorial, report, article) is also more complex in digital media, and the techniques of foregrounding and backgrounding are not so evident in digital media. Interviews tend to be edited, i.e., synthesized and cropped.

#### **4. Transediting**

As a first point of interest, let us consider the preferred designation of the agents involved in global news agencies, as this is telling not only about their self-image but also about the underlining concepts (and prejudices) involved in their activity. In a journalistic context, the term translation is met with suspicion and irrevocably associated with faithfulness and literal, word-for-word rendering and as such as something to be avoided.<sup>7</sup> In turn, those working in news agencies prefer to be called ‘international journalists’ rather than ‘translators’ (Conway / Bassnett, 2006, pp. 5-6), thus contributing to the invisibility and seeming transparency of translation as part and parcel of news editing,

However, one has to concede that the term transediting which has imposed itself in this domain, approaches the range of activities involved in a much more appropriate and comprehensive manner. It was first put forth by Karen Stetting in 1989 as “a new term for coping with a grey area between editing and translating” (p. 371).

Although initially inserted in a context of English language learning, Stetting’s paper illuminates the translator’s mixed textual practices both as translator and as editor which are undertaken in news agencies. Stetting identifies five situations which draw on transediting:

1. Shortening of text passages for subtitling;
2. Making the text of an interviewed politician idiomatic and well-structured;

strategy has seemingly decreased, if not been abandoned altogether. See Hautanen, 2006, p. 108 and Gambier, 2006, p. 13.

<sup>7</sup> The same prejudice can be felt in the advertising market, which resorts to the designations of localization, adaptation, rewriting or transcreation in order to avoid the term translation (Baker, 2011, p. 7). Along the same line of thought, in many definitions of localization the term ‘text’ is often replaced by ‘product’ (Pym, 2010, p. 121).

3. Cleaning up inadequate manuscripts;
4. Journalists drawing on material in other languages for writing their own texts;
5. Extracting information from various documents for producing promotional company material in another language.

(Stetting, 1989, pp. 373-374)

Both the needs of the target audience and the responsibility towards the original intention compel the translator to become a transeditor, that is, to make changes that are at times necessary and legitimate, according to the editorial guidelines prevalent in the news agency in question. Stetting distinguishes three specific domains in which transediting is required:

1. Adaptation to a standard of efficiency in expression: “cleaning-up transediting”
2. Adaptation to the intended function of the translated text in its new social context: “situational transediting”
4. Adaptation to the needs and conventions of the target culture: “cultural transediting.” (Stetting, 1989, p. 377)

Bearing in mind the specific constraints every transeditor is subjected too in a globalized context of news agencies, the above-mentioned domains exactly fit the tasks translators are required to perform. In fact, their tasks include rewriting of the textual material in different forms and at several stages – cutting or expanding information derived from different sources which also diverge in quality, structuring the new text according to the textual and stylistic conventions of the target text type as well as to the text function and receptors’ needs.<sup>8</sup>

However, the main question here is whether or not other pragmatic changes come to the fore which may alter the perlocutionary act intended by the sender of the text in this process of ameliorating a poorly written text, turning it into a semantically acceptable and understandable one. These shifts can be either fortuitous or intentional ones, according to the degree of freedom allowed the translator and the editorial guidelines of the news agency. Nowadays the reading public has become more and more aware of context and practices which are usual at a newspaper (political correctness, fake news), such that any journalist seems to be entitled to introduce such shifts in line with the editorial policy or according to marketing strategies without having to assume responsibility

<sup>8</sup> For a more in-depth analysis of the press translation process see Bani, 2006, Bielsa, 2007 and Schäffner 2012.

for the contents or the consequences of the news, as the aims to entertain (infotainment) and to mould public opinion have become paramount.

## **5. Transcreation**

Originally a blend of 'transcendental' and 'creation' to designate the first translations of classical religious works among Indian languages, the practice of transcreation pursues two aims in this context: diffusion and interpretation of ancient sacred texts for the modern contemporary reader and its aesthetic re-elaboration in a new context which demands a fluent text. This holistic approach comprises a whole array of textual techniques including commentary and alteration of the paragraph order, for instance, so as to produce a text which is both intelligible and appealing to the target reader. Gopinathan clarifies this as:

The creative translations of the ancient Sanskrit spiritual texts into modern Indian languages are generally termed 'transcreations'. The term 'transcreation' [...] is applicable to the whole tradition of creative translation of great classics [...] from Sanskrit into the regional languages of India.[...] Transcreation, understood in this context as a rebirth or incarnation (avatar) of the original work, can offer a solution for the problems of culturally oriented literary texts. In a general sense, the practice can be defined as an aesthetic re-interpretation of the original work suited to a new target-language audience. The re-interpretation is done with a certain social purpose and is performed with suitable interpolations, explanations, expansions, summaries and innovations in style and technique. (Gopinathan, 2006, pp. 236-37).

Under the influence of a post-colonialistic stance, transcreation of literary texts underwent a revival in the 20<sup>th</sup> century by Indian scholars and was taken up once again in Brazil by the brothers Haroldo and Augusto de Campos in the 1970s.

Nowadays, the world of advertising has grasped the term transcreation to apply it to pragmatic text types such as advertisements as an innovative translational strategy, or more precisely, a service to be provided to clients who wish to sell their products or services in one or more target contexts.

Publicity agencies which promote transcreation (included in a strategic marketing project) tend to emphasize the organizational aspects involved in this specific type of communication, above all the creative component

embedded in the workflow. The final aim is that the ad should produce the same cultural and commercial impact in the target market. Therefore, project management has to be negotiated among the different agencies (creative agency of the original advertising campaign, production agency and translation agency) this involves.

In order to achieve the same goal in the target context as regards the commercial, marketing value of the products to be sold, the transcreator must be extremely aware of target culture specifics, as a high level of sensitivity is required so as to adjust the message and possibly the layout of the ad to meet the demands of the new audience. Linguistic reproduction is often not successful and even a functional translation (by means of which the translated ad may function as if originally written in the target language) does not necessarily ensure a similar pragmatic impact in the target ad. The transcreator has to take many more aspects into consideration such as, for instance, rhymes whose sounds may evoke unexpected negative resonances, specific connotations of colours or animals in different regions of the globe, alliterations that are not catchy in the target market, semantic and pragmatic discrepancies in different cultures that share the same language (French in Canada, Spanish in Latin America and Portuguese in Brazil), specific registers associated with the target consumers and taglines that are too dull or inexpressive, among other pertinent cases.<sup>9</sup> As such, transcreation sets even higher demands on the translator/transcreator than mere localization, as it very often involves not a mere reproduction of the source ad but the creation of a new message which can make the product or service accepted as an efficient brand in the target culture.

## 6. Concluding remarks

Despite all the different modes translation may assume in the course of globalization, as in transediting and transcreation, several conclusions can be advanced. First and foremost, translation is needed in global communication and should be recognized as a specific skill that asks for an array of competences (cultural, linguistic, textual, pragmatic and intersemiotic) and as such should be professionally and socially recognized.

<sup>9</sup> See Humphrie et al. (2011) for more examples of less successful translations and more successful transcreations.

Localization, domestication and hybridization are strategies that derive from that overall competence the translator activates in news and advertising agencies, leading to specific options according to the context at stake and in association with other agents involved in these areas (journalists, editors, project managers, ad producers, clients), bearing in mind the differences between informative (news) and appellative text types (ads), even in cases of reciprocal contamination.

As a result of the blended textual practices in news agencies, the ideological agenda of each corporation gets merged into the news which is going to be broadcast. Moreover, the fact that in many news agencies the information flow occurs in the *lingua franca* English leads to, a new text type arising, a kind of global discourse which tends to impregnate a specific world view to quite different kinds of reality and which is becoming more and more standardized across the world, leaving some specific cultural characteristics aside, or letting them appear as marginal, as these do not fit the standardized Anglo-Saxon pattern. This also means that English becomes more and more influential, whereas other languages become more and more peripheral in the course of globalization. What is more, journalistic rules (relevance, mainstream trends, their role as opinion makers) impose themselves on the treatment of the reported subject matters.

In both cases, textual hybridity reinforces hegemonic (instead of liberating) manipulation as purposes, content and function can be changed in order to fit a globalized pattern of opinion and consumption. By creating new designations – transediting, transcreation – and incorporating translation into other textual and semiotic processes, the contours of translation are blurred, its limits become fuzzy, its technical specificity and cultural importance downgraded and consequently underpaid. The social status of translators is more and more reduced, as society does not acknowledge their role in intercultural transfer practices.

However, a crucial difference between transediting and transcreation must be emphasized: whereas in transcreation hybridity serves a legitimate purpose so that the target text has an analogous impact on the target market, in transediting news tend to be highly standardized and uniform (if not wholly manipulated, as in the case of fake news), with a probable obliteration of every type of discourse which does not fit the main stream ideological line, thus establishing a kind of segregation.

Instead of ensuing the Third Space of emancipatory impact as argued for by Bhabha, translation (as it is nowadays practiced in news agencies and advertising campaigns) reinforces main-stream hegemonic, corporative, monopolistic

thinking, leaving no space for any other kind of oppositional representation. Translators in news and advertising agencies are thus mostly deprived of the potential cultural and political capital which translation could introduce into the heterogeneous social communities to which news and ads are addressed. Moreover, translation faces a paradoxical situation in the context of globalization: the greater amounts of texts which are translated, mainly into English (which makes this language an information-rich one), the more and more superfluous translation into other languages becomes. As a consequence, so-called minority languages lose their power as a symbolic cohesive force in their local communities and translation gets deprived of its resistance (and economic) potential.

## References

- BAKER, M. / SALDANHA, G. (eds.). (2011). *Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York: Routledge.
- BANI, S. (2006). An Analysis of Press Translation Process. In K. CONWAY & S. BASSNETT (eds.), *Translation in global news* (pp. 35-45). Coventry: University of Warwick.
- BASSNETT, S. / LEFEVERE, A. (1998). *Constructing cultures. Essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters.
- BHABHA, H. K. (1994). *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- BIELSA, E. (2007). Translation in global news agencies. In *Target*, 19(1), 135-155.
- BIELSA, E. / BASSNETT, S. (eds.). (2009). *Translation in Global News*. London and New York: Routledge.
- CAIE, G. / HAASTRUP, K. / JAKOBSEN, A. et al. (eds.) (1989). *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*. Copenhagen: Department of English, University of Copenhagen.
- CONWAY, K. / BASSNETT, S. (eds.). (2006). *Translation in Global News*. Proceedings of the Conference held at the University of Warwick 23 June 2006. Coventry: University of Warwick.
- GAMBIER, Y. (2006). Transformations in International News. In K. CONWAY & S. BASSNETT (eds.), *Translation in Global News* (pp. 9-21). Coventry: University of Warwick.
- GOPINATHAN, G. (2006). Translation, Transcreation and Culture. Theories of Translation in Indian Languages. In Th. HERMANS (ed.), *Translating Others* (pp. 236-246). Manchester: St. Jerome.

- HARRIS, B. (1988). What I really meant by “Translatology”. In *TTR* 1, (2), pp. 91-96. <https://doi.org/10.7202/037022ar>
- HAUTANEN, S. (2006). The work process of a correspondent: a case study in translation sociology. In K. CONWAY / S. BASSNETT (eds.), *Translation in global news* (pp. 105-111). Coventry: University of Warwick.
- HERMANS, Th. (ed.). (1985). *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London and Sydney: Croom Helm.
- HERMANS, Th. (ed.) (2006). *Translating Others*. Manchester: St. Jerome. Vol.1.
- HUMPHRIE, L. / BRADLEY, J. / SOMERS, A. / GILPIN, G. (2011). *The Little Book of Transcreation*. London: Mother Tongue Ltd.
- KOLLER, W. (1979/2011). *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg / Wiesbaden: Quelle & Meyer. [2011- 8<sup>th</sup> edition Wiebelsheim: Quelle und Meyer]
- LEFEVERE, A. (1985). Why Waste our Time with Rewrites? The Trouble with the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm. In Th. HERMANS (ed.). *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation* (pp. 215-243). London and Sydney: Croom Helm.
- MUÑOZ-MARTÍN, R. (2010). On Paradigms and Cognitive Translatology. In G. SCHREVE / E. ANGELONE (eds.). *Translation and Cognition*. (pp. 169-187). Amsterdam: John Benjamins.
- O'HAGAN, M. (2011). Computer-aided translation. In M. BAKER / G. SALDANHA (eds.). (pp. 48-51). London and New York: Routledge.
- PING, K. (2011). Machine Translation. In M. BAKER / G. SALDANHA (eds.). (pp. 162-169). London and New York: Routledge.
- PYM, A (1995). European Translation Studies, ‘une science qui dérange’, and why equivalence needn't be a dirty word. In *TTR*, VIII (1), 153-176.
- (2010). *Exploring Translation Theories*. London and New York: Routledge.
- SCHÄFFNER, Ch. (2012). Rethinking Transediting. In *Meta*, 57(4), 866-883. doi:10.7202/1021222ar.
- STETTING, K. (1989). Transediting – a new term for coping with the grey area between editing and translating. In G. CAIE / K. HAASTRUP / A. JAKOBSEN et al. (eds.), *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies* (pp. 371-382). Copenhagen: Department of English, University of Copenhagen.



TÍTULO: Quanto Hibridismo é Tolerável em Tradução?

Tradução Oculta no Transfer Textual Intercultural (Em Agências Noticiosas e de Publicidade)

RESUMO: Num mundo marcado por um constante e avassalador intercâmbio comunicativo, no qual as especificidades linguísticas e culturais tendem a ser substituídas por tipos de discurso globalizado, torna-se imperioso perscrutar as alterações a que a tradução se submeteu, com particular relevância para as áreas das agências noticiosas e publicitárias internacionais, nas quais assumem particular importância questões de poder e de manipulação e onde o papel do tradutor sofreu profundas alterações. Estas não podem ser cabalmente compreendidas em termos de dicotomias bem definidas (domesticação vs. estranhamento, globalização vs. localização). Trata-se antes de mesclas, formas mistas de hibridização (a transedição nas agências noticiosas internacionais e a transcriação em agências publicitárias). Nas primeiras, os jornalistas realizam diversas intervenções nos textos a que se dá o nome de transedição. Nas segundas, de acordo com o princípio do marketing estratégico, o objectivo é o de proceder à adaptação cultural do anúncio a diferentes contextos, mantendo o mesmo impacto, estilo e tom do original.

Em ambos os casos, a tradução constitui uma parte substancial das intervenções textuais, embora permaneça oculta e seja considerada como negligenciável. Este artigo tenta clarificar algumas das implicações destes dois tipos de reescrita que revelam um grau apreciável de hibridismo.

TITLE: How Much Hybridity Can Translation Tolerate?

Hidden Translation in Intercultural Text Transfer (In News and Advertising Agencies)

ABSTRACT: In a world of swift and overwhelming communication exchanges, in which linguistic and cultural specificities tend to be replaced by globalized types of discourse, it is crucial to scrutinize the subtle changes undergone by translation. This is particularly significant in the areas of international news and advertising agencies in which questions of power and manipulation come to the fore and the translator's role has undergone substantial changes. These cannot be appropriately understood in terms of clear-cut dichotomies such as domestication vs. foreignization or globalization vs. localization. There is rather a confrontation involving blends, mixed forms of hybridization (transediting in international news agencies and transcreation in advertising). In news agencies journalists perform multilayered interventions on texts known as transediting. In advertising agencies, according to the principle of strategic marketing, the goal is the cultural adapting of the ad to different contexts, by keeping the same impact, style and tone.

In both cases, translation forms a considerable part of the textual interventions, although it remains hidden and is often taken for granted and considered as insignificant. This paper aims at clarifying some of the implications entailed by the two kinds of rewriting, which show a considerable degree of hybridity.

# **(Inter/Cross/Trans)Mediality, Appropriation and Subjectivity: Translational Approaches to Transmedia Storytelling**

## **(Inter/Trans)Midialidade, Apropriação e subjetividade: Opções tradutivas em Transmedia Storytelling**

VANESA CAÑETE-JURADO\*

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa transmédia, Tradução, Apropriação, Transmidialidade, Disseminação, Adaptação.

KEYWORDS: Transmedia storytelling, Translation, Transmediality, Media, Dissemination, Adaptation.

### **Towards a definition of transmediality**

In recent years, the ubiquitous development of intricate and challenging narratives across a variety of proliferating platforms and formats has attracted the attention of significant studies focusing on a wide variety of implications for audiences' perceptions, media transformations, and market segmentation (Jenkins, 2006; Freeman, 2016; Yılmaz / Erdem / Resuloğlu, 2018). The increasingly expanding practices of juxtaposing and weaving different media to augment meanings and narratological devices allows for an exploration of alternative viewpoints on hybridization, authorship, and cultural production in a broader sense. The success and notoriety of modern examples such as *The Walking Dead*, *The Lord of the Rings*, *Harry Potter*, or *The Matrix*, highlight the relevant role that cohesive narrative experiences spread across multiple media environments play in contemporary culture. The proliferation of adjacent, yet differentiated theoretical perspectives that have emerged to explore these phenomena, such as intermediality (Rajewsky, 2005; Wolf, 2008) or crossmediality (Trifonas, 1998), have given an insight into the intricacies and complexities revealed by any transmedia occurrence. Whilst appreciating the fruitfulness and enriching debates surrounding such explorations of mediality, recent studies (Dusi, 2016; Thon, 2016) have called for a broad, integrative

\* Department of World Languages and Cultures, University of Nevada Las Vegas (United States).

approach with the capacity to encompass this multiplicity of interdiscursive practices: “the current screen culture of intermediality, transmediality, crossmediality and remediation requires a reconfiguring of divergent theoretical approaches (...) in order to explore the convergence of perspectives that are currently often segregated, separated by virtue of different objects of investigation” (Verhoeff, 2012, p. 16).

In line with this current of thought, the concept of transmediality has been defended by a number of scholars (Kalogeras, 2014; Freeman, 2016) as an encompassing theoretical construct through which the different interests at stake can be explored and analyzed. Despite having been subject to a plethora of greatly varying definitions since Marsha Kinder (1991) first introduced the term to allude to the existence of “commercial transmedia supersystems” (p. 38) in children’s entertainment, consensus exists amongst contemporary scholars who conceive transmedia storytelling, as defined by Henry Jenkins (2007), as “a process where integral elements of a fiction get dispersed systematically across multiple delivery channels for the purpose of creating a unified and coordinated entertainment experience”. As such, the emergence of new media technologies in recent decades has paved the way for innovative ways to create narrative content whilst exponentially increasing engagement and participation on the part of audiences and consumers. Furthermore, Alfonso de Toro (2018) defines transmediality as “a) a hybrid phenomenon of friction and tension, b) an aesthetic-operative concept, c) a process in which the media involved each remains autonomous and visible, d) a process in which the reciprocal relation is not functionalized or subordinate to other media, e) a process that serves to interrupt the fictional illusion, and that also serves f) as a metamedial function, helping reveal the media processes and steer the attention of the spectator to the construction of the artefact” (p. 52). Considering such enumeration of criteria, it could be argued that diverse manifestations of transmedia experiences could be found throughout history (Scolari / Bertetti / Freeman, 2014; Thon, 2016). Nonetheless, the unprecedented conjunction of new media, expansive technologies, market trends, and cultural tenets in today’s society brings to the forefront the sociological relevance of contemporary transmedia projects as epitomes of representation and adaptation against the background of marketing practices and cultural citizenship, particularly if we consider the itinerancy that such products experience when transferred to a new target culture and language via translation, and how this new communicative context may impact the audience’s experience.

## **Translating transmedia experiences**

Despite the acknowledgement of the complex array of mechanisms of influence and control exercised by the cultural industry in the production of transmedia projects and their international distribution, the possibility of developing a theoretical framework to explore different approaches to the translation of transmedia narratives has remained relatively unexplored until recently. Contrarily to this, the increasingly participatory role of audiences and fandom in the expansion of narratives is affecting the dynamics of cultural dissemination and translation strategies that are needed in order to face the challenges of an ever-changing industry (Remael, 2010).

Scholars have repeatedly acknowledged the multidimensional role that audiences can adopt in the today's media landscape, not only as consumers, producers, or even prosumers, but also as products (Fuchs, 2010; Napoli, 2010). This rethinking of audience participation has spawned an interest to reevaluate mainstream engagement initiatives in juxtaposition with concepts such as access or interaction (Carpentier, 2011) in an attempt to better understand the interrelationships between distribution channels, modes of production, and consumption patterns. The transformative potential of media divergence is shaped by audience intervention in fluid, participative environments (both analog and digital), which could be reminiscent of Zygmunt Bauman's (2000) explorations of "liquidity" in contemporary society, where mobility, transformation, and fluidity are inexorable.

Similarly, the strategies developed in the media marketplace in order to expand and enhance the involvement and engagement of the audience underscore the complex network of interrelationships among a network of media industry stakeholders (users, providers, investors, institutions, influencers, etc.). The participatory nature of transmediality is intrinsic to the proliferation of communication channels where creative reworkings of a certain story can be produced, developed, shared, and exchanged so as to provide audiences with completely tailored cross-channel platforms designed to maximize engagement and media consumption, regardless of the languages and contexts of production.

The very restrictive assumption of invisible "translation" generally presumed in the cultural industry runs counter to contemporary thinking in Translation Studies, which has moved away from analyzing translation on the basis of strictly linguistically motivated equivalences. By contrast, contemporary research has paid increasing attention to the broader cultural, social, and political contexts in which translation takes place, as well as the reception,

function, and historical conditioning of translation in the target culture, especially in the case of processes of transculturation and appropriation. If, as Sherry Simon (1992) argues, “translation is not only the appropriation of previously existing texts in a mode of vertical succession; it is the materialization of our relationship to otherness, to the experience –through language– of what is different” (p. 160), any decision made to convey the meaning of a source text in a different language will invariably result in self-representation. In the case of transmedia storytelling, attention has shifted to the idiosyncrasies of each medium in question, with special emphasis being paid to audiovisual translation (Abend-David, 2014; Esser / Smith / Bernal-Merino, 2016), literary translation (Kerchy, 2018), and game localization (O’Hagan / Mangiron, 2013).

Concepts such as “patronage” (Lefevere, 1992), “polysystem” (Even-Zohar, 1990), “domestication”/“foreignization” (Venuti, 1995) have been long established in Translation Studies to acknowledge the effect of distinctive participants (publishers, production companies, developers, agents, publishers, etc.) in the manipulation (intentional or not) of the final product during the translation process. However, such assessments have so far been developed within medium-based taxonomies of translation. In a certain way, this approach mirrors professional attitudes in the cultural industry, which stresses heavily the importance of very practical issues related to timely delivery, consistency, efficiency, and technological constraints.

### **Transmedia translation in Spain and the United States**

The hegemonic role of the United States as primary media and content producers seems to have been contested in recent years due to a significant shift in export patterns within the international mediascape (Bielby / Harrington, 2008; Gershon, 2013; Thussu, 2018). Although US-produced content continues to occupy a privileged position in the global marketplace, emerging domestic markets have of late begun to reconfigure the paradigms of consumption by diluting the salience of national borders.

The bilateral circulation of media content between the United States and Spain can illustrate the mediating factors that influence the global circulation of transmedia products in translation. Although domestic productions have boomed in the Spanish territory in the last decade, the audiovisual market in Spain is still by and large dominated by foreign fiction, imported mostly from the United States (Francés i Domènec / Llorca Abad, 2012). Spanish audiences

have grown accustomed to enjoying transmedia franchises in a wide range of translation modalities (subtitling, dubbing, closed captioning), up to the point that it is already possible to speak of a “canon” of transmedia fiction (Scolari, 2014, p. 73), especially in the case of major titles.

In such a scenario, the translated work can be analyzed as a product in itself that has already been integrated into the target polysystem. This approach to translated transmedia content in Spain eliminates the traditional perception that any translation is an inferior, derivative copy and helps to broaden transmedia research horizons since it underlines the need to incorporate the translated products into the study of any transmedia world.

The success of modern transmedia franchises in Spain could be explained by the complex design techniques that production companies implement with the aim to ensure user engagement and participation both intellectually and emotionally. This delicate negotiation in turn calls for translators’ creativity in conveying the right message while they operate under a set of restrictions, further exacerbated by the ever-present time pressure. Despite the temporality factor (i.e. not all the elements in transmedia storytelling may be released at the same time), the final experience of a transmedia franchise is defined not only by the sum of its elements, but rather as a “constellation of texts and works” (Gioagnoli, 2011, p. 77) that requires the development of “emotional links between brand and consumers by means of interaction, interactivity and long term communication” (Tosun / Donmez, 2018, p. 351). This premise provides translators with unexpected levels of creative freedom to tackle technological and narratological challenges that are not commonly found in technical translation (Mangiron / O’Hagan, 2006, p. 20).

For instance, when George R. R. Martin’s saga *A Song of Ice and Fire* (1996–) was first brought to Spain, the translation project was commissioned to Cristina Macía, sole translator of the epic novels published until now. The translator has freedom to make any amendments to canonical names as she deems necessary in order to enhance the reader experience. The character of Gilly, a windling girl and daughter of the abusive Craster, maintains her name, whose name derives from “gillyflower”, is known as Elf in the Spanish translations in reference to “alhelí”, potential equivalent of gillyflower into Spanish. Since a glossary containing the translated terminology used in the novels (toponyms, anthroponyms, among others) was produced and available, the creative team in charge of dubbing and subtitling the TV show *Game of Thrones* (HBO, 2011– ) into Spanish, Francisco Vara and Antonio Villar, translator and director, respectively, have incorporated those decisions on screen.

In conjunction with more traditional translation strategies, such as borrowing (Vinay / Darbelnet, 2004, p. 129) or transposition (Vinay / Darbelnet, 2004, p. 132), a new range of approaches such as versions or remakes (Loock / Verevis, 2012; Heinze / Kramer, 2015), more aligned with active mediation and intervention, has gained ground in recent decades in the transmedia arena. This emancipation from the strict impositions of literality, while not entirely exempt from criticism, has given rise to a number of debates calling into question the translator's agency in the contemporary media market.

### **Redefining translation agency**

In direct opposition to the expectation of invisibility detected by Lawrence Venuti (1995) within a system that rewards domestication, new paradigms have brought to the forefront the role that translators have as active decision-makers. Pierre Bourdieu's notion of "agency" in particular has been useful to raise awareness about the social and cultural nature of translation as well as the cultural, historical and political specificity of translation practices. In this particular context, "translating (...) becomes a matter of being conscious of the links between knowledge and power, between words and things, between processes of text production and their meanings, between translation and authorship. Translators and interpreters must fix ethical political itineraries that question the dominant power without themselves becoming centres of power" (Vidal Claramonte, 2005, p. 271).

On the other hand, the complex dynamics associated with any transmedia project questions the very nature of the figure of the translator as a single entity. Taking into account the intricate conglomerate of corporations and enterprises that intervene in the creation and development of a specific universe, the notion of translator-as-individual increasingly ceases to be relevant and is slowly evolving into a collective body comprised of different stakeholders (project managers, editors, engineers, etc.). Indeed, sociological approaches to translation have highlighted the significance of broader factors at stake in the dynamics of translation as a collaborative endeavor (Cordingley / Frigau Manning, 2016).

A good example can be the translation J. K. Rowling's saga of Harry Potter books in Spain. Although the different volumes in the series were translated into Spanish by different individuals (Alicia Dellepieane Rawson, Nieves Martín Azofra, Adolfo Muñoz García, and Gemma Rovira Ortega), Emecé Editores/ Salamandra was the publishing house responsible for ensuring terminological



consistency inasmuch as possible, which in certain cases diffculted translation decisions as the universe was expanding (Valero Garcés, 2006). It must be noted that such rigorous oversight can be the result of applying strict agreements of marketing, trademark, and licensing. For example, once the Harry Potter film franchise started, Warner Brothers decided to stipulate in the translators' contracts the requirement to include the already-established names of characters and places in each country so that the company could "distribute the films, computer games and other merchandise all around the world with the names everyone recognizes" (Fries-Gedin, 2002, as cited in Brøndsted and Dollerup, 2004, p. 58).

Moreover, fidelity to pre-existing translations is not always a deciding factor in transmedia universes. The names of Marvel/DC comic book characters were originally translated in Spain in the 1960s through transposition or word-formation mechanisms. Thus, *The X-Men*, series published in the United States since 1963, was known in Spain as *Patrulla-X*. Once the film franchise was launched by 20<sup>th</sup> Century Fox in 2000, characters were only known as X-Men in Spain henceforth. Similar were the fates of Doctor Strange (originally known as Doctor Extraño), Avengers (Los Vengadores), or Hulk (La Masa). Among the possible reasons for this change, in addition to marketing techniques and globalization, Isabel Balterio (2010) identifies online fandom, since avid fans "are very likely to have access to the original version even before it is translated (...): as can be observed from forums, readers are waiting for the appearance of further issues from their favourite characters" (p. 49).

Arguably, the issue of agency in transmedia products should incorporate the active engagement of fans, users, and consumers through participatory initiatives that have proliferated lately thanks to the advent of collaborative platforms and social networks. The impact of user participation in the development of transmedia storytelling is twofold. Firstly, the audience is now able to become active contributors in the unfolding of transmedia narratives across different platforms. This, in turn, exposes the product to new levels of collective engagement in the milieu of "co-creative media", where "neither developers nor players can be solely responsible for production of the final assemblage regarded as 'the game', [since] it requires input from both" (Morris, 2003, as cited in Dovey / Kennedy, 2006, p. 123). The TV show *Mad Men* (2007-2015), broadcast by AMC, released in 2015 "The Complete *Mad Men* Fan Companion", an online marketing tool designed to promote its last season that enabled viewers to "discover the real story behind some of the most memorable ad campaigns and relive characters' most defining moments with imagery and



quotes” (Clark, 2015). Besides being a reference platform where fans could unlock previously unexplored plotlines, the site enabled users to enjoy a fully immersive experience where they could “relive” rather than simply “watch” certain events. On the other hand, the agency of audience members can be understood in terms of “user-generated translation” (Perrino, 2009, pp. 62-63), which would include communities, wikis, glossaries, volunteer websites, etc., run by active networks of users in order to produce translations in different languages of their beloved products, or “crowdsourcing” (Jiménez-Crespo, 2017), “a practice firmly grounded in the participatory nature of the Web 2.0 (...) used by businesses, organizations, institutions, or collectives to harness the wisdom of the crowd (...) to accomplish any given task” (p. 13). What these new initiatives highlight is that translation practices are continuously growing and evolving in order to better respond to the intertextual challenges posed by cross-platform cultural practices.

### **Final considerations**

Similarly to the ways that transmediality challenges our preconceptions of what a storyworld entails, the translation of transmedia products invites us to reconsider the role and responsibilities of translators today. Collaboration, interdependency, and self-reflection have become crucial to navigate successfully the rapidly changing world of media and cultural entertainment.

The emergence of transtexts have offered the possibility to increase the visibility of the different agents involved in the production and dissemination of stories through immersion and augmentation. If this is to be achieved on an international scale, however, new approaches are needed to ensure that proper translation and localization strategies are methodically implemented with the aim to respect both the peculiarities of each medium involved and the idiosyncratic universe created. Consequentially, the development of future translation training programs will have to be readdressed “to prepare the profession for a dynamically changing (...) entertainment field in which media boundaries are increasingly blurred” (O’Hagan / Mangiron, 2013, p. 75).

### **Bibliographical References**

ABEND-DAVID, D. (ed.). (2014). *Media and translation: An interdisciplinary approach*. London/New York: Bloomsbury.

- BAUMAN, Z. (2000). *Liquid modernity*. Cambridge: Polity.
- BIELBY, D. D. / HARRINGTON, C. L. (2008). *Global TV: Exporting television and culture in the world market*. New York: New York University Press.
- BRØNDSTED, K. / DOLLERUP, C. (2004). The names in Harry Potter. *Perspectives*, 12(1), 56-72, DOI: 10.1080/0907676X.2004.9961490.
- CARPENTIER, N. (2011). *Media and participation: A site of ideological-democratic struggle*. Chicago: Intellect, The University of Chicago Press.
- CLARK, C. (2015). *The complete Mad Men fan companion is here*. URL: <https://www.amc.com/shows/mad-men/talk/2015/04/the-complete-mad-men-fan-companion-is-here/>.
- CORDINGLEY, A. / FRIGAU MANNING, C. (eds.). (2016). *Collaborative translation: From the Renaissance to the digital age*. London: Bloomsbury.
- DOVEY, J. / KENNEDY, H. W. (2006). *Game cultures: Computer games as new media*. New York: Open University Press.
- DUSI, N. M. (2016). Intertestuale, intermediale e crossmediale, e il gusto dell'inatteso, in *Breaking Bad. Between*, 6(11), 1-47.
- ESSER, A. / SMITH, I. R. / BERNAL-MERINO, M. Á. (eds.). *Media across borders: Localising TV, film and video games*. New York/London: Routledge.
- EVEN-ZOHAR, I. (1990). Polysystem Theory. *Poetics Today*, 11(1), 9-26.
- FRANCÉS I DOMÈNEC, M. / LLORCA ABAD, G. (eds.). (2012). *La ficción audiovisual en España: Relatos, tendencias y sinergias productivas*. Barcelona: Gedisa.
- FREEMAN, M. (2016). *Historicising transmedia storytelling: Early twentieth century transmedia story worlds*. New York: Routledge.
- FUCHS, C. (2010). Alternative media as critical media. *European Journal of Social Theory*, 13(2), 173-192.
- GERSHON, R. (2013). *Media, telecommunications, and business strategy*. London/ New York: Routledge.
- GIOVAGNOLI, M. (2011). *Transmedia storytelling: Imagery, shapes and techniques*. Pittsburgh, PA: ETC Press.
- HEINZE, R. / KRAMER, L. (eds.). (2015). *Remakes and remaking: Concepts, media, practices*. Wetzlar: Transcript Verlag.
- JENKINS, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- JENKINS, H. (2007). Transmedia storytelling 101. *Blog confessions of an aca-fan*. URL: [http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia\\_storytelling\\_101.html](http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia_storytelling_101.html).
- JIMÉNEZ-CRESPO, M. A. (2017). *Crowdsourcing and online collaborative translations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- KALOGERAS, S. (2014). *Transmedia storytelling and the new era of media convergence in Higher Education*. New York: Palgrave Macmillan.
- KENNEDY, H. W. / DOVEY, J. (2006). *Games culture: Computer games as new media*. New York/London: McGraw Hill.
- KERCHY, A. (2018). Translation and transmedia in children's literature. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 56(1), 4-9.
- KINDER, M. (1991). *Playing with power in movies, television and video games: From 'Muppet Babies' to 'Teenage Mutant Ninja Turtles'*. Berkeley: University of California Press.
- LEFEVERE, A. (1992). *Translation, rewriting and the manipulation of the literary fame*. New York/London: Routledge.
- LOOCK, K. / VEREVIS, C. (eds.). (2012). *Film remakes, adaptations and fan productions: Remake/remodel*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- MANGIRON, C. / O'HAGAN, M. (2006). Game localization: Unleashing imagination with a "restricted translation". *JoSTrans: The Journal of Specialised Translation*, 6, 10-21.
- NAPOLI, P. M. (2011). *Audience evolution: New technologies and the transformation of media*. New York: Columbia University Press.
- O'HAGAN, M. / MANGIRON, C. (2013). *Game localization. Translating for the global digital entertainment industry*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- PERRINO, S. (2009). User-generated translation: The future of translation in a Web 2.0 environment. *JoSTrans: The Journal of Specialised Translation*, 12, 55-78.
- RAJEWSKY, I. O. (2005). Intermediality, intertextuality, and remediation: A literary perspective on intermediality. *Intermédialités: Histoire et théorie des arts, des lettres et des techniques*, 6, 43-64.
- REMAEL, A. (2010). Audiovisual translation. In Y. GAMBIER / L. VAN DOORSLAER (eds.), *Handbook of Translation Studies* (pp. 12-21). Amsterdam: John Benjamins.
- SCOLARI, C. A. (2014). Narrativas transmedia: Nuevas formas de comunicar en la era digital. *Anuario AC/E de Cultura Digital* (pp. 71-81). URL: [https://www.accioncultural.es/media/Default%20Files/activ/2014/Adj/Anuario\\_ACE\\_2014/6Transmedia\\_CScolari.pdf](https://www.accioncultural.es/media/Default%20Files/activ/2014/Adj/Anuario_ACE_2014/6Transmedia_CScolari.pdf).
- SCOLARI, C. / BERTETTI, P. / FREEMAN, M. (2014). *Transmedia archaeology: Storytelling in the borderlines of science fiction, comics and pulp magazines*. New York: Palgrave Macmillan.
- SIMON, S. (1992). The language of cultural difference: Figures of alterity in Canadian translation. In L. VENUTI (ed.), *Rethinking translation. Discourse, subjectivity, ideology* (pp. 159-176). London: Routledge.

- THON, J. N. (2016). *Transmedial narratology and contemporary media culture*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- THUSSU, D. K. (2018). *International communication: Continuity and change*. London: Bloomsbury.
- TORO, A. de (2018). Virtual and visual spaces. Flaubert – Borges – Meier – Tantanian. In S. KRAUS / H. FLAGNER (eds.), *Räume und Medien in der Romaniam/ Space et média dans les cultures romanes / Spații și în culturile romanice*. *Passagen*, 16, 31-78.
- TOSUN, N. & DONMEZ, M. (2018). Use of transmedia storytelling within the context of postmodern advertisement. In R. YILMAZ, R., M. N. ERDEM, & F. RESULOĞLU (eds.) *Handbook of research on transmedia storytelling and narrative strategies* (pp. 350-372). Hershey, PA: Information Science Reference.
- TRIFONAS, P. (1998). Cross-mediality and narrative textual form: A semiotic analysis of the lexical and visual signs and codes in the picture book. *Semiotica*, 118(1-2), 1-70.
- VALERO GARCÉS, C. (2006). Y sigue el fenómeno Harry Potter: *Harry Potter and the Half-Blood Prince* traducido al español en versión on-line. In M. P. BLANCO GARCÍA / P. MARTINO ALBA (eds.), *Traducción y multiculturalidad* (pp. 237-248). Madrid: Instituto Universitario de Lenguas Modernas y Traductores, Universidad Complutense.
- VENUTI, L. (1995). *The translator's invisibility: A history of translation*. New York/London: Routledge.
- VERHOEFF, N. (2012). *Mobile screens: The visual regime of navigation*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- VIDAL CLARAMONTE, M. C. Á. (2005). Re-presenting the "Real": Pierre Bourdieu and Legal Translation. *The Translator*, 11(2), 259-275.
- VINAY, J. P. / DARBELNET, J. (2004). A methodology for translation. In L. VENUTI (ed.), *The Translation Studies reader* (pp. 128-137). New York/ /London: Routledge.
- WOLF, W. (2008). The relevance of mediality and intermediality to academic studies of English literature. In M. HEUSSER (ed.), *Mediality/intermediality* (pp. 15-43). Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- YILMAZ, R. / Erdem, M. N. / Resuloğlu, F. (2018). *Handbook of research on transmedia storytelling and narrative strategies*. Hershey, PA: Information Science Reference.

TITLE: (Inter/Cross/Trans)Mediality, Appropriation and Subjectivity: Translational Approaches to Transmedia Storytelling

ABSTRACT: In transmedia storytelling, media-content providers develop texts across several technological platforms, thus taking advantage of each platform's specific qualities and abilities. According to Jenkins (2006, p. 21), transmedia storytelling is "the art of world making". This article explores the translation of transmedia products in multilingual and multicultural contexts in an attempt to contextualize the complex network of linguistic, sociolinguistic and sociocultural factors that may play a dominant role during the translation process. Particular attention is given to examine the phenomenon of agency to explore critically the challenges posed by user engagement and alternative practices of translation, using as illustrations particular examples of contemporary transmedia franchises in the United States and Spain. The interdependent relations between source and target texts will be analyzed to investigate how translation choices subtly convey different epistemological positions or ideological sympathies in an attempt to shed light on the underlying dynamics of dissemination and influence of ideas through transmedia storytelling.

TÍTULO: (Inter/Trans)Midialidade, Apropriação e subjetividade: Opções tradutivas em Transmedia Storytelling

RESUMO: Na narrativa transmídia, os provedores de conteúdo de mídia desenvolvem textos em várias plataformas tecnológicas, aproveitando as qualidades e habilidades específicas de cada plataforma. Segundo Jenkins (2006, p. 21), a narrativa transmídia é "a arte de fazer mundo". Este artigo explora a tradução de produtos transmídia em contextos multiculturais e multilíngues, na tentativa de contextualizar a complexa rede de fatores lingüísticos, sociolingüísticos e socioculturais que podem desempenhar um papel dominante durante o processo de tradução. Atenção particular é dada para examinar o fenômeno da agência para explorar criticamente os desafios colocados pelo engajamento do usuário e práticas alternativas de tradução, usando como ilustrações exemplos particulares de franquias transmídia contemporâneas nos Estados Unidos e na Espanha. As relações interdependentes entre os textos de origem e de destino serão analisadas para investigar como as opções de tradução transmitem sutilmente diferentes posições epistemológicas ou simpatias ideológicas, na tentativa de lançar luz sobre a dinâmica subjacente de disseminação e influência das idéias através da narrativa transmídia.

# **Interculturalidad y especialización en traducción museística de arte contemporáneo: retos de traducción al español del programa de mano de Jan Fabre: Estigma. Acciones y performances 1976-2017**

**Interculturality and specialisation in contemporary art museum translation: translation challenges of the Spanish leaflet of Jan Fabre: Stigmata, Actions and performances 1976-2017**

MARÍA LUISA RODRÍGUEZ MUÑOZ\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução museológica, Arte contemporânea, Jan Fabre, Paratexto, Análise textual em tradução, Desafios de tradução.

KEYWORDS: Museum translation, Contemporary art, Jan Fabre, Paratext, Textual analysis in translation, Translation challenges.

PALABRAS CLAVE: Traducción museística, Arte contemporáneo, Jan Fabre, Paratexto, Análisis textual en traducción, Retos de traducción.

## **Introducción**

En medio de un proceso de museificación nacional (Collera, 2011), Costa (2014) considera que España se ha convertido en un país de museos de arte contemporáneo al pasar de 4, en 1985, a 40-50, en 2014, lo que representa un crecimiento del 1,5 museos al año. Este mismo autor compara esos datos con los de países con un mayor potencial demográfico y económico, como Alemania y Francia, con 10 y 12 museos/centros dedicados exclusivamente a este tipo de arte. La estadística muestra una cifra exageradamente alta en España que se relaciona con la burbuja inmobiliaria, el pulso entre autonomías, el deseo de invertir en la “nueva cultura”, el efecto Guggenheim o promoción turística local. En cualquier caso este fenómeno supone un flujo artístico y textual en el que la traducción está cada vez más presente, no solo por este crecimiento cuantitativo reseñable sino también por la concepción contemporánea del propio museo como “una institución (...) al servicio de la sociedad y de su desarrollo, abierta al público, que adquiere, conserva, investiga, comunica y

\* Departamento de Tradução e Interpretação, Filologia Francesa, Estudos Semíticos e Documentação, Universidad de Córdoba, Espanha.

expone el patrimonio material e inmaterial de la humanidad (...) con fines de educación, estudio y recreo” (Consejo Internacional de Museos, 2007). Como podemos comprobar, lejos de ser un repositorio elitista, esta descripción hace especial hincapié en el aspecto social, abierto y didáctico de la entidad expositiva, función de mayor peso en instituciones con financiación pública.<sup>1</sup> Asimismo, Álvarez-Domínguez y Benjumea-Cobano (2011, p. 32) señalan la inversión de roles en el seno del museo actual en el que el espectador tiene un mayor protagonismo que el objeto y que se enmarca en el macrocontexto de la industria cultural: “La cultura (Adorno, 2009) (...) ha determinado que el museo haya paulatinamente desplazado su mirada del objeto al sujeto activo; de la conservación a la difusión –sobre la base de la investigación de sus colecciones, normalmente–; del silencio contemplativo a la extroversión y el esparcimiento”. De hecho, subrayan la importancia de la lectura de material complementario para la construcción de la “experiencia artística” por parte del consumidor museístico del siglo XXI y la finalidad difusora y educativa del nuevo museo aludiendo al posicionamiento de Ritzer y Stillman (2003, p. 34), quienes sostienen:

Los museos son un lugar privilegiado para el consumo de experiencias. El público del museo está consumiendo cuando visita una colección, cuando 2 a grabaciones, incluso cuando toca la colección –si eso estuviese permitido– (...) La visión democrática del colectivo de museos consiste en que el museo ya no se limita a ofrecer arte y cultura elevados en una atmósfera intelectualmente densa.

Otros autores como Elvert (1992), Gottesdiener (1992), McManus (1990) o Blunden (2006) y, más recientemente, Fragomeni (2010), Delgado-Viguera (2013) o Gazi (2017)<sup>2</sup> destacan el papel de los textos informativos (cartelas,

<sup>1</sup> A este respecto, el artículo 19 del Reglamento de Museos de Titularidad Estatal y del Sistema Español de Museos (1987, p. 10) recoge lo siguiente: “El área de difusión atenderá todos los aspectos relativos a la exhibición y montaje de los fondos en condiciones que permitan el logro de los objetivos de comunicación, contemplación y educación encomendados al Museo. Su actividad tendrá por finalidad el acercamiento del Museo a la sociedad mediante métodos didácticos de exposición, la aplicación de técnicas de comunicación y la organización de actividades complementarias tendentes a estos fines”.

<sup>2</sup> Gazi (2017, p. 2) declara a este respecto: “Although there has been some skepticism regarding the effectiveness of museum text as a primary interpretive medium and despite the increasing use of other interpretive media –especially digital ones– in museum exhibitions, text still plays a significant role in mediating visitor experience and understanding”. Fragomeni (2010) advertía lo mismo años atrás: “Over the last thirty years, museums around the world have witnessed radical innovations in the development and evolution



indicadores o folletos) como herramienta de comunicación esencial en el seno del museo moderno para lograr que la interacción, fin esencial de las exposiciones para todos los públicos,<sup>3</sup> se produzca. Según Neves (2018), no solo el contenido de las exposiciones tiene una carga semántica sino la forma en que se organiza y presenta al público. Esta investigadora va más allá al considerar que el traductor que vela por la accesibilidad del contenido de los museos no solo debe transferir textos sino trabajar codo con codo con el comisario para abrir las puertas de estas instituciones a un grupo de visitantes más amplio, con diferentes necesidades y niveles de formación.

Por otro lado, cabe destacar que el propio arte contemporáneo se caracteriza por la importancia del lenguaje dentro de la obra, tendencia que se enfatiza con el nacimiento del arte conceptual en el que prima la idea sobre el objeto (Tate Gallery, 2018). De hecho, para Danto (1997), la misión de una obra de arte es que el público pueda descifrar su contenido, “interpretarla”. Isenberg (1973)<sup>4</sup> y Goldman (2001)<sup>5</sup> reconocen el carácter estético de las manifestaciones de arte en las que el lenguaje se incluye como forma expresiva, echando por tierra la concepción de la antiestética que oponía el sentido frente al intelecto o demandaba un arte “puro”, libre de inferencias lingüísticas.<sup>6</sup>

of exhibit labels. With the rise of New Museology and the democratization of the modern museum setting, the exhibit label has become a powerful communication tool”.

<sup>3</sup> Fragomeni (2010) subraya el papel de los textos en sala para la democratización del museo: “Therefore, from the 1980s onward, museums became more democratic, cohesive and integrated institutions, dedicated to the educational and intellectual service of society, and to the development of a global heritage. As a result of the increasing democratization of museums and the simultaneous growth of New Museology and with it, the nuanced importance of communication and education, interpretive labels have come to assume a new role in the modern museum setting”.

<sup>4</sup> “But language is, or can be an esthetic object. (...) For esthetic experience is characterized as ‘perception for its own sake’ or as the ‘self motivated and self-gratifying exercise of perception’, while language is, as Santaya says, a ‘symbol for intelligence rather than a stimulus to sense’; (...) Yet poetry, drama, and fiction are fine arts, therefore esthetic objects, par excellence” (Isenberg, 1973, p. 70).

<sup>5</sup> “Great art challenges our intellects as well as our perceptual and emotional capacities. To meet all these challenges simultaneously is to experience aesthetically” (Goldman, 2001, p. 261).

<sup>6</sup> Para Renahan (2013, p. 60), el Posmodernismo pasa por un método polivalente de expresión: “In contrast to the values of presence and autonomy elicited by modernist ‘univalence’ there emerged a mode of painting that sought to exceed the strict two-dimensionality of the modernist-bounded canvas. This ‘multivalent’ method embraced all the style elements that modernism eschewed, such as explicit allegorical references,



También los detractores del arte contemporáneo emplean precisamente el argumento del “mensaje” para despojar a ciertas manifestaciones actuales de su naturaleza artística:

Ahora el arte solo es mensaje. No hay arte, solo hay panfletos. Estas obras no pueden existir sin los museos. (...) Son obras que solo existen en los catálogos y a través de los discursos y la teoría que le ponen los comisarios y especialistas en estética. Son objetos de lujo, una nueva forma de consumo (Lesper, 2014 apud Colomé, 2014).

En todas estas posturas, se reconoce, en uno u otro sentido, la importancia del “discurso” del mecenas y del público en la construcción y difusión de arte. En el caso de obras extranjeras, la exposición de las obras entrañará, en muchos casos, la necesidad de realizar traducciones interlingüísticas. Por ende, dada la importancia que está cobrando la industria cultural del arte contemporáneo en nuestro país, las características híbridas del mismo y el planteamiento didáctico e interactivo de los nuevos museos, en el presente trabajo seleccionamos, como estudio de caso, una exposición temporal del Centro Andaluz de Arte Contemporáneo de Sevilla, uno de los museos públicos que abrió sus puertas en época de bonanza económica en España, con vocación de mediador y promotor de acción cultural en la sociedad local. Nos interesa analizar los retos de traducción del inglés al español que plantea el programa de mano de la muestra de 2018 Jan Fabre: Estigmas – Acciones y performances 1976-2017, así como, las técnicas traslativas que se plantearon para afrontarlos teniendo en cuenta las características del encargo y el acto comunicativo que este proyecto supuso.

## Objetivos y metodología

Con el presente trabajo nos proponemos examinar la traducción museística a partir de un estudio de caso de la tipología textual “programa de mano” dentro de esa especialidad traductológica apenas explorada. Para ello, abordamos el análisis de un encargo de traducción real de 2231 palabras de la exposición del autor belga Jan Fabre en el Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, en adelante CAAC, de Sevilla, en 2018, partiendo de su contextualización y de la identificación de los factores que influyen en el proceso traductor, entendido este como un acto comunicativo culturalmente mediado con una finalidad muy concreta:

the inclusion of written words in the vernacular, and the surrender of the claim to metapositioning.”

acercar el artista al público visitante mejorando la accesibilidad lingüística a través de la reescritura. En una primera fase, aplicamos el modelo analítico de Nord (1991) y del acto comunicativo en traducción de arte que empleamos en un trabajo anterior de características similares (Rodríguez-Muñoz, 2017a y 2017b). Asimismo, reflexionamos sobre la figura del mecenas (Lefevere, 1992) y los límites del paratexto (Genette, 1997).

Posteriormente, aislamos los problemas de traducción por categorías: terminología de especialidad, lenguaje literario, traducción onomástica (intitulación, antropónimos y topónimos), juegos de palabras e intertextualidad e indicamos las técnicas empleadas para su trasvase. A la luz de los resultados podremos dar repuesta al objetivo trazado al inicio del epígrafe, esto es, definir la traducción de programas de mano en el seno del museo de arte contemporáneo.

## **Contexto y paratexto**

La exposición Jan Fabre. Estigmas-Acciones y performances 1976-2017 se inauguró en Sevilla el pasado 22 de marzo 2018 y se clausurará el 1 de septiembre. Está comisariada por el reputado historiador Germano Celant, quien dio nombre al Arte Povera, y organizada por el museo MAXXI de Roma y la sala Angelos bvba en colaboración con el Centro Andaluz de Arte Contemporáneo (CAAC) y con el apoyo de la plataforma internacional de acceso sostenible al media art LIMA de Ámsterdam. En esta muestra se rinde homenaje al artista polifacético y performer Jan Fabre que, dada la estrecha relación que guarda con el director del Teatro Central de la capital andaluza, ha presentado hasta diez obras teatrales en esta ciudad, con un importante impacto social y mediático por el carácter extremo de sus propuestas, con escenas de sexo y violencia explícitos.

El centro que acoge la retrospectiva, el Centro Andaluz de Arte Contemporáneo (CAAC), es de carácter público y, como tal, en su sitio web deja constancia de uno de sus principales objetivos: “desarrollar un programa de actividades que, con una clara intención educativa, trata de promover el estudio y el fomento de la creación artística contemporánea internacional en sus más variadas expresiones”. Su declaración de intenciones casa a la perfección con la Ley 8/2007, de 5 de octubre, de Museos y Colecciones Museográficas de Andalucía, en cuyo artículo 4.f se especifica la obligatoriedad del “fomento y la promoción del acceso público a los museos y a sus servicios culturales, de manera presencial y por medio de las nuevas tecnologías de la información y

de la comunicación, con especial atención a los grupos con dificultades de acceso”.

El fin difusor y didáctico de la entidad se manifiesta, entre otros aspectos, en la edición bilingüe (inglés y español) de la información que se vierte en su sitio web y en la que se entrega al visitante in situ.

Gracias a la misma, el público puede leer, en cualquier momento (antes, durante o después de su visita presencial, si la hay) varios textos que describen, promocionan y forman parte de la exposición, a saber: la presentación de la misma, el diálogo entre el comisario y el artista, la guía de mano, la sinopsis de la película experimental de Pierre Coulibeuf *Doctor Fabre Will Cure You*, citas de los *Diarios Nocturnos* de Fabre y el *Dossier de Prensa*. Todos ellos podrían considerarse, desde el punto de vista de Genette (1987, p. 16), “paratextos”, esto es, discursos auxiliares “al servicio del texto, que [son] su razón de ser”, entendiendo como “núcleo textual” la obra de Jan Fabre (autor 1) presentada y manipulada en una segunda obra recopilatoria, que se nutre de la primera, que es la que propone el comisario (autor 2), es decir, la exposición.

Según Genette (1987), la categoría de “paratexto” puede incluir todas las prácticas y comentarios que rodean al discurso e influyen en su recepción y es fruto de la suma del epitexto (elemento paratextual que no se encuentra materialmente imbricado al texto) y el peritexto (elemento paratextual que configura un libro). Extrapolando la clasificación del autor francés a las exposiciones de arte, podríamos señalar como peritextos los paneles explicativos, los programas de mano, los catálogos y las cartelas.

Por su importancia directa en la experiencia del visitante y su resonancia en textos deudores de la misma, como reseñas de críticos en los medios de comunicación que dieron cuenta, con posterioridad, de la muestra, elegimos el programa de mano como la tipología de texto museístico cuyo proyecto de traducción vamos a analizar.

### **Análisis del proyecto de traducción: encargo, retos y técnicas**

Nos basamos en el proceso circular de la traducción y en el análisis del texto realizado por Nord (1991, p. 9) sobre el texto original para abordar este apartado, así como así como en las categorías de análisis del acto comunicativo de traducción de arte de Rodríguez-Muñoz (2017a y 2017b). En cuanto al primero, cabe señalar la importancia de los agentes que intervienen en el

proyecto de la traducción del programa de mano EN>ES y en la doble responsabilidad que tiene el traductor para con el emisor del texto origen (el autor desconocido de la guía inicial que versa sobre obras expuestas de Fabre) y el receptor del texto meta, esto es, el público potencial hispanohablante de la exposición. En este mismo sentido, Nord subraya la relevancia del iniciador del proyecto, en este caso, el representante del CAAC, que contrata a un traductor museístico senior que, a su vez, subcontrata a una traductora de inglés. Se envía una prueba inicial de 400 palabras, traducidas por esta última y revisada por el traductor especialista. El mecenas (Lefevere, 1992, pp. 9-19) da su visto bueno y encarga el proyecto completo que consta de 2231 palabras y seis epígrafes: *Bic Art*, *Gangsters and Metamorphosis*, *Money and the Art World*, *Science and Experiment*, *Blood and Body* and *Homages*. El formato de edición final se desconoce hasta que se exhibe en sala y se publica en el sitio web del CAAC: mientras que el documento en línea es un PDF de dos páginas, el folleto en papel es un desplegable en A3 en el que cada título lleva una marca cromática identificativa, con la que deícticamente se referencian itinerarios complejos entre las 76 obras de las que consta la exposición y que se recogen en el mapa del reverso del folleto que no formaba parte del encargo.

En cuanto al papel del iniciador, resultó ser fundamental la definición de Nord (1991, p. 9): “the initiator is the factor that starts the process and determines its course”. Pero, en este caso concreto, no solo su intervención en la transferencia cultural se limita a comenzar el proceso con el que se logrará un producto que cumpla con el *skopos* del texto, que aparece delineado en el encargo que se remite vía correo electrónico: guiar en su visita física e ilustrar al usuario virtual de la exposición. El proceso se torna circular porque el iniciador es también revisor y gestor del proceso al dar instrucciones para que se logre la misión del texto, que conecta con la del propio museo: la difusión y la accesibilidad. Este rol marca las técnicas de traducción empleadas, por ejemplo, en la intitulación, en la que se pide expresamente la traducción al español de los nombres de las obras, a pesar de que el artista, en muchas ocasiones, emplea el inglés, esto es, una lengua no materna para bautizar sus creaciones.

En lo que respecta al análisis del original con vistas a su traducción, extraemos algunos de los factores extratextuales de Nord (1991, pp. 43-86), concretamente, el emisor (artista), el receptor origen y meta (visitantes del museo), lugar de producción (exposición previa), la situación comunicativa (país y lugar de exposición origen y meta) y el iniciador del encargo (responsables del museo y comisarios) e intratextuales, a saber, los temas, contenidos y estructura (la obra y su traducción). Añadimos también las aportaciones de

Basnett / Lefevere (1998) que, según Marinetti (2011), conciben la traducción como una actividad primordialmente contextual, un hecho histórico, un producto de la cultura meta. Adaptamos estos enfoques al estudio de caso de traslación de arte (Rodríguez-Muñoz, 2017a y 2017b) partiendo de la premisa de que “la comunicación visual es, ante todo, una construcción de sentido interactiva e intercultural” (Goyes-Narváez, 2002) en la que la producción textual, en la que se incluye la traducción, es “el lenguaje que produce la institución [museo], oral o escrito, para el consumo de los visitantes, que contribuye a las prácticas interpretativas que se producen en su interior” (Ravelli, 2006 apud Liao, 2017, p. 47) y que, a su vez, es demandada y valorada por el propio público:

[It] is well attested by research showing that most visitors still rely on text as an essential interpretation medium, and that they use museum text in a variety of ways: for consultation, reading, listening to and guiding discussion. The latter is particularly important: museum text has been shown to enhance inter group communication as visitors (often families or groups of friends) talk and exchange ideas over it (Gazi, 2017, p. 2).

Por otro lado, este tipo de análisis factorial y descriptivo nos permitirá dilucidar cuál es la intención del artista y: del iniciador<sup>7</sup> del encargo de traducción de la guía del visitante así como las propias expectativas del público meta, por lo que podremos determinar cuáles son los retos que plantea la traducción la técnicas más propicias para afrontarlos. Al fin y al cabo, de esta labor depende que la interacción entre emisores y receptores se produzca correctamente<sup>8</sup> y se cumplan las cinco funciones que toda traducción museística

<sup>7</sup> Gazi (2017, p. 2) subraya el poder que desarrollan los comisarios en el acto comunicativo museístico: “How can we ensure that we will come up with museum texts that will be inspiring and motivating to our audiences, the final recipient of all our activities? There is no single answer to these questions, as each institution goes about them in a different way, and the participatory mechanisms at play within each exhibition team vary considerably from case to case. As a matter of fact, in-house curators are better positioned to exercise power and control over the writing process”. Estas figuras también se recoge en traductología como “agentes” del proceso de innovación cultural e intercambio mediado por la traducción (Buzelin, 2011).

<sup>8</sup> “The basis for a conversational relationship with the visitor rests on the interactive nature of written texts (McManus, 1989; Stubbs, 1983). For a general audience to become involved interactively with your labels, so that they form a close conversational relationship with you, the author, your labels need to aim at comprehension; that is, they need to convey a ‘what you need to know about the subject’ approach and explicitly link successive

tiene según Liao (2017, p. 48): la informativa, la interactiva, la política, la socio-inclusiva y la expositiva. Habida cuenta de los factores enunciados anteriormente, mostramos en forma de tabla los componentes de nuestra propuesta:

Modelo de Rodríguez-Muñoz (2017a yb) de factores extratextuales de la traducción museística basado en Nord (1991).

| TO                                                                                                                                                                    | TM                                                                                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Contexto origen>cultura origen<br>Exposición previa en 2014 en MAXXI (Roma)                                                                                           | Contexto meta>cultura meta<br><i>Boom</i> del arte contemporáneo en España. Exposición en Sevilla, ciudad más conocida por su patrimonio medieval y renacentista. |
| Artista: de nacionalidad belga, una de las figuras más innovadoras de la escena artística internacional.<br>Artista visual, dramaturgo y escritor,                    | Artista: ha presentado una decena de espectáculos teatrales en Sevilla, algunos como <i>Monte Olimpo</i> (sexo y violencia extremos explícitos)                   |
| Obra: desdibuja los límites de las disciplinas artísticas, integrando en sus creaciones varias formas expresivas: textos, vídeos, artefactos, <i>performances</i> ... | Obra traducida al inglés y francés (Museo de Arte Contemporáneo de Amberes) pero no al español.                                                                   |
| Receptor origen: misceláneo (especialista y no especialista)                                                                                                          | Receptor meta: misceláneo (especialista y no especialista)                                                                                                        |
| MEDIADORES Y MECENAS: museo público con política de difusión de arte contemporáneo entre el gran público.                                                             |                                                                                                                                                                   |

Como se puede comprobar, en nuestra propuesta no solo nos centramos en el original sino en los factores que condicionan la elaboración de la traducción en una situación cultural diferente. En cuanto al contexto, la exposición que se exhibe en Sevilla es itinerante, porque tuvo su puesta de largo en el Museo Nazionali delle Arti del XXI Secolo, en Roma en el 2014, por lo que mucho material en inglés de la misma se traslada a Sevilla, ciudad que, desde la apertura del CAAC en el 1990 y la organización de la Bienal Internacional de Arte Contemporáneo de Sevilla (BIACS) está acostumbrada a acoger exposiciones de este tipo en una apuesta por la diversificación de su oferta turística, más allá del arte medieval o renacentista. El artista es belga, de lengua neerlandesa, muy

points in your “story” to one another. The closer the conversational relationship between the label writer and the visitor, the more likely it is that communication between the two will be successful” (McManus, 1990, p. 126).

conocido en Europa, creador en múltiples formatos y especialmente prolífico en performances y obras de teatro. Deducimos que la palabra es esencial en su propuesta artística, con la que los sevillanos que gustan de asistir a estos eventos están familiarizados, dado que es la décima vez que expone aquí. El fuerte impacto que tuvo la obra de teatro Monte Olimpo en la opinión pública española, por sus escenas de sexo y violencia explícitos, hacen que la retrospectiva esté precedida por un clima de expectación y morbo.

Los receptores potenciales de la exposición itinerante original y meta coinciden en el hecho de que ambas instituciones, la emisora y la receptora, tienen financiación pública y combinan las propuestas y actividades para especialistas con la oferta para el gran público. Por otro lado, el hecho de que la retrospectiva se haya expuesto previamente y se nutra de textos de las entidades que han acogido o catalogado las obras de Fabre (MAXXI, LIMA y MuHKA), sugieren que el traductor puede documentarse en los sitios webs de las mismas para acceder a la imagen, vídeos o recabar material traducido a otros idiomas romances como el francés (que también es lengua oficial en Bélgica) y el italiano.

En cuanto a los factores intratextuales, seguimos de nuevo la categorización de Nord (1991, pp. 87-154):

El tema que sirve de hilo conductor a todos los textos del programa de mano es la recreación de las obras de arte de Jan Fabre, en 40 años de trayectoria profesional. Cada epígrafe, como hemos indicado anteriormente, recoge un subtema que ha servido de fuente de inspiración al artista: el consumismo, el cuerpo y la sangre, la lucha callejera, la ciencia, los homenajes y las virtudes del arte a bolígrafo, de ahí que el campo semántico de cada apartado varíe. La división estructural en apartados temáticos refuerza esa separación, como si se tratase de las distintas páginas de un mismo libro. Mostramos, a continuación, algunos de los términos sobre los que se construyen los nodos temáticos de la muestra:

| Temas                 | Léxico relacionado                                                                                                                                                                           |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Consumismo            | Commercial commodity, admission/entry fee, multiple, receipt, “Buy at Jan Fabre’s”, dollar coins/bills, Kennedy’s image                                                                      |
| Arte Bic              | Blue ink, silver gelatin, drawings, The Hour Blue                                                                                                                                            |
| Ciencia y experimento | Dissecting, entomologist, (to) explore, inventoried, empirical data, natural world, ornithologist, The Natural Museum, branches of research, domains, neurologist, mirror neurons, discovery |

| Temas              | Léxico relacionado                                                                                                                         |
|--------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sangre y cuerpo    | Stigmata, self-chastisement, corporality, blood sacrifice, perforate, cut, skeletons and skulls, sucking blood                             |
| Bandas callejeras  | Street fighter, language of the street, code of honour, (to) break into, gang, raids, burglaries, jail Gangster, salvo of gunfire          |
| Homenajes a amigos | References to, collaborations with and tributes, acquainted, (to) share, an organically grown friendship, joint, together with, connecting |

En lo que respecta a la articulación del contenido, este se refleja de forma descriptiva con momentos de gran lirismo. Léxicamente, abundan los nombres propios (títulos, antropónimos, topónimos), el lenguaje de especialidad del arte (tecnicismos), los referentes culturales universales y locales y, por supuesto, los juegos de palabras, algunos multilingües, que suponen una dificultad añadida por su construcción formal en el idioma de partida y el reto que representa en su traslación.

A continuación, mostramos una selección de los ejemplos ilustrativos de las categorías enunciadas.

|                          | Retos de traducción de contenido                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nombres propios          | <u>Títulos</u> : <i>The Rea(dy)-make of the Money Performance</i> , <i>The Essential Multiple</i> , <i>Mar-cel Du-champ. Sea-Salt of the Fields</i> , <i>It is Kill or Cure</i> , <i>Tonight I want to be Fred Astaire</i> . <i>Tonight I want to be a killer</i><br><u>Antropónimos</u> : Jerome Bosch, Pieter Brueghel the Elder, Ilad (Dali reversed)<br><u>Topónimos</u> : Greningenmuseum, Jordaenshuis, Bruges, Antwerp |
| Lenguaje de especialidad | Performances/performer, ready-made, Bic-Art, Fluxus, motifs, piece, opening, action, school traditions<br><u>Universales</u> : <i>The Killing of J.F.K.</i> , Great Masters, <i>Pietas</i> , Fred Astaire, Jim Morisson                                                                                                                                                                                                       |
| Referentes culturales    | <u>Locales</u> : National tricolour, Cartouche Gang, French gangster Jacques Mesrine, Bas Jan Ader, the Dutch poet Albert Hagenaars, <i>The Scheldt</i> [a homage to the river that runs through the artist's home port]                                                                                                                                                                                                      |



Identificamos hasta 33 títulos de obras de arte en el programa de mano. En la pequeña muestra que recogemos arriba, más allá de la responsabilidad que supone intitular una obra de arte contemporáneo en la que el texto interacciona con la pieza y no representa un simple rótulo, se aíslan subretos de polisemia (multiple: tienda/múltiplo; killer: asesino/genio), frases hechas (It is Kill or Cure: \*a way of solving a problem that will either fail completely or be very successful (Cambridge Dictionary)) y juegos de palabras multilingües (Mar-cel Du-champ, Sea-Salt of the Fields).

Siguiendo las indicaciones del propio encargo de traducción y las normas impuestas por el revisor/mecenas de la institución museística, entre las técnicas de traducción onomástica cultural de Franco Aixelá (2000) se optó por la sustitución parcial o total, pertenecientes al polo de la naturalidad (Toury, 1980).

| Títulos de obras                                                        |                                                                                                                                        |                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| TO                                                                      | TM                                                                                                                                     | Texto editado por el museo                                                  |
| <i>The Rea(dy)-make of the Money Performance</i>                        | El rea(dy)-make de la performance del dinero                                                                                           | El remake de la performance del dinero                                      |
| <i>The Essential Multiple</i>                                           | <i>La cadena de tiendas esencial</i>                                                                                                   | <i>Múltiplo esencial</i> [sic.]                                             |
| Mar-cel Du-champ,<br><i>Sea-Salt of the Fields</i>                      | Mar-cel Du-champ,<br>Mar-Sal Del-Campo, en francés                                                                                     | Mar-cel Du-champ,<br>Mar-Sal Del-Campo, en francés                          |
| <i>It is Kill or Cure</i>                                               | <i>O te cura o te mata</i>                                                                                                             |                                                                             |
|                                                                         | *Opciones: Lo que no mata, engorda; matar moscas a cañonazos, a vida o muerte; medidas desesperadas, remedio heroico, purga de caballo | <i>O te cura o te mata</i>                                                  |
| <i>Tonight I want to be Fred Astaire. Tonight I want to be a killer</i> | <i>Esta noche quiero ser Fred Astaire. Esta noche quiero ser un as</i>                                                                 | <i>Esta noche quiero ser Fred Astaire. Esta noche quiero ser un asesino</i> |

En lo referente a las demás categorías, cabe destacar que en la reformulación de los términos propios del campo de conocimiento “historia del arte”, se cuelan muchos préstamos (ready-made, Fluxus, performance) y calcos (action>acción; Bic Art>Arte Bic), posiblemente por la posición privilegiada del mundo anglosajón en el arte contemporáneo. Estas mismas técnicas se aplican en el trasvase de topónimos y antropónimos, salvo en aquellos casos en los que el equivalente acuñado o traducción reconocida están fosilizados: Antwerp>Amberes;

Bruge>Brujas; Pieter Bruegel the elder>Pieter Bruegel el viejo; Jerome Bosch>El Bosco. Respecto de los culturemas, gran parte de ellos son antropónimos que, bien por pertenecer al acervo universal o bien porque el cotexto anterior o posterior al fragmento del folleto permite desambiguarlos, no es necesaria la paráfrasis explicativa: en el caso de la banda Cartouche [Cartouche Gang], la oración posterior posibilita desencriptar al “Robin Hood” galo: “Objects they [The Cartouche Gang] stole were sold for art materials or subsequently used in installations”.

Como hemos podido comprobar previamente, muchos de los términos adquieren sentido gracias al cotexto<sup>9</sup> (referencias a la obra o elementos no verbales a la que acompañan), como cabe esperar en un paratexto que nace para ensalzar o facilitar la decodificación del texto, el de la exposición, como discurso, y de la obra, como unidad de contenido dentro del mismo. También se requiere de una labor de documentación histórica para la traslación de los intertextos, a fin de comprobar, en primer lugar, la existencia o no de un equivalente acuñado de los mismos. En la tabla de abajo, se muestran dos ejemplos intertextuales en los que se han aplicado técnicas diferentes en la reformulación: mientras que la hora azul es un traducción del original francés *l’hour bleu*, término creado por el científico homónimo del artista, Jean-Henri Fabre, para referirse al color del cielo en el crepúsculo (Díaz-Guardiola, 2017), “I’m going to measure the clouds” son las palabras pronunciadas por Robert Stroud al salir de Alcatraz para las que no existe una versión canonizada; por tanto, en este último caso se realiza una traducción inédita, lo más fiel posible al original: “Voy a medir las nubes”.

Por otro lado, hay términos que se desambiguan gracias a las imágenes catalogadas en el repositorio del Museo de Arte Contemporáneo de Amberes (MuHKA) o al acceso a la performance a la que hacen referencia a través de la

<sup>9</sup> A este respecto Neather (2008, p. 219) reconoce que los textos museísticos se interrelacionan de forma muy marcada, generando una red signica que, a su vez, conecta con los artefactos a los que referencia. No hay que perder de vista esta malla discursiva para lograr un texto meta funcional: “A given verbal text, for instance, must relate both to other texts within the museum system and to visual signifiers such as objects, pictures and diagrams. In such a system, meaning is thus always ‘combinatorial and relational’ (Hooper-Greenhill 2000, p. 3), such that no one element within the system can be considered in isolation. (...) A failure to negotiate such multiple polarities may lead to varying degrees of interpretive breakdown on the part of the end-user (the foreign museum visitor), for whom particular understandings or interpretations available to Source Culture visitors may become restricted or indeed wholly inaccessible”.

plataforma YouTube. Sirvan como botón de muestra los vocablos harness, to sand y bills. Mediante el elemento extralingüístico podemos comprender el original y concordar las palabras aisladas con el texto icónico-gráfico o audiovisual al que aluden: de ahí que se traduzcan como “armadura”, “limar” y “billetes”, respectivamente. A su vez, una vez desambiguado, el texto meta resultante permite poner orden en el caos polisémico que supone la propia exposición: “(...) verbal texts are viewed as a crucial braking force on the paradigmatics of the museum, serving to check the potential for interpretive chaos by reasserting a syntagmatics of reading” (Neather, 2008, p. 221).

| Retos de paratraducción      |                                                                 |                                                                                      |
|------------------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Intertextos                  | – <i>The Hour Blue</i>                                          | – Equivalente: “la hora azul”                                                        |
|                              | – <i>I’m going to measure the clouds</i>                        | – No se ha hallado equivalente en español                                            |
| Alusión a elementos visuales | Harness                                                         |    |
|                              | He sands the flesh of his legs, like he sands the table’s wood. |   |
|                              | Bills                                                           |  |

La sintaxis no es especialmente compleja y recuerda a la propia del estilo periodístico, con inserciones de citas textuales y complementos espacio-temporales que sitúan los distintos períodos de producción del artista en un marco contextual determinado en aras de la exactitud. En ocasiones, se hace uso de las estructuras gemeladas y de la metáfora con fines persuasivos, generando una cadencia particular. En esos fragmentos, el texto se torna literario

Retos de traducción por diversidad de tipología textual

|                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                  | <ul style="list-style-type: none"><li>– ‘The Hour Blue’, that magical moment between the end of night and begin of day, the cleave of time, when all changes and all is possible</li><li>– is a metaphor for the artist as a louse in the fur coat of society</li><li>– He sands the flesh of his legs, like he sands the table’s wood. Object becomes body; body becomes object.</li><li>– During several of his performances of the late 1970s and early 1980s, Jan Fabre introduces the ballpoint pen as an alternative for the art of the Great Masters. At first, the choice for the blue ballpoint was a matter of practicality: “It was cheap and handy, I could take them everywhere and steal them everywhere.”</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>– “la hora azul”, ese momento mágico en el que muere la noche y nace el día, la hendidura del tiempo, el instante en el que cambia todo y todo es posible.</li><li>– La figura del gánster se concibe como una metáfora del artista como parásito que se agazapa en el abrigo de piel de la sociedad.</li><li>– Se lija las piernas de la misma forma que lija la madera de la mesa. Así, el objeto se convierte en cuerpo y el cuerpo en objeto.</li></ul>               |
| Literaria                        | <ul style="list-style-type: none"><li>– At the opening of the exhibition <i>The Essential Multiple</i>, Jan Fabre and Erik Vermeulen ask members of the public for an entry fee. A signed receipt is given, stapled and then handed back as a multiple made by the artists.</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"><li>– En esta misma línea, en la inauguración de <i>Múltiplo esencial</i>, Fabre y Erik Vermeulen piden al público que paguen la entrada para, luego, entregarles el recibo de compra firmado y grapado como se hace en los comercios.</li></ul>                                                                                                                                                                                                                              |
| Periodística                     | <ul style="list-style-type: none"><li>– The Belgian artist Jan Fabre (1958) is one of the most innovative and important figures on the international contemporary art scene. As a visual artist, theatre-artist and author he has created a highly personal world.</li><li>– In a unique setting, the exhibition consists of an incredibly rich body of work that presents a picture of the last 40 years of Fabre’s performance oeuvre.</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <ul style="list-style-type: none"><li>– El artista belga Jan Fabre (1958) es una de las figuras más innovadoras e importantes de la escena artística contemporánea internacional. Como artista visual, dramaturgo y autor, ha creado un mundo extremadamente personal.</li><li>– Esta exposición, celebrada en un entorno único, se compone de una selección de obras increíblemente rica que ofrece una perspectiva de los 40 últimos años de la producción de Fabre en el campo de las performances</li></ul> |
| Promoción turística/publicitaria |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

y publicitario, invita a la lectura, a la interpretación de la propuesta del artista a través de los ojos de la obra del autor desconocido del programa de mano. Gramaticalmente, el uso de adjetivos y de complementos adverbiales de los mismos para enfatizar su sentido en clave superlativa engarzan con el discurso promocional. Tanto los rasgos sintácticos y gramaticales como los semánticos se mantuvieron en el texto meta a través de traducciones en las que se velaba por la equivalencia estilística, en pro de generar un discurso funcionalmente adecuado al encargo.

## Conclusiones

Tras el análisis contextual y traductológico que hemos realizado en el presente trabajo, podemos extraer las siguientes conclusiones:

En primer lugar, consideramos que la situación de boom museístico en nuestro país, sumada al uso del lenguaje en el arte posmoderno dentro y fuera de la obra, generan grandes necesidades de traducción en espacios expositivos de financiación pública en los que se pretende implicar a un espectro cada vez más amplio de la sociedad. La elaboración de material bilingüe complementario, cuya difusión se realizará por canales virtuales o cuyo uso permite y facilita la visita de la exposición, es necesaria para mejorar la accesibilidad y democratizar el consumo de arte. Esta importante misión debe ponerse en manos de traductores profesionales para evitar incoherencias en los espacios expositivos o errores que ensombrezcan la costosa empresa que supone la exposición de artistas internacionales en nuestro país.

En segundo lugar, tras realizar un análisis traductológico funcionalista del acto comunicativo “traducción del programa de mano”, advertimos que esta subcategoría de la traducción museística nace del cruce entre diversas tipologías traductológicas y textuales (periodísticas, literarias, publicitarias y artísticas) y de la interacción de diversas modalidades de traducción (escrita, icónico-gráfica y audiovisual). Asimismo, la complejidad de los retos que plantea, como la intertextualidad, los juegos de palabras, la intitulación o la multiculturalidad, hacen que nos cuestionemos los límites de la traducción instrumental, ya que consideramos que la complejidad del paratexto de nuestro estudio hace que el mismo se torne una obra en sí misma que, lejos de mostrarse como un mero texto deudor del expuesto en sala, resulta esencial para la recepción de la exposición, entendida esta como un todo textual. No en vano, Genette (1987, p. 7) ya reconocía que el texto principal no aparecía aislado y se nutría de los paratextos para adquirir “sentido”:

(...) ce texte se présente rarement à l'état nu, sans le renfort et l'accompagnement d'un certain nombre de productions, elles-mêmes verbales ou non, (...), dont on ne sait pas toujours si l'on doit considérer qu'elles lui appartiennent, mais qui en tout cas l'entourent et le prolongent, précisément pour le présenter, au sens habituel de ce verbe, mais aussi en son sens le plus fort: pour le rendre présent, pour assurer sa présence au monde, sa «réception» et sa consommation (...).

Por otro lado, habida cuenta de los retos de traducción y las técnicas empleadas para solventarlos, queda patente la importancia de las directrices del iniciador del encargo, que abogaba por la traducción de los textos de la exposición de forma íntegra, sin dobles ni préstamos, en una apuesta por la norma de aceptabilidad. Deducimos que la balanza se inclina hacia la cultura meta en la transferencia pero no en demasía, puesto que la autoría del artista es más marcada en esta forma de traducción frente a otras en las que también existen nexos multimodales, como la traducción audiovisual; de ahí que no se apliquen adaptaciones ni técnicas oblicuas sino que, más bien, se emplea el calco para la transferencia de los nombres propios.

Finalmente, insistimos en la necesidad de seguir explorando la traducción museística en sus múltiples manifestaciones (cartelas, subtítulos, paneles, catálogos, obras verbales en sí) para poder obtener resultados determinantes mediante el uso de corpus más amplios y describir con exhaustividad las prácticas traductorales habituales en este nuevo nicho de mercado, así como el equilibrio de fuerzas que se establece entre los distintos agentes que intervienen en la transferencia y exportación de arte.

## Bibliografía

- ÁLVAREZ-DOMÍNGUEZ, P. / BENJUMEA-COBANO, J. R. (2011). Aproximación al Museo Contemporáneo: Entre el templo y el supermercado cultural. *Arte y Políticas de Identidad* 5(2011), 27-42. URL: <http://revistas.um.es/api/article/view/146201>.
- BASSNETT, S. / LEFEVERE, A. (1998). *Constructing Cultures*. Clevedon: Multilingual Matters.
- BLUNDEN, J. (2006). Dumbing down for museum audiences – necessity or myth? *The Fine Print*, 3, 27-33.
- BUZELIN, H. (2011). Agents of translation. En Y. GAMBIER / L. VAN DOORSLAER (eds.), *Handbook of Translation Studies on-line*. John Benjamins.

- CAMBRIDGE DICTIONARY (2018). URL: <https://dictionary.cambridge.org/es/>.
- CENTRO ANDALUZ DE ARTE CONTEMPORÁNEO (2018). Jan Fabre. ESTIGMAS—Acciones y performances 1976-2017. URL: <http://www.caac.es/programa/jfe2018/frame.htm>.
- COLLERA, V. (14 de mayo de 2011). La burbuja de los museos. *El País*. URL: [https://elpais.com/diario/2011/05/14/babelia/1305331975\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2011/05/14/babelia/1305331975_850215.html).
- COLOMÉ, S. (7 de febrero de 2014). El arte contemporáneo es un fraude. *La Vanguardia*. URL: <http://www.lavanguardia.com/cultura/20140206/54400875066/entrevista-avelina-lesper-arte-contemporaneo.html>.
- CONSEJO INTERNACIONAL DE MUSEOS – ICOM (2007). Definición de museo. URL: <http://icom.museum/la-vision/definicion-del-museo/L/1/>.
- Costa, J. M. (2 de noviembre de 2014). Mucho país para tan poco museo. *ElDiario.es*. URL: [http://www.eldiario.es/cultura/politicas\\_culturales/museo-pais\\_0\\_319518510.html](http://www.eldiario.es/cultura/politicas_culturales/museo-pais_0_319518510.html).
- DANTO, A. (1997). *After the end of art: contemporary art and the pale of history*. Coleman Princeton: Princeton University Press.
- DELGADO-VIGUERA, R. (2013). Estrategias y recursos de comunicación en la exposición permanente. *Sociedad: boletín de la Sociedad de Amigos de la Cultura de Vélez-Málaga*, 21-26.
- DÍAZ-GUARDIOLA, J. (26 de mayo de 2017). Jan Fabre: “Se tarda una vida convertirse en un artista joven”. *ABC Cultural*. URL: [https://www.abc.es/cultura/cultural/abci-fabre-tarda-vida-convertirse-artista-joven-201705260052\\_noticia.html](https://www.abc.es/cultura/cultural/abci-fabre-tarda-vida-convertirse-artista-joven-201705260052_noticia.html).
- FRAGOMENI, D. (2010). The Evolution of Exhibit Labels. *Faculty of Information Quarterly*, 2(1), 1-11.
- FRANCO-AIXELÁ, J. (2000). *La traducción condicionada de los nombres propios (inglés-español). Análisis descriptivo*. Salamanca: Ediciones Almar.
- GAZI, A. (2018). Writing text for museums of technology the case of the Industrial Gas Museum in Athens, *Museum Management and Curatorship*, 33:1, 384-393.
- GENETTE, G. (1987). *Seuils*. París: Éditions du Seuil.
- GENETTE, G. (1997). *Paratexts. Thresholds of interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOLDMAN, A. (2001). The Aesthetic. En B. Gaut / B. M. Lopes (eds.), *The Routledge Companion to Aesthetics* (pp. 255-266). Londres: Routledge.
- GOTTESDIENER, H. (1992). La lecture de textes dans les musées d’art. *Publics et Musées*, 1: Textes et public dans les musées, pp. 75-89.



- GOYES-NARVÁEZ, J. C. (2002). Horizontes de la comunicación visual contemporánea. *Especulo, Revista de estudios literarios*, 22. URL: [http://www.ucm.es/info/especulo/numero22/com\\_visu.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero22/com_visu.html).
- ISENBERG, A. (1973). The Esthetic Function of Language. En: M. Lipman (ed.), *Contemporary Aesthetics* (pp. 70-86). Boston: Ally and Bacon.
- LEY 8/2007, de 5 de octubre, de Museos y Colecciones Museográficas de Andalucía. *Boletín Oficial de la Junta de Andalucía*, núm. 205, de 18 de octubre de 2007. URL: <http://www.juntadeandalucia.es/boja/2007/205/1>.
- LEFEVERE, A. (1992). *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. Londres: Routledge.
- LIAO, M.-H. (2017). Museums and creative industries: The contribution of Translation Studies. *JonSTrans. The Journal of Specialised Translation* 29, 45-62.
- LIMA (2014). 'Jan Fabre. Stigmata.' First overview of his actions & performances. URL: <http://www.li-ma.nl/site/article/jan-fabre-stigmata-first-overview-his-actions-performances>.
- MCMANUS, P. M. (1999). Watch Your Language! People Do Read Labels, *ILVS Review* 1(2), 125-127.
- MARINETTI, C. (2011). Cultural Approaches. En Y. GAMBIER and L. VAN DOORSLAER (eds.), *Handbook of Translation Studies on-line*. John Benjamins.
- NEATHER, R. (2008). Translating Tea: On the Semiotics of Interlingual Practice in the Hong Kong Museum of Tea Ware. *META*, 53 (1), 218-240.
- NEVES, J. (2018). Cultures of Accessibility: Translation making cultural heritage in museums accessible to people of all abilities. En: S. A. HARDING / / O. CARBONELL (eds.), *The Routledge Handbook of Translation and Culture* (pp. 415-430). Londres y Nueva York: Routledge /Taylor and Francis.
- REAL DECRETO 620/1987, de 10 de abril, por el que se aprueba el Reglamento de Museos de Titularidad Estatal y del Sistema Español de Museos. *Boletín Oficial del Estado*, núm 114, de 13 de mayo de 1987, 13960-13964. URL: <https://www.boe.es/boe/dias/1987/05/13/pdfs/A13960-13964.pdf>.
- MUSEO NAZIONALE DELLE ARTI DEL XXI (MAXXI) (2014). Jan Fabre. Estigmata. URL: <http://www.maxxi.art/events/jan-fabre-stigmata/>.
- MUSEUM OF CONTEMPORARY ART OF ANTWERP (MuHKA). Jan Fabre. 1954. URL: <https://www.muhka.be/collections/artists/f/artist/110-jan-fabre>.
- NORD, C. (1991). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis*. Ámsterdam: Rodopi.



- RENAHAN, A. (2013). Essay on Postmodern Culture: a Consideration of Values and Commitments. En: R. CANTÚ, (ed.), *An Insatiable Dialectic: Essays on Critique, Modernity, and Humanism* (pp. 58-69). New Castle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- RITZER, G. / STILLMAN, T. (2003). El museo como catedral de consumo: desafíos y peligros. *Mus-A: Revista de los museos de Andalucía*, 1, 32-34.
- RODRÍGUEZ-MUÑOZ, M. L. (2017a). Accesibilidad en museos: traducción de arte verbal. En: C. VALERO-GARCÉS / C. PENA-DÍAZ (eds.), *AIETI 8 Superando límites en traducción e interpretación* (pp. 256-264). Ginebra: Editions Tradulex.
- RODRÍGUEZ-MUÑOZ, M. L. (2017b). Textos y paratextos: contexto y medio en la traducción de arte en la exposición Aproximación inicial de Lorraine O'Grady. En M. A. García Peinado / I. Ahumada Lara, *Traducción literaria y discursos traductológicos especializados* (pp. 523-541). Berlín: Peter Lang.
- TATE GALLERY (2018). Conceptual Art. URL: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/c/conceptual-art>.
- TEMME, E. (1992). Amount and Kind of Information in Museums: its Effects on Visitors' Satisfaction and Appreciation of art, *Visual Arts Research* 18 (2): 28-36.
- TOURY, G, (1980). *In Search of a Theory of Translation*, Tel Aviv University: The Porter for Poetics and Semiotics.

## Anexo 1

## JAN FABRE

## STIGMATA – Actions &amp; Performances 1976–2017

(ENGLISH)

The Belgian artist Jan Fabre (1958) is one of the most innovative and important figures on the international contemporary art scene. As a visual artist, theatre-artist and author he has created a highly personal world.

**STIGMATA – Actions & Performances 1976–2017**, curated by the influential Italian art historian and curator Germano Celant, ranges from Fabre's early performances, such as *Money Performance* (1979), *God of the Bic Art Room* (1981) and *Songus / Mantis* (2001) to *am o Mistake* (2017) and many others, some of which were created with fellow artists (Marina Abramović or Ilya Kabakov), philosophers (Dietmar Kamper, Peter Sloterdijk) and major scientists (Edward O. Wilson or Giacomo Rizzolatti).

In a unique setting, the exhibition consists of an incredibly rich body of work that presents a picture of the last 40 years of Fabre's performance oeuvre.

The architecture behind the exhibition can be seen as a radical expansion of Fabre's early installation *Objects to break in and to fight* (1978), in which he shows the tools used in this performance on his work-table (a sheet of glass on two wooden trestles).

In a labyrinth of tables, the exhibition comprises thinking models, drawings, costumes, photographs, films, video recordings and archival material as well as extracts from Fabre's *Night Diaries*.

The film *Doctor Fabre Will Cure You* (2013) by the artist and avant-garde filmmaker Pierre Coulibeuf is being screened in the Refectory.

## BIC ART

During several of his performances in the late 1970s and early 1980s, Jan Fabre introduces the Bic ballpoint pen as an alternative for the art of the Great Masters. At first, choosing the blue Bic ballpoint was a matter of practicality: "It was cheap and handy, I could buy them everywhere and steal them everywhere". Moreover, Fabre is very much aware that no other artist uses Bic ballpoint pens. The chemical nature of the blue ink, containing a sort of silver gelatine, produces the effect that drawings are not static, that they become fluid. Further, the colour refers to the concept propounded by French entomologist and namesake Jean-Henri Fabre: *The Hour Blue*, that magical moment between the end of night and beginning of day, the splitting of time, when night animals go to sleep and day animals awake, when all changes and all is possible.

For the action *Bic Art Propaganda*, Jan Fabre sends handmade postcards around the world, by way of publicizing his Bic Art-movement. The music that you hear during *The Bic Art Music Performances* is the scratch of the Bic ballpoint pen on paper. The drawing becomes a musical score. With the action *Bic Art Print*, the artist investigates (influenced by Yves Klein) prints made using his own body.

Belgium is the only country where the national tricolour is traditionally imprinted on cleaning cloths. Using one such floor cloth, (*Cleaning the Museum*), Jan Fabre cleans the mural *Jordaenshuis* in Antwerp. On one of his floor cloths says: *Only acts of poetical terrorism!* During the performance *God of the Bic Art*, Fabre as Iliad (Dali reversed) directly confronts art history. He rips out reproductions, pins them to the wall, and then gives them the treatment with his blue Bic pen. For *God of the Bic Art*, the *Bic Art Room*, Jan Fabre locks himself up for three days and nights in a completely white room, wearing white clothes, eating white food. At the end of it all, the whole room (and he himself!) are fully clad with Bic blue texts and signs.

## GANGSTERS &amp; METAMORPHOSIS

As a young street fighter, Jan Fabre starts to recognize the beauty of the language of the street. The sense of loyalty that reigns there is very important to him. The poetry and the style of street fighting, the law of the street based on physical and mental strength, along with its code of honour, comprise an important stimulus for his performances. To gather material, the young artist broke into villas in the richer suburbs of Antwerp. He and his friends constituted the 'Cartouche gang'. Objects they stole were sold for art materials or subsequently used in installations. Bounty from these raids were presented by Fabre in *Burglaries & Street Fights*. In the 8 mm film *Het gevecht* (*The fight*) he depicts the law of the street in a short fragment.

In the Louvre Museum, Fabre offers a 5 hour-long performance, *Art kept me out of jail*, inspired by the French gangster and enemy of the state no 1 Jacques Mesrine, a figure who had long fascinated the artist. Between ancient sculptures and sarcophagi, Fabre appears in always different (dis)guises, to finally succumb to a long salvo of gunfire at the feet of Nike of Samothrace. In Fabre's eyes, Mesrine is an escape artist and a master of metamorphosis. The figure of Mesrine is a metaphor for the artist as a louse in the fur coat of society. At the same time, the performance is a commentary on the status and role of the museum: art must not only be preserved; it must also find its way into the wider world to acquire true meaning.

Metamorphosis and transfiguration have been important motifs in Jan Fabre's performances from the very start. At the end of the 1970s, the artist has his then girlfriend – a makeup artist – regularly transform him into a wide variety of characters: Fred Astaire, Jim Morrison, Jacques Mesrine, an Arabian prince, etc. The precision of Fred Astaire inspires him to look at choreography like drawing with the body. The performance *Tonight I want to be Fred Astaire*. *Tonight I want to be a killer* is a metamorphosis from animal to human and from human to animal. By way of reaction to his own lean aspect as a young lad, in *Ich bin ein Skelettmann* Fabre lets himself be fitted out for a suit of flesh. Subsequently, for the film by the French artist Pierre Coulibeuf, this 'Skelettmann' again appears, this time in dialogue with the 'meaty' works of Peter Paul Rubens.

## MONEY &amp; THE ART WORLD

During several of his early performances, Jan Fabre attempts to make his mark on art history, critically reflecting on the work of art as a commercial commodity. He also casts a critical glance on the art world's pre-war laws, and maps out the ambiguous position occupied by money within our contemporary society. In his very first performance – in reaction to art-school traditions – Fabre turns classical paintings upside down and clads them with the text: 'You have to take everything seriously but not tragically!'

When Jan Fabre, during the course of *Money Performance*, rips up, eats and finally burns the bills he received as admission fee, with *The Ready-to-made of the Money Performance*, where the artist makes an exhibition with the money collected, and walks around in a suit made of money while stuffing the rest in his pockets, the public's reaction is less than enthusiastic.

At the opening of the exhibition *The Essential Multiple*, Jan Fabre and Erik Vermeulen ask members of the public for an entry fee. A signed receipt is given, stamped and then handed back

as a multiple made by the artists. During the opening of an exhibition in Turnhout, Fabre goes around with a bag on his head that reads *Buy of Jan Fabre's*.

The same themes are again taken up during Jan Fabre's stay in the United States. With *After Art*, he investigates what it means to be a young artist on a public platform. For *The Killing of J.F.K.*, he shoots at a dollar coin bearing Kennedy's image. The *Creative Hitler Act* sees Fabre exploring the role of artist as dictator, and who as an absolute ruler determines which language is to be used. The relationship between artist and art critic is further examined in *Art as o Gumble, Gumble as on Art*. When Fabre calls into question the critic's position within the world of art by symbolically torturing the philosopher Lars Aagaard Mogensen with art-related attributes, a member of the public calls the cops. On New York's Park Avenue, Fabre together with artist colleague Anson Seeno try to sell passers-by drawings on dollar bills and bags of salt as art works. When the organizers refuse Fabre's proposal to have art critics shoot at him in a manner reminiscent of Russian roulette, Fabre reacts by creating the piece *It is Kill or Cure*.

## SCIENCE &amp; EXPERIMENT

Jan Fabre's fascination for science goes back to childhood days. The young Fabre liked nothing better than studying the world of insects and other animals, dissecting their small bodies and transforming them into new beings. His discovery of the famous French entomologist and namesake Jean-Henri Fabre, opened up a new world to him and would come to leave its mark on his entire artistic universe. During the performance *Me, Dreaming*, the artist exploring his own body. He sands the flesh of his legs like he sands the table's wood. Object becomes body, body becomes object.

The new millennium sees Jan Fabre being invited to be the first artist-in-residence at The Natural History Museum in London, where he worked on the film *A Consilience* and for which he had the museum's scientists clothed as an animal from their respective branches of research. In the film *Is the brain the most sexy part of the body?*, the face-to-face interaction takes place between the scientist (Edward O. Wilson) and the artist (Jan Fabre). They use the cross fertilization between their domains to better understand the brain and its beauty.

For *Do we feel with our brain and think with our heart?*, the artist enters into dialogue with Italian neurologist Giacomo Rizzolatti, discoverer of mirror neurons which may be responsible for our empathic sense.

## BLOOD &amp; BODY

As an important source of inspiration and motivating force to create his performances, Jan Fabre cites his visit as a young student to an exhibition on stigmata and self-chastisement at the Groeningemuseum in Bruges. The overpowering corporality and the significance of the blood sacrifice later inspires the artist to perforate his own body. During *My body, my blood, my landscape*, Fabre cuts his body with a razor and uses his own blood to draw on paper. In later performances as well, Fabre draws inspiration from the Middle Ages and Flemish Masters like Jan van Eyck, Jeroen Bosch and Pieter Bruegel the Elder. Skeletons and skulls, stuffed animals and harnesses are recurring elements.

During the over 5 hour-long performance *Songus / Mantis*, Fabre puts forward his views regarding art, religion, trance and transformation, and writes a manifesto in his own blood: *There's no getting used to art*. In a ritualistic manner, he moves among 13 tables, driven by different pieces of equipment. The loss of blood plus the effects of rust toxicity from the harness compel the artist into a near mystical state of exhaustion, thus expanding his consciousness and stirring artistic creation. Destruction and creation are two edges of the same sword. The form of the helmet is based on the praying mantis, which acts as an oracle of future events while sucking blood.

Out of respect for art and a love for beauty, Jan Fabre and Marina Abramović explore the notion of virgin warriors who throughout history have fought for beauty. Enclosed within a giant-sized cage in Palais de Tokyo, Fabre wears the harness of the rhinoceros beetle; Abramović wears that of the wasp. The performance lasts some 4 hours, and consists of 28 parts or actions. These vary from references to iconic images (Saint George, the Pietà and others) and the expression of states of mind, to writing and drawing with each other's blood. These operations are a battle taken on by both artists in order to reach a new state of being: "We try to get back to a state of childhood, of transparency, of virginity in our transactions."

## HOMAGES

References to, collaborations with and tributes to artists, philosophers and scientists who have inspired or influenced him – these run as a connecting thread throughout the performances of Jan Fabre. In Amsterdam, Fabre becomes acquainted with the work of Bas Jan Ader. As an homage to this artist (presumed lost at sea), he managed to persuade a friend to spare a stay of two days and three nights on a boat. At the University of Milwaukee, Fabre offers a Marcel Duchamp-related performance. Using salt, he attempts to materialize Duchamp's spirit. The performance *Little is a play-on-words on the name of the French artist: Mar-cel Du-champ, Sea-Salt of the Field*.

An organically grown friendship between Jan Fabre and Ilya Kabakov becomes sealed with a joint performance in Antwerp. To a score written by Fabre, Kabakov improvises by way of homage to Fluxus artist Walter Marchetti. In the film *A Meeting / Vitrecho*, the two artists share – like fly and scarab – the secret of art. They discuss, each in his own language, on the rooftop and in the basement of a skyscraper in New York, various aspects of being an artist in their respective countries.

Jan Fabre creates *The Problem (Homage to Dietmar Kamper)* together with German philosophers Dietmar Kamper and Peter Sloterdijk. In a romantic landscape, the three gentlemen put forward their problem, rolling a ball of earth like dung beetles to extend their knowledge and crumple of the artist, who indeed spends much of his time working and living in the obscurity and obscurity of the night.

During the *Red Lines Performance* Fabre, together with the Dutch poet Albert Hagenars, visits some of his favourite haunts in Antwerp. The action consisted of connecting all these places with a red thread.

The film *The Scholtz (Hey, what a pleasant madness!)* is a homage to the river that runs through the artist's home town. The river as the bathtub of the city, allowing the artist to relax his body and give free flow to his creativity. During the performance Fabre offers the river two gifts: the counsel that everything and everyone needs a sort of fine madness, and a Bic-blue owl. The owl is a self-portrait of the artist, who indeed spends much of his time working and living in the obscurity and obscurity of the night.

Anexo 2

JAN FABRE

ESTIGMAS – Acciones y performances 1976–2017

El artista belga Jan Fabre (1958) es una de las figuras más innovadoras e importantes de la escena artística contemporánea internacional. Como artista visual, dramaturgo y autor, ha creado un mundo extremadamente personal.

**ESTIGMAS – Acciones y performances 1976–2017**, comisariada por el influyente historiador del arte y comisario italiano Germano Celant, realiza un recorrido que va desde las primeras performances de Fabre, como *La performance del dinero*, 1979; *Ilad* de la solda de arte Bic, 1981; o *Songius / Montis*, 2001, hasta *Soy un error*, 2017 y muchas otras, algunas de las cuales fueron creadas en colaboración con otros artistas (como Marina Abramović o Ilya Kabakov), filósofos (como Dietmar Kamper o Peter Sloterdijk) o destacados científicos (Edward O. Wilson y Giacomo Rizzolatti).

Esta exposición, celebrada en un entorno único, se compone de una selección de obras increíblemente rica que ofrece una perspectiva de los 40 últimos años de la producción de Fabre en el campo de las performances.

La arquitectura de la exposición se puede percibir como una ampliación radical de una de las primeras instalaciones de Fabre, *Objetos para dormir y para comulgar*, 1978, en la que muestra las herramientas empleadas en esta performance en su mesa de trabajo (una hoja de vidrio colocada sobre dos caballetes de madera).

En un laboratorio de mesas, la exposición incluye maquetas de estudio, dibujos, elementos de vestuario, fotografías, películas, grabaciones de vídeo y material de archivo, así como extractos de *Diarios nocturnos* de Fabre.

La película *El doctor Fabre es curandero*, 2013, del artista y realizador de vanguardia Pierre Coulbèuf, se proyecta en el Refectorio.

ARTE BIC

En algunas de las performances de finales de los 70 y principios de los 80, Jan Fabre introduce el bolígrafo como técnica alternativa al arte de los grandes maestros. Al principio, se trataba simplemente de una cuestión práctica: "Era barato y manejable, me podía llevar y robar los bolígrafos de cualquier parte". Fabre era muy consciente de que ningún artista utilizaba este instrumento. La naturaleza química de la tinta azul, que contiene un tipo de gelatina de plata, hace que los dibujos no parezcan estáticos sino fluidos. Además, el color evoca el concepto propuesto por el entomólogo francés Jean-Henri Fabre, homónimo del artista: "la hora azul", ese momento mágico en el que muere la noche y nace el día, la hendidura del tiempo, el instante en el que cambia todo y todo es posible.

Para la acción *Propagando* en arte Bic, Jan Fabre envía postales hechas a mano a todos los lugares del mundo, para publicar su movimiento de Arte Bic: El juego de palabras "ik stempel (H) Art (Yo sello arte; hart' es 'corazón' en neerlandés) que escribe en los sobres alude a la situación económica del artista, que tenía que ir a sellar la cartilla del paro cada día. La música que se escucha en *Las performances musicales* del arte Bic es el sonido del bolígrafo arañando el papel. En este caso, el dibujo se convierte en partitura. En *Lo hueillo del arte Bic*, el artista, siguiendo la estela de Yves Klein, experimenta con huellas que realiza con su propio cuerpo.

Bélgica, el país natal de Fabre, es el único en el mundo en el que es tradicional imprimir la bandera tricolor nacional en los trapos de limpieza. Jan Fabre usa uno para fregar la casa-museo amblerina del pintor Jordaens en Limpizando el museo. El trapo lleva inscrito: "Solo actos de terrorismo político". Durante la performance *Ilad* del arte Bic, Fabre, como *Ilad* (que es el nombre de Dalí invertido), se enfrenta directamente a la historia del arte. Arranca una reproducción artística, la cuega en la pared y, luego, la pinta con su bolígrafo. En *En Foro* del arte Bic, la solda del arte Bic, Jan Fabre se encierra tres días y tres noches en una habitación totalmente blanca, vestido de blanco, comiendo alimentos blancos. Al final, la habitación (y él mismo) acaba cubierta de puntos y símbolos.

GÁNSTERES Y METAMORFOSIS

Jan Fabre fue un niño aficionado a las peleas que supo ver la belleza del lenguaje callejero. El sentido de la batalla que reina en la vida, Jan Fabre entiende que el arte y el estilo de las batallas callejeras, la ley de la calle, que se basa en la fortaleza física y mental, así como el código de honor, constituyen un importante estímulo para sus performances. A fin de recabar material, el joven artista allana las mansiones de los barrios residenciales más ricos de Amberes. Él y sus amigos forman la "Cartouche Gang". Venden los objetos que roban para comprar materiales de arte, o los emplean en instalaciones. Fabre presenta el botín de estos saqueos en *Robos y peleos callejeros* mientras que en la película de 8mm *La pelco* condensa la ley de la calle en un breve texto.

En el museo del Louvre, Fabre ofrece la performance de cinco horas *El arte me olgí de lo círculo*, inspirada en el gánster francés Jacques Mesrine, un personaje que ha fascinado al artista durante largo tiempo. Entre esculturas y sarcófagos antiguos, Fabre aparece cada vez con un aspecto-distintivo diferente, para terminar sucumbiendo por una larga salva de disparos. A los ojos del performer, Mesrine es un artista del escapismo y un maestro de la metamorfosis. La figura del gánster se concibe como una metáfora del artista como parásito que se agazapa en el abrigo de piel de la sociedad. Asimismo, la performance es una crónica del estatus y rol del museo: el arte no solo debe conservarse sino que ha de abrirse camino hacia el mundo exterior para adquirir su verdadero sentido.

Desde sus comienzos, la metamorfosis y la transfiguración se adivinan como motivos recurrentes en las performances de Jan Fabre. A finales de los 70, la que era su novia por aquel entonces, una artista maquiadora, transforma continuamente a Fabre en una gran variedad de personajes: Fred Astaire, Jim Morrison, Jacques Mesrine, un príncipe árabe, etc. La prelación de Fred Astaire lo inspira para concebir la coreografía como una forma de pintura con el cuerpo. La performance *Esta noche quiero ser Fred Astaire*, *Esta noche quiero ser un asesino* es una metamorfosis de animal a humano y de humano a animal. Como reacción a su aspecto escudatado de joven, en *Soy un hombre esqueleto* Fabre se pone un traje de carne. Más tarde, en la película de Pierre Coulbèuf, este "hombre esqueleto" vuelve a aparecer, pero, esta vez, dialogando con las obras de gran calidad de Peter Paul Rubens.

DINERO Y EL MUNDO DEL ARTE

En algunas de sus primeras performances, Jan Fabre pretende dejar huella en la historia del arte reflexionando, de consumo, de dinero. Asimismo, dirige su mirada crítica a las leyes imperantes del mundo del arte y traza, al detalle, la posición ambigua que ocupa el dinero en nuestra sociedad contemporánea. Por ello, como reacción frente a las tradiciones del academicismo, en su primera performance, Fabre da la vuelta a las pinturas clásicas y las recubre con el texto: "Tómense las cosas en serio pero tampoco hagan un drama".

En *Performances del dinero*, el artista rompe, se come y, finalmente, quema el dinero que recibe por las entradas, lo que lleva al público enfurecido a invadir el escenario. Algo parecido ocurre en *The Reamake of lo Performance del dinero*, en la que el artista organiza una exposición con el dinero recabado y se pasea con un traje elaborado con billetes, mientras se llena los bolsillos con los restantes: la reacción de los asistentes no es precisamente entusiasta.

En esta misma línea, en la inauguración de *Múltiplo esencial*, Fabre y Erik Vermeulen piden al público que paguen la compra para luego, entregársela el recibo de la compra. El dinero es grande como se hace en los comercios. Durante una inauguración en la ciudad belga de Turnhout, el artista llega, incluso, a pasearse con una bolsa en la cabeza que dice: "Compre en Jan Fabre".

Más adelante, el performer retoma estos mismos temas durante su estancia en Estados Unidos. Con *Después del arte*, se plantea el significado de ser un artista joven ante el público, mientras que en *Lo muerte de J.F.K.* dispara a una moneda de un dólar con la imagen de Kennedy. El acto creativo de Hitler le permite explorar el papel del artista como dictador ya que, en calidad de mandatario absoluto, es quien determina el lenguaje que debe emplearse. Por otro lado, la relación entre el artista y el crítico de arte se analiza en profundidad en *E corte* como juego, el juego como arte, una performance en la que Fabre cuestiona la posición del crítico en el mundo del arte torturando, simbólicamente, al filósofo Lars Aagaard Mogenssen, con atributos relativos al arte, hasta que un miembro del público acaba llamando a la policía. Fabre también interviene en la Park Avenue de Nueva York con su colega Anson Seeno intentando vender a los transeúntes dibujos en billetes de un dólar y bolas de algodón así como obras de arte. Finalmente, cuando los organizadores vetan la idea de Fabre de presentar una performance en la que ciertos críticos de arte le disparasen evocando una ruleta rusa, el artista reacciona creando *O te curo o te mato*.

CIENCIA Y EXPERIMENTO

La fascinación de Jan Fabre por el cuerpo y por la ciencia se remonta a su niñez. No había nada en el mundo que le gustase más al pequeño Fabre que estudiar el mundo de los insectos y de otros animales, diseccionar sus diminutos cuerpos y transformarlos en nuevos seres. Descubrir al famoso entomólogo francés Jean-Henri Fabre, su homónimo, le abrió un nuevo mundo y marcó su universo artístico por completo. Durante la performance *Yo*, soñando el artista explora su propio cuerpo. Se fija las piernas de la misma forma que fija la madera de la mesa. Así, el objeto se convierte en cuerpo y el cuerpo en objeto. *El hombre que mide las nubes* constituye, a la par, un homenaje a su hermano gemelo fallecido y un tributo a la muerte y al papel del artista. La performance expresa artísticamente la frase "planificar lo imposible", simboliza la obstinada determinación que se requiere para delinear aquello que no se puede inventar. De hecho, la romántica imagen del intento de aplicar datos empíricos a un mundo natural en constante cambio sintoniza a la perfección con la práctica artística de Fabre quien, para bautizar la obra, se inspira en las de habitarse realizadas por el ornitólogo Robert Stroud, preso en Alcatraz, cuando fue puesto en libertad: "Voy a medir las nubes".

El nuevo milenio es testigo de la presencia de Jan Fabre como primer artista residente del Museo de Historia Natural de Londres. Allí, trabajó durante años en el rodaje de la película *Consiliencia*, en la que disfrató a los científicos del museo de animales dependiendo de sus campos de investigación.

En la película *¿Es el cerebro la parte más sexy del cuerpo?*, se produce un ceno entre el científico (Edward C. Wilson) y Jan Fabre. A través del intercambio de ideas procedentes de sus disparas disciplinas, ambos pretenden entender mejor el cerebro y su belleza.

Durante *¿Sentimos con nuestro cerebro, pensamos con nuestro corazón?*, Fabre dialoga con el neurologo italiano Giacomo Rizzolatti, descubridor de las neuronas espejo, responsables de nuestro sentido de la empatía y que inspiraron al artista para escribir en mármol sus famosas Piéto.

SANGRE Y CUERPO

Como fuente de inspiración estética y fuerza motivadora para crear sus performances, Jan Fabre recuerda su visita, cuando era estudiante, a la exposición sobre estigmas y autografía que organizó el museo Groeninge de Brujas. Su fascinación por la imponente corporalidad y el significado del sacrificio de sangre es tal que el artista llega a perforar su propio cuerpo. Durante *MI cuerpo*, ni sangre, ni piéto, Fabre se produce cortes en el cuerpo con una cuchilla de afeitar y utiliza su propia sangre para dibujar palabras y símbolos sobre el piel. Además, en performances posteriores, Fabre se inspira en la Edad Media y en los muestros flamencos como Jan Van Eyck, El Bosco y Pieter Bruegel el Viejo. De ahí que su imaginario se pueble de esqueletos, calaveras, animales diseccionados y armaduras.

Durante la performance de cinco horas *Songius / Montis*, Fabre presenta su visión del arte, la religión, el trance y la transformación y escribe un manifiesto con su propia sangre: "No hay forma de habitarse al arte". Como si se tratase de un ritual, el artista se mueve entre 13 mesas, impulsado por diferentes piezas de armadura. La pérdida de sangre junto con la toxicidad del óxido del armazón producen en él un estado casi místico de extenuación, expandiendo su conciencia y estimulando su capacidad creativa. La destrucción y la creación se muestran como las dos caras de la misma moneda. La forma del yelmo emula a la de una mantis religiosa, que ejerce de oráculo de futuros acontecimientos mientras succiona sangre.

En un alarde de irreverencia frente al arte y el amor a la belleza, en *Virgen / guerrero*, Jan Fabre y Marina Abramović profundizan en la realidad de los guerreros vírgenes que, a lo largo de la historia, han luchado por la belleza. Dentro de una jaula gigante, Fabre lleva la armadura de un rinoceronte y Abramović la de una avispa. La representación dura unas cuatro horas y se divide en 26 partes o tramas, que van desde la recreación de imágenes icónicas (como San Jorge y la Píet) hasta la expresión de los estados de ánimo a través de la escritura o el dibujo de los artistas, que emplean recíprocamente la sangre del otro para crear. Estas acciones proyectan una batalla entre ambos para alcanzar un nuevo estado vital: "Intentamos volver a un estado infantil, de transparencia y de virginidad en nuestras transacciones comerciales".

HOMENAJES

Las referencias, colaboraciones y tributos a artistas, filósofos y científicos que lo han inspirado o influido, constituyen el hilo conductor de las performances de Fabre. Por ejemplo, el artista descubrió el trabajo de Bas Jan Ader, del que se perdió el rostro en altamar y, en homenaje a él, convenció a un amigo para que compartiese dos días y tres noches en un bote.

En la Universidad de Milwaukee, Fabre realiza una performance inspirada en Marcel Duchamp en la que, con sal, intenta materializar su espíritu. El título de la obra es un juego de palabras con el nombre del artista: Mar-cel Du-champ, Mar-Sal Del-Campo, en francés.

La verdadera amistad, sin aditivos, que se forja entre Jan Fabre y Ilya Kabakov queda sellada con una performance conjunta que tuvo lugar en Amberes. Con una música creada por Fabre, Kabakov improvisa un monólogo a Walter Marchetti, artista perteneciente al movimiento Fluxus. En la película *Lo reunión* los dos artistas, convertidos en mosca y escarabajo, comparten los secretos del arte, hablando, cada uno en su idioma, sobre lo que implica ser artista en sus respectivas tierras. Más adelante, Jan Fabre realiza *El Escudo (Ay, qué agradable locurar)*, un homenaje al río que pasa por el puerto de la ciudad natal del artista. En esta "balería" de Amberes, el artista relaja su cuerpo y puede dar rienda suelta a su creatividad. Durante la performance, Fabre realiza dos ofrendas al Escalado: el consejo de que todo y todos necesitamos un poco de sana locura y un bño realizado con bolígrafo azul, un homenaje del artista, que pasó la mayor parte de su tiempo trabajando y viviendo en la obscuridad y oscuridad de la noche.

TÍTULO: Interculturalidade e especialização da tradução museológica de arte contemporânea: desafios de translação para espanhol do programa de mão de Jan Fabre: Estigmas-Ações e performances 1976-2017

RESUMO: O crescimento exponencial do número de museus públicos de arte contemporânea em Espanha nas três últimas décadas acarreta um fluxo de arte e do respetivo material promocional. Neste está presente a tradução intercultural, de modo a permitir o acesso do público a exposições cujo material original é editado em outro idioma.

Esta situação representa uma oportunidade como novo nicho de mercado tradutor e como objeto de estudo, sendo a tipologia museológica uma categoria apenas abordada epistemologicamente dentro dos Estudos de Tradução. De modo a dar os primeiros passos neste sentido, numa linha de investigação ainda marginal, seleccionámos os textos que pertencem à tipologia textual «programa de mão» da exposição Jan Fabre: Estigmas-Ações e performances 1976-2017, organizada pelo Centro Andaluz de Arte Contemporânea de Sevilha em 2018. Identificámos os desafios de tradução, as estratégias que foram empregues e as técnicas aplicadas de acordo com o trabalho pedido, bem como as diretrizes do iniciador do mesmo. Atendendo aos resultados, reconhecemos as características híbridas (tipologia, modalidade, multiculturalidade) desta prática de tradução que consideramos que merece um maior interesse por parte da Academia.

TITLE: Interculturality and specialisation in contemporary art museum translation: translation challenges of the Spanish leaflet of Jan Fabre: Stigmata, Actions and performances 1976-2017

ABSTRACT: In the last three decades, Spain has experienced an exponential growth of the number of public museums of contemporary art. This situation entails a flow of art and promotional material in which intercultural translation is present to allow public access to exhibitions that are based on material edited in a foreign language.

This trend represents an opportunity as a new niche in the translation market and as an object of study, since museum typology has been hardly addressed from an epistemological approach within Translation Studies. Thus, in order to take the first steps in this direction in a still marginal line of research, we select the texts that belong to the textual typology “leaflet” of the exhibition Jan Fabre: Stigmata. Actions & Performances 1976-2017, organized by the Centro Andaluz de Arte Contemporáneo of Seville in 2018. We identify translation challenges, strategies and techniques in the EN to ES transfer taking into account the translation brief as well as the guidelines given by the initiator thereof. In the light of the results obtained, we recognize the hybrid characteristics (typology, modality, multiculturalism) of this translation practice that deserves greater interest on the part of the Academy.



# Projeto Rurtugal: da tradução/localização à produção digital multilingue

## The Rurtugal Project: from translation/localization to multilingual digital production

SÍLVIA ARAÚJO\*

DANIELA GOMES\*

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Tradução/localização, Produção digital multilingue, Multimodalidade, Criatividade.

KEYWORDS: Culture, Translation/localization, Multilingual digital production, Multimodality, Creativity.

### 1. Introdução

A indústria da tradução, e, consequentemente, o papel do tradutor, tal como era conhecido até finais do século XX, têm vindo a sofrer grandes alterações com a criação e o desenvolvimento das novas tecnologias, oferecendo ao profissional de tradução uma panóplia de ferramentas tecnológicas que vieram alterar por completo o seu contexto de trabalho (Austermühl, 2001). Além disso, a própria tecnologia tornou-se objeto de tradução, trazendo para o mercado novos conceitos e formas de tradução, como, por exemplo, a localização (Antunes, 2001; Torres / Rodríguez Vázquez, 2016). Com o avanço tecnológico, surgem novas exigências na área da tradução que podem revestir-se de novas oportunidades se o profissional de tradução souber adaptar-se (Peixoto, 2014). Sandrini (2005, p. 2) exemplifica em detalhe o novo papel do tradutor como localizador – um tradutor especializado na tradução de conteúdo informático direcionado para um determinado grupo cultural. Temos assistido, de facto, a uma crescente procura de documentação técnica multilingue, de sítios web multilingues, de adaptações de jogos de vídeo, de DVDs legendados, de produtos *software* localizados ou ainda de programas comerciais internacionais. A maioria dos tradutores profissionais é, pois, solicitada para traduzir em diversas áreas de especialidade e para agir sobre/com a língua em suportes informáticos de diferente tipologia, tendo em conta aspetos tais como a

\* Universidade do Minho.

internacionalização e a globalização (Cadieux / Esselink, 2004; Folaron / Gambier, 2007).

## 2. Do Projeto *PortuCult* ao Projeto *Rurtugal*

Na sequência da contextualização inicial sobre a necessidade de integração de tecnologias digitais na formação dos alunos da área de humanidades e, mais concretamente, na formação dos (futuros) tradutores localizadores, é nosso objetivo apresentar, na presente secção, uma experiência pedagógica que consistiu na produção e disponibilização de conteúdos digitais multilingues por alunos inscritos em duas unidades curriculares (UC) do Mestrado de Tradução e Comunicação Multilingue da Universidade do Minho, a saber as UC de *História de Arte* e de *Localização e Produção Digital Multilingue*. Trata-se, como daremos conta a seguir, de um projeto de promoção das aldeias portuguesas cuja designação (*Rurtugal*) resulta da simbiose entre as palavras *Portugal* e *Rural*.

### 2.1. Breve apresentação do Projeto *PortuCult*

Importa referir, em primeiro lugar, que o *Rurtugal* surge na continuidade de um outro projeto denominado *PortuCult*, cujo objetivo é reunir, numa única plataforma, uma variedade de informações sobre o panorama histórico-cultural português:



Fig. 1: Página inicial do *PortuCult*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> <https://portucult.wordpress.com/>

Construída, no primeiro semestre do ano letivo 2017-2018, pelos alunos da Licenciatura em Estudos Culturais da Universidade do Minho, esta plataforma disponibiliza uma variedade de temas ligados à história de Portugal, às lendas, à gastronomia, à geografia, entre muitos outros, apresentados de forma criativa. A rubrica «Portugal em estórias», por exemplo, pretende dar a conhecer a cultura portuguesa através de microficcções geolocalizadas (Caquard / Joliveau, 2016). Vejamos, a título ilustrativo, a narrativa de Afonso Silva, um jornalista, que procura descobrir quem é o responsável pelo encerramento compulsivo das casas museu de alguns escritores portugueses. A pretexto de desvendar este mistério, o leitor acompanha o personagem numa viagem através da literatura:



Fig. 2: A literatura portuguesa revisitada com recurso a *story maps*.<sup>2</sup>

Como refere Gerbault (2012), a literacia digital ocupa um lugar importante na construção das competências a adquirir pelos adultos do século XXI (Ananiadou / Claro, 2009), competências essas que envolvem a capacidade de compreender e produzir textos multimodais em contexto monolíngue ou plurilíngue (Lebrun *et al.*, 2012). Esta capacidade de ler e comunicar de forma eficaz, combinando escrita, imagens e efeitos sonoros em diferentes tipos de suporte, pressupõe competências subjacentes de ordem cognitiva, emocional, pragmática, semiótica e textual. Ao implementar projetos como o *PortuCult* ou o *Rurtugal*, é nosso objetivo incentivar os alunos a desenvolver estas competências para que possam participar e interagir numa sociedade em rede

<sup>2</sup> <https://uploads.knightlab.com/storymaps/9cc917fe48283a0504039982bcf167e5/o-misterio-das-casas-museu/index.html>.



(Maia *et al.*, 2002; Castells, 2009), altamente competitiva, que valoriza o ser-se flexível e criativo (Ohler 2008; Coutinho / Lisboa, 2011, p. 5). Estes dois projetos estão aliás intimamente interligados, pois é possível aceder ao *Rurtugal* a partir do separador «Património» existente na barra de navegação do *PortuCult*:

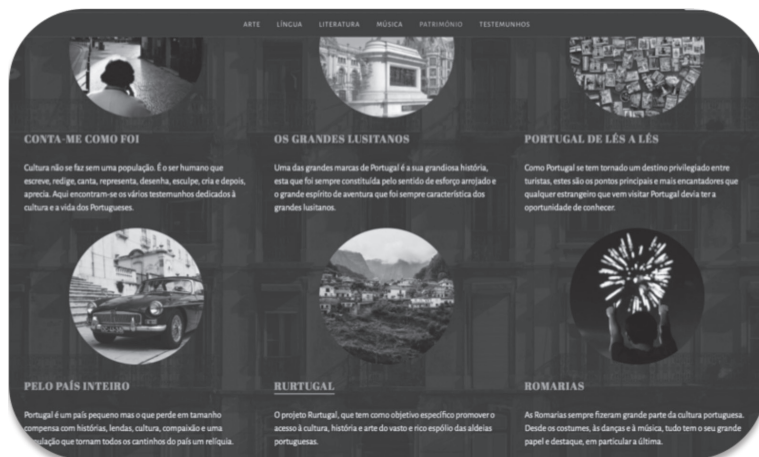


Fig. 3: Acesso ao *Rurtugal* a partir do *PortuCult*.<sup>3</sup>

## 2.2. Breve apresentação do Projeto *Rurtugal*

Como referimos anteriormente, dois grupos, oriundos de duas unidades curriculares, protagonizaram todos os passos necessários à execução do *Rurtugal*. O projeto divide-se em duas fases: recolha e redação de conteúdos pelos alunos de História de Arte e transposição desses conteúdos em suporte digital pelos alunos de Localização:

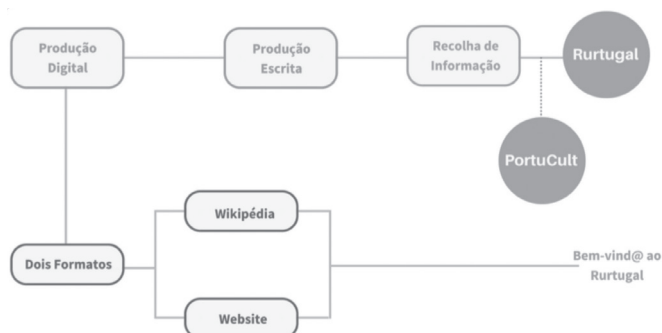


Fig. 4: Fluxograma representativo das principais etapas do projeto *Rurtugal*.

<sup>3</sup> <https://portucult.wordpress.com/#post-551>.

### 2.2.1. Recolha e redação de conteúdos

Na primeira fase, os alunos de História de Arte deslocaram-se às aldeias de Gontães, Carapeços, Vila Nova de Anha e Bucos, contactaram com a população local e recolheram material audiovisual, salvaguardando questões de direito autoral. Paralelamente a cada um dos testemunhos, registados sob a forma escrita ou audiovisual, cada grupo procurou recolher imagens e outros documentos relevantes.<sup>4</sup> Esta recolha in loco resultou na criação de um dossiê detalhado sobre cada aldeia:

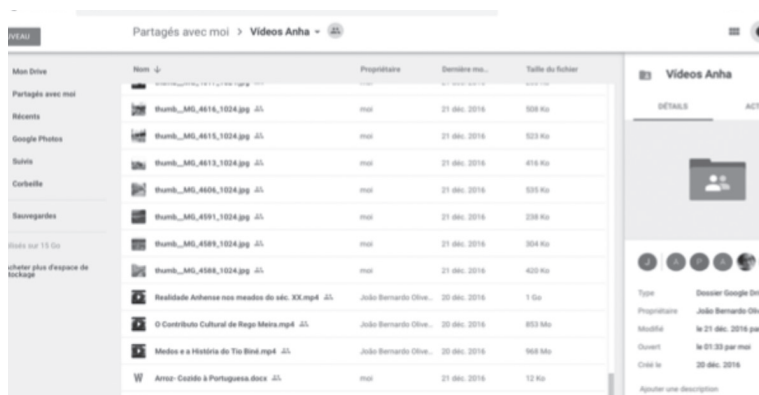


Fig. 5a: Conteúdos (vídeos, textos, fotos) partilhados pelo Google drive.

Posteriormente, com base nesse material e pesquisas autónomas, os alunos redigiram textos sobre o património de cada aldeia:

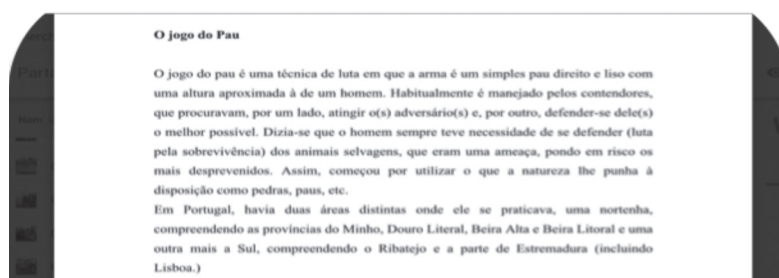


Fig. 5b: Textos redigidos pelos alunos de História de Arte.

<sup>4</sup> O trabalho desenvolvido no âmbito desta primeira fase foi coordenado pelo Professor Giovanni Tedesco, que lecionou a UC de História de Arte no Mestrado de Tradução e Comunicação da Universidade do Minho.

## 2.2.2. Produção e publicação de conteúdos

Na segunda fase, os alunos de Localização e Produção Digital Multilíngue procederam à revisão linguística dos textos produzidos na fase anterior. De seguida, adaptaram os conteúdos a apresentar a dois formatos distintos – um website (que se quer mais visual e apelativo) (cf. *infra*, Fig. 6) e páginas *Wikipédia*<sup>5</sup> (que pretendem ser mais informativas) (cf. *infra*, Fig. 7):

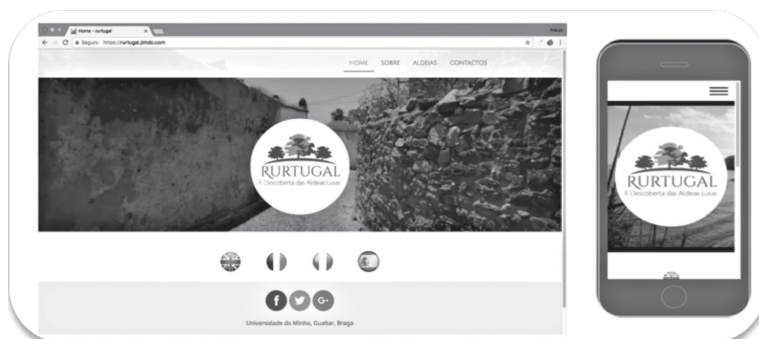


Fig. 6: Página inicial do *Rurtugal*.<sup>6</sup>

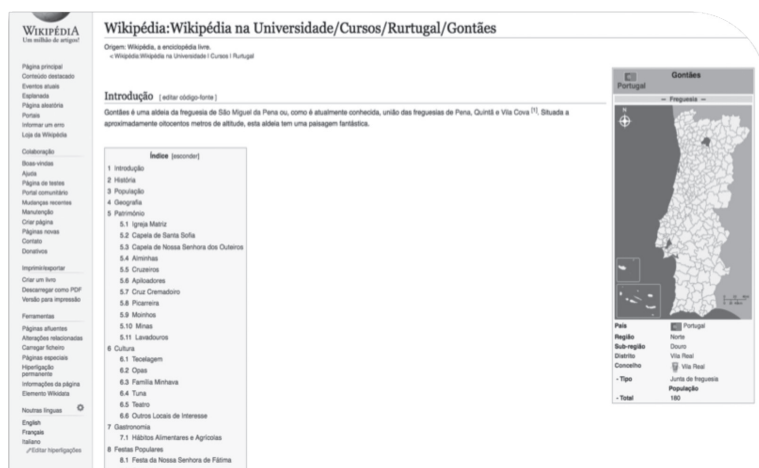


Fig. 7: Página *Wikipédia* sobre Gontães.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> As páginas editadas encontram-se em conformidade com as linhas de orientação fornecidas pela *Wikipédia*. Essas páginas podem ser consultadas a partir do website *Rurtugal*.

<sup>6</sup> <https://rurtugal.jimdo.com/>.

<sup>7</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Wikip%C3%A9dia\\_na\\_Universidade/Cursos/Rurtugal/Gont%C3%A3es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Wikip%C3%A9dia_na_Universidade/Cursos/Rurtugal/Gont%C3%A3es).

Como se pode ver no *Índice* assinalado (a cinzento) na página *Wikipédia* (cf. *supra*, Fig. 7), os alunos de Localização optam por dividir a *Introdução* redigida pelos alunos de História de Arte em vários subtemas, por forma a adaptar os textos à estrutura composicional da *Wikipédia*:

| Temas e subtemas          |                            |
|---------------------------|----------------------------|
| Dossiê - História da Arte | Página da <i>Wikipédia</i> |
| Introdução                | Introdução                 |
|                           | História                   |
|                           | População                  |
|                           | Geografia                  |
| Património                | Património                 |
| Cultura                   | Cultura                    |
| Gastronomia               | Gastronomia                |
| Festas Populares          | Festas Populares           |

Fig. 8: Estrutura da página *wikipédia*.

A necessidade de adaptação/localização do material fornecido pelos alunos de História de Arte é visível em muitos outros aspetos. Quando falamos em localização, referimo-nos à localização de software ou de jogos mas também à localização de páginas Web ou de outros recursos digitais tais como imagens. Por exemplo, aquando da tradução para inglês,<sup>8</sup> francês<sup>9</sup> e italiano<sup>10</sup> da página de Gontães, os alunos descobriram os diferentes livros de estilo a que cada língua (português, inglês e francês) é submetida.<sup>11</sup> Como podemos observar abaixo, o mapa na *Wikipédia* portuguesa apresenta a bandeira portuguesa no

<sup>8</sup> <https://en.wikipedia.org/wiki/Gont%C3%A3es>.

<sup>9</sup> <https://fr.wikipedia.org/wiki/Gont%C3%A3es>.

<sup>10</sup> <https://it.wikipedia.org/wiki/Gont%C3%A3es>.

<sup>11</sup> O livro de estilo da *Wikipédia* portuguesa (disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Livro\\_de\\_estilo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Livro_de_estilo)) é diferente do da *Wikipédia* inglesa (disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Manual\\_of\\_Style](https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Manual_of_Style)). Um dos pontos divergentes refere-se, por exemplo, à forma de escrita das datas. No livro de estilo da *Wikipédia* inglesa, são permitidos dois formatos para datas completas: 10 June 1921 ou June 10, 1921. Para os casos em que o ano é omissivo, as versões possíveis são as seguintes: 10 June ou June 10. Aquando da tradução para inglês, os estudantes optaram pelas segundas opções.

canto superior direito e na caixa inferior, ao passo que a versão francesa apenas o faz na caixa inferior; a versão inglesa não apresenta qualquer bandeira:

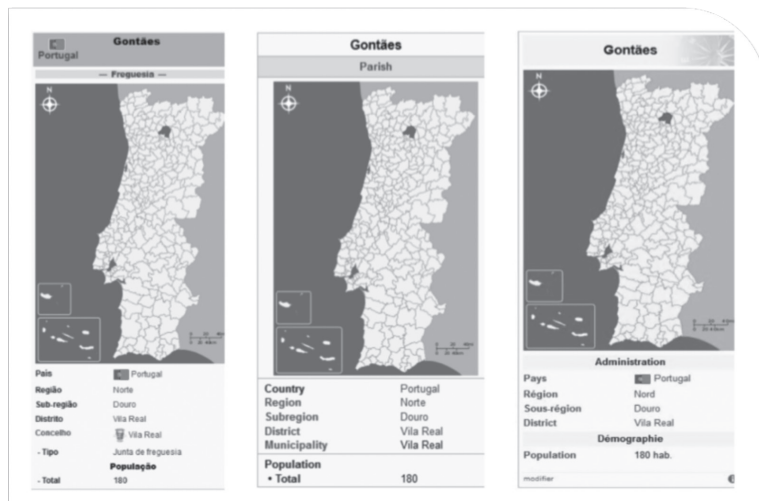


Fig. 9: Adaptação dos mapas da *Wikipédia*.

Identificamo-nos com as palavras de Austermühl (2003) quando este diz que a localização é um processo altamente complexo que excede o da tradução. Como refere Pym (2011), a localização difere da tradução no tipo de elementos traduzíveis, na forma como o processo de tradução é preparado e conduzido assim como nas ferramentas mobilizadas (*memoQ*<sup>12</sup> ou *CatsCradle*,<sup>13</sup> entre outras) para lidar, por exemplo, com códigos HTML. Como acabámos de ver, os mapas acima descritos foram alvo de localização, mediante os diferentes estilos preconizados por cada versão linguística da *Wikipédia*. O *design* (cores e tipos de sombreado) difere, de facto, de uma língua para outra. Todos estes exercícios de adaptação dos conteúdos a um determinado estilo são importantes para reforçar a ideia de que nem sempre é possível apresentar esses conteúdos da mesma forma. Esta perceção por parte dos alunos só foi possível porque foram encorajados a criar de raiz todos os conteúdos a disponibilizar no website do *Rurtugal*. Convém, pois, salientar que todas as decisões relativas ao website deste projeto, quer ao nível do conteúdo, quer ao nível do *design*, ficaram

<sup>12</sup> <https://www.memoq.com/>.

<sup>13</sup> <https://www.stormdance.net/software/catscradle/overview.htm>.

inteiramente a cargo dos alunos.<sup>14</sup> A seguir, descrevemos apenas duas das etapas que demonstram a capacidade empreendedora e criativa dos alunos.

### 2.2.3. Criação de logótipos

Depois de definir o nome do projeto, os alunos sentiram a necessidade de propor um logótipo. Foram criados 20 logótipos e todos eles foram sujeitos a uma votação por parte dos alunos de História da Arte e de Localização e Produção Digital Multilingue. O logótipo mais votado surge assinalado na figura 10 abaixo:

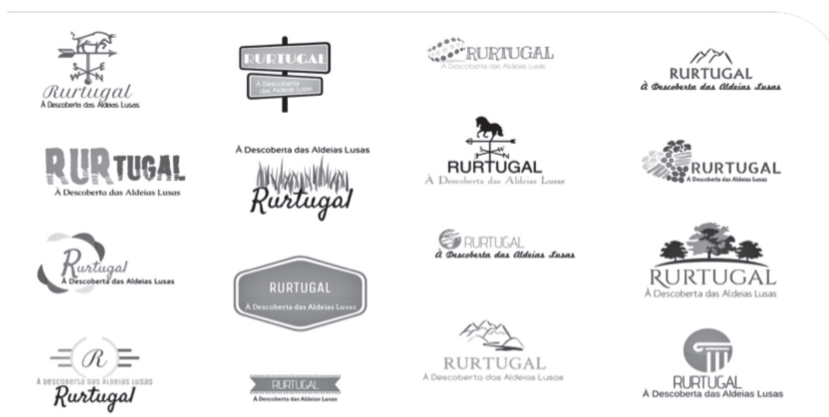


Fig. 10: Criação de logótipos.

### 2.2.4 Proposta de layouts

Reconhecendo que a capacidade de resolução de problemas e de tomada de decisões é importante para o contexto empresarial atual, foi pedido a cada alun@ que concebesse, através de uma plataforma *online* de *design* gráfico, um *layout* para uma aldeia escolhida aleatoriamente:

<sup>14</sup> Importa assinalar que o direito autoral constituiu um constrangimento, tanto no trabalho desenvolvido no website como na página da Wikipédia. Para tentar evitar o uso de imagens protegidas por direitos autorais, a Wikipédia impõe o registo de qualquer imagem na *Wikimedia Commons* (<https://commons.wikimedia.org/>). O *Wikimedia Commons* é um site de armazenamento de imagens, áudios e vídeos que estão sob licença livre.



Fig. 11: *Layouts* preliminares criados pel@s alun@s.

Estas propostas individuais serviram de inspiração para a elaboração do *layout* final do website do *Rurtugal*. Definido o *layout* geral, coube então a cada grupo preencher o separador correspondente a cada aldeia, com a informação recolhida pelos alunos da unidade curricular de História da Arte. Cada um desses separadores oferece dois blocos de fotografias: o primeiro bloco corresponde a uma galeria de fotografias ilustrativas de cada aldeia (cf. *infra*, Fig. 12a); o bloco seguinte (designado por *Pontos de Interesse*) autonomiza essas fotografias por forma a destacar cada elemento arquitetónico (cf. *infra*, Fig. 12b):



Fig. 12a: Galeria de fotografias ilustrativas de uma determinada aldeia.



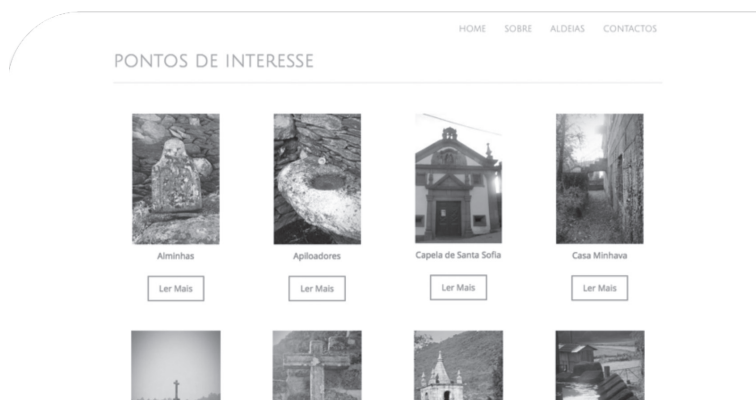


Fig. 12b: Página referente ao tópico ‘pontos de interesse’.

A adaptação linguística e cultural de um website a um determinado *locale*<sup>15</sup> é importante (Jiménez-Crespo, 2013), mas como relembra Sandrini (2005), o foco incide nos mais variados elementos multimédia; ao surgir numa estrutura não linear, disposta em unidades que os internautas selecionam e leem arbitrariamente, o texto passa, de facto, para segundo plano. Na figura (12b) acima proposta, são apresentados, como vemos, alguns dos pontos de interesse de Gontães, através de uma imagem alusiva ao monumento em questão, identificado pelo respetivo nome, seguido do botão «ler mais»; este botão permite-nos aceder a uma subpágina onde figuram mais informações sobre o monumento em questão:



Fig. 12c: Subpágina relativa a um dos pontos de interesse.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> De acordo com Sandrini (2005, p. 1), *locale* “refers to a group of people who share a language, a writing system and other properties which may require a separate version of a product”.

<sup>16</sup> <https://rurtugal.jimdo.com/gont%C3%A3es/igreja-matriz-de-gont%C3%A3es/>.



Se percorrermos as (sub)páginas do *Rurtugal*, vemos que estão documentadas para a posterioridade várias atividades características de cada aldeia, tais como o teatro, as tunas ou as marchas. As lendas e crenças estão igualmente registadas sob a forma de vídeos, gravados em conversa com as anciãs de cada aldeia:

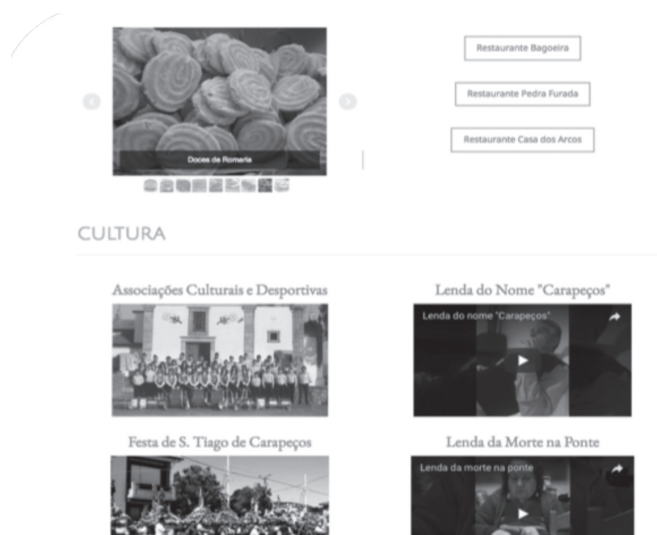


Fig. 15: Testemunhos vivos das tradições mais antigas.<sup>17</sup>

Este repositório oral das tradições e lendas pode dar origem a transposições multimodais criativas. A lenda que se segue foi convertida, por exemplo, numa banda desenhada cujas vinhetas vão desfilando uma a uma:



Fig. 16: Transposição multimodal da lenda das Alminhas do Faro.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> <https://rurtugal.jimdo.com/carape%C3%A7os/>.

<sup>18</sup> <https://rurtugal.jimdo.com/vila-nova-de-anha/>.

Pretende-se que os estudantes possam, no futuro, traduzir/localizar, para diferentes línguas, todos os conteúdos digitais (logótipo, *layout*, etc.) produzidos para cada aldeia, por forma a internacionalizar o produto final. O objetivo é levá-los a problematizar as questões inerentes à tradução/localização desses conteúdos multimodais, tendo em conta as idiossincrasias culturais dos potenciais destinatários. Importa preparar os alunos para um setor profissional onde o domínio de uma língua estrangeira (ou várias) é um fator determinante, principalmente se consideramos que – nesta área da tradução/localização – as línguas são um dos principais mecanismos de mediação.

### 3. Considerações finais

As tecnologias geram novos desafios aos tradutores e, como refere Pym (2011, p. 5), “power thus shifts from those who know translation to those who know and control technology”. Num mercado de competição supranacional, multilingue e multicultural, os profissionais com formação especializada na área das línguas podem ter que assumir uma variedade de tarefas que requerem competências diferenciadas que vão além do conhecimento especializado da língua. O ritmo acelerado da globalização provocou um aumento tremendo na comunicação multilingue e tem fomentado, de facto, um conjunto de novas competências, incluindo a redação técnica assim como os processos de reescrita para destinatários diferenciados, a gestão de websites e criação de conteúdos multimédia (Gouadec, 2002, 2003). Para que os nossos alunos, futuros tradutores/técnicos de localização, possam desempenhar este conjunto de atividades que transcende as tradicionais competências relacionadas com a tradução, parece-nos que é vital implementar cenários pedagógicos interdisciplinares que se inspiram em metodologias ativas tais como o *Project-Based Learning* (Beckett / Miller, 2006). Ao viabilizar a construção de ambientes multimodais de aprendizagem colaborativa que estimulam a flexibilidade, a autonomia e a autoformação, o projeto *Rurtugal* visa, como vimos, o desenvolvimento de uma série de competências transversais (tais como competências de pesquisa e tratamento de dados, de redação de textos multilingues para a divulgação do património cultural, de prática de trabalho colaborativo assim como competências de cidadania e de literacia digital). O tradutor/localizador passa, pois, a ser muito mais do que um mediador linguístico (Conceição, 2004, p. 152), uma vez que lhe são exigidas tarefas que podem requerer uma maior proatividade e criatividade.

## Referências Bibliográficas

- ANANIADOU, K. / CLARO, M. (2009). 21st Century skills and competences for New Millenium learners in OECD countries. *OECD Education Working Papers N° 41*. OECD Publishing.
- ANTUNES, A. J. P. (2001). *Tradução e localização: pontos de contacto e de afastamento*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- AUSTERMÜHL, F. (2001). *Electronic Tools for Translators*. Manchester: St. Jerome.
- BECKETT, G. / MILLER, P. (2006). *Project-based second and foreign language education: Past, present and future*, Greenwich, CT: Information Age Publishing, Inc.
- CADIEUX, P. / ESSELINK, B. (2004), GILT: Globalization, internationalization, localization, translation. *Globalization Insider*, Volume XI, Issue 1.5, 1-5.
- CAQUARD, S. / JOLIVEAU, T. (2016). Penser et activer les relations entre cartes et récits. *M@ppemonde* 118, 1-7.
- CASTELLS, M. (2009). *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press.
- CONCEIÇÃO, M. C. (2004). Competências linguísticas e competências profissionais – Um novo perfil para os formados em línguas. *Polissemia. Revista de Letras do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*, n.º 4, 144-154.
- COUTINHO, C. / LISBÔA, E. (2011). Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no Século XXI. *Revista de Educação*, Vol. XVIII, 5-22.
- FOLARON, D. / GAMBIER, Y. (2007). La localisation: un enjeu de la mondialisation. *Hermès* 49, 37-43.
- GERBAULT, J. (2012). Littératie numérique Les nouvelles dimensions de l'écrit au 21e siècle. *Les Cahiers de l'Acedle*, vol. 9, n.º 2, 109-128.
- GOUADEC, D. (2002). *Profession: traducteur*. Paris: La Maison du traducteur.
- (2003). Le bagage spécifique du localiseur/localisateur: le vrai «nouveau profil» requis. *Meta: journal des traducteurs* vol. 48, n.º 4, 526-545.
- JIMÉNEZ-CRESPO, M. (2013). *Translation and Web Localization*. New York-London: Routledge.
- LEBRUN, M. / LACELLE, N. / BOUTIN, J.-F. (dir.) (2012). *La littératie médiatique multimodale. De nouvelles approches en lecture-écriture à l'école et hors de l'école*. Québec. Université du Québec.
- MAIA, B. / HALLER, J / ULYRCH, M. (ed.) (2002). *Training the language services provider for the new millenium*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- OHLE, J. (2008). *Digital storytelling in the classroom: New media pathways to literacy, learning and creativity*. Thousand Oaks, CA: Corwin Press.
- PEIXOTO, E. (2014). *Localização de software: os alicerces da internacionalização*. Relatório de Estágio Curricular do Mestrado de Tradução de Comunicação Multilingue, Universidade do Minho.
- PYM, A. (2011). Website localization. In K. MALMKJAER / K. WINDLE (eds.), *The Oxford Handbook of Translation Studies* (pp. 410-424). Oxford: Oxford University Press.
- SANDRINI, P. (2005). Website localization and translation. In H. GERZYMISCH-ARBOGAST / S. NAUERT (eds.), *Challenges of Multidimensional Translation – Proceedings of the Marie Curie Euroconferences* (pp. 1-8). Saarbrücken: MuTra.
- TORRES DEL REY, J. / RODRÍGUEZ VÁZQUEZ, S. (2016). New insights into translation-oriented, technology-intensive localiser education: accessibility as an opportunity. In *Proceedings of the 4th International Conference Technological Ecosystems for Enhancing Multiculturality* (TEEM '16), (pp. 971-978). New York: ACM Press.

TÍTULO: Projeto Rurtugal: da tradução/localização à produção digital multilingue

RESUMO: No âmbito deste artigo, propomo-nos apresentar o projeto *Rurtugal* que resultou de um trabalho de equipa entre alunos de duas unidades curriculares do Mestrado de Tradução e Comunicação Multilingue: *História de Arte e Localização e Produção Digital Multilingue*. Trata-se, pois, de um projeto interdisciplinar de promoção das aldeias portuguesas cujo objetivo principal é fomentar, nos alunos, a capacidade empreendedora e atitudes de responsabilidade social, em torno de uma iniciativa de valorização do património cultural. O projeto divide-se em duas fases: recolha e redação de conteúdos, pelos alunos de História de Arte, e edição/publicação desses conteúdos em suporte digital pelos alunos de Localização. Ao procurar estabelecer um equilíbrio entre as componentes práticas e teóricas do ensino da tradução/localização enquanto fenómeno multifacetado, este tipo de projetos oferece, como veremos, muitas possibilidades de desenvolvimento para a formação de tradutores ou de técnicos de localização destinados a serem integrados num mercado de trabalho multilingue e intercultural.

TITLE: The Rurtugal Project: from translation/localization to multilingual digital production

ABSTRACT: Our paper introduces the *Rurtugal* project, which is a joint venture from students of two curricular units of the Master's Degree in Multilingual Translation and Communication: *Art History* and *Multilingual Digital Localization and Production*. This is a project for the promotion of Portuguese villages, whose main objective is to engage students in entrepreneurship and social responsibility, based on an initiative to enhance our cultural heritage that brought the university and civil society closer together, fostering exchange and an effective sharing of ideas. The project is divided into two phases: content collection and writing by Art History students, and editing/publication of these contents in digital format by the Localization students. We believe that this type of project, as it seeks to strike a balance between the practical and theoretical components of translation/localization teaching as a multifaceted phenomenon, could be usefully developed for the training of translators and localization experts, who must fit into a multilingual and intercultural job market.



# O erro na expressão escrita: análise de um *corpus* e do perfil dos estudantes de língua portuguesa

## The error in written expression: analysis of a corpus and the profile of portuguese language students

FILOMENA BARBOSA AMORIM\*

PALAVRAS-CHAVE: Português, Língua estrangeira, Expressão escrita, erro, Aprendizagem, Comunicação.

KEYWORDS: Portuguese, Foreign language, Written expression, Error, Learning, Communication.

### Do ato de escrever à ortografia

A linguagem escrita surge, aqui, a partir de um contexto de aprendizagem formal.

Não sendo de natureza inata, o ato de escrever envolve processos cognitivos complexos de maturação, desenvolvimento e integração do sistema nervoso central, exigindo igualmente habilidades linguísticas, metalinguísticas, influenciadas por fatores sócio-culturais.

Segundo Neves / Martins, «produzir um texto é uma aprendizagem que se reveste de complexidade, na medida em que é necessário dominar o código escrito, conhecer as características dos diferentes tipos de texto e desenvolver uma temática, o que implica uma planificação e a escolha de estratégias» (Neves / Martins, 2000, p. 231).

Na mesma linha de pensamento, Carvalho atesta que as dificuldades associadas ao processo de redação textual ocorrem no processo da linearização do mesmo, pois «quem escreve, tem de colocar de forma linear um conjunto de informações que no plano mental se estruturam de outra forma» (Carvalho, 1999, p. 85).

Assim, segundo o mesmo autor, a complexidade, numa fase inicial da redação, incorpora ainda:

\* Universidade de Aveiro - Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC).

as preocupações e dificuldades [que] dizem respeito ao domínio dos mecanismos da ortografia e da motricidade. Não tendo ainda automatizado estes aspetos, o indivíduo tem que os ter conscientes, o que impede a libertação da sua capacidade de processamento de informação para aspetos mais profundos do texto. (*ibid.*, p. 84).

Os autores, que investigam esta questão, atestam, de forma complementar, que a escrita é um ato complexo. Por isso, para Pereira / Azevedo (2005, p. 11), é muito importante que haja uma motivação para a escrita e essa motivação deverá surgir «quando se criam oportunidades com sentido». A motivação para a escrita não deve ser pensada apenas como um resultado para um presente estanque, mas antes deve ser perspectivada em termos futuros. Neste sentido, podemos ler em Barbeiro / Pereira (2007, p. 5) que «a capacidade de produzir textos constitui hoje uma exigência generalizada da vida em sociedade. Longe de ter caminhado no sentido de pedir apenas a alguns a tarefa de produção textual, a sociedade contemporânea reforça cada vez mais a necessidade de os seus membros demonstrarem capacidades de escrita, segundo um leque alargado de género.»

É por isso que, neste contexto, dada a exigência cognitiva, vários autores invocam a importância do papel do estudante, enquanto revisor do seu trabalho, e do papel do professor, que ocupa, aqui, um papel que se estende desde a revisão/correção até à avaliação da escrita, papel este que gera críticas, como, a título de exemplo, aquela que é apresentada por Morais (2002, p. 53), em que sustenta, num tom crítico, que «a ortografia continua sendo mais um objeto de avaliação, de verificação, que de ensino».

A aquisição e o desenvolvimento do sistema ortográfico é evolutivo, sendo elaborado à medida que os graus de conhecimentos linguísticos vão sendo construídos. As habilidades visuais, em conjunto com as linguísticas, são preditoras para a questão da evolução da ortografia.

De acordo com Morais, «aprender ortografia não é um processo passivo, não é um simples ‘armazenamento’ de formas corretas na memória» (*ibid.*, p. 37); a ortografia é, antes, uma convenção social que unifica a escrita das palavras e é capaz de cristalizar (na escrita) as diferentes formas de comunicar na mesma língua. Ao desenvolver a competência ortográfica, mobilizam-se, simultaneamente, conhecimentos associados a aspetos de ordem sintática, morfológica e ortográfica, quando produzem graficamente uma mensagem oral. Ideia semelhante atestam autores como Rosa / Gomes / Pedroso (2012, p. 39), vincando que «para atingir o domínio da ortografia um estudante precisa

deixar de se apoiar exclusivamente no aspecto fonológico e precisa de se apropriar dos aspectos ortográficos e morfossintáticos». De igual importância é a solidificação da aquisição da competência lexical que, segundo diversos estudos realizados, auxilia os estudantes no processo de combinação de palavras, ajudando-os a familiarizarem-se com distintas situações comunicativas e a comunicarem corretamente, escrita e/ou oralmente, em distintos contextos (cf. Wang, 2018, p. 16).

### O erro na expressão escrita

Neste âmbito surgem os erros e é inevitável pensarmos que eles fazem e são parte integrante do processo de aprendizagem.

Antes de prosseguir, importa refletir sobre a teorização da distinção entre erro (*error*) e engano (*mistake*). De acordo com Pit Corder, o termo erro diz respeito aos padrões regulares na fala do estudante que diferem do modelo da língua-alvo; logo, espelham o estágio de desenvolvimento da interlíngua. Para o autor, os erros são de competência, e, por isso, são sistemáticos, pois o estudante não conhece a regra gramatical; logo, erra.

Nesta mesma perspetiva, o autor refere que os enganos (*mistakes*) não são sistemáticos, são como lapsos de memória do estudante num dado instante por motivos físicos ou psicológicos, pois o aprendiz reconhece a regra da língua, mas não a aplica corretamente. Qualquer aprendiz é passível de cometer tais enganos, até mesmo um falante nativo. Ainda segundo o mesmo autor, os estudantes são capazes de autocorrigirem os seus enganos, mas não são capazes de autocorrigir os seus erros (cf. Corder, 1992, pp. 31-40).

Por sua vez, Joseph Salvado (1990, pp. 286-287) escreve: «entendemos por equivocaciones (mistakes) las incorrecciones provocadas por razones no atribuibles a la falta de conocimientos, sino al cansancio, dejación, falta de atención.» Este autor acrescenta, ainda, que «es importante tener en cuenta esta distinción a fin de poder analizar adecuadamente el nivel de competencia de un aprendiz y, por tanto la necesidad de la corrección».

Ao encontro da perspectiva de Pit Corder, podemos observar, no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), a referência à distinção entre os dois termos: erros e falhas. No documento, postula-se que: «os “erros” devem-se a uma interlíngua, uma representação distorcida ou simplificada da competência alvo. Quando um aprendente comete erros, o seu desempenho (performance) está de acordo com a sua competência, tendo



desenvolvido características diferentes das normas da L2, enquanto as falhas ocorrem no desempenho, quando o utilizador/aprendente é incapaz de pôr em prática correctamente as suas competências, como pode ser o caso de um falante nativo» (QECR, 2001, p. 214).

Apesar de podermos reconhecer a distinção entre erro e engano, que Pit Corder defende, ou a de erro e falha, como é referido no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), e até outras noções análogas apresentadas por diversos autores, entendemos que os efeitos causados, no processo de comunicação, são análogos. Além disso, tal como defende Fernández López, é difícil avaliar, na prática, quais são os erros e quais são os enganos cometidos pelos aprendizes, sendo que é difícil estabelecer fronteiras definidas e definitivas entre as duas realidades (cf. Fernández López, 1990, p. 24). Desta forma, justifica-se que, neste trabalho, o termo erro será utilizado indiferente à sua natureza, unificando a diversidade existente neste tema.

Definir erro não é uma tarefa simples e são vários os autores que tentam definir o termo erro, tal como referimos anteriormente.

Segundo Manuel da Torre (1985, p. 20) «tudo aquilo que constitua uma violação das normas que regem o comportamento linguístico do falante idealizado de uma qualquer língua é considerado um erro.»

De acordo com o autor Fernández López o erro é uma transgressão irrefletida da norma; isto é, quando se infringe a série de princípios que determinam o que deve ser selecionado entre os usos de uma língua, tendo em conta um dado ideal estético ou um aspeto sociocultural (cf. Fernández López, 1995, p. 204).

Citando Flora Azevedo (2000, p. 70), o erro «deriva do desenvolvimento mental do sujeito e ainda da norma estabelecida», pretendendo com esta afirmação colocar-se em evidência que o erro é algo do foro individual e que contém simultaneamente uma componente cultural e social, que o torna distinto de sociedade para sociedade, de pessoa para pessoa.

Como se pode constatar ao longo do tempo (veja-se as datas das anteriores citações ou através de uma investigação mais aprofundado do tema), o erro é considerado um desvio à regra de um sistema linguístico, desvio que um aprendiz comete no processo de ensino e de aprendizagem. Este é um fenómeno considerado “normal” tanto na aquisição de uma L1, como na aquisição de uma língua estrangeira (cf. Fernández López, 1990, p. 23).

Um aprendente de uma língua estrangeira está, no entanto, mais sujeito a infringir as normas do código linguístico da língua que está a estudar, comparativamente a um falante nativo, já que a aprendizagem da nova língua

será condicionada pela língua materna do aprendiz e a aprendizagem desta desenvolver-se-á num contexto mais artificial, como, por exemplo, em contexto de sala de aula e, certamente, com constrangimentos temporais e situacionais.

Perante o exposto, importa ressaltar que os estudos demonstraram que, no contexto de ensino, o erro foi ganhando um significado relevante. Sendo o erro linguístico um fenómeno identificável e objetivo, é importante mencionar que existem estratégias possíveis para o combater, entendendo nós que os erros são instrumentos de trabalho, fonte de informação para o professor, que deverá nortear a sua ação junto de cada estudante, para o ajudar nos atos de realização da escrita. O professor deverá ter em conta a didática do erro, tendo em atenção a sua reflexão construtiva e, inclusivamente, criativa no processo de ensino e de aprendizagem. Nesta linha de pensamento, Moura (2012, p. 40) frisa que se deve «reconhecer a utilidade da ortografia, encará-la como uma ferramenta do ensino/aprendizagem, não somente incontornável, mas também interessante».

Atendendo à componente teórica exposta, apresentamos, de seguida, a componente empírica, enquanto espelho da realidade do contexto de ensino e de aprendizagem de uma língua estrangeira - o Português - e da preocupação docente em perceber o erro e as suas implicações e aplicações, visando o melhoramento e aperfeiçoamento da componente da expressão escrita.

## Metodologia

Na lecionação da disciplina curricular de Oficinas de Expressão Escrita (OEE), no segundo semestre do ano letivo de 2016/2017, após manifestadas as dificuldades na escrita, sentidas pelos estudantes de origem chinesa, houve, por parte da docente, não só um reforço no programa da disciplina, visando o melhoramento da escrita, bem como a intenção de reunir um *corpus* que, após a sua análise, permitisse chegar a conclusões que pudessem contribuir para a diminuição do registo gráfico errado, bem como para o conseqüente aperfeiçoamento da escrita.

Nesta sequência, os dados recolhidos, que compõem o *corpus* deste artigo, advêm da realização de exercícios escritos, em Português, como língua estrangeira, numa temática livre, sem constrangimentos impostos de tamanho e de tempo.

Os dados do presente trabalho foram, assim, recolhidos junto de 34 estudantes de nacionalidade chinesa, pertencentes à turma de OEE, no 2º semestre do ano letivo de 2016/2017. Junto destes estudantes, foi recolhido

um *corpus* de 21 textos, de 18 estudantes, sendo que 3 destes escreveram 2 textos distintos (cf. Figura 1).

| Unidades de análise:                                |
|-----------------------------------------------------|
| - 34 estudantes                                     |
| - chineses                                          |
| - 1 turma                                           |
| - Oficinas de Expressão Escrita (OEE)               |
| - 2º semestre                                       |
| - ano letivo 2016/2017                              |
| <b>Corpus para análise:</b>                         |
| - 21 textos                                         |
| - de 18 estudantes $((15 \times 1) + (3 \times 2))$ |

Figura 1: Cenário da recolha de dados.

## Resultados

A turma de OEE, com uma listagem inicial de 49 estudantes, sendo 47 deles chineses, acabou por se constituir, na prática, por 34 elementos, sendo 30 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, em que a média ( $M_c$ ) e a moda ( $M_o$ ) das idades se encontra nos 21 anos (cf. Figura 2).

|  | Sexo      | Total | 34 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------|-------|----|
|                                                                                     | Feminino  | 30    |    |
|                                                                                     | Masculino | 4     |    |
|  | Idade     | Total |    |
|                                                                                     | 20        | 11    |    |
|                                                                                     | 21        | 22    |    |
|                                                                                     | 22        | 1     |    |

Figura 2: Sexo e idade das unidades de análise.

Os estudantes chineses encontravam-se matriculados no terceiro ano da sua licenciatura, na Universidade de Aveiro, sendo que, na sua maioria, já tinham estudado pelo menos 2 anos de Língua Portuguesa. Apenas 6 estudantes já tinham estudado 3 anos de Português e apenas um, 4 anos (cf. Figura 3).



| <b>Tempo</b><br>(anos de estudo) | <b>Total</b> |
|----------------------------------|--------------|
| 2                                | 27           |
| 3                                | 6            |
| 4                                | 1            |

Figura 3: Anos de estudo da Língua Portuguesa.

No seu processo de aprendizagem, 26 estudantes estudaram Português com professores portugueses (PT), embora 3 dos estudantes mencionassem ter professores portugueses e brasileiros (BR), 1 estudante teve apenas professores brasileiros. Já 4 estudantes tiveram professores portugueses e chineses (CH) (cf. Figura 4). Na sua maioria (21 estudantes), afirma ter o nível B2 de proficiência em PLE, no momento da frequência da disciplina de OEE (cf. Figura 5).



| <b>Professores</b> (nac.) | <b>Total</b> |
|---------------------------|--------------|
| PT                        | 26           |
| PT/BR                     | 3            |
| BR                        | 1            |
| PT/CH                     | 4            |

Figura 4: Verificação da nacionalidade dos docentes.



| <b>Nível</b> | <b>Total</b> |
|--------------|--------------|
| B1           | 11           |
| B2           | 21           |
| C1           | 1            |

Figura 5: Verificação do nível de proficiência em PLE.

Quanto às instituições de origem, podemos verificar que os estudantes vêm de 6 distintas instituições de ensino superior chinesas, sendo que na sua maioria, cerca de 56% dos estudantes, vem de Jilin (cf. Figura 6).

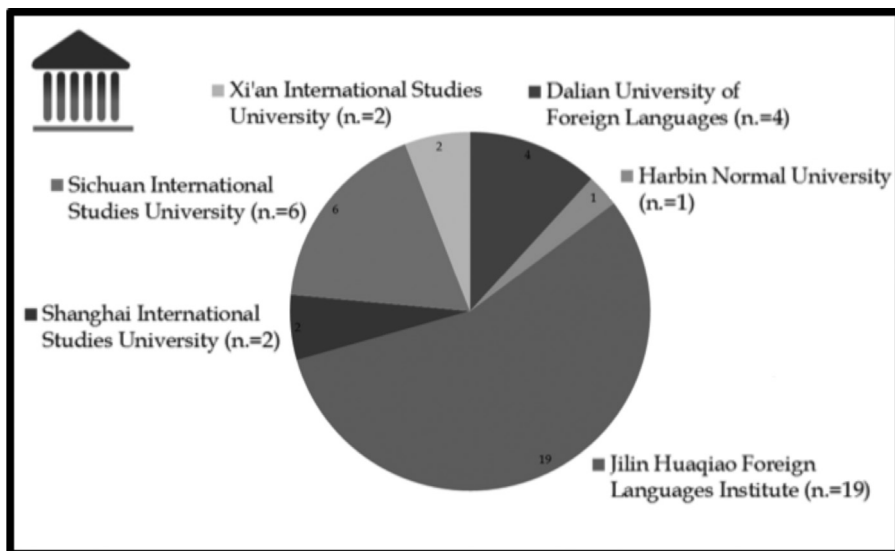


Figura 6: Instituições de origem.

Antes de expor a análise dos erros, presentes no *corpus* recolhido, podemos mencionar que, aquando do início da lecionação da disciplina de OEE, os estudantes foram questionados acerca das suas principais dificuldades, precisamente na componente da expressão escrita, de forma a permitir à docente a adaptação dos materiais e a repensar conteúdo ou o reforço destes ou das estratégias empregues em sala de aula. Desta forma, num texto livre, os 34 estudantes mencionaram 27 vezes dificuldades no campo lexical, 11 vezes as questões fónica e ortográfica e 35 questões de morfologia e sintaxe (cf. Figura 7).

Na análise qualitativa (e, complementarmente, quantitativa) do *corpus* foram usadas as mesmas categorias, expostas anteriormente, empregues igualmente por vários autores que tratam a mesma temática na sua investigação, e as subcategorias respeitam não só o pensamento de especialistas, bem como refletem as opiniões dos estudantes e também refletem os erros cometidos (cf. Figura 8).

No campo lexical, verificámos a ocorrência de 50 erros no total dos 21 textos, sendo que neste âmbito os erros se estendem desde o uso de palavras de uma língua estrangeira, até ao uso de palavras com sentido não adequado



| Categoria            | Subcategorias                                                        | Subtotal | Total |
|----------------------|----------------------------------------------------------------------|----------|-------|
| Lexical              | Sentido das palavras                                                 | 15       | 27    |
|                      | Palavra não adequada ao contexto                                     | 12       |       |
| Fônica e ortográfica | Representação gráfica da palavra (não conhece, não sabe representar) | 11       | 11    |
| Morfossintática      | Gramática difícil (em termos genéricos)                              | 12       | 35    |
|                      | Conjugação verbal                                                    | 10       |       |
|                      | Construção de frases complexas                                       | 18       |       |
|                      | Uso das preposições                                                  | 5        |       |
|                      |                                                                      |          | = 73  |

Figura 7: Principais dificuldades na expressão escrita (perspetiva dos estudantes).

ao contexto ou, ainda, em que a palavra escolhida não encerra o sentido mais exato. O intervalo de ocorrências, por estudante, encontra-se entre as 0 e as 7.

No campo da componente fônica e ortográfica verificámos a ocorrência de 27 erros, no *corpus*, sendo que, neste âmbito, os erros se estendem desde a grafia incorreta de palavras (omissão, troca ou acréscimo de grafemas), passando pela questão da acentuação, até ao uso indiscriminado de maiúsculas/minúsculas. O intervalo de ocorrências por estudante encontra-se entre as 0 e as 3.

No campo morfossintático, contabilizámos a ocorrência de 189 erros, sendo que, neste âmbito, os erros se verificam nas dificuldades na conjugação verbal (pessoa, tempo, modo); no encadeamento de ideias, através da construção de frases complexas; na ausência de preposições ou no uso da preposição errada; no uso incorreto ou na omissão dos pronomes; no uso dos artigos, na falta de concordância em género e número ou na ausência de contrações entre preposição e artigo. O intervalo de ocorrências encontra-se entre um mínimo de 3 e um máximo de 25, por estudante, sendo que, neste caso, a maioria das ocorrências se detetam no emprego incorreto do tempo verbal (especialmente no contraste pretérito perfeito *vs* pretérito imperfeito).



| <b>Categoria</b>            | <b>Subcategorias</b>                                                      | <b>Subtotal</b> | <b>Total</b> |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------|--------------|
| <i>Lexical</i>              | Sentido das palavras                                                      | 37              | 50           |
|                             | Palavra não adequada ao contexto                                          | 10              |              |
|                             | Uso de palavras de uma língua estrangeira                                 | 3               |              |
| <i>Fónica e ortográfica</i> | Representação gráfica da palavra (omissão, troca e acréscimo de grafemas) | 16              | 27           |
|                             | Acentuação                                                                | 10              |              |
|                             | Maiúsculas/minúsculas                                                     | 1               |              |
| <i>Morfossintática</i>      | Conjugação verbal                                                         | 50              | 189          |
|                             | Construção de frases complexas                                            | 38              |              |
|                             | Preposições                                                               | 32              |              |
|                             | Pronomes                                                                  | 13              |              |
|                             | Artigos                                                                   | 25              |              |
|                             | Concordância (género e número)                                            | 30              |              |
|                             | Contrações                                                                | 1               |              |

Figura 8: Verificação categorizada da ocorrência de erros.

## Discussão de resultados

Face à quantidade de dados, pretende-se que o seu tratamento resulte em trabalhos que possam dar seguimento ao presente, seguindo, complementarmente, permissas não abordadas nesta investigação. Não obstante, neste ponto, podemos apresentar as seguintes conclusões:

1. A maior incidência do número de erros, dados pelos estudantes chineses, regista-se no campo morfossintático, pois nele registam-se 71% das ocorrências. A este segue-se o campo lexical (19%) e, por último, a componente fónica e ortográfica (10%).
2. Não se consegue estabelecer qualquer padrão entre o número de ocorrência de erros e os dados do perfil dos estudantes, tais como a idade, o número de anos que já estudaram Português, a nacionalidade dos professores ou, ainda, da instituição de ensino superior de origem.
3. Parece, no entanto, um ponto de interesse para reflexão a questão que assenta no facto de os estudantes chineses terem mais facilidade nas aprendizagem de estruturas mais rígidas e o oposto se verifica nas combinações, que mobilizam diferentes conhecimentos de forma simultânea.

4. Efetivamente, podemos, através de uma leitura dos dados, perceber que os estudantes têm noção/consciência das suas dificuldades que se refletem nos principais erros cometidos, embora surjam novas categorias de erro que, possivelmente, não serão para eles tão clarividentes.
5. Os pontos anteriormente mencionados reencaminham-nos para o questionar do facto de, eventualmente, a região de onde provêm os estudantes (não apenas a instituição, pois pode demonstrar ser redutor) poder relacionar-se, de alguma forma, com os erros registados e, inclusivamente, as questões sociais e económicas. (Será, certamente, esta uma questão para apostar em investigações futuras.)

## Conclusão

A maior dificuldade é o modo de pe[n]sar é um pouco diferente ~~do que~~ por isso a minha maneira de ~~escrever~~ es[x]pressão ~~com~~ também é diferente se ~~comar~~ comparar com <sup>os</sup> portugueses. (E4)<sup>1</sup>

É fundamental, tal como menciona Morais (2002, pp. 17-19), enfatizar a ideia de que o estudante não consegue detetar e enfrentar sozinho as suas dificuldades, mas tem uma clara noção de que tem dificuldades, ou chegar à própria regra ortográfica, precisando, assim, de exemplos, segundo os quais se façam reflexões claras e sistemáticas acerca das características dessa mesma regra e, neste ponto, o professor tem um papel crucial. Além disso, estudos recentes mostram que a explicação do erro, utilizando a língua materna dos estudantes, tem um papel fulcral na evolução da aprendizagem, especialmente em contexto presencial (cf. Shieh, 2018, p. 63). Assim, deixamos, aqui, alguns princípios que regem a didática da ortografia os quais, em contexto de ensino e de aprendizagem, podem ajudar a delinear caminhos que ajudem a encarar os erros como realidades importantes e produtivas. São eles:

- A reflexão sobre a ortografia deve estar presente em todos os momentos da escrita.
- Não se deve controlar a escrita espontânea dos estudantes – a escrita espontânea pode promover verdadeiras oportunidades no que diz respeito ao levantamento de dúvidas ortográficas.
- É preciso fazer da nomenclatura gramatical um requisito para a aprendizagem de regras (contextuais e morfológico-gramaticais).

<sup>1</sup> Palavras citadas de um testemunho de um estudante (E4).



- Deve promover-se a discussão coletiva dos conhecimentos (do que está correto ou do que está errado, visando a construção de um conhecimento progressivo e sólido).
- Deve fazer-se o registo escrito das descobertas, trabalhando, assim, sistematicamente a ortografia.
- Devem realizar-se atividades coletivas, pois estas proporcionam aos estudantes contextos de exposição de ideias através do debate, o contacto com conflito cognitivo e a cooperação entre si em busca de soluções e partilha de conhecimentos;
- Ao definir metas, não se pode deixar de ter em conta a heterogeneidade existente num grupo de estudantes, pois cada estudante é um ser único e com características ímpares, que se refletem no seu estilo de aprendizagem.

Tendo por base estes princípios, o papel do professor passa por procurar estratégias que os incluam ou que sirvam como linhas orientadoras no processo de ensino e de aprendizagem, visando tornar a sua prática mais apelativa, eficaz e eficiente, ou seja, para que se consiga fazer com que os estudantes se adaptem às normas e assim as consigam mais facilmente empregar, resultando numa escrita correta, alada pela motivação e pela responsabilidade no processo.

## Referências bibliográficas

- AZEVEDO, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever - através e para além do erro*. Porto: Porto Editora Lda.
- BARBEIRO, L. / PEREIRA, L. (2007). *PNEB*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- CARVALHO, J. (1999). *Ensino da escrita – da teoria às práticas pedagógicas*. Instituto de educação e Psicologia – Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- CORDER, P. (1992). Dialectos idiosincrásicos y análisis de errores. In J. Liceras, (org.), *La adquisición de las lenguas extranjeras: hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor Dis, S.A.
- FERNÁNDEZ LÓPEZ, S. (1990). *Análisis de errores e interlengua en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa.
- FERNÁNDEZ LÓPEZ, S. (1995). Errores e interlengua en el aprendizaje del español como lengua extranjera. *Didáctica* (7), pp. 203-216. Madrid: UCM.
- MORAIS, A. (2002). *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática.
- MOURA, I. (2012). *Ortografia e produção textual em diferentes níveis do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado em Didática. Aveiro: Universidade de

- Aveiro. URL: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/9879/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> (Acesso em 12 de julho de 2017).
- NEVES, M. / MARTINS, M. (2000). *Descobrimos a linguagem escrita*. Escolar Editora: Lisboa.
- PEREIRA, L. A. / AZEVEDO, F. (2005). *Como abordar... a escrita no 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Areal Editores.
- ROSA, C. / GOMES, C. / PEDROSO, F. (2012). Aquisição do sistema ortográfico: Desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos. In *CEFAC*, 14(1), pp. 39-45. Brasil: UNESP.
- SALVADO, J. (1990). La corrección del error: fundamentos, criterios, técnicas. In P. B. ESTEVÉZ (coord.), *Didáctica de las segundas lenguas* (pp. 282-300), Madrid: Santillana.
- SHIEH, E. A. (2018). *Objetivo e metodologia do ensino do Português aos alunos Chineses*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- TORRE, M. (1985). *Uma análise de erros – contribuição para o ensino da língua inglesa*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Letras.
- WANG, W. (2018). *Ensino das Expressões Idiomáticas para os Aprendizes Chineses: Proposta dos Materiais Didáticos e das Atividades*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

TÍTULO: O erro na expressão escrita: análise de um *corpus* e do perfil dos estudantes de língua portuguesa

RESUMO: A comunicação é uma condição *sine qua non*, pensando no contexto do ensino superior, enquanto lugar de construção do Saber, por excelência, e enquanto campo agregador de diversidade linguística. Num contexto de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras, surge o presente trabalho que tem como objetivo estudar o erro na expressão escrita, através da análise de um *corpus*, constituído por trabalhos de estudantes chineses a frequentar a disciplina de Oficinas de Expressão Escrita em língua portuguesa. Pretende-se que os resultados contribuam para a reflexão sobre a questão do erro, na vertente da expressão escrita, de uma língua (estrangeira), nomeadamente como fator potenciador da aprendizagem e modelador do processo de ensino.

TITLE: The error in written expression: analysis of a *corpus* and the profile of portuguese language students

ABSTRACT: Communication is a *sine qua non* condition, thinking in the context of higher education, as a place of construction of knowledge, *par excellence*, and as an aggregating field of linguistic diversity. In a context of teaching and learning foreign languages, the present work aims to study the error in written expression, through the analysis of a *corpus*, consisting of works of Chinese students attending to Written Expression Workshops in Portuguese language. It is intended that the results contribute to the reflection of the error in the written expression of a (foreign) language, namely as a factor that enhances learning and modulates the teaching process.



# La Adquisición de la Lengua de la Comunidad de Acogida como Herramienta para la Integración de la Población Migrante: El Proyecto INMIGRA-2

The acquisition of the language of the host community as a tool for the integration of the migrant population: INMIGRA-2 project

OCARINA MASID BLANCO

ANNA DOQUIN DE SAINT PREUX\*

PALABRAS CLAVE: Español lengua extranjera, español como lengua de migración, corpus, migrantes, integración lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Spanish foreign language, Spanish as a migration language, corpus, migrants, linguistic integration.

KEYWORDS: Espanhol língua estrangeira, espanhol como língua de migração, corpus, migrantes, integração lingüística.

## 1. Introducción

Los nuevos flujos migratorios han convertido la España del siglo XXI en un país de acogida de numerosos extranjeros. Debido a ello, España se está transformando en una sociedad multicultural que se tiene que enfrentar a los retos de convivencia e inclusión social y cultural que esto conlleva. Uno de ellos es indudablemente un reto lingüístico. Manejar el idioma es una condición básica, aunque obviamente no la única, para poder integrarse en una sociedad. El aprendizaje de una lengua y la integración lingüística es siempre un proceso largo y complejo que implica poder entender, expresarse y actuar adecuadamente en la cultura de acogida. Desde estos planteamientos, los investigadores integrantes del grupo de investigación LAELE (Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas) de la Universidad Nebrija (Madrid, España) llevan más de diez años investigando sobre la población inmigrante de la Comunidad de Madrid con el fin de facilitar su integración sociolingüística y sociocultural. La reciente creación del corpus *Nebrija\_INMIGRA*, que constituye el primer banco de datos de esta envergadura de interlengua española de inmigrantes,

\* Ambas adscritas a la Universidad Nebrija (Madrid, España).

supone una aportación importante para el campo de la Lingüística aplicada. En este artículo se presenta dicho corpus y sus características, el proyecto *INMIGRA-2*, en el que se enmarca, y algunos de los diagnósticos generales y específicos que se están elaborando con el fin de encontrar soluciones adaptadas a las dificultades de estos grupos de aprendientes.

## 2. La red INMIGRA y sus proyectos

La red INMIGRA es una red de grupos de investigación de la Comunidad de Madrid (España) dedicados a estudios lingüísticos relacionados con la población inmigrante y la sociedad (<http://inmigra.es>). Esta red de investigación, financiada por la Comunidad de Madrid y por el Fondo Social Europeo, se compone de cuatro grupos de investigación pertenecientes a tres universidades madrileñas: Universidad de Alcalá de Henares, Universidad Antonio de Nebrija y Universidad Europea de Madrid. Cada grupo cuenta con líneas de investigación distintas y con unos objetivos específicos y se compromete a proporcionar herramientas e instrumentos de utilidad para la población inmigrante (examen, recursos lingüísticos...), para profesores de español y mediadores culturales (programas, currículos...) y para los investigadores (corpus, actitudes, etc...)

El grupo UAH-HISPALIN de la Universidad de Alcalá de Henares desarrolla su labor investigadora especialmente en la sociolingüística, la dialectología, el análisis del discurso y la conversación. El grupo de investigación UE-Medios, adscrito a la Facultad de Comunicación y Humanidades de la Universidad Europea de Madrid, se dedica al estudio de la imagen de los movimientos migratorios en los medios de comunicación españoles. El grupo de investigación UE-TRADUCCIÓN, adscrito a la Facultad de Ciencias Sociales y de la Comunicación de la Universidad Europea de Madrid, trabaja de manera activa en el campo de la investigación multidisciplinar en el área de la inmigración y las lenguas y se dedica a la creación de un corpus multilingüe de referencia como recurso de apoyo a la traducción. El grupo de investigación LAELE, de la Universidad Antonio de Nebrija, desarrolla estudios en las áreas de la adquisición, aprendizaje y enseñanza de las lenguas no nativas en general y del español como lengua de migración específicamente. Desde 2007 estos grupos están trabajando conjuntamente sobre el estudio lingüístico y multidisciplinar de la población inmigrante en la Comunidad de Madrid a través de dos proyectos de investigación regionales competitivos: el proyecto INMIGRA2007-CM (2007/hum-0475), que se desarrolló entre 2007 y 2011,

y el proyecto INMIGRA2\_CM (H2015/HUM-3404), entre 2016 y 2019. A continuación, describiremos esencialmente las acciones llevadas a cabo por el grupo LAELE en el marco de estos proyectos.

## 2.1. Proyecto INMIGRA2007-CM

En la primera fase del proyecto (2007-2011) el principal objetivo del grupo fue diseñar un examen de certificación de español para inmigrantes. Para ello se realizó un análisis de necesidades mediante una observación etnográfica no participante sobre inmigrantes de la Comunidad de Madrid y un estudio cuantitativo con profesores de español con experiencia con inmigrantes; luego se diseñó y se pilotó un plan curricular para trabajadores inmigrantes de nivel A2-n. Finalmente se creó y se implementó el Diploma LETRA (Lengua española para trabajadores inmigrantes) primer examen de certificación de nivel de español para trabajadores inmigrantes (Baralo, 2011; Baralo / Estaire, 2011; Baralo / Guerra, 2011; Baralo, 2013; Martín Leralta / Melero, 2013; Baralo / / Martín Leralta / Pascual Gómez, 2016). También se diseñó material didáctico para la preparación de dicho examen, se plantearon y se impartieron cursos de formación de evaluadores y se creó una plataforma virtual para la formación de profesores de español para inmigrantes y para la preparación del examen para la obtención del Diploma LETRA (<http://www.diplomalettra.com/>). Este examen, cuyo objetivo fundamental es facilitar y garantizar que los trabajadores inmigrantes de la Comunidad de Madrid puedan alcanzar un cierto dominio de competencia lingüística comunicativa en español que le permita desenvolverse en su ámbito laboral y realizar trámites administrativos. La prueba se divide en dos partes: un examen escrito, que consta de tres pruebas (comprensión lectora, comprensión audiovisual y expresión escrita), y un examen de expresión e interacción oral, que consiste en una entrevista personal. En la tabla 1 se describe en qué consiste cada prueba del examen en función de la destreza evaluada, la duración de la prueba y el modo de administración de la misma.

En el diseño del examen se ha tenido en cuenta lo que el *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación* (2001) indica sobre la competencia asimétrica de los hablantes no nativos:

Así lo indica el MCER cuando se refiere a la competencia asimétrica de los hablantes no nativos (los alumnos, generalmente, consiguen mayor dominio en

| Pruebas del examen | Destrezas evaluadas             |                                                                                                                                                                                                                                    | Duración                                                   | Administración                                                               |
|--------------------|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| Prueba 1           | Comprensión lectora             | Leer y entender anuncios breves, textos informativos sencillos, instrucciones y mensajes (notas de aviso, correos electrónicos, etc.).                                                                                             | 25 minutos                                                 | Simultánea para todos los candidatos en sala con ordenador y proyector.      |
| Prueba 2           | Comprensión audiovisual         | Comprender conversaciones entre dos personas (búsqueda de empleo, entrevista de trabajo, etc.).                                                                                                                                    | 25 minutos                                                 |                                                                              |
| Prueba 3           | Expresión e interacción escrita | Rellenar formularios, redactar anuncios breves y responder por escrito a mensajes (notas de aviso, anuncios, correos electrónicos, etc.).                                                                                          | 25 minutos                                                 |                                                                              |
| Prueba 4           | Expresión e interacción oral    | Participar en una conversación formal: intereses, experiencias y cualificación laborales, tareas, herramientas y riesgos laborales de la propia profesión. Participar en una conversación acerca de instituciones administrativas. | 5-8 minutos de preparación + 8 - 10 minutos de realización | Individual para cada candidato. Intervienen un entrevistador y un evaluador. |

Tabla 1: Descripción de las pruebas del Diploma LETRA.

una lengua que en las demás). Lo mismo sucede cuando comparamos la capacidad de un mismo individuo para manejarse en distintas lenguas (por ejemplo, una excelente competencia de expresión oral en dos lenguas, pero una buena competencia de expresión escrita en una de ellas). [...] El examen de certificación LETRA se basa en un modelo de competencia plurilingüe comunicativa parcial, variable, flexible y asimétrica. Este modelo se tiene en cuenta a la hora de diseñar las pruebas que componen el examen, pero también a la hora de otorgar una calificación al candidato. De esta manera, no todas las destrezas evaluadas en el examen tendrán el mismo peso en la calificación final. Tal como se indica en la Guía del profesor para preparar el examen, la puntuación obtenida en las destrezas orales supondrá un porcentaje mayor en la nota final que la puntuación obtenida en las destrezas escritas. Al mismo tiempo, la puntuación obtenida en las destrezas receptivas (comprensión oral –con y sin interacción– y comprensión lectora) supondrá un porcentaje mayor que la obtenida en las destrezas productivas [...] (Baralo, 2014, pp. 222-223)

Además de considerar la probable competencia asimétrica de los candidatos al Diploma LETRA para ponderar la nota del examen, dando mayor peso a las destrezas orales sobre las escritas y a las productivas sobre las receptivas, se llevaron a cabo una serie de estudios y procedimientos para asegurar la validez y fiabilidad del examen (Martín Leralta, 2011; Doquin de Saint Preux / Martín Leralta, 2014; García Viúdez / Masid / Martín Leralta, 2016). Desde 2011, se han realizado cinco convocatorias del Diploma LETRA en la Universidad Antonio de Nebrija, con más de 300 candidatos examinados en cada una de forma totalmente gratuita.

## **2.2. Proyecto INMIGRA2-CM**

En la segunda fase del proyecto INMIGRA2-CM (2016-2019), que se entiende como la continuación natural del INMIGRA2007, los grupos de la red INMIGRA siguen trabajando a partir de la hipótesis de partida de que la población migrante consigue una más fácil y mejor integración social en la comunidad de acogida si se acelera el proceso de integración sociolingüística y comunicativa. De este objetivo general, el grupo LAELE se ha propuesto los objetivos siguientes: (1) Compilar un corpus compuesto por las producciones del Diploma LETRA, ampliarlo y ponerlo a disposición de la comunidad científica en una plataforma virtual; (2) Analizar este corpus para realizar



diagnósticos específicos de cara a avanzar en la investigación en adquisición del español L2 para inmigrantes y en las implicaciones didácticas derivadas de los resultados; y (3) Definir implicaciones didácticas a partir de los resultados del objetivo anterior.

### **3. Descripción del corpus Nebrija-INMIGRA**

El corpus Nebrija-INMIGRA, elaborado por el grupo LAELE de la Universidad Nebrija, está constituido por las 1519 muestras de la prueba de expresión e interacción oral de los candidatos presentados al Diploma LETRA (Diploma de Lengua española para trabajadores inmigrantes). Los archivos de audio de dichas muestras orales, así como sus transcripciones, se están poniendo a disposición de la comunidad científica en la plataforma Talkbank,<sup>1</sup> clasificadas por nacionalidad de los informantes.

A continuación se describe el corpus en cuanto a país de origen, sexo y edad de los informantes, comparándolo con los datos del censo de la población inmigrante de países no hispanohablantes de la Comunidad de Madrid<sup>2</sup> de los años en los que ha habido convocatoria del Diploma LETRA (2010, 2011, 2013, 2014, 2016) para analizar su representatividad.

#### **3.1. País de origen**

Se han presentado al Diploma LETRA candidatos procedentes de 84 países y con 29 lenguas maternas diferentes. En el siguiente gráfico se recoge el porcentaje de informantes de los diez países de procedencia mayoritarios y se agrupan en “Otros” un total de 74 países, de cada uno de los cuales son originarios menos de 30 candidatos<sup>3</sup>:

<sup>1</sup> <https://slabank.talkbank.org/access/Spanish/Nebrija-INMIGRA.html>.

<sup>2</sup> Disponible en [www.madrid.es](http://www.madrid.es).

<sup>3</sup> Proceden de otros países un total de 351 candidatos. Los 74 países de origen son: Afganistán, Alemania, Argelia, Azerbaijan, Baleng, Bangladesh, Benin, Bielorrusia, Bolivia, Burkina Fasso, Cabo verde, Chad, China, Congo, Costa de Marfil, Croacia, EEUU, Egipto, Eritrea, Etiopía, Francia, Gabón, Georgia, Ghana, Guinea Conakry, Guinea Bissau, Guinea Ecuatorial, Haití, Holanda, Hungría, India, Indonesia, Irak, Irán, Italia, Japón, Jordania, Kazajastan, Kenya, Kuwait, Liberia, Lituania, Madagascar, Malasia, Malaui, Mali, Mauricio, Mauritania, Moldavia, Mongolia, Nepal, Nueva Zelanda, Pakistán, Palestina, Polonia, Portugal, Reino Unido, República Checa, República

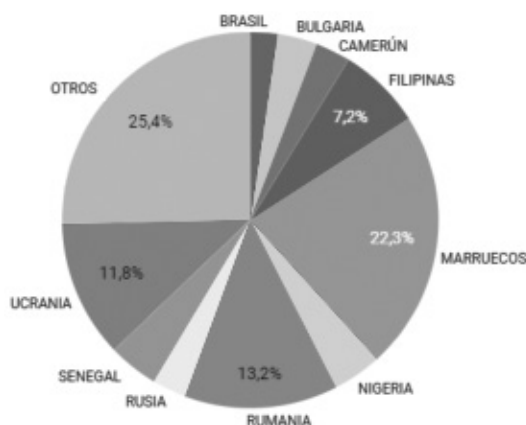


Figura 1: Porcentaje de informantes por país de procedencia

Los países con más presencia en el Diploma LETRA son Marruecos (309 candidatos), Rumanía (182), Ucrania (163) y Filipinas (99). En la Comunidad de Madrid las poblaciones inmigrantes mayoritarias de países no hispanohablantes son Rumanía, Marruecos y China. Dos de las comunidades inmigrantes mayoritarias de la Comunidad de Madrid están representadas en la población total del LETRA (Marruecos y Rumanía). Rumanía es mayoritaria en la población global del LETRA, pero el porcentaje de candidatos rumanos desciende en cada convocatoria igual que en la población inmigrante de la Comunidad de Madrid. Los inmigrantes ucranianos son una población estable en la Comunidad de Madrid entre 2011 y 2015 (aprox. 18.000), pero no aparece con un porcentaje significativo (22%) en el LETRA hasta la segunda convocatoria (2012). Desde entonces se mantiene como población mayoritaria. A pesar de que Camerún, Nigeria, Bulgaria y Rusia cuentan con una población baja en la Comunidad de Madrid, están entre la población mayoritaria del LETRA en tres de las dos convocatorias.

La población china de la Comunidad de Madrid no está representada en el LETRA, aunque crece significativamente en la quinta convocatoria (12 candidatos chinos, de un total de 24). Cuando se empezó a diseñar el Diploma LETRA, los investigadores a cargo del proyecto se reunieron con representantes de esta comunidad en Madrid y estos afirmaron preferir un examen específicamente diseñado para sinohablantes. Esto puede ser el motivo de la

Dominicana, Sahara Occidental, Sierra Leona, Siria, Somalia, Sri Lanka, Sudán, Suiza, Taiwán, Timor Occidental, Togo, Túnez, Turquía, Turquistán, Uganda y Vietnam.

baja presencia de candidatos chinos en el LETRA por lo que es conveniente llevar a cabo otras acciones para acceder a dicha población.

### 3.2. Sexo

Entre los 1519 candidatos presentados a las cinco convocatorias del Diploma LETRA hay 933 mujeres y 586 hombres. Aunque entre los candidatos presentados al examen la mayoría son mujeres, el 61%, en la Comunidad de Madrid la proporción de hombres y mujeres migrantes es similar, 49,86 % de hombres y 50,14% de mujeres. Además, el porcentaje de mujeres que se presentan al examen aumenta en cada convocatoria, de 144 en la primera convocatoria a 209 en la quinta, mientras que el porcentaje de hombres disminuye significativamente, 137 en la primera convocatoria y 98 en la última, pero en la población inmigrante de la Comunidad de Madrid no se produce la misma evolución. En el LETRA Marruecos, Filipinas y Rumanía presentan la mayor diferencia de porcentaje de hombres y mujeres con respecto a la Comunidad de Madrid en los mismos años.

### 3.3. Edad

La mayoría de los candidatos presentados al Diploma LETRA tienen edades comprendidas entre los 25 y 29 años, como se puede apreciar en el siguiente gráfico:

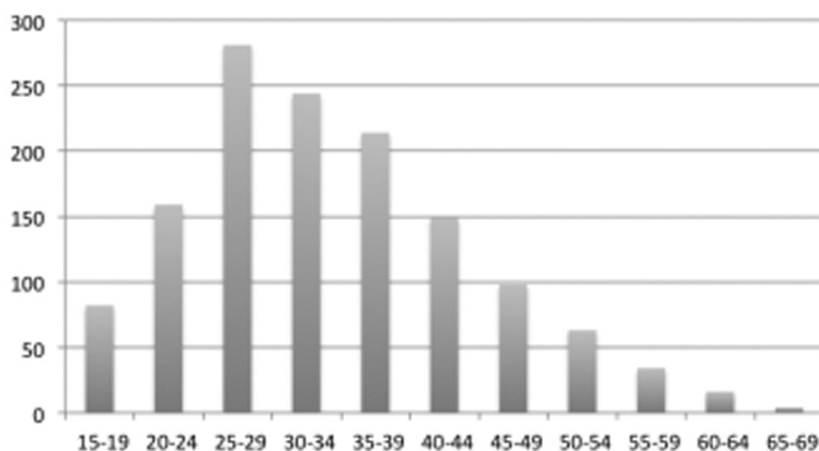


Figura 2: Número de informantes por franjas etarias.

En la Comunidad de Madrid la edad de los inmigrantes es algo mayor:

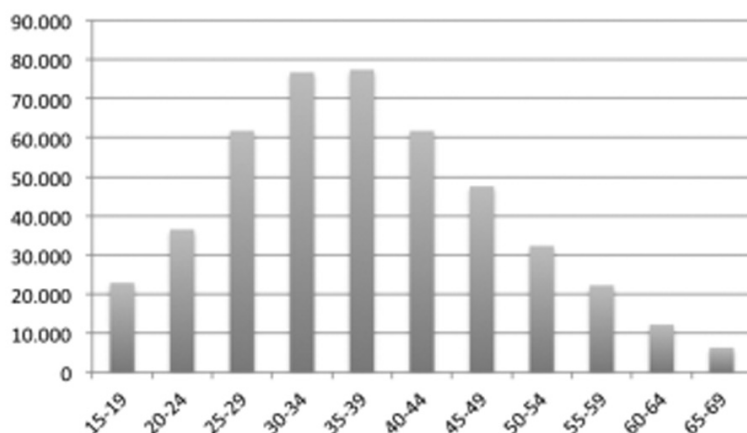


Figura 3: Número de inmigrantes de los países no hispanohablantes en la Comunidad de Madrid por franjas etarias.

La población del LETRA y de la Comunidad de Madrid es más similar en cuanto a edad que en cuanto a sexo. La población mayoritaria del LETRA (25-29 años) es proporcionalmente más joven que la población inmigrante mayoritaria de la Comunidad de Madrid (30-39 años). La comunidad ucraniana es la población de mayor edad de la Comunidad de Madrid, pero los ucranianos que se presentan al Diploma LETRA están mayoritariamente en la franja de edad 25-29 años.

#### 4. Diagnósticos elaborados a partir del análisis del corpus Nebrija-INMIGRA

##### 4.1. Diagnósticos generales

Mavrou / Doquin de Saint Preux (2017) realizaron un estudio con el objetivo de determinar en qué medida el nivel educativo de los candidatos al Diploma Letra (inmigrantes adultos de todas nacionalidades, residentes en la Comunidad de Madrid) influía en su competencia lingüística en español como lengua extranjera. La competencia lingüística del grupo meta se evaluó a través de las notas obtenidas en dicho examen, y también de su calificación en las cuatro pruebas: comprensión lectora (CL), comprensión audiovisual (CAV), expresión e interacción escrita (EIE) y expresión e interacción oral (EIO). En cuanto al nivel educativo de los candidatos, se consideró una variable de

seis puntos (Sin estudios, Primaria, Secundaria, Bachillerato, Formación profesional, Formación universitaria). Los resultados obtenidos muestran que los informantes con un menor nivel de formación obtuvieron puntuaciones más bajas en el examen en comparación con los informantes que tenían un nivel educativo superior. Los análisis de covarianza (ANCOVA) efectuados indicaron que había un efecto significativo del nivel educativo en la puntuación final del examen ( $F(5, 485) = 25.72, p < .001$ ). También se observó un efecto significativo en las pruebas de CL ( $F(5, 485) = 41.04, p < .001$ ), de CAV ( $F(5, 485) = 26.34, p < .001$ ) y de EIE ( $F(5, 485) = 45.64, p < .001$ ), siendo los informantes con menor nivel educativo (Sin estudios, Primaria, Secundaria) los que obtuvieron puntuaciones más bajas. En cambio, en la prueba de EIO, aunque los resultados revelaron diferencias significativas en función del nivel educativo de los informantes ( $F(5, 485) = 2.78, p = .017$ ), dichas diferencias se detectaron solamente entre los que habían cursado solo estudios de Primaria y el resto de los informantes. Los hallazgos de esta investigación remarcen una necesidad de reforzar las prácticas educativas mediante el diseño de actividades específicas para que todos los candidatos, y especialmente los que tienen un nivel de formación más bajo, puedan desarrollar estrategias adecuadas para alcanzar un nivel de competencia más alto en la lengua española, sobre todo en lo referente a las habilidades de lecto-escritura.

También se realizó un estudio para analizar la competencia sociopragmática en la prueba de expresión e interacción oral (EIO) de los candidatos que se presentaron al Diploma LETRA. Para ello, Gallego / Masid / Doquin de Saint Preux (2018) examinaron las producciones orales de una muestra de veinte informantes para estudiar su adecuación sociopragmática. Se efectuó un muestreo por cuotas considerando la familia lingüística y la nota como variable de control. Los resultados mostraron que, de manera general, la actuación de los informantes era pragmáticamente adecuada tanto en el tipo de tratamiento como en el uso de actos de habla: el saludo y el agradecimiento son los actos de habla que aparecen con más frecuencia y, de los 14 candidatos que se dirigen al entrevistador utilizando alguna forma de tratamiento (*tú* o *usted*), únicamente cuatro utilizan exclusivamente *usted*. De manera general, los recursos lingüísticos que se utilizan presentan, como los actos de habla observados, un alto nivel de convencionalización, lo que demuestra que los candidatos son capaces de participar en una conversación formal de estas características. Sabemos que la competencia sociopragmática juega un papel fundamental en la comunicación de los usuarios de una lengua y podemos pensar que es aún más importante en una situación de inmersión como es el caso de los candidatos del Diploma

LETRA. Este examen dedica uno de los diez criterios de evaluación analítica de la expresión e interacción oral a la competencia sociopragmática, lo cual es remarcable, teniendo en cuenta, como se ha señalado, la dificultad de su evaluación. Ahora bien, el formato de la prueba, una entrevista con el examinador y un monólogo sostenido, aunque pretenda acercar la actuación del candidato a una situación real, no permite la aparición de muchos actos de habla (como puede ser la petición o la disculpa) lo que dificulta en cierta medida la evaluación de la competencia sociopragmática.

Ainciburu / Masid (2017) llevaron a cabo un estudio con dos objetivos: indagar acerca de las nociones generales y específicas que se centran en campos semánticos debidamente elicitados y, a partir de ellos, intentaron descubrir si existía un +n de competencia respecto al nivel requerido en alguno de los campos léxicos de la entrevista; y averiguar si es posible aplicar el modelo de Cummins (1981) para la lengua académica al español con fines laborales para inmigrantes. Con estos fines se analizaron doce entrevistas de candidatos procedentes de seis nacionalidades diferentes (marroquí, senegalesa, ucraniana, rumana, filipina y nigeriana), diversificados en términos de género, de forma que en cada nacionalidad se selecciona un hombre y una mujer. Aunque la posibilidad de seleccionar candidatos de una sola nacionalidad y sexo hubiera potenciado el alcance de los resultados en términos de control de las variables intervinientes, las entrevistas se eligieron asumiendo ese riesgo y teniendo en cuenta la posibilidad de que la muestra fuese mayormente representativa de la población estudiada, esto es, de los candidatos que se presentan al Diploma LETRA. Dado que el examen es una certificación lingüística para trabajadores, este trabajo se centró en las nociones del *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (2006) (PCIC) que se correlacionan semánticamente con las necesidades comunicativas del colectivo inmigrante en esta área específica. Por tanto, los campos del PCIC sondeados como nociones generales son “3. Identidad personal” y “5. Alimentación”. Dentro de estos campos se centran las nociones específicas de “3.1. Datos personales” y “5.6. Utensilios de cocina y mesa”, donde se encuentran los ejemplos propios del campo léxico profesional. El recuento de las unidades léxicas se realizó usando Wordsmith tools para el orden de frecuencia absoluto, mientras que las coocurrencias se ilustraron utilizando un sistema de grafos, alternativo al utilizado en los estudios de léxico disponible. Los resultados mostraron que existía un anclaje del vocabulario solicitado para identificarse en el nivel requerido por el Diploma LETRA, pero que las nociones específicas referidas a las herramientas de trabajo excedían ese nivel. Se consideró que esa es la naturaleza del “+ n” que se explicita en los

descriptores del examen y que suele caracterizar la competencia exigida en las llamadas lenguas profesionales y en los exámenes de certificación que las consideran, como, por ejemplo, los de las diferentes cámaras de Comercio. La profundidad de un determinado campo léxico varía, aún en el léxico nativo, en relación al uso que se hace de la misma (el médico o el ingeniero usan términos técnicos), si no es posible describir esta gradación en el caso de aprendientes profesionales o en inmersión ¿tenemos que deducir que las Nociones específicas, aún descritas para la Comunidad de Madrid, son en realidad espejo de las situaciones institucionales de aula en países de habla diferente al español? Por último, si se compara la lengua del trabajo de adultos inmigrantes con el caso de la lengua académica descrita por Cummins (1981), las Habilidades comunicativas interpersonales básicas o la fluidez conversacional general es alta, mientras que las habilidades profesionales muestran en el aspecto léxico una evolución contraria a la de las Habilidades cognitivo-académicas.

Valera Labrado / García Viúdez (2017) compararon los resultados obtenidos por los 307 candidatos que se presentaron a la quinta convocatoria del Diploma LETRA con las calificaciones que obtendrían si se utilizara una ponderación ficticia en la que se evaluaran las pruebas de manera simétrica, otorgándole un peso del 25% a cada una de las cuatro pruebas, con el fin de determinar si dichos candidatos tienen una competencia comunicativa asimétrica. Los resultados revelaron que los informantes poseen un mayor dominio de las destrezas orales que de las escritas y, dentro de estas, mayor en las receptivas que en las productivas. Este hecho confirma lo que apuntan otros estudios, como Baralo (2009), Baralo / Estaire (2011) o Baralo / Martín / Pascual (2016). La comparación entre la ponderación asimétrica y la simétrica devuelve diferencias estadísticamente significativas en las calificaciones ( $p < 0.005$ ).

#### **4.2. Diagnósticos específicos**

Morató (2017) desarrolla un estudio sobre los anglicismos y calcos del inglés presentes en las muestras de las pruebas escritas y orales de los filipinos que se presentan al Diploma LETRA. El análisis de veinte muestras revela un mayor arraigo de los anglicismos en las muestras escritas que en las orales de los hablantes filipinos, dándose la mayor presencia de anglicismos morfosintácticos en los planos pronominal y preposicional. Los casos de grupos vocálicos no acordes a la norma española pueden deberse tanto al tagalo como al inglés, por lo que no resultan representativos en este estudio.

En otro estudio específico, Mata / Doquin de Saint Preux (2018) realizaron un diagnóstico de las principales dificultades encontradas para los candidatos marroquíes del Diploma LETRA a partir del análisis de los errores cometidos en las producciones escritas de dicho examen. Se analizaron para ello 40 producciones escritas de 20 candidatos marroquíes que declaran tener el árabe y el francés como lengua materna (LM) y segunda lengua (L2), respectivamente. Se clasificaron los datos obtenidos conforme al modelo de análisis de errores de Fernández (1997), con algunas modificaciones que se consideraron impuestas por la frecuencia y cualidad de los errores encontrados. Los hallazgos del estudio revelaron que las principales dificultades de este grupo meta para escribir textos en español eran: las reglas ortográficas (mayúsculas, minúsculas, acentos, puntuación), la conjugación y el uso de los tiempos verbales, y las dificultades gráficas de vocalismo (sobre todo la distinción /e/, /i/ y, en menor medida, /o/, /u/). Se ha destacado también la importancia de las interferencias con sus LM (árabe), su L2 (francés) y también la influencia de la lengua oral sobre la escrita. En muchos casos se trata de problemas de prosodia o de escritura en sí mismos. Estas dificultades pueden provenir también de una falta de costumbre de escribir textos en español. Se concluye que convendría elaborar ejercicios específicos para esta comunidad lingüística que les ayuden a trabajar el acento de intensidad, el grupo fónico, la pausa entonativa y pausa gramatical. A partir de estos, se podrían trabajar la discriminación entre vocales de apertura media y alta, las normas de acentuación y la ortografía de los signos de puntuación. También se observó que estos aprendientes usan sus conocimientos de francés a la hora de expresarse en español, lo que representa una gran ventaja por la proximidad lingüística. Estas transferencias positivas podrían ser útiles para trabajar la asimilación del sistema verbal, aunque no tanto para la morfología o la conjugación, por lo menos en el uso de los distintos tiempos en español ya que es muy similar al francés.

También se llevó a cabo un estudio para observar la posible existencia de relación entre inteligibilidad, grado de acento extranjero y comprensibilidad en muestras con y sin contexto de inmigrante marroquíes residentes en Madrid. Herrero / Planelles (2017) seleccionaron 20 muestras de informantes marroquíes (10 hombres y 10 mujeres) que obtuvieron una nota superior a 5 en la prueba de expresión e interacción oral del Diploma LETRA y dos muestras de hablantes nativos de español para utilizar como control. Con dichas muestras se crearon 22 audios para crear dos pruebas. La primera, sobre inteligibilidad, comprensibilidad y acento extranjero, consistía en frases aisladas, de entre 9 y 14 sílabas, sin errores gramaticales ni léxicos. La segunda, sobre comprensibilidad y acento



extranjero, estaba constituida por fragmentos de un minuto de las entrevistas de la prueba de expresión e interacción oral del Diploma LETRA de cada uno de los informantes seleccionados. Estas dos pruebas se pasaron a 10 jueces nativos hispanohablantes, 5 hombres y 5 mujeres, todos ellos profesores de español como lengua extranjera, con formación básica en fonética y edades comprendidas entre los 24 y los 66 años. Se solicitó que valorasen en una escala Likert el grado de acento extranjero del informante y el grado de comprensibilidad en ambas pruebas. Los resultados revelaron que no había una correlación negativa significativa entre el grado de inteligibilidad ni el de comprensibilidad y el grado de acento extranjero, pero sí hubo correlación positiva entre el grado de inteligibilidad y el de comprensibilidad. Además, existe diferencia en el juicio de comprensibilidad en las muestras con y sin contexto.

Planelles / Doquin de Saint Preux (2018) investigaron la posible relación entre la edad de inicio de adquisición de una L2 (en este caso el español) y el nivel de competencia fonológica alcanzado en inmigrantes francófonos con más de siete años de residencia en España. Los informantes fueron 20 aprendices francófonos de español con diferentes edades de inicio de adquisición y se evaluó su grado de acento extranjero a través de un panel de jueces naif nativos. Los resultados mostraron que existe una relación significativa, una correlación negativa moderada ( $r_s = -0.5$ ;  $p = 0,02$ ), entre la edad de inicio de adquisición de la L2 y el nivel de competencia fonológica alcanzado siendo los que tenían una edad de inicio más baja los que obtuvieron las puntuaciones más altas. Se realizó la prueba de análisis de varianza de un factor (ANOVA) para comprobar si existía una diferencia estadísticamente significativa entre las medias de los tres grupos de informantes (nativos; tempranos: edad de inicio de adquisición < 12 años; tardíos: edad de inicio de adquisición  $\geq$  12 años) y mostró la existencia de una diferencia estadísticamente significativa ( $p = 0.00$ ). No obstante, los resultados revelaron también un dato importante: la existencia de un aprendiz tardío (con edad de inicio de adquisición > 12) que presentó un nivel de competencia fonológica análoga al nativo, sugiriendo que existe la posibilidad de alcanzar un nivel de dominio de la pronunciación de una L2 similar al de un nativo.

## **5. Conclusiones**

Los diagnósticos anteriormente referidos tienen el objetivo de facilitar la implementación de acciones didácticas que simplifiquen el aprendizaje del

español como lengua de migración y la labor de los profesores de este colectivo: creación de currículo y programaciones, secuencias didácticas y formación de profesores; adaptados a las necesidades específicas de los grupos meta. En esta línea el grupo LAELE ya ha podido desarrollar algunas propuestas. La primera intervención fue la creación de un curso de nivel inicial de español para trabajadores inmigrantes sinohablantes residentes en la Comunidad de Madrid impartido por profesores nativos de español y un profesor chino, que hace funciones de mediación, todos ellos formados en el marco de este proyecto. El éxito de la primera edición del curso (A1-A2) llevó a desarrollar un curso de nivel intermedio (B1) de similares características. En estos cursos han participado más de 100 alumnos sinohablantes, lo que ha permitido al grupo LAELE acceder a esta comunidad lingüística dado que, como ya se ha mencionado, esta población no está representada en el corpus Nebrija-INMIGRA. Además, se ha desarrollado un programa de formación de español como lengua de migración para colectivos refugiados en colaboración con la Fundación San Juan de Dios. Este programa, iniciado en enero de 2018, acoge a alumnos de diferentes nacionalidades (sirios, marroquíes, egipcios, georgianos) y va desde nivel A1 a B1. Todo el currículo y materiales de dicho curso ha sido elaborado por el grupo LAELE en el marco del proyecto INMIGRA2-CM. Paralelamente, se están elaborando secuencias didácticas, derivadas de los diagnósticos específicos, enfocadas a grupos meta concretos (marroquíes, senegaleses, rumanos, ucranianos y filipinos) para trabajar la pronunciación, el léxico, la gramática y la competencia discursiva. Estas propuestas se colgarán en abierto en la página web del Diploma LETRA para que puedan ser utilizadas por profesores y alumnos de los colectivos interesados. Todas las acciones desarrolladas por el grupo LAELE pretender contribuir a la integración sociolingüística de la comunidad migrante en España.

## 6. Bibliografía

- AINCIBURU, M. C. / MASID BLANCO, O. (2017). EL “+n” en la competencia del español de los inmigrantes. Un estudio sobre la competencia léxica en corpus de entrevistas certificadoras. *Léxico y cultura en LE/L2: corpus y diccionarios, XXVIII Internacional ASELE*. España: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera. En prensa.
- ALTE (2016). *Language tests for access, integration and citizenship: An outline for policy makers*. Council of Europe.

- BARALO, M. 2009. Implantación de una certificación de nivel A1+1 y diseño curricular específico de español para trabajadores inmigrantes. En *Actas del XX Congreso Internacional de ASELE: El español en contextos específicos: enseñanza e investigación* (pp. 39-49). Santander: Fundación Comillas.
- (2011). Evaluación certificativa de la competencia comunicativa en lengua española para trabajadores inmigrantes. En A. M. CESTERO MANCERA / I. MOLINA MARTOS / F. PAREDES GARCÍA (eds.), *La lengua, lugar de encuentro: Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL* (pp. 2779-2786). España: Universidad de Alcalá.
- (2013). Ámbitos multiculturales, géneros textuales y comprensión lectora en un examen de certificación lingüística para inmigrantes. En S. BORRELL / B. BIECUA FAIGUERAS / B. CROUS / F. SIERRA (eds.), *Plurilingüismo y enseñanza de ELE en contextos multiculturales, XXIII Congreso Internacional ASELE* (pp. 134-144). España: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.
- BARALO, M. / ESTAIRE, S. (2011). Variables socioculturales y comunicativas en el diseño curricular de una certificación de español para trabajadores inmigrantes. *Lengua y migración*, 3(2), 5-42.
- BARALO, M. (2014). Evaluación lingüística comunicativa con intención integradora en el ámbito de la inmigración. *Diálogos Latinoamericanos*, 22, 212-240.
- BARALO, M. / ESTAIRE, S. (2011). Variables socioculturales y comunicativas en el diseño curricular de una certificación de español para trabajadores inmigrantes. *Lengua y migración*, 3(2), 5-42.
- BARALO, M. / GUERRA, M. R. (2011). Criterios pragmáticos y socioculturales para la selección de textos y géneros discursivos en un examen de certificación de nivel inicial (A2-n) de lengua española para trabajadores inmigrantes. En J. DE SANTIAGO / GUERVÓS / H. BONGAERTS / J. J. SÁNCHEZ IGLESIAS / M. SESEÑA GÓMEZ (eds.), *Del texto a la lengua: La aplicación de los textos a la enseñanza-aprendizaje del español L2-LE* (pp. 201-212). Salamanca, España: Kadmós, Vol. 1.
- BARALO, M. / MARTÍN LERALTA, S. / PASCUAL GÓMEZ, I. (2016). La certificación de las competencias comunicativas del español para inmigrantes. *Porta Linguarum*, 25, 105-117.
- CONSEJO DE EUROPA (2001). *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*. Estrasburgo: Consejo de Europa.
- CUMMINS, J. (1981): Age on arrival and immigrant second language learning in Canada, *Applied linguistics*, 2, 132.

- DOQUIN DE SAINT PREUX, A. / MARTÍN LERALTA, S. (2014). Procedimientos para asegurar la validez y la fiabilidad de la evaluación de la interacción oral para la certificación lingüística de ELE. En N. CONTRERAS IZQUIERDO (ed.), *La Enseñanza del español LE/l2 en el siglo XXI. XXIV Congreso Internacional ASELE*. España: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera, pp. 263-274
- GALLEGO, M. / MASID BLANCO, O. / DOQUIN DE SAINT PREUX, A. (2018). La competencia sociopragmática en la interacción oral de aprendientes de español en el contexto de una prueba de un examen de certificación lingüística para trabajadores inmigrantes (Diploma LETRA). Lingüística aplicada y transferencia del conocimiento: empleabilidad, internacionalización y retos sociales. *XXXVI Congreso Internacional de la Asociación Española de Lingüística aplicada*. Universidad de Cádiz.
- GARCÍA VIÚDEZ, B. / MASID BLANCO, O. / MARTÍN LERALTA, S. (2016). La evaluación de la comprensión oral en ELE en el contexto académico. El discurso profesional y académico: una perspectiva interdisciplinar. *XXXIV Congreso Internacional de la Asociación Española de Lingüística aplicada*. Universidad de Alicante.
- HERRERO FERNÁNDEZ, C. / PLANELLES ALMEIDA, M. (2017). Grado de acento extranjero, comprensibilidad e inteligibilidad en producciones orales de inmigrantes marroquíes en Madrid. *International Conference Itinerâncias: textos, mediações e transculturações*. Universidad de Aveiro.
- INSTITUTO CERVANTES (2006). *Plan curricular. Niveles de Referencias para el Español*. Madrid: Edelsa.
- MARTÍN LERALTA, S. (2011). Certificación lingüística de nivel inicial para inmigrantes en contexto laboral: ejemplo de una prueba del examen DILE. *Lengua y migración*, 3(1), 89-104.
- MARTÍN LERALTA, S. / MELERO CAMPOS, M. I. (2013). Las estrategias de cortesía en la interacción escrita por correo electrónico en E/L2 para inmigrantes. En S. Borrell, B. Biecia Faigueras, B. Crous, & F. Sierra (eds.), *Plurilingüismo y enseñanza de ELE en contextos multiculturales, XXIII Congreso Internacional ASELE* (pp. 549-560). España: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.
- MARTÍNEZ, J. (2009). Exigencias lingüísticas a migrantes adultos en Europa. *Segundas Lenguas e inmigración en red*, 3, 70-81.
- MATA / DOQUIN DE SAINT PREUX, A. (2019). Diagnóstico de dificultades lingüísticas en producciones escritas en español de inmigrantes marroquíes residentes en España. *Lengua y Migración*. (En prensa)

- MAVROU, I. / DOQUIN DE SAINT PREUX, A. (2017). La influencia del nivel educativo en la competencia lingüística en ELE de un grupo de inmigrantes adultos de la Comunidad de Madrid. En M. SOSINSKI (ed.), *Alfabetización y aprendizaje de idiomas por adultos = Literacy education and second language learning by adults* (pp. 161-173). Granada, España: Universidad de Granada.
- MORATÓ AGRAFOJO, Y. (2017). Estudio de anglicismos y calcos del inglés en la población filipina. *XXXV Congreso Internacional de la Asociación Española de Lingüística aplicada. Las lenguas en la encrucijada: formación, acreditación y contexto de uso*. Universidad de Jaén.
- PLANELLES, M. / DOQUIN DE SAINT-PREUX, A. (2018). Nivel de competencia fonológica y edad de inicio de adquisición en español L2 en inmigrantes francófonos residentes en España. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, 550-577.
- VALERA LABRADO, A. / GARCÍA VIÚDEZ, B. (2018). La competencia comunicativa asimétrica del trabajador inmigrante y la evaluación de las destrezas comunicativas en el Diploma LETRA. *e-AESLA*, n.º 4, 104-113.

TÍTULO: A aquisição da língua da comunidade de acolhimento como ferramenta para a integração da população migrante: o projeto INMIGRA-2

RESUMO: O recente grande afluxo de imigrantes é um facto novo na história contemporânea da Espanha. A chegada da população imigrante supõe um choque linguístico, comunicativo e cultural cujas consequências são determinantes na integração da nova população (Martínez, 2009, ALTE, 2016). A partir destas abordagens, foi concebido o projecto «IMMIGRA-2: A população migrante da comunidade de Madrid: estudo multidisciplinar e ferramentas para a integração sociolinguística» financiado pelos fundos sociais europeus e pela Comunidade de Madrid. Assume-se como uma hipótese de que a integração social dos imigrantes é melhor e é mais facilmente alcançada se o processo de integração sociolinguística for acelerado. Por isso (por essa razão?), o grupo de pesquisa LAELE (Linguística aplicada ao ensino de línguas) da Universidade Nebrija, propôs os seguintes objetivos: Em primeiro lugar, compilar um corpus a partir de 1544 amostras orais e escritas do exame LETRA (Diploma de Língua Espanhola para Trabalhadores Imigrantes) de candidatos de mais de 20 países diferentes. As amostras são disponíveis para a comunidade científica na plataforma virtual TalkBank Multimedia Database of Communicative Interactions. Em seguida, analisar o corpus Nebrija\_INMIGRA para estabelecer diagnósticos e avançar na pesquisa de a aquisição do espanhol para imigrantes, para finalmente conseguir definir implicações didáticas específicas. Este artigo explicará o desenvolvimento deste projeto (2016-2018), a constituição do corpus, os diagnósticos feitos e algumas implicações didáticas.

TITLE: The acquisition of the language of the host community as a tool for the integration of the migrant population: INMIGRA-2 project

ABSTRACT: Spain has experienced a large influx of immigrants, unprecedented in the history of the country. The arrival of the immigrant population implies a linguistic, communicative and cultural shock, whose consequences are determinant in the integration of the new population (Martínez, 2009, ALTE, 2016). It is hypothesized that taking into consideration sociolinguistic aspects greatly facilitates social integration. Therefore, the research project "INMIGRA-2", which is financed by European social funds and the Community of Madrid, is designed for this purpose. The Nebrija University Applied Linguistics to Teaching Spanish as a Foreign Language Research Group (LAELE) has proposed the following objectives: Firstly, to compile a corpus of 1544 oral and written samples of candidates originating from more than 20 different countries. The samples are taken from the LETRA examinations (a Spanish Language Diploma for immigrant workers) and are available to the scientific community through TalkBank Multimedia Database of Communicative Interactions. Secondly, to analyze the corpus Nebrija\_INMIGRA and make diagnoses to progress in the research on the acquisition of Spanish as a foreign language. Finally, based on the findings of the previous objectives, the final step is to define specific didactic implications. This paper will explain the development of this project (2016-2018), the corpus' constitution, the diagnoses made and some didactic implications.



# O recurso à sociedade hospedeira como complemento do manual nas aulas de Português Língua Segunda: estudo de caso no nível A2

The host society as schoolbook complement: Portuguese as a Second Language study case

RAFAELA DALBONY VIEIRA DE BETTENCOURT GESTA\*

ÂNGELA CRISTINA FERREIRA DE CARVALHO\*\*

MÁRCIA MARISA CAMPOS NATIVIDADE\*\*\*

PALAVRAS-CHAVE: Português Língua Segunda, Sociedade hospedeira, Manual didático, Ensino de línguas baseado em tarefas, imigração, direitos humanos.

KEYWORDS: Portuguese as a Second Language, Host Society, Schoolbook, Task-based Language Teaching, Immigration, Human Rights.

## 1. Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito do Estágio Pedagógico efetuado no 2.º ano do Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto,<sup>1</sup> no ano letivo 2017/2018.<sup>2</sup>

O principal objetivo deste trabalho incidiu sobre a análise da importância de tarefas que permitissem uma integração adequada dos imigrantes adultos na sociedade-alvo. A esta análise, associou-se a análise do manual didático adotado

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

\*\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro de Linguística da Universidade do Porto.

\*\*\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Secretariado Diocesano das Migrações da Diocese do Porto.

<sup>1</sup> Gesta, R. (2018) O recurso à sociedade hospedeira como complemento do manual nas aulas de Português Língua Segunda: estudo de caso no nível A2.

<sup>2</sup> A estrutura utilizada para a realização deste artigo foi apresentada em formato Poster na conferência internacional Educating the Global Citizen – International Perspectives on Foreign Language Teaching in the Digital Age, na Universidade Ludwig-Maximilians, Munique, Alemanha que decorreu entre os dias 25 e 28 de março de 2019.



pela instituição onde decorreu o estágio em questão – Secretariado Diocesano das Migrações e Turismo (SDMT) – considerando as preocupações referidas, isto é, de que forma é que o processo de integração na sociedade hospedeira<sup>3</sup> poderá ser facilitado e qual o papel do manual didático nesta situação.

Partindo do pressuposto de que a língua se apresenta como um constituinte fundamental no acesso à cultura e à cidadania, foram desenvolvidas atividades com uma turma de imigrantes adultos do nível de proficiência A2 e onde o desconhecimento de determinadas componentes linguísticas e aspetos sociais constituíam um obstáculo<sup>4</sup> à sua integração na sociedade portuguesa. A aprendizagem de uma língua segunda (LS)<sup>5</sup> relaciona a aquisição e o desenvolvimento da competência comunicativa e linguística com os conhecimentos socioculturais referentes à sociedade onde essa língua possui o estatuto de língua oficial. Deste modo, o desconhecimento da língua pode impossibilitar o acesso a manifestações sociais e culturais e, assim, impossibilitar o acesso à cidadania.

Recorrendo a abordagens metodológicas como o Ensino de Línguas Baseado em tarefas (ELBT), à análise do manual didático *Português XXI 2* (Tavares, 2013) – manual de utilização obrigatória no curso –, considerando documentos orientadores como o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR) e a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH) e refletindo sobre as motivações e as necessidades expressas pelos aprendentes no que concerne à aprendizagem da língua portuguesa, foram realizadas tarefas facilitadoras do processo de integração na sociedade hospedeira como o jogo «Direitos Humanos na prática» e atividades culturais que ocorreram diretamente na sociedade hospedeira. Assim, o presente trabalho será constituído por três partes: num momento inicial será realizado um enquadramento teórico onde abordaremos alguns dos conceitos previamente referidos; num segundo momento será abordada e explicitada a parte prática das lecionações como forma de colmatar as lacunas detetadas no primeiro momento e após a análise do manual e, por fim, num terceiro momento serão explicitadas as conclusões e um balanço das atividades realizadas. Ressalva-se que, de modo a facilitar a

<sup>3</sup> Entenda-se por sociedade hospedeira uma sociedade que difere da sociedade de origem dos indivíduos, mas onde, por diversos motivos, se pretendem instalar.

<sup>4</sup> Tais lacunas foram detetadas no início do ano letivo, onde os aprendentes foram convidados ao preenchimento de uma ficha de apresentação onde constavam questões referentes às suas necessidades, motivações e objetivos face à aprendizagem do português como língua segunda.

<sup>5</sup> Será utilizado a designação LS, seguindo o critério geopolítico apresentado por Isabel Leiria et al (2008); Leiria (2004).

compreensão da análise efetuada do manual didático em questão, esta secção estará inserida no enquadramento teórico realizado.

## **2. Enquadramento teórico**

A aquisição de segundas línguas tem sido objeto de estudo por parte de investigadores e de professores de línguas. Apesar de a metodologia mais tradicional consistir no método de apresentação, prática e produção, o desenvolvimento de inúmeros estudos expõe a existência de metodologias pedagógicas mais motivadoras e que apresentam resultados mais positivos. Uma das abordagens apresentadas e que constitui um elemento de relevo neste estudo é a Abordagem Comunicativa (AC). Esta abordagem ressalva a importância do papel do aluno no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Enquanto a primeira metodologia apresentada realça o foco do papel do docente, a AC defende que a aprendizagem de uma LS é mais produtiva quando o foco no discente é maior. Assim, o papel do docente torna-se menos autocentrado e mais subordinado às necessidades dos aprendentes, transformando-se num papel, essencialmente, de monitorização e coordenação.

A principal característica da AC recai numa maior exposição do discente a *input*<sup>6</sup> diversificado, focando-se no sentido e no significado, desenvolvendo maioritariamente a competência comunicativa e aumentando a interação entre sujeitos. Como é uma abordagem bastante ampla, é possível constatar a existência de duas orientações principais: baseada no produto e centrada no processo. É na segunda orientação que encontramos o Ensino de Línguas Baseado em Tarefas (ELBT).

O ELBT apresenta-se como sendo uma metodologia que facilita a promoção de um tipo de processo de aprendizagem impulsionador da aquisição de uma LS, onde as especificidades desta última são descobertas pelos aprendentes no decorrer do processo comunicativo. Assim, nesta abordagem metodológica podemos constatar que as tarefas<sup>7</sup> constituem o foco principal na planificação do processo de ensino-aprendizagem de línguas.

<sup>6</sup> *Input*: conjunto de informações rececionadas pelo discente

<sup>7</sup> Devido à sua maior abrangência, consideramos como tarefa a definição de Ellis: «a task is a workplan that requires learners to process language pragmatically in order to achieve an outcome that can be evaluated in terms of whether the correct or appropriate propositional content has been conveyed. To this end, it requires them to give primary attention to meaning and to make use of their own linguistic resources, although the

A realização de atividades cujo foco se centra na forma, incentiva os estudantes a reproduzirem a forma-alvo quando solicitando pelo docente. Neste momento, os primeiros reproduzem-na de forma consciente, não se centrando nos processos comunicativos que se efetuam em tempo real e, deste modo, o desenvolvimento da competência comunicativa não é o espectável, pois o foco dos discentes encontra-se direcionado para a forma e não para o sentido. Em contrapartida, a realização de tarefas possibilita que o foco dos aprendentes recaia no sentido, isto é, na transmissão de uma determinada mensagem, atuando como utilizadores da língua e não como estudantes da mesma.

Apesar disso, é reconhecida a importância de um foco na forma. Este foco deve ocorrer durante a realização da tarefa e no decorrer do processo de ensino-aprendizagem de uma LS. Assim, o ELBT pretende encontrar um equilíbrio entre o foco na forma e o foco no sentido, considerando uma maior eficácia na aquisição de uma LS quando o foco na forma decorre de situações que permitam a expressão de sentidos, ou seja, quando as tarefas com foco na forma e com foco no sentido estão interligadas.

De facto, apesar de ser considerada uma metodologia mais motivacional e eficaz e de apresentar resultados mais positivos no processo de ensino-aprendizagem de uma LS, podemos constatar as poucas tentativas existentes de implementação desta metodologia, que preconiza o foco no estudante e pretende a descentralização do papel do docente no processo de ensino-aprendizagem, tanto em contextos institucionais como na elaboração de materiais didáticos realizados para um público-alvo adulto e em contexto nacional.

Atualmente, os materiais didáticos apresentam uma elevada importância no ensino de línguas, sendo que o material mais utilizado é o manual didático. Contudo, em relação aos manuais didáticos referentes ao ensino de português como língua segunda, constatamos a inexistência de um programa emanado pela Direção Geral de Educação e, como tal, os manuais didáticos são elaborados considerando documentos orientadores como o *Quadro Europeu comum de Referência*, o *Referencial Camões* e o *Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro* [QuaREPE].

design of the task may predispose them to choose particular forms. A task is intended to result in language use that bears a resemblance, direct or indirect, to the way language is used in the real world. Like other language activities, a task can engage productive or receptive, and oral or written skills, and also various cognitive processes» (2003, p. 16).

O *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*<sup>8</sup> do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras mostra-nos que a vaga imigratória tem crescido nos últimos anos e, como tal, a procura do português como língua segunda (PLS) tem crescido substancialmente. Posto isto, acentua-se a necessidade de produção de materiais didáticos que sejam atualizados, diversificados e certificados. A análise de manuais permite verificar a atualização e a diversificação do manual e este deverá incorporar os desenvolvimentos constatados nas práticas pedagógicas, possibilitando aos aprendentes um saber-fazer, a interação dos saberes adquiridos e o desenvolvimento da competência comunicativa. De facto, a apropriação de uma LS deve permitir ao aprendente o conhecimento não só das características específicas da língua, mas também da sua componente pragmática.<sup>9</sup>

O estudo de uma LS está interligado com a aquisição de uma nova cultura. Esta cultura pode ser mais ou menos semelhante a culturas já compreendidas e vivenciadas pelo aprendente. Desta forma, língua e cultura encontram-se intimamente ligadas e a aprendizagem de uma nova língua implica a aprendizagem de uma nova cultura. Esta relação deverá influenciar a escolha dos conteúdos a tratar que, por sua vez, deverão expor o aspeto formal da língua ao serviço da comunicação e a transmissão de conhecimentos culturais relevantes para o público-alvo. Assim, a utilização de manuais didáticos deverá aliar os conhecimentos linguísticos aos conhecimentos culturais.

Com o objetivo de garantir a qualidade dos manuais, estes devem passar por um processo de certificação. Não obstante, a certificação de manuais de PLS, utilizados em contexto nacional, ainda não foi abrangida pela Direção Geral de Educação. Deste modo, e para colmatar eventuais lacunas existentes nos manuais, alguns docentes e investigadores têm vindo a efetuar análises de manuais didáticos publicados em contexto nacional. Tavares (2008, p. 54) afirma que tais análises pretendem «proporcionar um conhecimento mais amplo das características e metodologias que cada manual apresenta», permitindo aos docentes «optar por aquele que melhor se adegue às necessidades do seu aprendente». Na verdade, a elaboração dos manuais didáticos deve aliar as evoluções das metodologias de ensino constatadas nos estudos da didática de

<sup>8</sup> Exposto pelo Jornal Público e disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/27/sociedade/noticia/imigracao-volta-a-subir-em-portugal-italia-entra-para-top-10-de-estrangeiros-1835913>, acedido a 10/07/2019.

<sup>9</sup> «pressupõe [...] o conhecimento não só da língua enquanto sistema, mas também do contexto sociocultural e, ainda, do uso funcional dos recursos estilísticos.» (Tavares, 2008, p. 43).

línguas com as evoluções tecnológicas. Independentemente do tipo de manual escolhido e utilizado no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, este deverá ser adaptado, complementado e inovado pelo docente de acordo com as necessidades e motivações dos discentes.

Considerando as linhas orientadoras apontadas por Tavares (2008, pp. 54-117), a tabela de critérios de avaliação de manuais de Ur (1997, p. 186) e as características acima descrita, elaborou-se uma análise crítica do manual didático de utilização obrigatória no decorrer do estágio pedagógico.<sup>10</sup>

A análise em questão recaiu apenas sobre o livro do aluno e a escolha deste manual como instrumento de trabalho foi efetuada pelo SDMT. Tendo como foco principal as motivações expressas pelos discentes relativamente à possibilidade de se integrarem na sociedade hospedeira, isto é, na sociedade portuguesa e de poderem exercer os seus direitos e deveres enquanto cidadãos, a análise do manual pretendeu constatar de que forma é que a sua utilização possibilitaria o desenvolvimento da competência cultural dos discentes e de que forma os auxiliou no processo de integração na sociedade hospedeira.

A análise foi iniciada pela exposição de uma ficha sinalética que dá a conhecer a constituição externa do manual. Aqui, foi possível observar que a edição utilizada é referente a agosto de 2013 e que a primeira edição foi lançada em 2004, pela editora LIDEL. O manual é constituído por 198 páginas e é acompanhado por três materiais complementares: CD áudio, caderno de exercícios e livro do professor.

Após a análise da constituição externa do manual, foi explorada a organização global do mesmo, possibilitando a compreensão da estrutura geral do manual. Para tal, foram analisados campos como informações introdutórias, organização interna, exercícios de revisão e de avaliação e, por fim, observações.

Ao explorar a organização global do manual, é possível constatar que nas informações introdutórias a autora explicita que as alterações existentes entre as edições se prendem, maioritariamente, com o aspeto gráfico do manual. No que concerne aos pré-requisitos para a utilização do manual, verifica-se que como o manual se destina a aprendentes que pretendem atingir o nível A2, estes deverão ter conhecimentos prévios referentes ao nível A1. Para além de explicitar as áreas abordadas no manual e de mencionar a existência de um caderno de exercícios, a autora expõe, ainda, que o objetivo central do manual se prende com um maior desenvolvimento da competência comunicativa e

<sup>10</sup> Esclarece-se que as linhas orientadoras utilizadas nesta análise foram elaboradas pela mesma autora do manual analisado.

quais os descritores de desempenho a atingir. No que concerne à organização interna do manual, este encontra-se dividido em 12 unidades programáticas e, por sua vez, cada unidade está dividida em 4 partes distintas. É possível verificar a existência de apêndices gramaticais no final das unidades programáticas, sendo que a cada 3 unidades é possível encontrar uma unidade de revisão dos conteúdos previamente abordados, perfazendo um total de 4 unidades de revisão. Relativamente às observações, constata-se a existência de elementos como um glossário, mapa representativo dos países de língua oficial portuguesa, lista das faixas presentes no CD, a tradução de expressões utilizadas no quotidiano, a correção dos exercícios de revisão e os três apêndices existentes.

Após estas análises, realiza-se a análise dos aspetos mais específicos do mesmo, considerando os objetivos previamente expostos. Ressalva-se que os critérios de importância a analisar no que concerne à avaliação de manuais poderão variar entre docentes e, como tal, as análises de manuais apresentam alguma ambiguidade e deverão ser abertas e flexíveis, possibilitando uma análise adequada e orientada para o público-alvo e para o contexto em que é realizada. Desta forma, o docente deverá analisar os critérios e avaliar a importância pessoal atribuída a cada um. Como referido, recorreu-se e adaptou-se o quadro de critérios de Ur (1997, p. 186). O preenchimento da tabela foi efetuado de acordo com as sinalizações sugeridas por Tavares (2008, p. 16):

« √√ considero importante; √√√ considero muito importante; ? Tenho dúvidas; X não considero importante; XX sem a mínima importância».

Tabela 1: Critérios de avaliação do manual.

| Importância | Critérios                                          | Detetado no manual <sup>11</sup> |
|-------------|----------------------------------------------------|----------------------------------|
| √√          | Abordagem adequada ao público-alvo                 | ?                                |
| √√          | Aspeto gráfico atrativo e legibilidade             | √X                               |
| √√          | Imagens adequadas                                  | √                                |
| √√          | Temas e tarefas interessantes                      | √ X                              |
| √√          | Variedade de temas e tarefas/ exercícios           | √ X                              |
| √√          | Instruções claras                                  | √                                |
| √√          | Cobertura sistemática dos conteúdos programáticos  | √                                |
| √√          | Conteúdos organizados de forma clara e progressiva | ?                                |
| √√          | Revisão e avaliação periódicas                     | X                                |
| √√          | Abundância de documentos e de linguagem autênticos | X                                |

| Importância | Critérios                                           | Detetado no manual <sup>11</sup> |
|-------------|-----------------------------------------------------|----------------------------------|
| ?           | Explicação e exercícios de fonética                 | √                                |
| ?           | Explicação e utilização de vocabulário              | √                                |
| √           | Boa apresentação e prática gramatical               | X                                |
| √√          | Prática de fluência nas quatro capacidades          | X                                |
| √√          | Desenvolvimento da autonomia do aprendente          | ?                                |
| X           | Instruções e sugestões de trabalho para o ensinante | X                                |
| √√          | Material áudio                                      | √                                |
| √           | Manual com disponibilidade rápida e fácil           | √ ?                              |

No preenchimento desta tabela, o professor deverá ponderar e assinalar na coluna da esquerda, de acordo com a sinalização que pretender, a importância que atribui aos critérios apresentados e na coluna da direita deverá constatar a existência ou a ausência desses critérios no manual a analisar. Assim, podemos concluir que o critério referente às instruções e sugestões de trabalho para o ensinante está assinalado com «X», ou seja, não é considerado um critério importante, que tanto o critério relativo à explicação e exercícios de fonética como o critério da explicação e utilização de vocabulário estão assinalados com «?», isto é, há dúvidas sobre a importância da existência desses critérios num manual didático, o critério alusivo à disponibilidade rápida e fácil do manual está assinalado com e que os restantes critérios se encontram assinalados com «√», sendo considerado importante e, por fim, os restantes critérios foram considerados como sendo muito importantes e, conseqüentemente, assinalados com «√√».

Após o preenchimento da coluna do lado esquerdo, a averiguação da existência ou inexistência dos critérios presentes no quadro foi assinalada na coluna do lado direito, recorrendo à mesma sinalética previamente utilizada. Apesar de ser utilizada a mesma sinalética, introduziu-se a sinalização «√X» quando o critério em questão pode ser dividido em dois momentos e apenas a existência de um foi detetada no manual. Deste modo, é possível constatar que há dúvidas na existência de uma abordagem adequada face ao público-alvo, à organização clara e progressiva dos conteúdos e ao desenvolvimento da autonomia do aprendente. Verifica-se, ainda, que não foi possível detetar no manual a existência dos critérios referentes à revisão e avaliação periódicas, à abundância de documentos e de linguagem autênticos e à prática da fluência

<sup>11</sup> Este cabeçalho não consta na tabela original.

nas quatro capacidades. Contudo, foi possível verificar a existência de materiais áudio, de imagens adequadas, de instruções claras e uma cobertura sistemática dos conteúdos programáticos. Não se detetou uma boa apresentação e prática gramatical, mas foi possível detetar a existência de explicações de exercícios de fonética e de utilização de vocabulário. Relativamente aos restantes critérios, constata-se que o manual nem sempre apresenta um aspeto gráfico atrativo, os temas e tarefas propostas apresentam alguma repetição tornando-os, progressivamente, menos interessantes e demonstrando uma pouca variedade face aos mesmos. No que concerne à disponibilidade do manual, observa-se que é rápida, mas nem sempre fácil. Por fim, não se averiguou a existência de instruções e sugestões de trabalho para o ensinante.

Posto isto, após uma análise cuidadosa e detalhada dos conteúdos comunicativos, linguísticos e culturais, da conceção gráfica e das características materiais do manual, verifica-se que o público-alvo é bastante abrangente e que apresenta conteúdos desatualizados bem como um aspeto gráfico pouco apelativo. Constata-se que há pouca diversidade relativamente aos exercícios e tarefas propostas, que as trocas comunicativas são efetuadas sob diretrizes específicas, tornando escassas as hipóteses para o aprendente praticar trocas comunicativas numa situação real de comunicação ou numa situação aproximada a uma situação real. A componente gramatical assume um papel central e, desta forma, as competências não são desenvolvidas de forma equilibrada. Os conteúdos culturais são pouco diversificados e ressalva-se a exposição mais acentuada de aspetos culturais específicos da capital, havendo poucas referências a outras regiões portuguesas. Por último, salienta-se que grande parte dos textos são artificiais e que os poucos documentos autênticos utilizados são retirados de meios de comunicação específicos. Considerando todos estes aspetos, constata-se que o manual analisado é maioritariamente estruturado e a competência gramatical assume um papel central. Contudo, Fener (2000, p. 148) afirma que «um dos objetivos dos manuais deverá ser o de criar tarefas que permitam a integração entre o aprendente e a ‘cultura’ representada [...] através de textos e diálogos escritos e orais».

Através das conclusões retiradas da análise do manual, das necessidades e motivações expressas pelos aprendentes, efetuou-se uma reflexão sobre o recurso à sociedade hospedeira como elemento auxiliador quer no processo de integração de imigrantes como no processo de ensino-aprendizagem do português como LS. Posto isto, a integração numa sociedade «exige esforço de ambas as partes na partilha e na compreensão de hábitos, costumes, valores, religiões e línguas.» (Grosso, 2008, p. 5). A prevenção de comportamentos discriminatórios, a possi-



bilidade de exercer direitos e deveres enquanto cidadão, a autonomia e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional do aprendente apresentam-se como benefícios associados à aprendizagem da língua do país de acolhimento. Grosso (2008) acrescenta que esta aprendizagem corresponde a um «direito cuja aprendizagem viabilizará o usufruto dos outros direitos, assim como o conhecimento e a promoção do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão.». Desta forma, conclui-se que o desconhecimento da língua do país de acolhimento pode constituir um motivo da criação de desigualdades e de comportamentos discriminatórios.

Considerando o aumento da vaga imigratória constatado, verifica-se que os imigrantes se encontram em contexto de imersão linguística e que a língua portuguesa (LP) assume um papel central e fulcral para que estes indivíduos atuem enquanto atores sociais e exerçam uma cidadania plena e consciente, isto é, para que se integrem na sociedade hospedeira. Assim, neste grupo particular de aprendentes, o ensino da LP como LS deverá recair sobre as suas necessidades comunicativas concretas e imediatas. Caldeira (2012, p. 11) explicita que o conceito de integração «é usado para descrever e caracterizar a entrada, a socialização e participação dos migrantes numa sociedade de acolhimento, quer a nível do mercado de trabalho, quer a nível da habitação e de relações sociais.» e Grosso (2008, p. 11) esclarece que «as dificuldades de integração e de socialização estão geralmente associadas a dificuldades linguísticas [...] a um domínio fragilizado da língua oficial e [a] uma não descodificação da cultura quotidiana na comunidade de inserção».

O artigo 27.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) cita que «Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade [...]». O processo de integração na sociedade hospedeira é um processo faseado onde há uma interação entre imigrantes e nativos, que se moldam, mutuamente, à comunidade em mudança. Este processo está dependente de fatores internos e externos. Repare-se que os fatores internos são inerentes às especificidades de cada indivíduo e que os fatores externos estão relacionados, por exemplo, com o grau de aceitação dos nativos e com o conhecimento linguístico do imigrante, sendo que os dois se interligam.

### **3. Estudo Empírico**

Através da análise das motivações expressas pelos discentes relativamente à aprendizagem da LP foi possível inferir que a integração na sociedade portu-

guesa constituía uma preocupação central para cada um deles. Assim, aliando as motivações dos discentes aos pressupostos teóricos abordados, foi levantada a questão «de que forma é possível facilitar o seu processo de integração na sociedade hospedeira?» e foi com esta finalidade que se realizou este estudo de caso. Foi através da visão de Sousa,<sup>12</sup> relativamente ao significado de estudo de caso, que se optou por recorrer a esta metodologia no decorrer deste trabalho.

De modo a obter respostas à questão previamente levantada, realizaram-se duas atividades de maior relevância: adaptação do jogo referente ao projeto Fatima<sup>13</sup> e uma atividade cultural, realizada em parte fora do espaço de sala de aula e na cidade de acolhimento.

O projeto Fatima consiste na elaboração de um jogo de tabuleiro – o jogo dos Direitos Humanos na Prática – que objetiva a prevenção da violência através da «sensibilização e de formação baseada na Convenção do Conselho da Europa [...] em cursos de línguas para imigrantes recém-chegados aos países participantes.» (Direitos Humanos na Prática, 2003). Contando com dois materiais distintos, mas com o mesmo objetivo, abordaremos o jogo de tabuleiro visto ter sido o material utilizado no decorrer das lecionações. O jogo em questão contém um manual para técnicos, um tabuleiro com numerações, cartões com questões que deverão ser respondidas pelos jogadores, dados e peças do jogo. Relativamente às temáticas abordadas, é possível observar que o jogo se encontra dividido em 7 áreas: informação básica, questões de habitação, família e filhos, educação, segurança social – impostos e trabalho, saúde e, por fim, aspetos legais.

Este jogo foi utilizado e adaptado a um público-alvo adulto, não nativo e com nível de proficiência A2. A utilização do jogo foi efetuada com seis elementos, com idades compreendidas entre os 30 e os 52 anos, com nacionalidades distintas (camaronense, filipina, iraniana, síria e ucraniana), com habilitações literárias e atividades profissionais bastante díspares. Todos os elementos, para além das respetivas línguas maternas, tinham conhecimentos de inglês, prévios à LP, referentes ao nível A1, e encontravam-se a residir em Portugal.

A introdução deste projeto decorreu na 19.<sup>a</sup> leção num total de 34 unidades letivas, através de um diálogo com os discentes onde se constatou que

<sup>12</sup> «O estudo de um caso visa essencialmente a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural [...]» (Sousa, 2009, p. 137).

<sup>13</sup> Disponível em [https://www.human-right.net/fatima/images/docs/newsletter02\\_pt.pdf/](https://www.human-right.net/fatima/images/docs/newsletter02_pt.pdf/).

os mesmos não tinham conhecimento do processo de obtenção de dupla nacionalidade. Apesar deste tema não constar nas temáticas presentes no projeto, o mesmo foi introduzido devido à sua relevância como é visível no artigo 15.º da DUDH: «1. Todo o indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade. [...]» (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, p. 4). Acordou-se que seriam realizadas exposições orais sobre os tópicos apresentados no jogo de modo a que todos os elementos da turma tivessem acesso à informação em questão. Assim, para além da troca e aquisição de conhecimentos relevantes para a integração e interação na sociedade portuguesa, pretendia-se aumentar o desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendentes.

Constatou-se a necessidade de proceder a algumas alterações nas regras do jogo. O grupo de trabalho era constituído por seis elementos e o jogo pressupõe um número mínimo de oito participantes, os temas não seriam abordados na ordem apresentada no tabuleiro, mas de acordo com os conteúdos abordados no decorrer das lecionações, os temas a apresentar seriam definidos previamente e ficariam como trabalho a realizar fora do contexto letivo, pois solicitavam a deslocação a determinadas instituições. Por fim, devido ao constrangimento temporal, optou-se por realizar as exposições orais no momento final de cada unidade letiva. A atividade teve uma duração total de 8 unidades letivas onde cada aprendente realizou um total de 2 apresentações e assistiu a 10. Como limitação principal à realização da atividade, verificou-se que, por vezes, os aprendentes recorriam à internet para a obtenção de respostas, não efetuando a deslocação pretendida.

Para além dos diminutos conhecimentos dos aprendentes face às instituições públicas que lhes permitissem atuar enquanto atores sociais foi possível constatar que o conhecimento sobre momentos históricos e culturais de Portugal, mais particularmente do Porto, era quase nulo. Assim, como tentativa de colmatação da inexistência desses conhecimentos, foi realizada uma atividade cultural que decorreu fora do contexto de sala de aula e que, para além do objetivo supra exposto, teve ainda como foco o desenvolvimento da competência cultural e comunicativa dos aprendentes. O tema central da atividade incidiu na gastronomia e identidade cultural. Na verdade, os aspetos gastronómicos de uma sociedade representam aspetos distintivos e característicos da mesma e deverão ser abordados de forma a desenvolver o conhecimento sociocultural dos aprendentes.

Esta atividade foi dividida em 3 momentos: pré-atividade, atividade e pós-atividade. Focar-nos-emos no momento relativo à atividade, pois foi este que obteve um maior impacto junto do grupo de discentes e foi realizado fora do ambiente de sala de aula.

A atividade consistiu na realização de um percurso cultural relacionado com a cultura gastronómica regional portuense. Foi previamente estabelecido um ponto de partida comum e acordado que a atividade seria realizada em pares com o auxílio de um guião relativo ao percurso a realizar. Os estudantes foram incentivados a realizarem tarefas que lhes permitiram conhecer novas ruas, praças e serviços da cidade do Porto referentes a uma tradição gastronómica portuense e foram incentivados a contactar diretamente com falantes nativos, recorrendo unicamente à LP para a realização das tarefas. Ressalva-se que o tratamento de competências não especificamente linguísticas deve ser realizado através do «contacto direto com falantes nativos e com textos autênticos» (Conselho da Europa, 2001, p. 20).

No final de cada atividade e de forma a constatar o cumprimento dos objetivos propostos, os discentes foram incentivados a efetuarem uma avaliação, de forma anónima e individual, das mesmas. Esta avaliação consistiu no preenchimento de fichas de avaliação onde os discentes foram incentivados a, através da utilização de uma escala de 1 a 4,<sup>14</sup> avaliarem aspetos específicos da atividade. No que concerne à primeira atividade, a ficha de avaliação correspondente continha 4 questões. Nas tabelas 2 a 5 podemos observar quais as questões presentes na ficha de avaliação da atividade e quais as respostas obtidas a cada uma das questões efetuadas:

Tabela 2: **Questão 1** – A atividade facilitou a sua integração na sociedade hospedeira?

|          | N | %     |
|----------|---|-------|
| Sim      | 4 | 66,7  |
| Bastante | 2 | 33,3  |
| Total    | 6 | 100,0 |

Tabela 3: **Questão 2** – A atividade permite solucionar eventuais situações do seu quotidiano?

|          | N | %     |
|----------|---|-------|
| Pouco    | 3 | 50,0  |
| Sim      | 1 | 16,7  |
| Bastante | 2 | 33,3  |
| Total    | 6 | 100,0 |

<sup>14</sup> Nesta escala o 1 correspondia a «não», o 2 a «pouco», o 3 a «sim» e o 4 a «muito».

Tabela 4: **Questão 3** – A atividade contribuiu para ser capaz de comunicar melhor em português?

|          | N | %     |
|----------|---|-------|
| Pouco    | 1 | 16,7  |
| Sim      | 3 | 50,0  |
| Bastante | 2 | 33,3  |
| Total    | 6 | 100,0 |

Tabela 5: **Questão 4** – Esta atividade despertou o seu gosto pela sociedade portuguesa?

|          | N | %     |
|----------|---|-------|
| Sim      | 4 | 66,7  |
| Bastante | 2 | 33,3  |
| Total    | 6 | 100,0 |

Após uma análise das tabelas apresentadas, verifica-se que a atividade apresentou resultados positivos face aos seus objetivos principais: facilitar a integração na sociedade hospedeira do grupo de aprendentes e desenvolver a competência comunicativa dos mesmos. Considera-se que a segunda e terceira questões não obtiveram resultados tão positivos como as restantes devido ao facto de os aprendentes não terem seguido na íntegra a instrução relativa à deslocação às instituições em questão. De facto, ao retirarem informações da internet averiguou-se a existência de conteúdos desatualizados que foram corrigidos pela docente e impossibilitou a utilização, em contexto real de comunicação, da língua-alvo. Não obstante, verifica-se que o gosto pela sociedade portuguesa aumentou em todos os discentes, como verificável através dos resultados apresentados na tabela 5.

Relativamente à segunda atividade realizada e à semelhança da primeira, os discentes foram incentivados a preencherem um questionário sobre a atividade. Este questionário era constituído por questões de resposta curta, onde foi possível averiguar se os aprendentes consideravam que a atividade lhes tinha possibilitado um conhecimento mais aprofundado da cultura regional e da cultural nacional de Portugal. A realização do questionário permitiu, ainda, a avaliação global de todas as fases da atividade através da utilização de uma escala de 0 a 4.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> 0 equivalia a «muito mau», 1 a «mau», o 2 correspondia a «suficiente»; 3 a «bom» e, por fim, 4 correspondia a «muito bom».

Na primeira e na segunda questão (1 – «Achou a atividade importante para conhecer melhor a cultural regional?» e 2 – «Achou a atividade importante para conhecer melhor a cultura nacional?») todos os aprendentes responderam que «sim». Quando questionados sobre propostas para atividades futuras, todos os discentes afirmaram ter interesse na realização de mais atividades fora da sala de aula que lhes permitisse o contacto direto com nativos. Por fim, no que concerne à classificação atribuída à atividade, constata-se que 5 aprendentes (perfazendo um total de 83,3% dos participantes) atribuíram a pontuação mais alta, isto é, 4 (correspondendo a «muito bom») e um dos aprendentes atribuiu 3, ou seja, «bom», como se verifica na tabela 6.

Tabela 6: **Avaliação global da atividade cultural.**

|           | N | %     |
|-----------|---|-------|
| Boa       | 1 | 16,7  |
| Muito boa | 5 | 83,3  |
| Total     | 6 | 100,0 |

Após a análise das avaliações efetuadas pelos aprendentes, foi possível constatar que ambas cumpriram os objetivos propostos. Contudo, uma das atividades apresentou resultados mais positivos do que a outra, como podemos observar na tabela comparativa apresentada:

Tabela 7: **Tabela comparativa da avaliação das atividades realizadas.**

| Direitos Humanos na Prática |   |       | Atividade Cultural |   |       |
|-----------------------------|---|-------|--------------------|---|-------|
|                             | N | %     |                    | N | %     |
| Suficiente                  | 2 | 33,3  |                    |   |       |
| Boa                         | 2 | 33,3  | Boa                | 1 | 16,7  |
| Muito boa                   | 2 | 33,3  | Muito boa          | 5 | 83,3  |
| Total                       | 6 | 100,0 | Total              | 6 | 100,0 |

Apesar dos resultados positivos em ambas as atividades, os discentes avaliaram mais positivamente a atividade cultural. Constata-se que nenhum aprendente avaliou a atividade cultural como «Suficiente». No que concerne à avaliação «Boa», esta foi escolhida por 33,3% dos aprendentes na atividade «Direitos Humanos na Prática», sendo que apenas 16,7% a utilizaram na atividade cultural. Contudo, a maior diferença é constatada no campo

alusivo à avaliação «Muito boa». De facto, este campo foi selecionado por 33,3% a respeito da primeira atividade face a 83,3% no que concerne à atividade cultural.

Como referido, a primeira atividade solicitava a obtenção presencial de determinadas informações. Após as apresentações efetuadas, concluiu-se que os discentes não realizaram o solicitado de forma autónoma. Contudo, a segunda atividade ocorreu diretamente na sociedade hospedeira e foi acompanhada pela docente, sendo que os aprendentes tiveram de recorrer, impreterivelmente, à sociedade hospedeira e de comunicar com falantes nativos. Por esta via e como pretendido, desenvolveu-se o conhecimento sociocultural dos estudantes no que concerne a «formas linguísticas adequadas ao contexto, referências relativas à identidade nacional ou cultural, [...] e consciência intercultural» (Conselho da Europa, 2001, p. 222).

Posto isto, é possível inferir que o contacto efetivo com a sociedade hospedeira aumenta a motivação na realização de tarefas, facilita o processo de integração dos imigrantes na sociedade-alvo e permite um desenvolvimento acentuado da competência comunicativa.

#### **4. Conclusões**

As atividades realizadas apresentaram como objetivos centrais o desenvolvimento das competências comunicativas na língua-alvo e o auxílio no processo de integração na sociedade hospedeira de um determinado grupo de adultos não nativos.

Assim, face à insuficiência de conteúdos culturais e de elementos facilitadores do processo de integração na sociedade hospedeira constatadas na análise do manual didático utilizado, considera-se que o mesmo, apesar de possibilitar um bom desenvolvimento das competências comunicativas na língua portuguesa, quando utilizado com um grupo de aprendentes que se encontram em contexto de imersão, deve ser acompanhado de atividades que lhes permitam um contacto direto com falantes nativos e complementado com documentos autênticos que possibilitem o desenvolvimento de uma visão mais neutra da sociedade em questão.

De facto, verifica-se que o desenvolvimento das capacidades heurísticas dos aprendentes (que incluem, por exemplo, «a capacidade do aprendente para utilizar a língua-alvo de modo a encontrar, a compreender e, se necessário, a transmitir uma informação nova (nomeadamente utilizando as fontes de referência na

língua-alvo.)» [Conselho da Europa, 2001, p. 156]), recorrendo a diversas tarefas e atividades com o intuito de levar os discentes a interagirem diretamente na sociedade hospedeira, se apresentam como fator importante no processo global de integração.

Assim, o recurso à sociedade hospedeira possibilitou o desenvolvimento destas capacidades dos estudantes, permitiu o contacto direto com falantes nativos e consequente exposição a variações existentes na LP e proporcionou um maior desenvolvimento das competências socioculturais do grupo de discentes. A sociedade hospedeira e as competências existenciais dos discentes apresentam-se como elementos centrais na integração pretendida, sendo, assim, um processo complexo que resulta de um esforço bilateral. Acentua-se que a utilização de projetos como o projeto Fatima enquanto elemento complementar do manual didático apresentam resultados favoráveis no processo de integração pretendida e, consequentemente, possibilitam o acesso à cidadania.

### **Referências bibliográficas:**

- CALDEIRA, P. A. M. (2012). *A imigração em Portugal: o português, língua de acolhimento e as problemáticas da identidade linguística e cultural*. Tese de Doutoramento.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino e avaliação*. Porto: Asa Editores.
- ELLIS, R. (2003). *Task-based language learning and teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- FENER, A. B. / NEWBY, D. (2000). *Approaches to materials design in European textbooks: Implementing principles of authenticity, learner autonomy, cultural awareness*. Strasburg: Centro Europeu de Línguas Modernas, Conselho da Europa.
- GROSSO, M. / TAVARES, A. / TAVARES, M. (2008). *O Português para Falantes de Outras Línguas. O utilizador elementar no país de acolhimento*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- HUMANOS, D. U. D. D. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. URL: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>, acedido a 9/07/2019.
- LEIRIA, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLNM*, 3.



- LEIRIA, I., et al. (2008). *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) Ensino Secundário*. URL: <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/orientprogramatplnmvers aofinalabril08.pdf>. Acedido a 20/06/2018.
- SOUSA, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- TAVARES, A. / GROSSO, M. J. (2008). *Ensino/aprendizagem do Português como língua Estrangeira: manuais de iniciação*. Lisboa: Lidel.
- TAVARES, A. (2013). *Português XXI 2. Livro do aluno. Nível A2*. Lisboa: Lidel.
- UR, P. (1997). *A Course in Language teaching*. Cambridge: University Press.

TÍTULO: O recurso à sociedade hospedeira como complemento do manual nas aulas de Português Língua Segunda: estudo de caso no nível A2

RESUMO: A realidade social portuguesa tem vindo a sofrer inúmeras alterações ao longo dos anos, sendo que essas alterações se devem, maioritariamente, à considerável vaga de imigrações constatada. O crescente número de cidadãos portadores de uma língua materna que difere do português ressalva a carência de programas que possibilitem e facilitem a integração destes cidadãos na sociedade hospedeira, permitindo-lhes o acesso à plena cidadania bem como o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Neste artigo, propomo-nos tratar temas como o Ensino de Línguas Baseado em Tarefas, a análise do manual didático Português XXI 2, os Direitos Humanos e a importância da sociedade hospedeira no processo de integração de imigrantes. Considerando que o processo de integração de falantes adultos e não nativos na sociedade hospedeira se apresenta como fulcral, a abordagem destas temáticas foi realizada de forma a interligá-las, proporcionando ao público-alvo um desenvolvimento acentuado das suas competências comunicativas na língua-alvo e o desenvolvimento das competências fundamentais ao exercício dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Assim, neste texto será efetuado um breve enquadramento teórico e, posteriormente, explorar-se-ão as atividades realizadas de forma a colmatar as necessidades específicas de um determinado grupo de aprendentes.

TITLE: The host society as schoolbook complement: Portuguese as a Second Language study case

ABSTRACT: Portuguese social reality has been suffering multiple changes along the years, mainly due to the considerable wave of immigration noted. The growing number of citizens speakers of a native tongue that differs from portuguese highlights the lack of programs that facilitate and enable the integration of these citizens in the host society, allowing them access to citizenship as well as their personal and professional development. In this article we intend to treat widely diverse themes such as task-based language teaching, the analysis of the didactic manual Português XXI 2, human rights and the importance of the host society in the process of integrating Immigrants. Considering that the process of integrating adult, non-native speakers into the host society is crucial, the approach of these themes has been carried out in a way that links them, providing the target public with a strong development of their communicative competences in the target language and the development of fundamental skills to exercise their rights and duties as citizens. So, in this report it will be possible to realize the presence of the theoretical assumptions mentioned, as well as the description of activities performed in order to fill the specific needs of a given group of learners.

# **Política linguística em ambiente multilingue: o caso de Timor-Leste**

## **Language policy in a multilingual environment: the case of Timor-Leste**

PAULO HENRIQUES\*  
RUI RAMOS\*

PALAVRAS-CHAVE: Política Linguística, Formação, Tradutor, Plurilinguismo, Diversidade Biocultural, Timor-Leste.

KEYWORDS: Language Policy, Formation, Translator, Multilingualism, Biocultural Diversity, Timor-Leste.

### **1. Introdução**

Este estudo incide sobre questões de política linguística em ambiente multilingue, focalizando em concreto o caso de Timor-Leste. Faz uma abordagem inicial a esta questão e sugere vias de desenvolvimento da investigação. Propõe, então, o roteiro de uma investigação sobre o assunto, com alguns elementos de contextualização e problematização da questão, objetivos, metodologia e algumas breves notas finais.

Timor-Leste é um país multilingue e a sua diversidade linguística tem vindo a ser um tópico de interesse de alguns linguistas que pretendem desenvolver a sua investigação nesse campo. Além disso, o povo timorense é conhecido por constituir uma sociedade multilingue, com uma cultura híbrida. O país fica situado num dos «pontos quentes de diversidade biocultural» (Maffi, 2007) que há no mundo, que são zonas onde se verifica uma correlação positiva entre alta diversidade linguística e alta diversidade biológica.

Timor-Leste é, historicamente, uma antiga colónia portuguesa. Quando aconteceu a revolução dos cravos, em 1974, em Lisboa, criaram-se as condições de liberdade para que cada uma das «províncias ultramarinas» portuguesas escolhesse os seus caminhos de independência. Surgiram, em Timor, quatro

\* Instituto de Educação, Universidade do Minho.

partidos políticos: a UDT,<sup>1</sup> a FRETILIN,<sup>2</sup> a APODETI<sup>3</sup> e o KOTA.<sup>4</sup> Estes partidos deram corpo a discrepâncias ideológicas que os levaram a cair numa guerra civil em 1975. A Indonésia, um país vizinho, aproveitou a falta de estabilidade do território e invadiu militarmente Timor, ocupando-o por 24 anos. Esta ocupação terminou com o sufrágio universal de agosto de 1999, no qual 78% dos timorenses votaram pela independência total de Timor-Leste. Entre 1999 e 2002, Timor-Leste esteve sob a administração das Nações Unidas e, finalmente, viu a sua independência internacionalmente reconhecida em 2002.

Tanto a centenária colonização portuguesa quanto a mais recente ocupação indonésia vieram trazer mais elementos de diversidade linguística a um território já de si profundamente diverso em termos linguísticos.

Tendo em vista o panorama linguístico timorense, que contempla o facto de os cidadãos timorenses não dominarem todas as línguas faladas no seu país, destacamos o papel preponderante dos tradutores para ajudarem a transmitir informações de uma língua de partida para uma de chegada. Neste caso, referimo-nos às duas línguas oficiais (tétum e português), que também não são adequadamente dominadas por todos os cidadãos timorenses.

## 2. Política linguística e ambiente multilingue

Para analisarmos a política linguística em Timor-Leste é preciso, em primeiro lugar, clarificar alguns conceitos-base, nomeadamente os de «política linguística» e «planificação linguística». Geralmente, o primeiro não aparece isoladamente num contexto político de um Estado, ele surge sempre acompanhado de um planeamento concreto, isto é, não existe política linguística sem planeamento linguístico.

Fettes (1997) considera a política e o planeamento linguístico como praxis, definindo-os como um conjunto de teorias e práticas de gestão de ecossistemas linguísticos. O autor também reconhece a necessidade de incorporar um elemento de avaliação de políticas: o planeamento linguístico deve estar vinculado à avaliação crítica da política linguística, verificando se esta fornece padrões de racionalidade e eficácia.

<sup>1</sup> União Democrática Timorense (UDT).

<sup>2</sup> Frente Revolucionário do Timor-Leste Independente (FRETILIN).

<sup>3</sup> Associação Popular Democrática Timorense (APODETI).

<sup>4</sup> Klibur Oan Timor Asuwain (KOTA).

Baldauf (2006) encara a política linguística como «o plano» e o planeamento como «implementação do plano». É na mesma linha lógica que Calvet (2007) afirma que as relações entre a política linguística e o planeamento linguístico são relações de subordinação: um determinado planeamento linguístico deve subordinar-se a uma política linguística mais vasta, ou de nível «superior», que determina aquele.

Pennycook (2000) assinala que, para se entender as políticas linguísticas coloniais, há que desenvolver abordagens ecológicas, capazes de considerar um número alargado de variáveis, incluindo as geográficas e as históricas. O resultado de uma política linguística é, portanto, um produto histórico de um povo. Para manter um vínculo ao passado, um povo terá de recorrer a uma língua que esteja ligada desde sempre à sua cultura e à sua identidade. Porque, no fundo, a língua é um elemento fundamental para a identidade e a cultura de um povo.

Ora, é natural que sociedades multilingues como muitas das ex-colónias de vários países europeus, quando se tornaram países independentes, tenham sentido a imediata necessidade de definir e consolidar as suas identidades nacionais. Esse processo passou pela adoção de medidas de política linguística, definindo a língua oficial ou nacional como elemento de unificação e identidade comum. Em alguns países de África e de Ásia com sociedades multilingues, com grande complexidade linguística, o Estado procurou uniformizar o uso da língua, não só para garantir a coesão nacional, mas mesmo para tornar possível a comunicação quotidiana entre os seus cidadãos. Em alguns casos, o Estado recorreu a uma língua que esteve ligada à história do movimento nacionalista.

Destacamos aqui alguns exemplos de países como o Mali ou os PALOP. Nestes casos, as línguas nacionais (loais) apresentam-se como línguas de grupos étnicos, incapazes de (ou com dificuldades para) se apresentarem como línguas «de todos os cidadãos». A opção de política linguística foi a de adotar como língua oficial a língua do antigo colonizador.

Há outros casos em que o Estado adota uma língua minoritária, reinventando-a e modernizando-a com nuances específicas para torná-la numa língua oficial e de identidade nacional. Por exemplo: o malaio, na Indonésia, um idioma minoritário, foi escolhido pelos nacionalistas indonésios, em 1928, para substituir a língua colonial, o holandês (Calvet, 2007).

De uma forma geral, o Estado é o principal protagonista na definição da política linguística, reforçando assim o seu papel através da força jurídica, após considerar as recomendações da comunidade científica (no caso, os linguistas). A política linguística apresenta-se, então, como uma das linhas de desenvolvimento de ideologia do Estado, ou do partido dominante.

Ninyoles critica este cenário, defendendo que a política linguística não pode ser um instrumento de «glotopolítica» – isto é, a política linguística não deve servir como manifestação ideológica de uma organização e/ou de um partido político para reprimir o uso de uma língua minoritária: «A política lingüística deberá ser, polo tanto, diferenciada do que algúns chamam ‘glotopolítica’. Esta implica a utilización de conclusións ou de instruccións lingüísticas en contextos políticos» (Ninyoles, 1991, p. 52).

Cooper acrescenta que «existe um consenso de que a política e o planeamento linguístico e os seus discursos não podem ser entendidos isoladamente do seu contexto social ou da história que produziu esse contexto» (Cooper, 1989, p. 183). No entanto, embora a expressão «política e planeamento linguístico» forneça uma rubrica conceptual unificada, Hornberger (2006) afirma que a distinção entre os dois conceitos é importante e necessária, porque cada um deles desempenha papéis diferentes na realização da mudança social.

Assim, a política linguística será o conjunto de ideias, de leis, de regulamentos e de regras destinados a alcançar a mudança linguística desejada. E será concretizada em documentos e práticas de planeamento linguístico, por exemplo, em declarações políticas formais ou em declarações informais de intenções. As declarações formais podem ser simbólicas ou substantivas, dependendo da sua intenção.

Por influência da teoria crítica e do pós-modernismo, o estudo da política e do planeamento linguístico passou por mudanças epistemológicas na análise crítica do papel das ideologias (Pennycook, 1994; Canagarajah, 1999), produzindo descrições históricas mais matizadas e contextualizadas dos eventos e práticas (Ricento, 2000). Os estudiosos pós-modernos do planeamento linguístico até desafiaram a noção de que a linguagem é um código fixo (Makoni / Pennycook, 2006; Pennycook, 2006), sugerindo uma noção de linguagem como discursos compartilhados por comunidades de falantes sobrepostas.

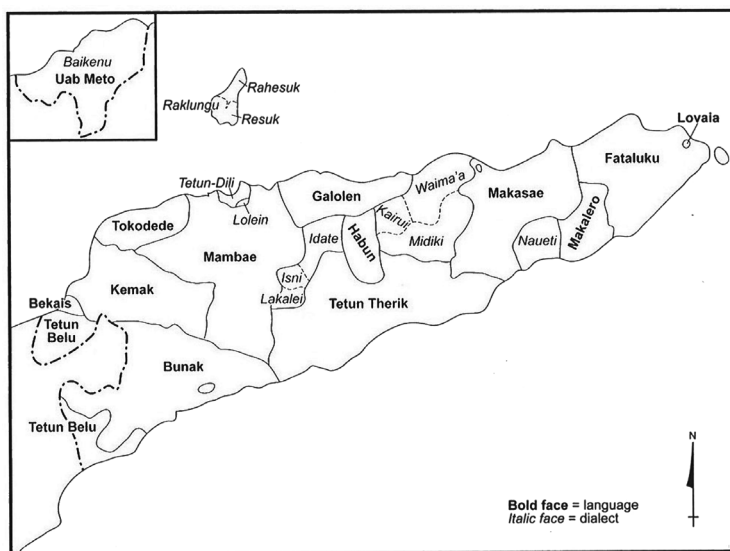
### **3. Política linguística em Timor-Leste**

#### **3.1. Enquadramento histórico**

Como foi referido, a queda da ditadura em Portugal, em 1974, abriu portas à independência das «províncias ultramarinas» portuguesas. Em 28 de novembro de 1975, a FRETILIN proclamou unilateralmente a independência do território, mas esta independência durou escassos 10 dias, já que, em 7 de dezembro seguinte, as tropas indonésias invadiam o território timorense.

Entre os muitos atos administrativos do invasor, importa sublinhar que foi proibido o uso da língua portuguesa nas escolas, na administração pública e na sociedade. A língua indonésia (comummente designada *bahasa indonesia*) foi imposta em todos os atos oficiais e públicos e mesmo nos usos privados e quotidianos a toda a população. Somente os rituais religiosos escaparam, pelo menos em parte, à onnipresença forçada da língua indonésia, mantendo a presença do português e do tétum, o que constituiu uma forma de resistência cultural e de luta contra o invasor. Ainda assim, como a maioria da população permaneceu analfabeta, o domínio da língua indonésia restringia-se à dimensão oral e era lacunar e muito imperfeito.

Com a restauração da independência nacional, a 20 de maio de 2002, as questões de política linguística do novo país ganharam relevo e espaço de discussão na sociedade. Esta é caracterizada, como acima foi avançado, por uma assinalável diversidade linguística. Pode-se observar essa diversidade no seguinte mapa linguístico:



Language map of Timor-Leste (Bowden / Hajek, 2007, p. 266).

Além das línguas nacionais apresentadas no mapa, Timor-Leste possui atualmente duas línguas oficiais (tétum e português), assim definidas no artigo 13.º da Constituição da RDTL, e duas de trabalho (inglês e indonésio), definidas no artigo 159.º da mesma. Apesar de tudo, o tétum é a língua franca de todos os timorenses.

Antes de o português ter sido escolhido como língua cooficial deste país, decorreu um debate a nível nacional, em 2000, no congresso realizado pelo Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT) para recolher opiniões de vários líderes e intelectuais que se ligavam muito à causa timorense. Nesta ocasião, foi igualmente convidado a tomar parte da discussão o linguista australiano Geoffrey Hull, que se dedicava há vários anos ao estudo das línguas timorenses. Ele defendeu a necessidade de o Estado timorense escolher o português como uma das línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste. Apresentou como argumentos para tal opção o apoio que a língua portuguesa poderia oferecer à consolidação do tétum como língua nacional e cooficial, o respeito pela identidade timorense construída a partir das línguas tétum e portuguesa e o traço cultural conferido pela fé católica. Nas suas breves palavras:

Parece-me que o papel central da língua portuguesa na civilização timorense é completamente inquestionável. Em poucas palavras, se Timor-Leste deseja manter uma relação com o seu passado, deve manter o português. Se escolher outra via, um povo com uma longa memória tornar-se-á numa nação de amnésicos, e Timor-Leste sofrerá o mesmo destino que todos os países que, voltando as costas ao seu passado, têm privado os seus cidadãos do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na génese da cultura nacional (Hull, 2001, p. 39).

A alocução deste autor foi aplaudida por uma boa parte dos participantes no congresso. O CNRT considerou importantes os argumentos apresentados e adotou depois o português como língua oficial da organização e, em 2002, a Assembleia Constituinte aprovou e consagrou no artigo 13.º da Constituição da RDTL a língua portuguesa como língua oficial do país, a par da língua tétum.

Após esta ratificação, todos os documentos do Estado passaram a ser escritos em língua portuguesa ou em tétum. No entanto, esta decisão causou mal-estar no seio da geração mais nova, i.e., os que foram instruídos durante a ocupação da Indonésia, que temeram e temem a exclusão social dos que não falam português.

A contestação surgiu, no entanto, depois da tomada de decisão no Congresso Nacional do CNRT, em 2000, sobre a política de adoção do português como idioma oficial do futuro da nação RDTL.<sup>5</sup> Esta impressão foi manifestada por parte da RENETIL<sup>6</sup> e outras ONG nacionais como *jayasan HAK*, o *Sahe*

<sup>5</sup> República Democrática de Timor-Leste (RDTL).

<sup>6</sup> Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste (RENETIL).

*Institute of Liberation* e o *Students Solidarity Council*. Os argumentos contra esta decisão, apresentados pelo secretário-geral da RENETIL, Miguel Manetelu, quando decorreu o congresso do CNRT, defendiam que «os velhos<sup>7</sup> ignoravam o facto de a geração mais jovem não falar a Língua Portuguesa e que a decisão tinha sido tomada para favorecer a ‘geração deles’ em detrimento da geração mais jovem» (Babo-Soares, 2003, *apud* Gonçalves, 2012, p. 06). Estes grupos de jovens preferiam que o tétum fosse única língua oficial. Apresentamos um segmento do discurso de contestação do grupo de *Students Solidarity Council*:

We do not speak Portuguese. We studied *Bahasa*, think and write in Indonesian. It is the old people who speak Portuguese, but we do not know it at all. Who will govern this country [in the future], the old people or the future generation? Therefore, the youth should be consulted before deciding what the national language should be (Pers. Comm. Teresa Maria de Carvalho, 24 April 2000)

Nós não falamos português. Nós estudámos *bahasa*, pensamos e escrevemos em indonésio. São os velhos que falam português, mas nós não sabemos nada disso. Quem governará este país [no futuro], os velhos ou a nova geração? Portanto, os jovens devem ser consultados antes de decidir qual deve ser a língua nacional (Teresa Maria de Carvalho, 24 de abril de 2000)<sup>8</sup> (*apud* Babo-Soares, 2003, p. 255). [Tradução nossa].

Entretanto, estas críticas tinham vindo expressas continuamente nos jornais acerca da escolha do português como língua oficial do país. Outras razões destacadas têm sido: «a língua é falada apenas por 5% dos timorenses e, desses, poucos a falam corretamente»; «a opção do português não é mais do que saudosismo da velha geração ao colonialismo português e é como um neocolonialismo cultural português»; «a sua escolha é tida como uma imposição linguística como forma de monopólio do poder político e a exclusão/alienação da maioria desse poder»; «o português é defendido por mestiços descendentes de portugueses que querem alguma supremacia social e cultural perante o povo e a contínua ligação com Portugal»; «a nova geração fala *bahasa indonesia* no

<sup>7</sup> A palavra «velhos» refere-se aos líderes timorenses da geração de 1974/75, os quais falam português.

<sup>8</sup> Teresa Maria de Carvalho foi o líder do grupo de Mulheres Jovens (Feto-Foinsae) do DSMPTT (Dewan Solidaritas Mahasiswa Pelajar Timor Timur) (Students Solidarity Council).



seu dia a dia e o português é uma língua estrangeira que essa geração não fala, nem entende»; «o português é uma língua estrangeira e não reflete a cultura de Timor-Leste»; «o inglês é a língua que garante o desenvolvimento económico e tecnológico»; «o português não é língua de trabalho»; «a CPLP só tem países distantes de Timor-Leste sem recursos e não são uma potência económica»; «o português é uma língua muito difícil»; «não há professores de português suficientes». O quadro da política linguística timorense conta, assim, com mais este elemento de fricção.

### **3.2. As línguas do sistema educativo timorense**

Um dos instrumentos mais poderosos do planeamento linguístico de uma nação é o seu sistema de ensino. Em Timor-Leste, a Lei de Bases da Educação define que as línguas do sistema educativo são o tétum e o português. Embora estas opções sejam claramente definidas nos documentos oficiais, os timorenses que contestam a adoção do português como língua oficial têm vindo a recusar-se a usar a língua portuguesa também no sistema de ensino.

Os autores destas críticas têm sido apoiados por algumas individualidades estrangeiras, nomeadamente oriundas da Indonésia e da Austrália, os dois maiores vizinhos de Timor-Leste. Têm sido registadas várias tentativas de intervir no uso da língua portuguesa na escola, e uma delas ocorreu por meio do recente projeto cujo nome é Educação Multilingue Baseada na Língua Materna-EMBLI, financiado pela UNICEF,<sup>9</sup> cuja impulsionadora mais ostensiva foi a ex-primeira dama de Timor-Leste Kirsty Gusmão. O referido projeto está a ser implementado atualmente em algumas escolas de dois municípios e na Região Autónoma de Oecusse. Trata-se de um projeto envolto em grande polémica e contestação e a respetiva avaliação ainda está por fazer. Foi lançado em 2012, mas só começou a ser implementado, em 2013, em algumas escolas em Lautem, em Manatuto e em Oecusse. Ainda hoje continua a existir nas respetivas escolas.

### **3.3 O serviço de tradução em Timor-Leste**

Olhando para a complexidade linguística vivida pelo povo timorense, verifica-se que cada região ou município possui as suas línguas e dialetos

<sup>9</sup> United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF).

regionais. Esta circunstância, à qual acrescem as duas línguas oficiais e as duas de trabalho, torna Timor-Leste um país rico em línguas e culturas e coloca, ao mesmo tempo, um grande desafio na definição da sua política linguística. O Estado, neste panorama linguístico, assume um papel crucial na manutenção da identidade e cultura do país (Viegas / Ramos / Antunes, 2015).

Para manter a herança cultural do povo, o Estado timorense apostou sempre no desenvolvimento das duas línguas oficiais (tétum e português), embora a língua portuguesa seja pouco falada na vida diária dos timorenses. Ainda assim, a lei obriga a que os professores e os funcionários públicos do Estado falem e escrevam em duas línguas oficiais, i.e., eles devem dominar a língua portuguesa tanto na oralidade como na escrita, pois todos os documentos do Estado são escritos obrigatoriamente em português ou em tétum.<sup>10</sup> Face a esta questão, algumas instituições que trabalham em função da aplicação e da consolidação de dois idiomas oficiais, nomeadamente o Parlamento Nacional, o Conselho de Ministros, os Tribunais, o Ministério Público, o Ministério da Justiça e a Televisão de Timor-Leste (TVTL), criaram equipas ou serviços de tradução com o intuito de ajudar a população em geral a compreender algumas regras ou leis traduzidas para o tétum por estas instituições. Geralmente, as traduções são feitas do português para o tétum. No que concerne à competência dos tradutores, muitos profissionais que desempenham esta função não tiveram cursos específicos vocacionados para a área de tradução, nem ao nível da licenciatura, nem da pós-graduação.

O Ministério da Justiça foi a única instituição do Estado que conseguiu preparar um curso profissional de tradutores jurídicos, mas este era dedicado especificamente aos seus profissionais. O referido curso tinha duas componentes curriculares, sendo que o primeiro ano só incluía formação teórica e o último ano contemplava um estágio profissional realizado no âmbito do Ministério da Justiça, sob a orientação de um formador.

Segundo os dados recolhidos preliminarmente para o nosso projeto de doutoramento, muitos dos tradutores que exercem as suas atividades de tradução nas instituições acima referidas fizeram a sua licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Os mais velhos assumem fazer tradução das duas línguas pelo facto de já dominarem o português desde o período colonial. No entanto, nenhum teve licenciatura ou pós-graduação na área em apreço.

<sup>10</sup> As cartas e/ou anúncios nos serviços do Estado (parlamento, ministérios, universidade, escolas, etc.) são geralmente escritos em tétum.

#### 4. Objetivos gerais da investigação em curso

A investigação que este texto apresenta encontra-se na sua fase inicial e assume como contexto o cenário acima esboçado. No quadro da discussão sobre a política linguística em Timor-Leste, pretende conceder especial relevo à problemática da tradução naquele país, em contextos institucionais, considerando a formação e a ação dos tradutores. Os pontos seguintes são os objetivos deste projeto:

- Verificar política nacional de formação e angariação dos tradutores;
- Caracterizar a formação nível superior dos tradutores atualmente ao serviço de várias instituições do Estado;
- Conhecer as possibilidades de atualização de informação ou a formação contínua dos tradutores;
- Saber quais línguas faladas nos contextos de tradução;
- Perceber a opinião dos tradutores relativamente ao seu trabalho;
- Conhecer a política desenvolvida em cada instituição referente ao serviço de tradução.

#### 5. Metodologia de investigação

A presente investigação centra-se plenamente no estudo dos serviços de tradução existentes nas instituições do Estado timorense, identificando a natureza e as necessidades de desempenhar tarefas na respetiva área.

Assim, contemplar-se-á a análise da política linguística timorense e a política de formação de quadros para este âmbito socioprofissional. Trata-se de uma análise documental.

Mas será também analisado o produto dos tradutores, confrontando versões em tétum e em português, nomeadamente nos serviços noticiosos da TVTL, para identificar regularidades pertinentes nos textos/discursos produzidos.

O estudo atenderá igualmente às perceções dos tradutores que fazem parte de algumas equipas que constituem os serviços de tradução nas instituições do Estado. Importa saber como os tradutores se sentem ao traduzirem documentos de natureza diversa, tais como jurídica, jornalística, literária, etc; quais são as dificuldades encontradas quando assumem a tradução e qual será a solução eficaz para obter uma tradução com rigor e fiel ao texto original.

A investigação terá uma natureza mista, com a utilização de técnicas qualitativas e quantitativas (Creswell, 2009).

## 6. Notas finais

Timor-Leste celebrou em maio deste ano o 16.º aniversário da restauração da independência. Há muitas coisas que têm vindo a desenvolver-se paulatinamente e há outras que estão por fazer. No que se refere à política linguística, o Estado timorense tem investido pouco – no período de dezasseis anos de independência, o povo timorense ainda está com dúvidas sobre a língua que deve ser verdadeiramente usada nos *media*, nos serviços públicos, no sistema de ensino, etc., apesar do que as leis dizem. Ainda surgem atitudes de rejeição da língua portuguesa e propostas com orientações diversas. Ao tomar consciência desta realidade, o Estado deve investir mais na formação dos professores, o que constitui uma área fundamental para o país. Sem professores qualificados, não haverá profissionais rigorosos. Assim, é difícil promover o desenvolvimento do povo e a plena consciência da sua identidade.

Por outro lado, o Estado deve também solucionar o mais rapidamente possível as divergências sobre a uniformização da ortografia do tétum. Atualmente, muitos timorenses orgulham-se de falarem tétum no seu dia a dia, não obstante não haver uniformidade ortográfica nesta língua. Cada timorense escreve à sua maneira e até os jornalistas inventam as suas próprias palavras ou expressões. Neste momento, Timor-Leste tem quatro instituições antagónicas em termos da defesa de escrita do tétum, nomeadamente o Parlamento Nacional, o Instituto Nacional de Linguística (INL/UNTL), o Díli Institute of Technology (DIT) e a Igreja Católica timorense. O estado deve procurar um consenso entre elas a fim de resolver as discordâncias e optar por uma única ortografia para o país.

Face à questão de multilinguismo vivido no país, destaca-se igualmente o papel preponderante dos tradutores na expansão das línguas oficiais em Timor-Leste. Estes podem contribuir com as suas traduções em várias áreas, nomeadamente no âmbito jurídico, da comunicação social e da publicidade. O Estado tem de manter a sua política firme em relação a implementação das línguas oficiais no país. Sem ter isso em mente, é difícil consolidar a unidade. Tal como diz o intelectual timorense Jacinto Tinoco (2002), «sem unidade linguística não haverá unidade nacional».

## Agradecimentos

Este estudo teve o financiamento do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança), pelo Projeto Estratégico UID/CED/00317/2013, através

dos Fundos Nacionais da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562.

Teve igualmente o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, através do seu programa de Bolsas de Estudo de Pós-graduação PALOP e Timor-Leste, Estímulo à Investigação e Valorização Profissional.

## Referências

- BALDAUF, R. B., Jr. (2006). Rearticulating the case for micro language planning in a language ecology context. *Current Issues in Language Planning*, pp. 147-170.
- BABO-SOARES, D. da C. (2003). *BRANCHING FROM THE TRUNK: East Timorese Perceptions of Nationalism in Transition*. Canberra: Australian National University. Tese de Doutoramento.
- BOWDEN, J. / HAJEK, J. (2007). Not just Tetum: Language development and the case of Waima'a. In D. KINGSBURY & M. LEACH (eds). *East Timor: Beyond independence* (pp. 263-274). Victoria: Monash University Press.
- CALVET, L-J. (2007). *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CANAGARAJAH, A. (1999). *Resisting imperialism in English teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE (2002).
- COOPER, R. L. (1989). *Language planning and social change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRESWELL, J. W. (2009). *Research design: Qualitative and mixed methods approaches*. London and Thousand Oaks: Sage Publications.
- FETTES, M. (1997). Language Planning and Education. In R. WODAK & D. CORSON (ed.). *Language policy and political issues in education*. (pp. 13-22). Dordrecht: Kluwer Academic.
- GONÇALVES, M. R. (2012). A Língua Portuguesa e o conflito intergeracional em Timor-Leste. In R. TEIXEIRA E SILVA / Y. QIARONG / M. ESPADINHA / A. LEAL (eds.), III SIMELP: *A formação de novas gerações de falantes de português no mundo China*. Macau: Universidade de Macau.
- HORNBERGER, N. (2006). Frameworks and models in language policy and planning. In T. RICENTO (ed.), *An introduction to language policy: Theory and method* (pp. 24-44). Malden/Oxford: Blackwell.

- HULL, G. (2001). Língua, Identidade e Resistência: Entrevista a Geoffrey Hull. *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. (pp. 80-92). Lisboa: Instituto Camões.
- MAFFI, L. (2007). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Diversidade Linguística, cultural e biológica*. Canada: Terralingua.
- MAKONI, S. / PENNYCOOK, A. (2006). *Disinventing and reconstructing languages*. Clevedon: Multilingual Matters.
- NINYOLES, L. R. (1991). *Estructura Social e Política Lingüística*. Vigo: Ir Indo Edicions.
- PENNYCOOK, A. (1994). *The cultural politics of English as an international language*. London: Longman.
- (2000). Language, ideology and hindsight: Lessons from colonial language policies. In T. RICENTO (ed.), *Ideology, politics and language policies: Focus on English* (pp. 49-64). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- (2006). Postmodernism. In T. RICENTO (ed.), *Language Policy: Theory and Method* (pp. 60-76). Oxford: Blackwell.
- RICENTO, T. (2000). *Ideology, politics and language policies: Focus on English*. Amsterdam: John Benjamins.
- TINOCO, J. (2002). *Não Haverá Unidade Nacional Sem Unidade Linguística*. Boletim de Notícias. (p. 01). Díli: Associação Cultural Luso-Timorense.
- VIEGAS, E. / RAMOS, R. / ANTUNES, R. (2015). Avaliação da proficiência em língua portuguesa dos docentes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, Timor-Leste (2015). *Indagatio Didactica*. (pp. 58-82). Aveiro: Universidade de Aveiro.

TÍTULO: Política Linguística em ambiente multilingue: o caso de Timor-Leste

RESUMO: Timor-Leste é reconhecidamente um país multilingue que, além de ter duas línguas oficiais (Tétum e Português) consagradas na sua Constituição, adiciona a estas línguas outras duas línguas de trabalho (Inglês e Indonésio) e mais de trinta línguas e dialetos regionais e fica situado num dos «pontos quentes de diversidade biocultural» (Maffi, 2007) que há no mundo. Neste ambiente, o Estado é o órgão máximo responsável pelo desenvolvimento e pela preservação das línguas e estas constituem, no seu todo, um fator determinante para manter os laços culturais do povo timorense, a democracia, a coesão nacional e a paz social. Neste contexto, destaca-se a figura do tradutor, a atuar nos serviços fundamentais de utilidade pública timorenses e que deve possuir formação adequada. Contudo, não há atualmente no sistema educativo nacional cursos de formação especificamente vocacionados para a formação inicial ou pós-graduada de tradutores. Além disso, o seu trabalho não é avaliado com critérios rigorosos.

Para promover a reflexão sobre a formação e a ação destes profissionais no contexto timorense, a presente comunicação pretende apresentar as linhas de desenvolvimento fundamentais de um projeto de doutoramento em curso, que analisa a problemática da formação e do papel funcional e institucional do tradutor em Timor-Leste.

TITLE: Language policy in a multilingual environment: the case of Timor-Leste

ABSTRACT: Timor-Leste is a multilingual country with two official languages (Tetum and Portuguese) enshrined in its Constitution, two other working languages (English and Indonesian) and over thirty regional languages and dialects. It is situated in one of the “hotspots of biocultural diversity” (Maffi, 2007) that exists in the world. In this frame, the Administration is the highest responsible agent for the development and preservation of languages; they constitute, in their entirety, a determining factor in maintaining the Timorese people’s cultural ties, democracy, national cohesion and social peace. In this context, the figure of the translator, who works in the Timorese basic public services and who must have adequate training, stands out. However, there are currently no specific training courses in the national education system for the initial or postgraduate training of translators. In addition, their work is not evaluated with solid criteria.

In order to promote reflection on the formation and action of these professionals in the East Timorese context, this communication intends to present the fundamental development lines of an ongoing doctoral project that analyzes the formation and the functional and institutional role of the translator in Timor-Leste.

# Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve<sup>1</sup>

**Linguistic hybridity in scientific production:  
a case study in a research centre at the University of Algarve**

ELISA CARUSO\*

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo linguístico, Competência multilingue, Multilinguismo na investigação, Inglês Língua Franca, Mobilidade.

KEYWORDS: Linguistic Hybridity, Multilingual Competence, Multilingualism in research, English Lingua Franca (ELF), Mobility.

## 1. Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o uso das línguas na produção científica num centro de investigação da Universidade do Algarve, entendendo-se aqui por produção científica o processo de aquisição de conhecimentos, de elaboração de apresentações, artigos, livros e a sua subsequente publicação. O centro estudado é o CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, um dos maiores centros de investigação da Universidade do Algarve, constituído por investigadores de origens linguísticas e académicas variadas.

O CIMA foi escolhido como sujeito de um estudo de caso precisamente por ter uma forte vertente internacional. O objetivo será, portanto, analisar o papel das línguas e como estas são geridas na produção científica, com particular atenção ao papel do inglês e ao desenvolvimento da competência multilingue.

A presença dominante da língua inglesa na ciência, hoje em dia dada por garantida, e a mobilidade dos investigadores, por um lado, favorecem o desenvolvimento da competência multilingue e, por outro lado, dão azo a formas de hibridismo que serão em seguida discutidas.

<sup>1</sup> The research leading to these results has received funding from the European Community's Seventh Framework Programme under grant agreement No. 613344 (Project MIME).

\* Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.



## 2. Enquadramento teórico do hibridismo linguístico

O termo híbrido foi originariamente utilizado no âmbito da biologia, significando uma mistura entre animais ou plantas de diferentes raças ou tipos. Trata-se, portanto, de formar um novo tipo de planta ou animal a partir de dois tipos existentes, para que o novo tipo tenha algumas qualidades de cada um dos outros tipos. Em linguística, o termo «hibridismo» (derivado de híbrido) tem relacionamento com a sua conotação biológica e foi empregado a partir do século XIX para se referir à mistura entre línguas (Josiah, 2014, pp. 161-162). Durante os anos '70 do século passado, os estudos focalizaram-se sobretudo na formação de *pidgins* e crioulos (Whinnom 1971 citado em Klötzl, 2015, p. 48) e em 1975 saiu *Вопросы литературы и эстетики* (*Questões de Literatura e de Estética*) de Bakhtin em que o autor aprofundou o conceito de hibridismo linguístico, tirando-o da deriva racial que tinha tomado no século anterior e definindo-o como a mistura de duas ou mais línguas, um encontro entre duas ou mais consciências linguísticas. Passou-se, desta forma, de um fenómeno fisiológico e botânico a um fenómeno linguístico-cultural (Vaz, 2015). No seu ensaio de 1975, Bakhtin apresentou uma distinção fundamental entre dois tipos de hibridismos linguísticos e culturais: «hibridismo inconsciente» e «hibridismo intencional». O primeiro tipo de hibridismo linguístico envolve a evolução histórica de todas as línguas; que teriam mudado principalmente pela hibridação, por meio de uma mistura natural e inconsciente de várias línguas que coexistem dentro do mesmo espaço. O segundo distingue-se pela intenção estética que o caracteriza, isto é, um interesse em produzir um artefacto artístico, justapondo deliberadamente línguas diferentes no mesmo espaço semiótico, e surge no âmbito da literatura (fazendo lembrar o «híbrido artificial» da botânica, ou seja, o processo de cruzamento entre plantas diferentes, levado a cabo com auxílio do homem) (Vaz, 2015). Em particular, nesta última definição, Bakhtin fala num sistema artisticamente organizado de forma a pôr diferentes línguas em contato, sistema cujo propósito é a iluminação de uma língua por meio de outra, e é este aspeto que mais interessou o pensamento pós-colonial, como veremos (Vaz, 2015). Duma forma semelhante, também Young (1995) mais tarde afirmou que existe uma diferença entre um tipo de hibridismo em que o processo de mistura híbrida acontece de uma forma não consciente, isto é, um processo de criouliização, e um hibridismo movido consciente e politicamente para uma rutura com a homogeneidade.

Na conceção mais recente, na linguística o hibridismo invoca os conceitos de contato entre línguas, variação, mudança e mistura de línguas, focando-se

principalmente em fenómenos comunicativos como o *code-switching* e o *code-mixing* (Klötzl, 2015, p. 47) e como os empréstimos linguísticos, os estrangeirismos e a combinação entre elementos de línguas diferentes (Vaz, 2017, p. 96). Tratar-se-ia de uma espécie de mistura de formas linguísticas que se torna inevitável quando as línguas entram em contato, através da que é denominada de «hibridização linguística», isto é, o processo linguístico que facilita a comunicação transcultural numa sociedade multilíngue (Josiah, 2014, p. 162).

Muitos teóricos pós-coloniais também usaram o termo hibridismo para se referir a novas formas, práticas, espaços e identidades culturais criadas a partir de uma síntese de diversos elementos (cf. Anzaldúa, 1987; Bhabha, 1994; Arteaga 1997). Arteaga (1997), por exemplo, sugere que o hibridismo linguístico promove identidades fluidas, favorecendo identidades, práticas e línguas híbridas como afirmações de heterogeneidade capazes de interromper discursos culturais hegemônicos. Tal como em horticultura o termo serve para indicar o cruzamento de duas espécies com o objetivo de criar uma terceira espécie, isto é, uma espécie híbrida, que nos estudos pós-coloniais refere-se à «creation of new transcultural forms within the contact zone produced by colonization», como definida por Ashcroft et al. (2001, p. 118). Bhabha (1994) definiu este espaço do hibridismo como um «espaço terceiro», em que significados e identidades culturais mantêm vestígios/traços de outros significados e outras identidades. Construções de hibridismo têm sido usadas para conceituar novas formas, práticas e identidades culturais criadas a partir de uma síntese de diversos elementos. Os estudos pós-coloniais, em particular, reforçaram os aspetos otimistas da noção e concentraram-se nas consequências positivas da mistura de línguas e culturas (Hornsby, 2009, p. 46).

Stenzel / Khoo (2016, pp. 77-89) sublinham mais o aspeto mutável do hibridismo linguístico. De acordo com estes autores, o uso do hibridismo linguístico reflete identidades complexas que são negociadas localmente em cada contexto; em vez de explicar a alternância de línguas – na qual os falantes negociam identidades separadas – através de uma divergência, os autores postularam uma solução híbrida representada por um ainda não reconhecido «gênero de fala multilíngue». E a importância do contexto na interação faria com que os repertórios linguísticos já não sejam associados a comunidades de falantes específicas e homogêneas, mas sejam entendidos como «ephemeral, unstable groups that form in the moment of interaction» (Stenzel / Khoo, 2016, p. 103).

O conceito de língua híbrida foi estudado particularmente em relação à língua inglesa, que se tem vindo a tornar numa língua que mantém cada vez mais traços linguísticos e identidades culturais de falantes não nativos. Conforme os

dados de Graddol (1999), o número de falantes não nativos de inglês teria mais do que duplicado com respeito aos falantes nativos e o inglês tornar-se-ia – e já se tornou, passados 20 anos – numa língua usada principalmente em contextos multilíngues como L2 (língua segunda) para a comunicação entre falantes não nativos. Santipolo (2016, p. 179) afirma que, sendo esta a situação, torna-se inevitável que os não nativos não tenham apenas o papel de *language users*, mas que acabem por ter, com sempre maior frequência, também o papel de *language rule modifiers* e até de *language rule makers*, isto é, o facto de a maior parte das interações em inglês envolver falantes não nativos tem um impacto relevante nas características da língua que é efetivamente produzida e utilizada.

É neste sentido, que segundo Canagarajah (2007), a hibridação linguística torna-se o exemplo de identidade linguística plural contemporânea. Ele afirma que nos estudos de SLA (Second Language Acquisition), a aprendizagem era geralmente entendida como a emulação de uma competência ideal dos falantes nativos, sendo a língua dos aprendizes uma língua não evoluída e limitada, mas os estudos em Língua Franca English (LFE) revelam que a aprendizagem e o uso de uma língua ocorrem através de estratégias performativas e negociações sociais em contextos comunicativos fluidos. O processo de aprendizagem é, portanto, considerado como um processo emergente, em que não existe um ponto final em que uma pessoa possa dominar todas as dimensões e as formas da comunicação e em que o indivíduo é redefinido como «hybrid, fluid, and situated in a more socially embedded, ecologically sensitive, and interactionally open model». Neste sentido, a competência multilíngue é considerada como uma competência criativa e em contínua evolução. (Canagarajah, 2007, pp. 923-925).

Os falantes não nativos que utilizam o inglês como *lingua franca* (LFE) não estão localizados dentro de uma fronteira geográfica e utilizam outras línguas nas suas localidades, mas apesar desta heterogeneidade linguística-cultural e desta desconexão espacial, eles reconhecem uma série de atitudes, convenções e formas que garantem uma comunicação bem-sucedida em LFE quando interagem entre si (Canagarajah, 2007, p. 925). Canagarajah frisou que, exatamente por esta sua diversidade intrínseca, a língua inglesa como *lingua franca* se constrói em cada contexto específico de interação, em que a forma deste inglês – a gramática, a fonologia, a variação lexical, as convenções paragramáticas – é negociada mutuamente pelos falantes para atingir os seus objetivos comunicativos e para assegurar inteligibilidade. O autor afirma que «to make matters more complicated, LFE's form is hybrid in nature. The language features words, grammatical patterns, and discourse conventions from diverse languages and English varieties that speakers bring to the interaction».

No mesmo sentido, Planken (2005) notou que os interlocutores criam uma espécie de «third space» entre as suas línguas e culturas de origens para ativar práticas flexíveis aptas a negociar e facilitar a comunicação em língua inglesa. Cria-se, neste sentido, uma forma híbrida do inglês que habita um terceiro espaço. A competência dos falantes em falarem o inglês como *lingua franca* é, portanto, uma competência que surge do contacto entre línguas e de códigos híbridos e que deriva dos conhecimentos das suas línguas locais. O multilinguismo é, assim, construído à base da identidade híbrida da comunidade de falantes e das suas competências linguísticas.

Como visto até aqui o conceito de hibridismo linguístico, partindo de um termo da biologia, tem sido estudado e elaborado, por vários autores, tendo uma particular importância nas duas últimas décadas o papel que a língua inglesa desempenha como *lingua franca*. Duma forma muito geral, o hibridismo linguístico é entendido aqui como o processo de mistura que acontece no contacto entre línguas diferentes. No que diz respeito à situação dos investigadores universitários, trata-se de um contacto linguístico peculiar, pois a língua inglesa, utilizada como língua da produção científica, entra em contacto com as línguas dos repertórios linguísticos dos investigadores. Para este estudo, portanto, o aspeto do hibridismo linguístico que mais interessa é a influência e os vestígios da existência de várias identidades linguísticas e culturais que se podem manifestar, neste caso, no inglês utilizado na produção científica.

### 3. Estudo de caso

O estudo de caso apresentado neste artigo faz parte de quatro estudos de caso constituintes de uma tese de doutoramento em Ciências da Linguagem sobre a competência multilingue no ensino superior e quer, especificamente, analisar qual o papel das línguas na produção científica, se se pode falar em hibridismo linguístico e quais as práticas multilingues que possivelmente levam a um desenvolvimento da competência multilingue.

#### 3.1. Contexto

Analisando os dados publicados no *site* do CIMA,<sup>2</sup> os 573 artigos publicados pelos membros do CIMA desde 2008 até 2017 estão todos em

<sup>2</sup> <http://www.cima.ualg.pt/cimaualg/index.php/pt/investigacao/publications>.

inglês, existindo um uso total da língua inglesa no que diz respeito à publicação científica, como será verificado também nos dados recolhidos, através das respostas dadas no questionário e através das conversas havidas nas entrevistas.

No entanto, os investigadores deste centro de investigação têm origens linguísticas muito diversificadas. O universo dos investigadores que preencheu o questionário contou com 25 respondentes, 15 pertencentes à Universidade do Algarve e 10 em mobilidade, pertencentes a três outras universidades portuguesas, três universidades espanholas, duas gregas, uma canadiana e uma cingalesa. Contudo, se se compararem estes dados com os dados mais à frente apresentados sobre as L1 (Línguas 1) dos respondentes, nota-se que o confronto L1/universidade de origem nem sempre encontra uma correspondência. De facto, de 5 respondentes com o grego como L1, apenas duas pertencem a uma universidade grega, assim como contra os 15 que afirmaram ter português como L1, são 18 os que pertencem a universidades portuguesas. A mobilidade mostra-se mais complexa do que a simples correspondência entre local/L1 portuguesa ou mobilidade/L1 estrangeira e a pessoa em mobilidade não é apenas concebida como uma pessoa que faz um período de investigação no estrangeiro, pois as formas de mobilidade são várias.

As respostas à pergunta sobre a posição académica atual podem elucidar a distribuição das posições ocupadas dentro do centro de investigação (6 investigadores, 6 pós-doutoramento, 5 doutoramento, 4 mestrado, 3 professores adjuntos/associados e um professor catedrático), havendo uma alta percentagem de investigadores de pós-doutoramento e doutoramento.

Foi também recolhida informação sobre os repertórios linguísticos dos investigadores que responderam ao questionário (Figura 1) e os critérios inspiraram-se nas etiquetas propostas por Gazzola / Grin / Vaillancourt (2016, p. 8).

Na Figura 1 pode ver-se que as L1 dos respondentes são bastante variadas, sendo na maioria línguas europeias, mas também uma delas asiática. Vê-se também que as respostas excedem o número de respondentes (28 em comparação a 25); isto deve-se ao facto de três respondentes terem afirmado ter duas L1, nomeadamente dois afirmaram ter espanhol e galego, e um português e francês. Se considerássemos o questionário representativo da totalidade dos investigadores, poderíamos dizer que pouco mais de metade dos investigadores têm o português como L1. Os restantes têm outras línguas, dentro das quais muitas línguas românicas (espanhol, galego, francês e italiano), mas também outras línguas como o grego, o russo e o cingalês (neste caso todas pertencentes à família indo-europeia). Vê-se também que quase todos (exceto um

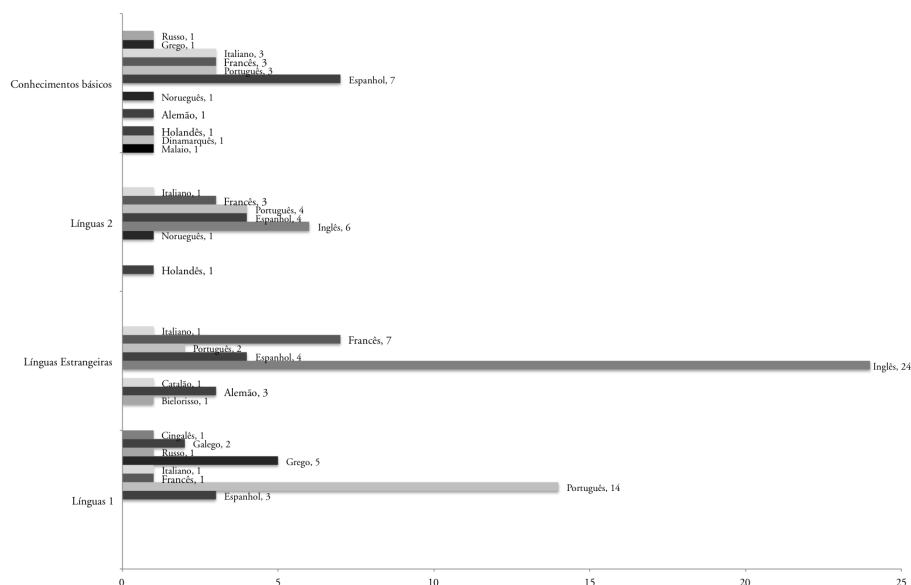


Figura 1: Repertórios linguísticos dos respondentes.

respondente) afirmaram ter estudado a língua inglesa e ter alcançado um nível intermédio ou avançado. Onze respondentes afirmaram não ter a língua portuguesa como L1, mas é interessante notar que apenas dois respondentes afirmaram ter estudado português a um nível intermédio ou avançado, o que representa uma percentagem baixa, e 4 respondentes afirmaram ter aprendido a língua portuguesa num contexto de imersão.

No seu conjunto, trata-se de um repertório coletivo linguístico bastante amplo e diversificado. A diversificação linguística dos repertórios linguísticos dos investigadores, e, em particular os conhecimentos nas L2 e os conhecimentos básicos, devem-se também à mobilidade que tiveram durante os seus estudos universitários e que decorreu dos seus contratos de investigação, como afirmaram nas entrevistas.

### 3.2. Metodologia

A metodologia usada para analisar este estudo de caso previu a submissão de um questionário e a realização de entrevistas pessoais. O questionário foi enviado aos membros do CIMA em maio de 2017 e as entrevistas foram feitas nos meses de junho e julho de 2017.

O questionário foi enviado a todos os membros do CIMA, com a possibilidade de escolherem entre a versão portuguesa e a versão inglesa. O questionário teve 40 itens e visou recolher informação sobre dados linguísticos variados. Por um lado, interessava conhecer os repertórios linguísticos dos membros do CIMA; por outro lado, interessava perceber como esses repertórios são geridos por eles e como se conjugam com a sua produção científica: as perguntas visaram recolher informação sobre as suas histórias linguístico-académicas, as línguas usadas no ensino e na investigação e o eventual uso da competência multilingue e as dificuldades relacionadas; e, por fim, visaram apreender as percepções dos respondentes sobre o papel das línguas na investigação, na mobilidade e na inclusão.

Através dos contactos deixados, foram contactados os respondentes que tinham indicado disponibilidade e fizeram-se as entrevistas. Os entrevistados foram 6 e as entrevistas foram semi-estruturadas, isto é, um guião com os tópicos principais foi elaborado e serviu para guiar as perguntas aos entrevistados, mas foi-lhes deixado também muito espaço de conversa. Todas as entrevistas foram gravadas com a devida autorização e foram posteriormente transcritas. Através da análise das transcrições foram criados padrões de temas comuns.

### 3.3. Resultados e discussão

#### 3.3.1. Questionário

O questionário constava de 40 itens, mas serão mostrados aqui, por questões de espaço, só os mais significativos para o tema deste artigo (ver Tabela

---

Em que língua foram lecionados os cursos que frequentou durante os seus estudos universitários e em que percentagem aproximativa?<sup>1</sup>

---

Em que língua são os materiais úteis à sua investigação (livros, revistas científicas, sites web) e em que percentagem?

---

Que línguas são usadas nas conferências nacionais ou internacionais em que participa e em que percentagem?

---

Em que língua são os materiais da sua própria produção científica (artigos, conferências, livros) e em que percentagem?

---

Tabela 1: Perguntas do questionário sobre a formação académica e as línguas da produção científica.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> São aqui traspostas só as perguntas da versão portuguesa do questionário por questões de espaço.

Achou-se interessante fazer uma comparação entre as respostas a estes quatro perguntas do questionário para assim se obter uma visão global, e de certa forma cronológica, sobre as línguas da formação académica dos respondentes e as línguas que utilizam atualmente para a sua investigação, as leituras bibliográficas que lhes são necessárias e as línguas que utilizam nas conferências e na produção científica escrita. Os dados obtidos foram elaborados na Figura 2.

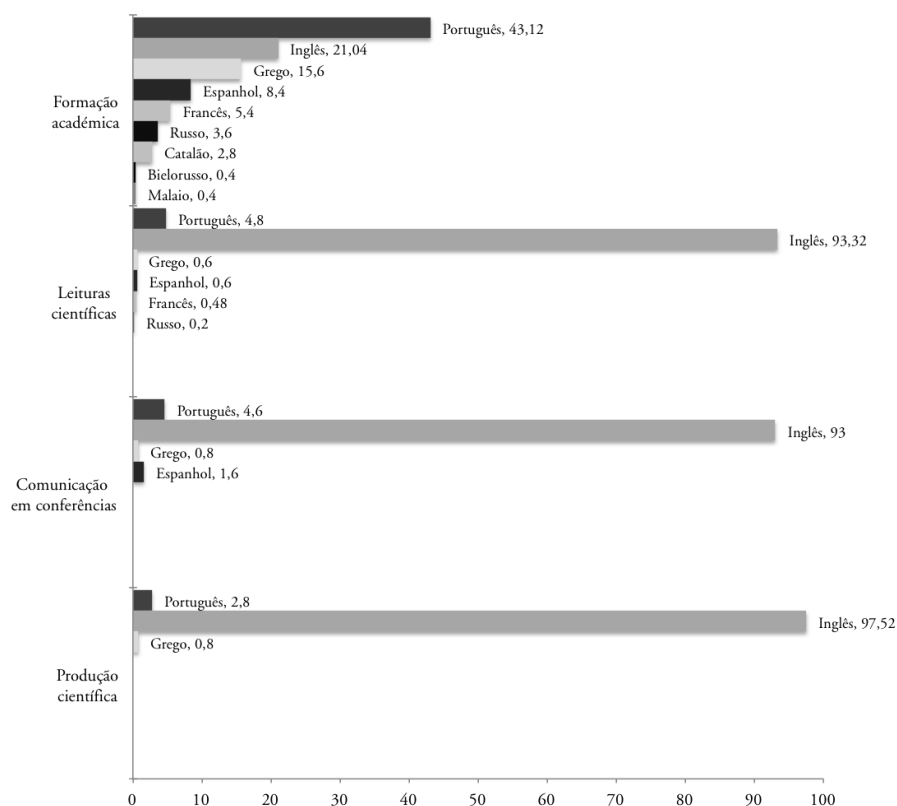


Figura 2: Comparação entre as línguas da formação académica e as línguas da produção científica.

A Figura 2 foi elaborada calculando a média das percentagens fornecidas pelos respondentes. Segundo as suas declarações, 43,16% da formação académica deste grupo de investigadores foi feita em português, seguida por 21,04% em inglês, referindo-se neste caso, como foi explicitado nas respostas, sobretudo aos cursos de mestrado e doutoramento. A taxa de 15,6% corresponde à formação em grego, havendo uma percentagem relativamente alta de



investigadores gregos entre os respondentes (20% do total). Em percentagens menores houve formação em espanhol (7,4%), francês (5,4%), russo (3,6%) e catalão (2,8%), com percentagens mínimas em bielorrusso e malaio (0,4%). Contudo, pode ver-se que o português, presente em média em 43,16% da formação académica dos respondentes, apenas está presente em 4,8% no que diz respeito às suas atuais leituras científicas e em 4,6% da comunicação em conferências, provavelmente nacionais, chegando a apenas 2,8% da produção científica escrita. No entanto, o inglês, presente na sua formação académica com uma média de 21,04%, tem uma subida percentual de cerca de 72% nas leituras e nas conferências e de mais 4,2 pontos percentuais na produção científica escrita, atingindo 97,52%, ou seja, a quase totalidade. Em relação à língua grega, esta fez parte da formação dos respondentes numa média de 15,6%, estando presente em 0,6% nas leituras e em 0,8% tanto nas conferências como na produção escrita. Quanto às línguas espanhola, francesa e russa, presentes na formação académica com médias percentuais de 7,4, 5,4 e 3,6, essas ainda se verificam com médias mínimas nas leituras científicas (0,6, 0,48 e 0,2), mas desaparecem completamente na produção científica, estando o espanhol ainda presente nas conferências com uma percentagem de 1,6. O catalão, o bielorrusso e o malaio apenas aparecem na formação académica em percentagens baixas (2,8 o primeiro e 0,4 os outros dois) e desaparecem nas leituras e na produção.

Julgou-se relevante fazer esta comparação para poder refletir acerca do uso de termos científicos e da redação em língua inglesa. Supostamente os investigadores aprenderam os termos científicos respeitantes às suas áreas de estudo nas línguas em que tiveram a sua formação académica, que como vimos compreende 9 línguas no total, mesmo que com percentagens diferentes. No entanto, a sua atividade científica desenvolve-se principalmente em língua inglesa, quer no que diz respeito às leituras, quer, sobretudo, quanto à comunicação em conferências e à produção de artigos, livros ou outro tipo de material, o que deve ter requerido também a aquisição da terminologia adequada na língua inglesa. Como comentado nas entrevistas que iremos averiguar, a utilização dos termos em inglês é difundida também em contextos em que a comunicação decorre noutras línguas, como as aulas, as reuniões ou as conferências, e os investigadores assumiram ter tido uma aprendizagem da terminologia e do processo de escrita em língua inglesa ao longo da sua investigação.

Como afirmado pelos investigadores deste estudo de caso nas entrevistas, e como discutido em vários autores (Phillipson, 2009; Tonkin, 2011; Mazak / Herbas-Donoso, 2015), o papel que a língua inglesa desempenha atualmente

é o papel de língua da ciência, devido ao impacto do índice de publicação que requer que a maior parte da produção internacional seja em língua inglesa. Os investigadores têm, portanto, de produzir artigos e livros numa língua que não é a sua L1 e, por isso, quis-se saber, com a questão seguinte, qual o processo linguístico de escrita na produção científica dos investigadores entrevistados, tendo em consideração que na maioria dos casos utilizam uma língua que não é a sua L1.

- Na sua produção científica, quando tem de escrever numa língua que não é a sua língua materna, que técnicas utiliza? (apenas se aplicável)

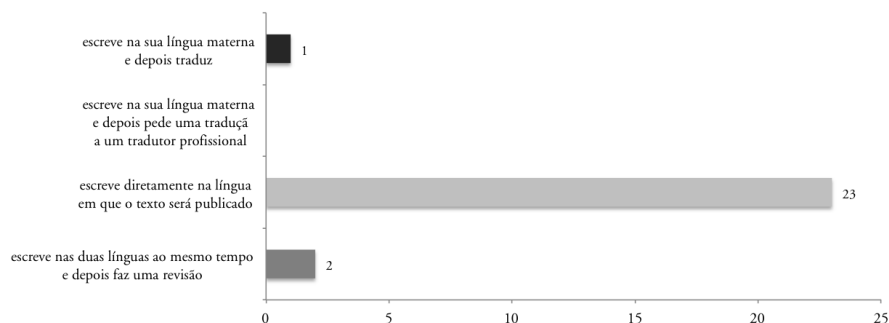


Figura 3: Métodos de escrita na produção científica.

As respostas a esta pergunta apontam claramente para um hábito comum entre os investigadores em escreverem diretamente na língua de publicação, que, como vimos pelas respostas anteriores, é principalmente o inglês. Só dois respondentes deram uma resposta diferente, afirmando escrever nas duas línguas ao mesmo tempo e depois fazer uma revisão, ao qual um dos dois respondentes adicionou também a primeira opção, ou seja, escrever na sua língua materna e depois traduzir. As L1 destes dois últimos respondentes são respetivamente o grego e o espanhol.

A próxima pergunta<sup>4</sup> está relacionada com esta última pergunta e não tinha obrigatoriedade de resposta, prevendo a possibilidade de existirem investigadores que escrevessem na sua L1, como por exemplo investigadores anglófonos ou investigadores que publicam na sua L1, por qualquer razão. Contudo,

<sup>4</sup> Todas as respostas nas tabelas seguintes são copiadas das respostas originais dadas pelos respondentes, na língua em que eles as escreveram, e incluem os possíveis erros gramaticais e ortográficos.

não responderam o investigador italiano e o cingalês; por isso o total das respostas apresentadas na Tabela 2 é 23.

- Em que medida acha que o facto de não produzir na sua língua materna pode influenciar a sua produção científica? (apenas se isto acontece)  
Justifique, por favor, a sua resposta

Uma grande parte dos respondentes (10) posicionou-se no meio, 8 respondentes afirmaram que o facto de não escreverem na sua L1 é positivo (entre 4 e 5) e 5 que isto tem sido negativo. Através das respostas dadas podemos identificar três grupos:

- os que assumiram ter tido problemas pelo facto de não escreverem na sua L1;
- os que assumiram que isto não tem influência na sua escrita;
- os que sublinharam a importância de escrever em inglês no âmbito da comunidade científica.

Entre os que encontraram problemas é sublinhado que estes problemas podem afetar a produção científica e que a recorrente escrita em inglês constituiu um processo de autoaprendizagem, pois o seu domínio desta língua melhorou com a prática. Foram mencionadas dificuldades em adquirir a terminologia e o vocabulário adequados à área de estudo. Foi frisado também que, se a escrita fosse nas suas L1, seria mais fluente e seria mais fácil o processo; neste sentido, é também dito que os anglófonos têm vantagem por esta mesma razão. Além disso, é mencionada a dificuldade na própria L1 como consequência do uso do inglês, que será também muito discutida nas entrevistas. O grupo que assumiu que escrever numa língua diferente da sua L1 não tem influência nem positiva nem negativa justifica a sua resposta afirmando que isto se deve ao facto do seu inglês ser bom e ser já um hábito utilizá-lo. Por fim, o último grupo sublinhou que escrever em inglês facilita a divulgação dos resultados na comunidade científica internacional e que a língua inglesa é considerada a língua da ciência. Não existe, portanto, uma transição da própria L1 para a língua inglesa, pois tudo é feito diretamente em inglês.

Nas respostas dadas em inglês, notam-se alguns desvios sintáticos das normas *standard*, como a falta do sujeito em «i.e. will not affect me at all» ou a falta do plural e a presença de uma preposição desnecessária em «for English speakers have an advantage over non-English speaker».

Estes desvios da norma padrão do inglês, e os encontrados nas respostas e nos excertos a seguir, mostram que efetivamente o inglês utilizado pelos investigadores deste universo distancia-se do inglês *standard* e pode ser considerado

| Opções de resposta |                            | Número de respostas | Exemplos dados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------------|----------------------------|---------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| negativamente      | <input type="checkbox"/> 1 | 1                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Nesta altura considero que consigo escrever relativamente fluentemente em inglês, embora a língua materna seja o português; mas claro que para alguém com o inglês como língua materna será sempre mais fácil.</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|                    | <input type="checkbox"/> 2 | 4                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvoltura na escrita</li><li>• poderia tornar minha escrita mais fluida em PT</li><li>• Se as publicações foram em espanhol, seria muito mais fácil para mim</li><li>• Não influencia porque o meu inglês é bom.</li><li>• as frases são mais simples mas falta vocabulário</li><li>• Menor fluidez</li><li>• I chose neutrally (i.e. will not affect me at all) because scientific production in English is not something new to me. For Greek people this is very common and English is considered the language of science.</li></ul> |
|                    | <input type="checkbox"/> 3 | 10                  | <ul style="list-style-type: none"><li>• NO INFLUENCE</li><li>• Not sure I understand the question. I believe that for English speakers have an advantage over non-English speaker when writing papers</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| positivamente      | <input type="checkbox"/> 4 | 4                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• A escrita seria mais fluente e consequentemente a produção seria maior.</li><li>• It was negatively influencing my productivity and competency at the beginning of my Master studies. I practised a lot in trying to learn and adapt english terminology in my studying and required projects. I am now, after two years, more familiar (and prone) to use the English language in my scientific conversations and reports. In fact, I have more difficulties expressing myself in my mother language at the moment.</li></ul>             |
|                    | <input type="checkbox"/> 5 | 4                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• O inglês é a língua instituída para a produção científica. Ao escrever diretamente em inglês permite uma maior eficiência</li><li>• comunicação com a comunidade científica internacional</li><li>• Maior divulgação dos resultados da investigação</li><li>• the outreach of research in english is significantly higher than any other language</li></ul>                                                                                                                                                                                |
|                    |                            |                     | Média = <b>3,26</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

Tabela 2: Influência na produção científica da escrita numa língua não L1.

como um inglês híbrido. O que é interessante observar nas opiniões dadas nas respostas é o facto de alguns investigadores afirmarem que o seu inglês é bom ou fluente. Neste sentido, não parece haver uma consciência sobre a influência que as línguas dos seus repertórios linguísticos podem ter no uso da língua inglesa.

A próxima pergunta visou obter informações sobre as opiniões dos investigadores quanto ao conhecimento de línguas na investigação (Tabela 3).

- O facto de conhecer mais do que uma língua é necessário para a sua investigação? Porquê?

A expressão «conhecer mais do que uma língua» foi interpretada pelos respondentes em duas formas diferentes. Por um lado, foi entendido como o conhecimento da própria L1 e o inglês e por outro lado como o conhecimento da própria L1 e do inglês mais outra língua qualquer. Contudo, a maioria dos investigadores (15) respondeu afirmativamente, 6 mostraram indecisão, dando como resposta «talvez» e 4 responderam negativamente. Entre os que deram uma resposta negativa, apenas um justificou a sua resposta, afirmando que o inglês é suficiente. Esta resposta pode ser representativa deste subgrupo de respondentes que, provavelmente, interpretaram a pergunta no sentido de conhecer outras línguas além da língua inglesa.

Entre as respostas afirmativa e as do «talvez», as razões dadas são o facto de estar tudo em inglês em contexto científico: a literatura, o estado da arte, os manuais de equipamento e as publicações; além disso, é também referido que o inglês é essencial e é a língua universal em âmbito científico. No entanto, os que mencionaram também outras línguas (português, francês, espanhol, italiano e alemão) forneceram principalmente duas razões pelas quais o seu conhecimento pode ser uma vantagem: por um lado, permite o acesso a documentos, outras fontes de literatura e de pesquisa no campo em outras línguas que não sejam o inglês e, por outro lado, pode ajudar a fortalecer relações, colaborações e parcerias com colegas de outros países.

Também neste caso, notam-se desvios do inglês *standard*: falhas ortográficas em *sufices* e *almos* e o uso de *many* seguido por um substantivo singular, em que o uso *standard* teria preferido outras formas como *a lot of*.

| Opções de resposta              | Número de respostas | Exemplos dados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim    | 15                  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Ourreaching</li><li>• É tudo em inglês.</li><li>• O inglês é essencial. Depois conforme a área de estudo há documentos escritos em línguas diferentes que podem ser uteis, como aqueles escritos em português, francês, espanhol, italiano, etc. Em reuniões internacionais, o saber falar outras línguas além do inglês, e.g. francês, espanhol, italiano, permite fortalecer relações /parcerias com colegas desses países.</li><li>• Porque sou Portuguesa.</li><li>• Grande parte da bibliografia é em Inglês</li><li>• É importante pois praticamente esta tudo em Inglês</li><li>• PT é minha língua materna, EN é a língua dominante na oceanografia. Publicações só serão lidas se forem em EN.</li><li>• porque gera a abertura de mente, porque todas as publicações importantes são em Inglês e aqui em Portugal ou em Espanha ou na América Latina falamos outras línguas, por isso, precisamos saber mais.</li><li>• Estado da arte e manuais de equipamentos com que opero são essencialmente em inglês</li><li>• O meio científico usa como o inglês como linguagem universal.</li><li>• To better explain myself</li><li>• Many literature from different countries and field work involved</li><li>• ENGLISH</li><li>• my mother tongue is Greek, therefore to communicate it is necessary to peak foreign languages as well</li><li>• English sufices</li></ul> |
| <input type="checkbox"/> Não    | 4                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Pode ajudar na obtenção de outras fontes de literatura e conversas com outros investigadores na sua língua materna</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <input type="checkbox"/> Talvez | 6                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• ajuda nas interações e colaborações</li><li>• I am in contact with german institutes where the german language is also widely used.</li><li>• It is an advantage but almos 100% of the important literature is in English</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

Tabela 3: Conhecimentos de mais línguas para a investigação.

### 3.3.2. Entrevistas

Os investigadores que se disponibilizaram para ser entrevistados foram novamente contactados e foram feitas 6 entrevistas com uma duração média de 30 minutos. Os entrevistados foram três portuguesas, uma espanhola (de Galícia), um italiano e um grego. Os entrevistados serão em seguida identificados como PT1, PT2, PT3, ES, IT e GR. Com as três investigadoras portuguesas entrevistadas utilizou-se o português como língua para a entrevista, com o italiano a língua italiana e com a espanhola e o grego o espanhol, pela sua preferência em comunicar em espanhol em vez de português. Com o investigador grego também foi considerado o uso da língua inglesa, mas no fim optou-se pelo espanhol.

As áreas de investigação dos investigadores entrevistados são diversas, ainda que todas relacionadas com o campo de estudo mais abrangente da investigação marinha e ambiental.

Sendo uma das perguntas sobre quais são as línguas da produção científica dos entrevistados, uma tendência de resposta que se nota logo é o uso da língua inglesa como meio de produção científica, quer escrita, nas publicações e nas candidaturas a projetos, quer oral, nos congressos. Os excertos das entrevistas, apresentados na Tabela 4, mostram a preponderância do uso da língua inglesa na produção escrita e o seu uso quase totalmente exclusivo.

As razões dadas para o uso da língua inglesa, quer nos congressos internacionais, quer nos congressos nacionais, são principalmente duas: por um lado os investigadores afirmaram que o inglês é usado para facilitar a compreensão, para que todos possam perceber, dando assim por assumido o conhecimento da língua inglesa por todos; por outro lado, dois deles (PT2 e GR) disseram utilizar o inglês por ser mais fácil do que utilizar a própria L1, o português num caso e o grego no outro caso. É interessante notar o papel que desempenham «os ingleses» no discurso do investigador grego: eles não só colaboram e contribuem, mas também têm o papel de corretores e revisores. Segundo Ammon (2006 citado em Hamel, 2007, p. 68) a vantagem para os investigadores anglófonos nativos, reflete-se também na aceitação das suas propostas de publicações por serem mais capazes de formular os seus artigos nos estilos de discurso convencionais tradicionais na língua inglesa. Além disso, Hamel (2007, p. 65) interrogou-se sobre em que medida o atual processo de difusão do inglês na ciência implica a imposição de estruturas discursivas específicas do modelo científico anglo-saxónico e de modelos culturais relacionados, paradigmas de investigação e seleção de tópicos.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | <p>«Sim maioritariamente toda a produção científica que existe na minha área é em inglês ler em inglês escrever em inglês publicar em inglês»</p> <p>«Não basicamente é o inglês o inglês é fundamental na ciência o inglês é fundamental falado escrito parte da comunicação principalmente nos congressos»</p> <p>«por isso essas são mais internacionais depois há um ou outro congresso mais nacional, mas mesmo assim ou ibérico, mas mesmo nesses a maior parte das vezes é a língua é o inglês»</p> <p>«Sim há a opção de publicar em espanhol em português e em inglês mas a maior parte das pessoas opta pelo inglês porque basta haver duas ou três pessoas que não falam português ou espanhol enquanto o inglês toda a gente uns com mais facilidades outros com menos toda a gente domina»</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| PT 2 | <p>«Tudo em inglês e escrevo tudo em inglês»</p> <p>«É tudo inglês sim não tenho nada em português»</p> <p>«Só se me obrigarem a escrever português é que eu escrevo em português se derem a opção inglês ou português escrevo em inglês mas geralmente sim os congressos a que vou é tudo em inglês mesmo quando são em Portugal é tudo em inglês (ri-se)»</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| PT 3 | <p>«Poucos documentos poucos relatórios que são quase todos relatórios ou teses são quase todos em inglês»</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| GR   | <p>«he hecho muy pocas cosas en congresos en Grecia y en España (...) siempre era con gente que no hablaban griego o por ejemplo entonces (?) todo en inglés entonces si presentaban algo por cordialidad lo ponían en inglés para que lo podían leer y después lo presentaban en inglés muchas veces la presentación era en griego pero la la el <i>paper</i> o lo que presentamos en congresos era en en inglés lo mismo pasa ahora por ejemplo voy a un par de congresos en España pero si es con un trabajo de aquí lo escribo a inglés»</p> <p>«Sí tengo algunos contactos pero normalmente en congreso en Grecia no voy y / y si voy también escribo en inglés porque es más fácil»</p> <p>«ahora había un congreso pequeño en portugués de morfología costera y yo estaba dentro de un de una presentación y que se hizo en inglés porque había gente que era inglesa no solo por mí pero gente que ingleses que estaban colaborando en el corregir todo estaban todo en inglés para que los ingleses puedan ver y corregir y contribuir entonces incluso en Portugal en congresos portugueses presentamos en inglés»</p> |

Tabela 4: O papel do inglês na investigação.



O uso da língua inglesa é dado por assumido na ciência, como afirmam os investigadores nas suas declarações (Tabela 5), frisando que o uso da língua inglesa na ciência se deve à importância da publicação, em particular das publicações com índice de impacto que são todas em inglês.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | «nesta altura pelo menos na minha área quando nós publicamos tem que ser para termos um curriculum mais ou menos temos que publicar em revistas indexadas ou revistas que tenham um fator de impacto considerável e estas coisas todas e então estas revistas são todas na língua inglesa» |
| PT 3 | «É até porque quase todos querem publicar então é mais fácil e mais rápido escreverem logo em inglês porque depois tentam então submeter o artigo logo a seguir não é preciso depois estar a traduzir tudo assim simplificam o trabalho»                                                   |
| IT   | «Per cui sì la capacità di di di interagire di lavorare in inglese quella è proprio essenziale / non ultimo il fatto che sì tutti gli articoli vengono scritti in inglese»                                                                                                                 |
| ES   | «La gente que yo conozco con los que trabajamos en inglés porque si tú quieres tener una una calidad o publicar en un sitio para tener un índex tiene que ser en inglés porque los <i>papers</i> españoles no están no hay casi»                                                           |
| GR   | «la mayor razón que no produzco ni en griego ni en portugués ni en español es que toda la producción científica que cuenta en nivel en nivel internacional es la producción de los buenos los artículos con índice de impacto y esto es cien por ciento en inglés»                         |

Tabela 5: O inglês e os índices de impacto de publicação.

Como o definiu Tonkin (2011, p. 7), este processo seria um «self-reinforcing loop of language flow» em que «English circulates widely, is indexed and hence is cited; English is cited and hence is indexed and hence circulates widely». De facto, fatores externos como o sistema de avaliação da investigação e a pressão em publicar em revistas com uma alta classificação levam a uma inglesização da investigação (Lanvers / Hultgren, 2018, p.151). Isto tem um impacto quer nos investigadores anglófonos, que não precisam de aprender uma segunda língua para se envolver na comunicação científica internacional (enquanto todos os outros o fazem) e que, como consequência, não conseguem tomar conhecimento de publicações noutros idiomas além do inglês (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630; Hamel, 2007, pp. 65-66; Toknin, 2011, p. 10; Frath,

2016, p. 4), quer nos investigadores não anglófonos que têm assim mais dificuldades linguísticas passivas (na leitura e na compreensão oral) e ativas (na escrita e na fala) do que os falantes nativos (Kheimets / Epstein, p. 2002, p. 630). Isto reflete-se num maior investimento na aprendizagem da língua inglesa e custos adicionais de produção de textos linguisticamente adequados por parte dos falantes não nativos (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630).

Sendo o uso da língua inglesa um dado tomado como assumido na produção científica, perguntou-se então aos entrevistados qual foi a sua formação em inglês e todos revelaram ter aprendido o inglês até ao ensino secundário, à exceção de PT1 que tirou também alguns cursos de inglês por conta própria «por causa da universidade», não existindo cursos específicos de inglês científico na universidade, como sublinha PT2. Como observável na Tabela 6, os entrevistados também revelaram ter continuado a sua aprendizagem da língua inglesa de uma forma mais autónoma e menos oficial durante a sua formação e a sua carreira universitária.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | «Por causa da Universidade fiz alguns cursos tentei aprender (...) tinha muitas dificuldades no inglês então tive alguma formação paga tive que investir tive que pagar tentar melhorar mesmo assim ainda tenho lacunas (ri-se)»                                                 |
| PT 2 | «no colégio aprendi desde cedo depois aqui o inglês técnico claro que é diferente escrever um artigo é muito diferente de falar inglês»<br>«geralmente quem vai não aqui na universidade só há o português para estrangeiros mas devia haver devia haver para melhorar o inglês» |
| IT   | «ho imparato a parlare ho iniziato a parlare inglese quando ho fatto ho finito l'università a Torino poi sono andato ho fatto il dottorato in Inghilterra»                                                                                                                       |
| GR   | «no hice más clases en inglés pero como en el doctorado siempre estás con ingleses entonces hablas siempre con ingleses y mi profesor mi director de tesis era inglés siempre me corregía y (?) las correcciones y aprendes a escribir mejor»                                    |

Tabela 6: A formação na língua inglesa dos entrevistados.

Foi então perguntado se alguma vez tiveram dificuldades em inglês e quase todos admitiram ter tido algumas dificuldades, sobretudo nos primeiros anos em que começaram a fazer investigação (Tabela 7).

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | <p>«Claro claro [tive problemas] principalmente no início principalmente no início agora já estamos mais habituados já vamos repetindo já habituámos à forma de escrita que é uma forma de escrita diferente da pronto dos livros dos livros normais não é? É é é uma escrita mais científica então agora já é mais fácil mas mesmo assim ainda tenho dificuldades claro não é a nossa língua nativa»</p> <p>«Porque na escrita acaba por por ser mais fácil depois nos congressos que a gente tem que apresentar em inglês»</p>                                                                                                   |
| PT 2 | <p>«Sim quando comecei a escrever inglês mais técnico quer dizer os termos técnicos vai-se aprendendo com a leitura não é? Porque depois escrever um artigo primeiro temos que ler muitos portanto vai-se aprendendo mas nunca tive assim dificuldades»</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| PT 3 | <p>«pode sempre ser melhor não é? Não é como ser um <i>native speaker</i> (ri-se)»</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| ES   | <p>«Es que se aprende porque o sea tú puedes saber inglés básico pero escribir un <i>paper</i> que son 28 páginas o 30 al principio es como un empiezo es difícil es el idioma más en un idioma que no que no controles pero entonces al principio era una mierda pero pero se aprende de leer leer leer muchos <i>papers</i> e aprende-se y al finales son formas formas de escribir mas escribir literatura no sería capaz en inglés pero pero un <i>paper</i> es más fácil (:) después de leer muchos <i>papers</i> ya coges el el estilo»</p>                                                                                  |
| GR   | <p>«sí al principio tenía problemas más problemas porque / también es verdad que traducciones literarias entre griego e inglés no funcionan entonces sí cuando estuve en Inglaterra al principio haciendo el master me costaba me costaba más en el trabajo pero poco a poco / que las frases que normalmente utilizas o las expresiones más fijas aprendes (?) es un poco más mecánico hacer un trabajo y sí siempre me olvido cosas y siempre inglés es una lengua muy técnica muchas preposiciones y <i>frasal verbs</i> entonces estos siempre tienes que no estás seguro si es correcto y siempre tienes te olvidas pero»</p> |

Tabela 7: Dificuldades na língua inglesa.

A maioria dos investigadores entrevistados (PT1, PT2, PT3, ES e GR) afirmou que escrever um artigo é um processo diferente em comparação com a escrita aprendida durante o ensino, tratando-se de uma forma de escrita científica, com particulares expressões, estilos e termos técnicos. As formas de aprendizagem indicadas nas suas respostas foram a leitura de outros artigos científicos e a prática da escrita, a que se habitua, acabando por se tornar mais fácil com o tempo. PT1 admitiu ter mais dificuldades nos congressos, em que, devido à situação de stress, acha mais difícil encontrar o vocabulário certo. Enfim, duas investigadoras (PT1 e PT3) frisaram o facto de a língua inglesa

não ser a sua língua materna e por isso, quanto ao seu uso, uma diz ter ainda algumas dificuldades e outra diz que pode sempre ser melhor.

Um conceito que os entrevistados quiseram frisar foi a necessidade de a língua inglesa se tornar quase numa «língua materna» (Tabela 8). É interessante notar aqui que este assunto surgiu espontaneamente das reflexões que os entrevistados fizeram, em que disseram que no contexto profissional o inglês acaba por se tornar numa «língua materna». Para alguns isto é o efeito do uso habitual, para outros trata-se de uma capacidade que qualquer investigador tem de ter para desenvolver o próprio trabalho.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | «Não é a dificuldade que acho que toda a gente tem pelo facto de estar a escrever numa língua que não é a sua que tem muita acaba chega a uma altura que parece que já é»                                                                                                                                                                                                         |
| PT 2 | «na minha área eu nem escrevo nada em português mesmo quando são coisas que eu poderia escrever em português (...) sai sai logo em inglês nem nem penso e os artigos nunca escrevi nada em português tudo em inglês»<br>«Não é na parte da escrita é que quer dizer é sai automaticamente já não não penso vou escrever uma coisa de trabalho escrevo em inglês já não não penso» |
| IT   | «non è soltanto come dire non si tratta soltanto di di parlare [in inglese] ma secondo me devi sì non avere proprio difficoltà dev'essere veramente come se fosse un po' la tua madre lingua»<br>«Però a livello lavorativo secondo me deve diventare la tua lingua deve perché se no non fai il lavoro»                                                                          |

Tabela 8: A língua inglesa quase como uma língua materna.

O uso quase exclusivo do inglês, que vimos confirmado nas entrevistas até agora apresentadas, tem levado alguns a preferirem o uso da língua inglesa no âmbito profissional (Tabela 9). Neste sentido, dois investigadores (PT3 e IT) admitiram ter mais dificuldades em falar do seu trabalho na própria L1 – português ou italiano – do que em inglês. Outra investigadora (PT2) admitiu que a parte da tese de doutoramento que lhe deu mais trabalho foi o resumo alargado em português, pois todo o resto da tese estava em inglês e teve que o traduzir para português, parecendo-lhe que não ficava bem e não soava bem. PT3 justificou esta dificuldade por causa da maior parte dos termos serem em inglês e de difícil tradução e PT2 disse que os termos em inglês e a maneira de escrever que lhes está associada já estão interiorizados.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 2 | «eu lembro que tive muita dificuldade quando na minha tese de doutoramento que foi tudo em inglês porque era com artigos e então a tese era em inglês então tinha que fazer um resumo alargado em português (...) e deu-me imenso trabalho imenso porque era uma coisa que já estava em inglês e e estar a passar traduzir diretamente para português não não soava bem não não não ficava bem e lembro-me que isso deu-me muito trabalho acho que foi a parte pior da minha tese foi esse resumo alargado em português porque aquilo não porque já já está o inglês está tão interiorizado os termos a maneira de escrever as coisas depois estar a escrever em português foi deu trabalho deu trabalho» |
| PT 3 | «Sim [escreve diretamente em inglês] é mais fácil acaba por ser porque também como lemos quase tudo em inglês mesmo eu às vezes tenho mais dificuldades quando tenho que apresentar trabalhos científicos em português porque a maior parte dos termos são em inglês então traduzir aquilo nem sempre é fácil»                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| IT   | «Se dovessi parlare del mio lavoro anche in italiano avrei difficoltà»                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

Tabela 9: Dificuldades na produção científica na própria L1.

Segundo alguns autores (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630; Tonkin, 2011, p. 4), a preponderância do inglês na ciência, não apenas reduz o uso de outras línguas, mas também afeta as outras línguas internamente: a modernização da terminologia ocorre principalmente por meio de empréstimos do inglês, que são empregados em vez de se usar os recursos linguísticos próprios das demais línguas. Uma vez que o inglês é declarado a única língua internacional para a ciência, todas as outras línguas não perdem apenas o estatuto internacional, mas perdem também a atratividade enquanto línguas da ciência, o que é chamado de *domain loss*, perda de domínio (Hamel, 2007). Contudo, segundo Phillipson (2009, p. 13), os domínios não são «perdidos» porque a noção de perda seria inadequada na medida em que obscurece a ação dos perdedores e dos vencedores e porque mais do que perdidos, os domínios são «desapropriados» da sua utilização por causa do aumento do uso de inglês, resultando na marginalização de outras línguas.

De facto, sobre os usos dos termos, uma coisa que quase todos os entrevistados notaram e realçaram foi a dificuldade que às vezes encontram em utilizar na própria L1 termos que são muito utilizados em inglês (Tabela 10).

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | «às vezes até é o contrário já não conseguimos arranjar um termo para português de uma coisa que usamos muito em inglês por isso sim isso agora já não»                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| PT 2 | «mesmo nós a falar português sobre o nosso trabalho há muitas palavras que dizemos em inglês porque / sei lá mas eu noto muito isso há muita coisa que estou a falar português mas depois utilizo palavras inglesas (...) o inglês já está tão presente que o português fica fica esquecido»<br>«é mais fácil estarem em inglês do que estar a escrever as coisas em português a usar termos que nem sei como é que se traduzem ou que em português ficam estranhos»                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| IT   | «Guarda, questa per esempio è la lista dei così più o meno degli acronimi che uso in questa documentazione e per esempio <i>visible infrared radiometer suite</i> eh non ci provi neanche (ri-se) non ti viene sì tante cose son proprio è chiaro che son sugli aspetti più scientifici l'inglese si è sostituito»<br>«la terminologia si è affinata ma sì i termini tecnici alla fine per esempio l'area in cui lavoro è <i>remote sensing</i> sì è chiaro che in italiano lo traduci telerilevamento o in portoghese <i>detecção remota</i> eh però telerilevamento uno non so perché io lavoro sulla parte sull'oceano però se penso al telerilevamento mi viene in mente non mi viene in mente i satelliti con cui lavoro mi viene in mente qualcosa non so un monitoraggio dei campi (...) alla fine sì soprattutto si crea ecco questo sicuramente si crea un secondo vocabolario che per i termini tecnici è migliore nella lingua di lavoro che nella lingua madre» |
| ES   | « <i>Y tuviste problemas de términos de traducir algunas palabras? No sé</i> »<br>«Palabras sí de inglés a español»<br>«¿Al revés?»<br>«Sí sí porque hay términos que solo existen en inglés no hay la palabra en español»                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

Tabela 10: Dificuldades em utilizar termos científicos na própria L1.

Uma motivação admitida para o uso de termos ingleses dentro da comunicação oral ou de produções escritas noutras línguas, neste caso em português, italiano ou espanhol, é o facto de todos conhecerem os termos ingleses. Outra razão que foi dada para se utilizar termos em inglês foi o facto de ser «mais fácil», por um lado porque os investigadores afirmaram que dizer o mesmo conceito em português «é mais complicado». Além disso, os investigadores (PT2 e IT) afirmaram que o mesmo termo técnico traduzido de inglês para português «soa mal» ou «fica estranho» ou em italiano faz pensar noutro

âmbito. PT2 diz, neste sentido, que «o português fica esquecido» e IT diz que o inglês substitui as demais línguas nos aspetos científicos e que se vem a criar um segundo vocabulário para os termos técnicos que na língua de trabalho é melhor do que na própria língua.

Os conhecimentos linguísticos dos investigadores são utilizados em algumas ocasiões no âmbito profissional, como pode ver-se nas suas afirmações reportadas na Tabela 11.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PT 1 | «O francês eu noto mais por exemplo em congressos onde há um congresso em França ou um congresso onde haja muitos franceses é muito mais fácil falar com essas pessoas em francês do que em inglês então acaba por haver mais proximidade com grupos franceses se falar na língua deles»                                                                                                                                                                                                                                                              |
| PT 3 | «Se for preciso sim mas não não não é o mais comum não há assim muitos artigos / um ou outro em francês mas em espanhol porque às vezes ah também já li também já tive que ler a parte de legislação em espanhol mas dá para perceber isso eu consigo compreender sim»                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| GR   | «más que puedo leer en español lo que puedo decir es si buscas algo en internet no una producción científica pero una diapositiva o una información sobre una zona sí en esos casos puedo leer algo en si algo lo encuentro en español lo leo y me ayuda pero como producción científica científica como artículos es más en inglés»<br>«las cosas que normalmente reviso cosas en español pero el trabajo de unos alumnos pero lo reviso en español y hago correcciones en español pero yo como primero autor no no escribo en español no sé porque» |

Tabela 11: Utilização dos conhecimentos linguísticos na investigação.

Por estas respostas pode ver-se que os conhecimentos linguísticos, além da língua inglesa, são utilizados, na maioria dos casos, de uma maneira informal ou passiva, assim como admite, por exemplo, GR: «pero yo como primero autor no no escribo en español no sé porque».

Será aqui mostrado um brevíssimo excerto de uma entrevista com o investigador italiano em que se conversava em relação a uma declaração sua em que afirma que não pensa nem sonha em inglês: «Cosa che io non riesco a fare è pensare in inglese perché alla fine quando parlo non devo tradurre ma per esempio non sogno in inglese / pensare in inglese sì se devo farlo lo faccio ma non mi viene spontaneo».

Foi-lhe então perguntado se a escrita em inglês é feita diretamente na língua inglesa e ele escreveu a sua resposta afirmativa no computador como experimento

para demonstrar que é efetivamente assim que acontece. Aqui em seguida é mostrada a transcrição do excerto onde EN é a entrevistadora e IT o entrevistado e o que ele escreveu no computador é aqui transcrito nos quadros.

EN: Ma prima hai detto che non pensi in inglese

IT: No

EN: Però nel momento in cui scrivi la frase viene direttamente in inglese?

IT: Eee

EN: O c'è un passaggio?

IT: I'd would say that is exactly as you described

I'd would say that is exactly as you described

EN: Direttamente?

IT: Sì

EN: Ok

I'd ~~would~~ say that is exactly as you described

IT: I'd would no I'd say

I'd say that is exactly as you described

Este breve excerto mostra como mesmo que se trate de um investigador que utiliza a língua inglesa no seu dia a dia profissional, as suas formas são híbridas. Notam-se, de facto, duas deviações das normas do inglês considerado correto, uma destas corrigida e apagada pelo mesmo investigador. Ele tinha escrito a repetição do condicional, na forma extensa *would*, em seguida apagada, e na forma contracta *'d*, e há também uma omissão do sujeito do verbo *is*, traço típico das línguas românicas como o italiano, ou, se considerarmos *that* como sujeito, não há marcadores de pontuação que o sinalizem. Neste caso resulta particularmente evidente um aspeto que já foi notado nas respostas do questionário, isto é, uma influência das L1 no inglês dos investigadores, que se torna assim um inglês híbrido que contem/mantem em si traços das várias identidades linguísticas dos seus utilizadores e, ao mesmo tempo, uma pouca consciência por sua parte sobre este fenómeno.

#### 4. Conclusões

Através dos dados recolhidos, pôde-se confirmar que os investigadores do universo estudado têm origens linguísticas e académicas variadas e mesmo os



investigadores locais têm tido períodos de mobilidade durante os seus estudos ou a sua investigação e têm conhecimentos linguísticos variados (Figura 1). Como sublinhado em Gekeler et al. (2013), tem-se tornado comum um investigador ter tido um percurso de estudos e uma carreira universitária multilingues. Nestes casos, as línguas aprendidas, as metodologias e os conhecimentos adquiridos não estão separados ou compartimentalizados, mas são, pelo contrário, parte de um processo integrado de aprendizagem que se pode refletir também na produção científica (Gekeler et al. 2013). Neste sentido, pode falar-se de competência multilingue dos investigadores, definida por Franceschini (2011, p. 351) como «at the same time a tool and a state and relates to the complex, flexible, integrative, and adaptable behaviour which multilingual individuals display», utilizada e desenvolvida durante os estudos e as carreiras académicas.

Porém, como vimos nos dados analisados (Figura 2 e Tabelas 9, 10 e 11), a vasta diversidade de repertórios linguísticos e culturais existentes é utilizada pelos investigadores apenas de uma forma passiva, pois a dominância do uso da língua inglesa na ciência neutraliza o uso de outras línguas, até da própria L1 ou da língua local. Como afirmado pelos investigadores deste estudo de caso (Tabelas 2, 3 e 4), e como discutido, por exemplo, em Mazak / Herbas-Donoso (2015, p. 698) «within the international academic community, English is the taken-for-granted language of science». O papel dominante do inglês coloca os falantes não-ingleses em desvantagem, considerando, ainda por cima, que o papel que desempenha atualmente a língua inglesa é um papel que se deve a uma construção social, sendo que «there is nothing inherently scientific about the predominance of English over the use of any other language» (Phillipson, 2009). Não é, portanto, uma condição “natural”, mas, pelo contrário, «it results from conscious choices made by the linguistically advantaged and by the lack of any coherent countervailing policy» (Tokin, 2011, p. 11). Um dos fatores principais da sempre maior hegemonia da língua inglesa na ciência é o impacto do índice de publicação de que falam também os inquiridos (Tabela 5). De facto, fatores externos como o sistema de avaliação da investigação e a pressão em publicar em revistas com uma alta classificação levam a uma inglesização («Englishization») da investigação (Lanvers / Hultgren 2018, p. 151). Villa (2013, p. 5) frisa a maneira como a predominância da língua inglesa nas revistas de maior prestígio representa um obstáculo à vitalidade das demais línguas como línguas científicas e um risco para a compreensão pública da ciência. Isto é confirmado pelos investigadores entrevistados (Tabelas 9 e 10), que admitem desconhecer termos científicos nas suas L1, afirmando que o inglês se substituiu neste âmbito e que até a própria L1 fica esquecida,

além de terem dificuldades em falar da própria investigação noutras línguas que não sejam o inglês, apesar dos seus amplos repertórios linguísticos. O potencial dos seus repertórios linguísticos seria amplo, mas acaba por se reduzir apenas ao uso da língua inglesa no que diz respeito à sua produção científica. Conforme as suas declarações (Tabela 11), o uso de práticas discursivas multilingues e o uso dos seus repertórios linguísticos como recurso e como negociação de significados pode ser observado em situações menos formais, como a comunicação entre colegas, ou no ensino, através de práticas discursivas multilingues durante as aulas.

O largo uso da língua inglesa no ensino superior não parece ser contrastado com políticas linguísticas adequadas e isto resulta particularmente evidente no facto de que os investigadores parecem desenvolver pouco a própria competência multilingue, deixando amplo espaço à língua inglesa e utilizando pouco os seus próprios repertórios linguísticos. O que parece ser afetado é também a sua consciência metalinguística, definida como «the ability to focus on linguistic form and to switch focus between form and meaning» e a sua consciência crosslinguística, ou seja, a busca de similaridades entre as línguas conhecidas, definida como «the awareness (tacit and explicit) of the interaction between the languages in a multilingual's mind» (Jessner, 2008). Estas duas consciências não parecem estar muito ativas e desenvolvidas, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento terminológico nas suas L1. Conforme as suas declarações nas entrevistas (Tabelas 4 e 10), isto parece ser pouco desenvolvido por duas razões: por um lado requer um esforço que parece feito em vão, pois não parecem existir correspondências terminológicas satisfatórias; por outro lado, os investigadores dão por assumido que todo o mundo percebe a língua inglesa e que não há necessidade de uma tradução para outras línguas.

Se é verdade que a língua inglesa mantém um papel dominante na ciência, também é verdade que, como vimos neste estudo de caso, o inglês dos investigadores é um inglês que se afasta da norma padrão. Alguns deles afirmaram que o inglês tem de se tornar um pouco na língua materna a nível profissional (Tabela 8), mas em muitos casos notam-se traços das suas línguas maternas ou doutras línguas conhecidas. É neste sentido que os repertórios linguísticos dos investigadores parecem agir diretamente no processo de hibridização da língua inglesa como língua da ciência, deixando vestígios das próprias identidades linguísticas e culturais. Como visto através de algumas declarações, isto parece acontecer duma forma não consciente, no sentido em que os investigadores parecem ter a opinião de ter um bom nível de inglês devido ao seu uso prolongado. O conjunto destes dois fatores, por um lado os

desvios da norma padrão e os traços das suas línguas, e por outro lado, a opinião de alguns deles em terem confiança no uso do seu próprio inglês, leva a considerar os investigadores, duma forma geral, como *language rule modifiers* ou *makers* (Santipolo, 2016) que são caracterizados por aquela inconsciência de que já tinha falado Bathkin (1975).

É assim que para concluir, pode argumentar-se que o inglês da comunidade científica pode ser considerado híbrido, e que como forma híbrida ocupa um terceiro espaço em que «cultural meanings and identities always contain the traces of other meanings and identities» (Ashcroft et al. 2001, p. 61) e em que as identidades multilingues dos investigadores reemergem do papel dominante da língua inglesa na ciência.

## Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, G. (1987). *Borderlands La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: Aunt lute Book Comparay.
- ARTEAGA, A. (1997). *Chicano Poetics: Heterotexts and Hybridities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ASHCROFT, B. / GRIFFITHS, G. / TIFFIN, H. (2001). *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge.
- BAKHTIN, M. (1981). *The Dialogic Imagination. Four Essays* (M. Holquist, Ed.; M. Holquist & C. Emerson, Trans.). Austin: University of Texas Press.
- (2002). *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance* (Quinta edição). São Paulo: Editora Hucitec Annablume.
- BHABHA, H. K. (1994). *The Location of Culture*, London: Routledge.
- CANAGARAJAH, S. (2007). Lingua Franca English, Multilingual Communities, and Language Acquisition. *The Modern Language Journal*, 91, 923-939.
- FRANCESCHINI, R. (2011). Multilingualism and Multicompetence: A Conceptual View. *The Modern Language Journal*, 95, III, 344-355.
- FRATH, P. (2016). Langues, connaissances et internationalisation des universités. *Assises européennes du plurilinguisme*, Coord. Christian Tremblay, Bruxelles, 18-19 mai 2016. URL: <http://www.observatoireplurilinguisme.eu/>.
- GAZZOLA, M. / GRIN, F. / VAILLANCOURT, F. (2016). Evaluating Language Policy and Planning: An Introduction to the Economic Approach. *Real - Arbeitsbericht*, 15(4).
- GEKELER, P. / MANGER, S. / MEYER, S. / URANK, D. (2013). Plurilingualism, multilingualism and internationalisation in the European Higher Education

- Area: Challenges and perspectives at a Swiss University. *Language Learning in Higher Education*, 2 (2), 405-425.
- GRADDOL, D. (1999). The decline of the native speaker. *English in a Changing World*, 13(AILA Review), 57-68.
- HAMEL, R. E. (2007). The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science. *AILA Review*, 20, 53-71.
- JESSNER, U. (2008). A DST Model of Multilingualism and the Role of Metalinguistic Awareness. *The Modern Language Journal*, 92(2), 270-283.
- JOSIAH, U. E. (2014). Linguistic Hybridity: An Experiment with Educated Nigerian Spoken English. *Review of Arts and Humanities*, 13(2), 157-184.
- KHEIMETS, N. G. / EPSTEIN, A. D. (2002). The dominance of English as a language of science: Effects on other languages and language communities. *Language in Society*, 31(4), 628-631.
- KLÖTZL, S. (2015). *A Love Affair with ELF: linguistic hybridity in ELF couple discourse*. Doctoral thesis. University of Wien.
- LANVERS, U. / HULTGREN, A. K. (2018). The Englishization of European education: Concluding remarks. *European Journal of Language Policy*, 147-152.
- MAZAK, C. / HERBAS-DONOSO, C. (2015). Translanguaging practices at a bilingual university: A case study of a science classroom. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 18(6), 698-714.
- PHILLIPSON, R. (2009). English in higher education: Panacea or pandemic? *Angles on the English-speaking world: English language policy, internationalization, and university teaching*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press.
- PLANKEN, B. (2005). Managing rapport in lingua franca sales negotiations: A comparison of professional and aspiring negotiators. *English for Specific Purposes*, 24, 381-400.
- SANTIPOLO (2016). L'inglese nella scuola italiana. La questione negata della varietà-modello. *Le lingue in Italia, le lingue in Europa: dove siamo, dove andiamo*. Venezia: Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 177-191.
- STENZEL, K. / KHOO, V. (2016). Linguistic Hybridity: A Case Study in the Kotiria Community. *Critical Multilingualism Studies* 4(2), 75-110.
- TONKIN, H. (2011). Language and the Ingenuity Gap in Science. *Critical Inquiry. Language Studies* 8(1). 105-116.
- VAZ, V. (2017). Bakhtin e o Pós-colonialismo: a questão do hibridismo. *RUS* (São Paulo), 8(9), 88-119.
- VILLA, M. L. (2013). *L'inglese non basta. Una lingua per la società*. Milano: Bruno Mondadori.

YOUNG, R.J.C. (1995). *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge.

TÍTULO: Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar o hibridismo linguístico no âmbito da investigação no ensino superior. Com o aumento da mobilidade no ensino superior, a investigação tornou-se sempre mais multilingue. De facto, hoje em dia, é muito comum um investigador ter tido um percurso de estudos e uma carreira universitária multilingues. A produção científica torna-se, assim, híbrida, moldada por diferentes tipos de aprendizagem, adquiridos em diferentes contextos e em línguas diferentes. Além disso, o uso sempre mais alargado do inglês como língua da produção científica internacional faz com que surja uma espécie de multilinguismo, em que a língua inglesa detém na maior parte dos casos um papel hegemónico em comparação com a língua local. O artigo visa apresentar um estudo de caso desenvolvido na Universidade do Algarve, em Portugal, centrando-se no CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, um centro de investigação internacional, onde os investigadores têm diferentes origens linguísticas e académicas. Através da submissão de um questionário aos investigadores do centro e de entrevistas individuais, este estudo pretende aprofundar a forma como o multilinguismo se reflete na produção científica e visa analisar se esta pode ser concebida como uma forma de hibridismo, tentando identificar quais os efeitos da dominância do inglês na investigação.

TITLE: Linguistic hybridity in scientific production: a case study in a research centre at the University of Algarve

ABSTRACT: This paper aims at investigating linguistic hybridity in research in Higher Education. With the increase of mobility in Higher Education, research is becoming more and more multilingual. In fact, it has become quite common for a researcher to have done a multilingual course of studies and a multilingual university career. The scientific production becomes, then, hybrid, shaped by different kind of learning, learnt in different contexts and in different languages. Furthermore, the more and more widespread use of English as the language medium of the global scientific production leads to a kind of multilingualism, in which English holds in most of the case a hegemonic role in comparison with the local language. Therefore, this paper presents a case study led at the Universidade do Algarve, in Portugal, and it focuses on the CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, an international research centre where researchers come from different linguistic and academic backgrounds. Through the submission of a questionnaire given to the researches and through individual interviews, this study tries to analyse how multilingualism is reflected in the scientific production and to debate whether this scientific production can be conceived as a form of hybridity, identifying which are the effects of the dominance of English on research.

# Um estudo geoprosódico em quatro falares transmontanos

## A geoprosodic study in four speech varieties from Trás-os-Montes

LURDES DE CASTRO MOUTINHO\*

ROSA LÍDIA COIMBRA\*

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia, Fonética experimental, Geoprosódia, Dialectologia.

KEYWORDS: Prosody, Experimental phonetics, Geoprosody, Dialectology.

### Introdução

A pesquisa que aqui apresentamos foi desenvolvida no âmbito do projeto internacional AMPER, Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico, que visa a construção de uma plataforma interativa *online* da variação prosódica em todas as línguas românicas. A associação do som à representação gráfica e sua transcrição fonética imprime uma dimensão que os mapas dialetais tradicionais não permitiam (Contini / Lai / Romano, 2002).

Aqui trataremos concretamente de dados relativos ao domínio do AMPER-POR, AMPER para a língua portuguesa (Brasil, Portugal continental e insular), o qual é coordenado pela primeira autora deste artigo. Neste âmbito, foram já desenvolvidos trabalhos e publicações, de que se deu recentemente conta num evento internacional (Moutinho et al. 2018). Na vertente comparativa, tem-nos interessado particularmente o estudo do *continuum* linguístico Portugal – Galiza cujas equipas têm já realizado estudos conjuntos (veja-se, a título de exemplo, Fernández Rei / Moutinho, 2016).

Neste artigo, daremos conta de alguns resultados provenientes de uma pesquisa recente em que foram confrontadas produções de falantes transmontanos que têm como língua materna o português, uns expostos (E) e outros não expostos (NE) à influência da língua mirandesa, falada nesse mesmo espaço

\* Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (UA), Portugal.  
Endereço eletrónico: dlc-variacaolinguistica@ua.pt.

geográfico. A língua mirandesa, falada em território de Portugal continental, embora sendo uma língua minoritária é, desde 1999, uma das duas línguas oficiais, reconhecida através do decreto-lei 7/99, de 29 de janeiro, ao qual se juntou uma adenda em fevereiro do ano seguinte.

Começaremos por apresentar uma breve referência aos estudos em prosódia no português europeu, o enquadramento e motivações do nosso trabalho, respetivos informantes, pontos de recolha, *corpus* e metodologia de trabalho. Seguir-se-á a apresentação de alguns resultados nele obtidos e algumas notas conclusivas.

### O estudo da prosódia no português europeu

Os estudiosos das línguas nunca ficaram indiferentes à sua complexidade e à coexistência de diversos níveis de análise, incluindo o nível prosódico. Já em 1540, na *Gramática da Língua Portuguesa*, João de Barros identificava a prosódia como o estudo da sílaba e uma das quatro partes da gramática: «Syllaba é hua das quatro partes da nossa Grammatica que corresponde á Prosodia, que quer dizer acento e canto» (Barros, 1540, p. 3).

No entanto, e até finais dos anos 90, verificou-se uma quase ausência de estudos sobre a prosódia do Português e total ausência em geoprosódia. Encontramos algumas breves referências em gramáticas (Mateus et al.1983; Cunha / Cintra, 1984), mas apenas sobre a variedade normativa e alguns estudos académicos, como é o caso de Mata (1990, 1999) e Falé (1995). Com o aumento do interesse por este tipo de estudos, começaram a surgir algumas pesquisas, mas quase exclusivamente em *corpora* lidos, como é o caso de Pereira / Freitas (1989), Delgado Martins / Freitas (1991), Costa (1992) e Delgado Martins (1992).

Apesar destes passos, continuamos, ainda hoje a constatar a ausência, ou pelo menos a não disponibilização à comunidade científica de *corpora* autênticos, recolhidos *in loco*. Escassas são também as análises experimentais, sobretudo neste domínio da prosódia.

O aparecimento e desenvolvimento de novas tecnologias veio favorecer o desenvolvimento de metodologias e ferramentas destinadas à recolha e análise do sinal acústico. Um exemplo dessa aplicação é o estudo que aqui apresentamos.

## O presente estudo

### *Enquadramento e motivações*

Como referido, esta pesquisa surge na senda de outros estudos enquadrados no projeto internacional AMPER, que, desde 1999, tem vindo a consolidar-se, integrando atualmente mais de 80 investigadores repartidos por universidades europeias e latino-americanas.

No momento das primeiras recolhas efetuadas no planalto mirandês, destinadas ao estudo da variação prosódica da língua mirandesa – AMPER-MIR, AMPER para a língua mirandesa (Bautista et al, 2015; Moutinho / / Bautista, 2017) –, surgiu a ideia de compararmos os falantes de português que residem no mesmo espaço geográfico de falantes de mirandês e outros que, embora transmontanos, falantes de português, não residem nesse mesmo espaço. A nossa hipótese de trabalho tem, assim, como ponto de partida o nosso interesse em observar se a exposição de falantes do português à língua mirandesa, isto é, a convivência destes no mesmo espaço geográfico pode, eventualmente, ser um elemento que pode influenciar a melodia nas suas produções, diferenciando-se, por isso, daqueles que vivem afastados, geograficamente, desse espaço onde também se fala mirandês.

### *Os informantes e pontos de recolha*

Os informantes analisados para o presente estudo foram quatro locutores do sexo masculino, com idades não inferiores a 50 anos, todos possuindo apenas a escolaridade básica e sendo falantes de português como língua materna.

As gravações foram feitas *in loco*, em ambiente não insonorizado, num total de quatro pontos de recolha na região de Trás-os-Montes: dois pontos situam-se em localidades onde, para além do português, também se fala mirandês (E) e os outros dois são localidades onde não se fala mirandês (NE). A localização e identificação destes pontos de recolha pode ser observada nas figuras 1 e 2 (fonte: Google maps).





Figura 1: Localização geográfica dos 4 pontos de recolha.



Figura 2: Identificação dos pontos e distância entre cada um deles – à esquerda, locutores NE à Língua mirandesa (Vinhais e Alfandega da Fé); à direita, locutores E à Língua mirandesa (Espéciosa e Miranda do Douro).

## Corpus e metodologia

O *corpus* que serviu de base ao presente estudo é constituído por frases neutras e afirmativas, nas modalidades declarativas e interrogativas globais correspondentes, tendo-se contemplado estruturas de frases simples (sujeito – verbo – complemento). Em posição inicial e em posição final do enunciado foram considerados os três tipos de acentuação lexical do português (oxítona, paroxítona e proparoxítona).

Da totalidade do *corpus* gravado e que consta da tabela 1, foram seleccionadas três repetições comuns aos diferentes informantes, totalizando 96 enunciados, cada um com 10 vogais submetidas a análise acústica, o que significa um total de 960 vogais segmentadas manualmente.

|                                |
|--------------------------------|
| O pássaro toca no capataz. / ? |
| O pássaro toca no Toneca. / ?  |
| O capataz toca no pássaro. / ? |
| O Toneca toca no pássaro. / ?  |

Tabela 1: Estruturas consideradas para o estudo.

A metodologia de recolha e análise seguiu as diretrizes previstas para o projeto AMPER (ver Contini, 1992; Romano, 2001). O *corpus* aqui tratado é semi-espontâneo, não lido, elicitado através imagens. O sinal digital é recolhido em DAT (*Digital Audio Technology*) e, após segmentação e tratamento do sinal acústico, é analisado em ambiente MatLab (*MATrix LABoratory, MathWorks*), com recurso a scripts desenvolvidos para o AMPER (Romano, 2001).

Outras metodologias, quer de recolha, quer de segmentação e análise são também utilizadas por outras equipas do projeto. Ver mais detalhes e bibliografia em <http://varialing.web.ua.pt/>.

## Alguns resultados

Apresentamos, de seguida, alguns resultados relativos a uma análise contrastiva dos contornos entoacionais das produções dos falantes acima mencionados.

Num primeiro momento, expomos resultados obtidos para finais dos enunciados, relativos às duas modalidades consideradas: declarativa e interrogativa (ver figura 3).

Na figura 3, incluímos os contornos entoacionais estilizados dos finais dos enunciados, desta vez apenas para as interrogativas, por termos vindo a constatar serem estas as que melhor nos permitem distinguir variedades (Moutinho / Coimbra / Rei, 2009).

### ***Resultados acústicos dos finais dos enunciados***

Depois de gravadas e segmentadas as frases para este estudo, são analisadas, em Matlab, as vogais das três melhores produções de cada uma das estruturas sintáticas consideradas. Os resultados dessa análise, são arquivados, automaticamente, em ficheiros, onde estão inscritos, para cada uma das modalidades, os valores das médias de energia, duração e Frequência fundamental de todas as vogais realizadas nos enunciados considerados.

São esses valores que nos permitem realizar gráficos comparativos para as duas modalidades e para as diferentes acentuações lexicais para cada um dos grupos aqui em estudo, permitindo-nos, assim, uma fácil visualização dos resultados apurados para cada um dos grupos: os que estão em contacto com o mirandês (E) e os que estão geograficamente afastados dessa língua (NE).

Depois de observados os resultados, decidimos, neste caso, por nos parecer mais relevante, optar por representar graficamente os movimentos de  $F_0$ , em final de enunciado.

Assim, na figura 3, podemos observar, na primeira coluna os finais dos enunciados declarativos e, na segunda coluna, os finais dos enunciados interrogativos. Em cada uma destas colunas os enunciados estão agrupados de acordo com a acentuação lexical do último vocábulo, que era, respetivamente oxítono («capataz»), paroxítono («Toneca») e proparoxítono («pássaro»). Nos seis gráficos assim obtidos, podemos distinguir os nossos quatro informantes pelas diversas cores das linhas que representam a curva melódica.

Da observação desses gráficos, podemos salientar, em relação à coluna da esquerda, relativa às produções de enunciados declarativos, e comparando-os com os da coluna da direita, referente aos enunciados interrogativos, que, nos primeiros, existe uma muito menor variação de contorno entoacional, independentemente do acento lexical. Digno de nota é, no entanto, o facto de o informante de Especiosa apresentar uma maior tessitura e iniciando o SV com um movimento descendente acentuado, distinguindo-se, desse modo, dos restantes locutores.

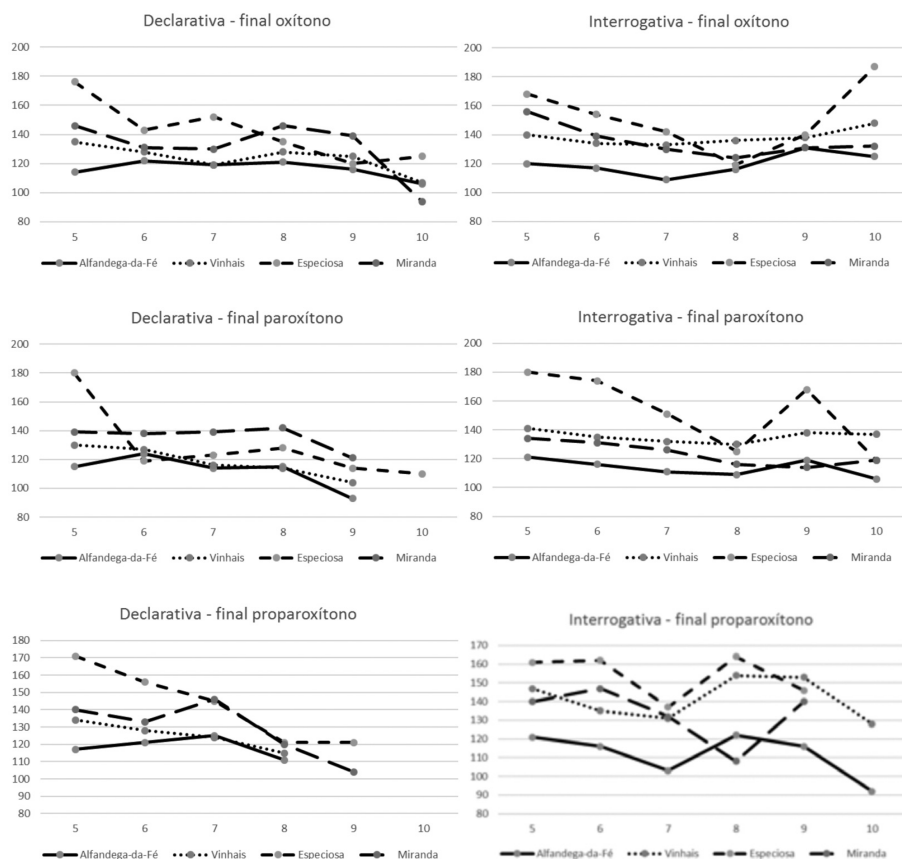


Figura 3: Movimento de F<sub>0</sub> em final de enunciado.

Na coluna da esquerda da figura 3, respeitante aos enunciados interrogativos, observamos contornos entoacionais semelhantes para os dois informantes NE ao Mirandês. Note-se que o informante de Especiosa (E) continua a diferenciar-se dos restantes: na oxítona (capataz) uma subida final abrupta; na paroxítona (Toneca) e na proparoxítona (pássaro) apresenta um movimento final convexo com um pico na última vogal acentuada do tonema, [E] e [a], respetivamente. Já o informante de Miranda, em todos os casos, mas mais marcadamente na proparoxítona, apresenta um movimento final de descida da vogal pretónica para a tónica, configurando um vale, onde se esperaria um pico.

### ***Enunciados interrogativos agrupados por acentuação lexical final***

A fim de observarmos as possíveis diferenças e semelhanças mais relevantes nas diversas configurações prosódicas nos nossos informantes, optámos por estilizar os finais das produções interrogativas. Esta opção justifica-se visto que, como já constatado em outros estudos, «é esta modalidade a que melhor nos permite identificar as distintas variedades linguísticas, na medida em que esta modalidade costuma apresentar um contorno mais característico e representativo dos distintos falares» (Moutinho / Coimbra / Rei, 2009, p. 71).

A figura 4 é composta por três colunas. Na primeira coluna, identificam-se os pontos onde foi efetuada a recolha dos *corpora*. Nas duas seguintes, mais à direita, representam-se os movimentos estilizados de  $F_0$  para cada uma das acentuações

Na coluna do meio, encontram-se agrupadas as representações estilizadas dos finais paroxítonos e proparoxítonos. Decidimos apresentar no mesmo gráfico estas duas acentuações, não tanto pelo facto de as diversas configurações entoacionais nos permitirem uma distinção intervareial, mas sobretudo por se afastarem daquilo que é normalmente descrito para o português, em que sempre é dito que as interrogativas globais têm finais ascendentes. Na verdade, principalmente o movimento da paroxítona é muito semelhante entre as variedades estudadas, tendo sempre uma configuração circunflexa, atingindo o pico de  $F_0$  na última vogal tónica do enunciado. O mesmo parece-nos acontecer, embora de forma menos acentuada, para as proparoxítonas.

Na coluna mais à direita, representam-se apenas os finais oxítonos, cujo movimento vem ao encontro do que é habitualmente descrito para todas as interrogativas globais em português.

Ao observarmos a figura 4, podemos constatar que a exposição ou não à língua mirandesa não parece influenciar os movimentos de  $F_0$  no que diz respeito aos enunciados com final oxítono.

No que respeita às outras acentuações lexicais finais, os informantes de Vinhais e Alfândega da Fé apresentam contornos muito semelhantes entre si, ao passo que o informante de Espéciosa produz um contorno melódico com movimentos mais amplos, bem diferente daqueles dois.

Por seu lado, o informante de Miranda destaca-se, com um final com contornos opostos aos dos restantes.

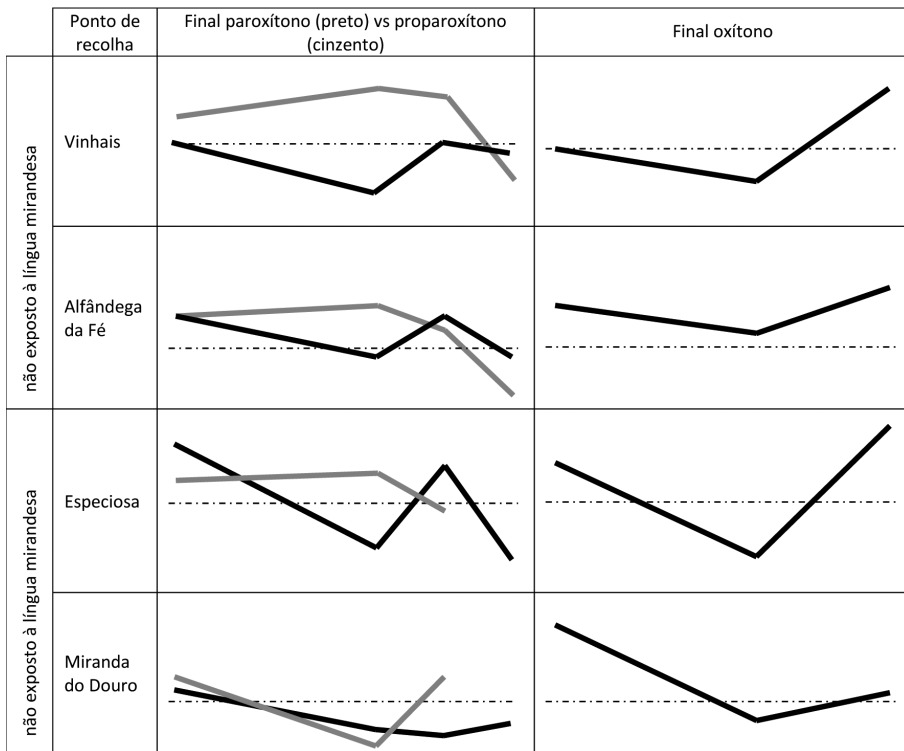


Figura 4: Contornos entoacionais estilizados dos finais dos enunciados interrogativos para os quatro falantes. A linha a tracejado representa a frequência média do informante.

### *Distâncias prosódicas*

Os dados obtidos para os quatro informantes foram armazenados em arquivos txt, os quais permitiram o cálculo das distâncias prosódicas entre si, recorrendo a uma interface desenvolvida, para o efeito, em ambiente Matlab<sup>TM</sup>. A utilização de técnicas de análise multivariada permite obter uma representação da variação, também em prosódia, como se pode encontrar aplicada em diversos estudos no âmbito AMPER (Romano et al., 2008; Romano / Miotti, 2008; Moutinho et al, 2011).

Apresentamos, nas figuras 5 e 6, os resultados das distâncias prosódicas obtidas com base nos dados acústicos das produções dos quatro informantes objeto de estudo neste artigo.

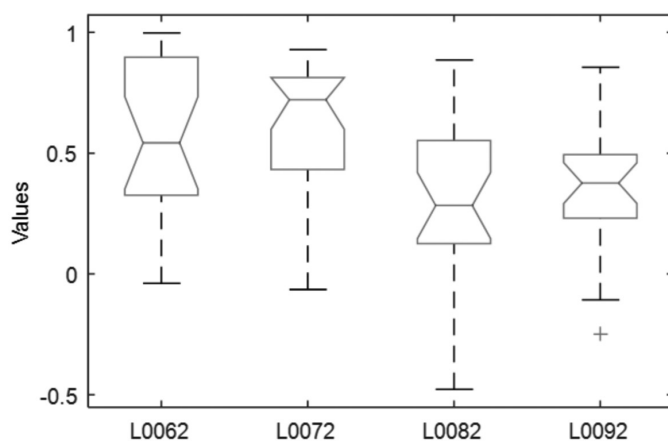


Figura 5: *Boxplot* da coerência dos locutores.

Para além da representação de tipo *boxplot* (fig. 5), o *script* também permite a representação das distâncias prosódicas em gráficos de tipo dendrograma (fig. 6).

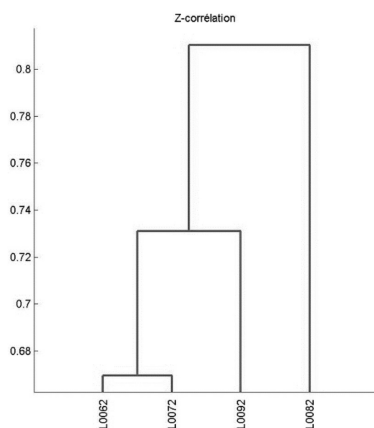


Figura 6: Dendrograma com o agrupamento de *clustering* hierarquizado entre locutores.

A observação dos gráficos das figuras 5 e 6 permitem-nos constatar que existe uma NE expostos à língua mirandesa (L0062, Alfândega da Fé; L0072, Vinhais), sendo os únicos cuja mediana se situa acima dos 0,5 (fig. 5) e aparecendo agrupados no mesmo *cluster* na figura 6. Estes resultados apontam para uma maior proximidade prosódica entre estes dois informantes, que se agrupam entre si e se distanciam dos outros dois, os E à língua mirandesa

(L0082, Miranda do Douro; L0092, Especiosa). Note-se, mais uma vez, o maior afastamento do falante de Miranda, que na figura 5 apresenta o valor mais baixo da mediana e não forma nenhum *cluster* na figura 6.

### Notas conclusivas

Os resultados vêm ao encontro do que poderíamos esperar, já que se confirma que a modalidade declarativa é a que menos distingue os diferentes informantes nos vários pontos de recolha. A maior distinção, no que respeita à curva prosódica, opera-se na modalidade interrogativa. Verificou-se que Vinhais e Alfândega da Fé se aproximam entre si, distinguindo-se dos outros dois, que consideramos expostos à língua mirandesa. Comparando o informante de Especiosa com o de Miranda, constatamos que o de Especiosa é o que mais se afasta de Vinhais e Alfândega da Fé. O falante de Miranda, embora se aproxime, em alguns momentos da sua produção, tanto do falante de Especiosa quanto dos restantes, apresenta contornos finais distintos de todos os outros, podendo tratar-se apenas de um idioleto.

Para o falante de Especiosa, a justificação que encontramos para esta diferença é o facto de este estar em exposição permanente à língua mirandesa. Note-se que, nesta aldeia de pouco mais de 50 habitantes, apenas duas pessoas têm como língua materna o português (um deles o nosso informante) e que, embora compreendam o mirandês, não o usam no seu quotidiano. Em Miranda, embora se possa ouvir falar mirandês por falantes oriundos de aldeias vizinhas, esta língua não é utilizada quotidianamente na comunicação, como acontece em Especiosa. Ora, este facto sustenta ainda mais a hipótese de que, para o falante de Miranda, as suas diferenças serão apenas resultado de um fenómeno idiossincrático.

Estes resultados motivam-nos a dar continuidade a este tipo de pesquisas, contemplando análises de um maior número de dados, com mais estruturas, pontos de recolha e informantes, incluindo informantes mulheres. O projeto AMPER poderá, neste sentido, vir a dar um precioso contributo para um melhor conhecimento da variação prosódica, não só do português e do mirandês, mas ainda de uma variedade proveniente do contacto com a língua mirandesa.



## Referências

- BARROS, J. (1540). *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Luís Rodrigues. Reprodução fac-similada *online*. URL: <http://purl.pt/12148/5>. (Acesso em 11 jun. 2018).
- BAUTISTA, A. G. / COIMBRA, R. L. / MOUTINHO, L. C. (2015). Proposta para o estudo da variação prosódica em mirandês contemporâneo. In L.C. MOUTINHO / R. L. COIMBRA / E. FERNÁNDEZ REI (eds.) *Estudos em variação geoprosódica* (pp. 9-19). Aveiro: UA Editora.
- CONTINI, M. (1992). Vers une géoprosodie. In *Actes du Nazioarteko Dialektologia Biltzarra Agiriak*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca, 83-109.
- CONTINI, M. / LAI, J.-P. / ROMANO, A. (2002). La géolinguistique à Grenoble: de l'ALiR à l'AMPER. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 80(3), 931-941.
- COSTA, M. A. (1992). Análise de estratégias prosódicas usadas na leitura oral. Processamento sintático e compreensão na leitura. In *Actas do 8.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 112-125, URL: <https://apl.pt/atas-2/>. (Acesso em 4 jun. 2018).
- CUNHA, C. / CINTRA, L. F. L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DELGADO MARTINS, M. R. (1992). Monitoragem da entoação durante a leitura. In *Actas do 8.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, pp. 135-144. URL: <https://apl.pt/atas-2/>. (Acesso em 4 jun. 2018).
- DELGADO MARTINS, M. R. / FREITAS, M. J. (1991). Contributo para a identificação de elementos estruturadores da entoação na leitura. In *Actas do 7.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, pp. 93-105. URL: <https://apl.pt/atas-2/>. (Acesso em 4 jun. 2018).
- FALÉ, I. (1995). *Fragmento da Prosódia do Português Europeu: as Estruturas Coordenadas* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- FERNÁNDEZ REI, E. / MOUTINHO, L. C. (2016). Estudo xeolinguístico da entoación galego-portuguesa. In *Estúdios de Fonética Experimental, volume especial de homenagem a Eugénio Celdran*, pp. 203-208.
- MATA, A. I. (1990). *Questões de Entoação e Interrogação em Português*. “Isso é uma Pergunta?” (Dissertação de Mestrado) Universidade de Lisboa, Lisboa.
- (1999). *Para o Estudo da Entoação em Fala Espontânea e Preparada no Português Europeu: Metodologia, Resultados e Implicações Didáticas* (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- MATEUS, M. H. M. et al. (1983). *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina.

- MOUTINHO, L. C. / BAUTISTA, A. G. (2017). Uma primeira abordagem ao estudo da prosódia da língua mirandesa. In A. G. Bautista / L. C. Moutinho / R. L. Coimbra (eds.), *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias*, pp. 117-140. Aveiro: UA Editora.
- MOUTINHO, L. / ANTUNES, L. / CRUZ, R. (2018). O Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico (AMPER). Do seu início à atualidade. Comunicação apresentada ao *V Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*, Universidade Federal da Bahia, Salvador (Brasil), de 11 a 14-09-2018.
- MOUTINHO, L. C. / COIMBRA, R. L. / FERNÁNDEZ REI, E. (2009). Novos contributos para o estudo da fronteira prosódica entre o galego e o português europeu. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, 39, 67-78.
- MOUTINHO, L. C. / COIMBRA, R. L. / RILLIARD, A. / ROMANO, A. (2011). Mesure de la Variation Prosodique Diatopique en Portugais Européen. *Estúdios de Fonética Experimental*, 20, 34-55.
- PEREIRA, I. / FREITAS, M. J. (1989). Valores do silêncio: contributo para o estudo da pausa na delimitação do grupo entoacional em português. In *Actas do 5.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, pp. 171-186, 1989. URL: <https://apl.pt/atas-2/>. (Acesso em 4 jun. 2018).
- ROMANO, A. (2001). *Analyse des structures prosodiques des dialects et de l'italien régional parlés dans le Salento (Italie): approche linguistique et instrumentale*. Lille: Presses Université. du Septentrion.
- ROMANO, A. / CONTINI, M. / LAI, J.-P. / RILLIARD, A. (2008). Distancias prosódicas entre variedades románicas en el marco del proyecto AMPER. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana – RILI*, vol. 9, 11-25.
- ROMANO, A. / MIOTTI, R. (2008). Distancias prosódicas entre variedades románicas. In A. Turculeț (org.), *La variation diatopique de l'intonation dans le domaine roumain et roman* (pp. 231-249). Iasi: Editura Universitatii Alexandru Ion Cuza.

TÍTULO: Um Estudo Geoprosódico em Quatro Falares Transmontanos

RESUMO: É no âmbito do projeto internacional AMPER, Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico, que se insere o estudo que propomos aqui apresentar. Este estudo surge na continuidade de outras pesquisas na área da geoprosódia já por nós divulgadas. Exporemos resultados parciais relativos a uma análise contrastiva dos contornos entoacionais em quatro pontos de inquérito situados em Trás-os-Montes. Os dados em análise dizem respeito a quatro locutores do sexo masculino, um de cada um dos pontos de inquérito e que respeitam as regras estipuladas pelo Projeto. Todos têm como língua materna o português. Dois deles estão inseridos em contextos geográficos onde também

se fala mirandês (Miranda do Douro e Espéciosa); os outros dois, também transmontanos, não estão expostos, no seu quotidiano, a esta língua (Vinhais e Alfândega da Fé). É nosso propósito observar:

- a variação entoacional presente em cada uma das modalidades (declarativa e interrogativa);
- a influência da posição do acento lexical no acento prosódico;
- o contraste entre as produções destes quatro falantes, tentando perceber se o contacto com a língua mirandesa pode ou não originar melodias diferenciadas.

Title: A Geoprosodic Study in Four Speech Varieties from Trás-os-Montes

Abstract: The study we propose to present in this paper is within the ambit of the international project AMPER, Prosodic Multimedia Atlas of the Romance Space, in the continuity of other research studies in the area of geoprosody already published by us. Partial results will be presented for a contrastive analysis of the prosodic contours in four survey points located in Trás-os-Montes. The data under analysis concern four male speakers, one from each point, aged not less than 50, with elementary education. Although all speakers are Portuguese, two of the informants come from geographical contexts where Mirandese is also spoken (Miranda do Douro and Espéciosa); the other two, although also from Trás-os-Montes, are not exposed to this language in their daily lives (Vinhais and Alfândega da Fé). It is our purpose to observe:

- the intonational variation present in each modality (declarative and interrogative);
- the influence of the position of the lexical stress on the prosodic stress;
- the differences in the productions of these four speakers, in order to understand whether contact with the Mirandese language may lead to different melodies.

## ■ Recensões / Textos de Apresentação

### ■ ■



W. J. SOLHA (2019). *Vida aberta: Tratado Poético-Filosófico*. Guaratinguetá-SP: Editora Penalux, 106 pp.

W. J. SOLHA (2018). *A engenhosa tragédia de Dulcineia e Trancoso*. Guaratinguetá-SP: Editora Penalux, 98 pp.



## I

Poeta anárquico, que transita com extrema facilidade pela Filosofia e pela Literatura, aliás, como poucos na atual geração de literatos brasileiros, W. J. Solha (1941) está com novo livro na praça, *Vida aberta – Tratado Poético-Filosófico*, que apresenta ao leitor um extenso poema, ou melhor, um discurso utópico, em que procura reconstituir a história da Humanidade e seus muitos saberes e mitos e também os seus numerosos fracassos.

É claro que não se trata de um poema destinado ao grande público, mas ao leitor contumaz, erudito e capaz de reconhecer os muitos nomes citados, que vão de Richard Wagner (1813-1883), Beethoven (1770-1827), Karl Marx (1818-1883), Marlene Dietrich (1901-1992), Albert Einstein (1879-1955), Schopenhauer (1788-1860) e Nietzsche (1844-1900) a Baudelaire (1821-1867), Apollinaire (1880-1918), Velázquez (1599-1660) e Júlio Cortázar (1914-1984), entre tantos outros.

Como muito bem observou em resenha que fez desta obra a crítica literária, poeta, contista e ensaísta Alexandra Vieira de Almeida, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), este novo livro de Solha, a exemplo de obras anteriores, faz «a junção entre o coloquial/ /popular e o erudito, o antigo e o contemporâneo nos matizes que encabeçam os versos do autor». Por isso, além de nomes consagrados da Literatura Brasileira, como Manuel Bandeira (1886-1968), Augusto dos Anjos (1884-1914) e Ariano Suassuna (1927-2014), são lembrados o escultor Abelardo da Hora (1924-

-2014), o compositor Lourenço da Fonseca Barbosa, o Capiba (1904-1997), e o cantor e compositor Alceu Valença, entre muitos outros.

Segundo o poeta e jornalista Linaldo Guedes, autor do texto de apresentação de *Vida aberta – Tratado Poético-Filosófico*, tudo está praticamente nas páginas da obra de Solha: «cowboys, filme dos Lumière, Rembrandt, Mozart, Gaudi, porco-espinho fazendo sexo, Hawking, Mickey, Buda, Cristo, USP, Becket, Plínio Marcos, Rig Veda, Alcorão, Bíblia, Capitão Marvel, Platão». Por isso, Guedes adianta que o leitor não precisa saber o que vai fazer com tais referências, mas recomenda: «Deixe-se apenas embalar pelo melhor que a poesia pode produzir: imagens em alta velocidade, ritmo, ironia e sabedoria que é “pura magia”, ... igual à da fé – do Islã, cristã, pagã, dos judeus – que torna o oco dos templos, “presença” de Deus», reproduzindo na última parte da frase trechos do poema de Solha.

## II

Como exemplo do trabalho artesanal de Solha, pode-se destacar que *Vida aberta* começa e, praticamente, termina com imagens de um episódio que é uma metáfora do fim do mundo, muito apropriado a esta época em que a pandemia do coronavírus (covid-19) ameaça e aterroriza a Humanidade: a do conjunto Wallace Hartley Band que tocou até o final, enquanto o luxuoso transatlântico Titanic, símbolo até então do gênio humano, em sua viagem inaugural em 1912, naufragava em águas próximas à Terra Nova, no Canadá, com mais de 1.500 pessoas a bordo. Eis o trecho final do poema: «Daí/ que,/ sem a ansiedade que imaginava típica de minha idade/ e no pique da Wallace Hartley Band que toca até o The... End/ no Titanic,/ sinto-me,/ agora,/ como apache que do desconhecido homem branco/ acha a outra... espora.».

A imagem final também é uma repetição da segunda imagem de abertura do poema e funciona como uma metáfora: a do homem (não só branco, pois a escravidão é um fenômeno ocorrido em todas as latitudes) que sempre procurou, em toda a História, subjugar o semelhante, o que, de certo modo, faz até hoje em vários tipos de sociedade. Na imagem do poema, aqui é o homem branco que imaginou cavalgar o índio apache, escoiceando-o com as esporas.

Para que o leitor tenha uma ideia do que o espera, basta reproduzir este trecho que se encontra no miolo do poema:

«[...] Mas – um dia o deus dos judeus –, se o tema é arranha-céu, ainda/ se pensa em Babel./ O Titanic é uma barca,/ perto da Arca; e cruz,/ mais do que

a... Coca-Cola,/ é A/ logomarca!/ O fato é que Deus – como Zeus,/ em sã consciência,/ é imaginário, extraordinário homem/ dotado de onipotência/ mas/ se um já perdeu o emprego,/ um dia o judeu também cai,/ sim,/ do Sinai,/ basta que tudo, a seu respeito,/ seja submetido a estudo./ Jesus, Alegria dos Homens – tirando-se a partitura – não é/ mais do que/ os dólmens./ E toda a arte... da Igreja... irá pro Google, como as obras de Bruegel./ Ricos retratos, opulentas paisagens e naturezas mortas: o burguês holandês do século XVII se liberta da arte sacra/ (que até então o encalacra),/ e assim é a História, que se escreve certo/por linhas tortas [...]» (pp. 76-77).

### III

Publicado em 2018, também pela editora Penalux, *A engenhosa tragédia de Dulcineia e Trancoso*, na definição de seu autor, não seria um longo poema de versos livres, como *Vida aberta*, mas um *rimance*, ou seja, um romance popular, em verso, que se canta ao som da viola, ainda frequente no Brasil, um pequeno canto épico. Mas pode ser considerado também «uma novela de cavalaria para tempos modernos (dentro da lógica nordestina)», como observa o jornalista Daniel Zanella no texto de apresentação que escreveu para esta obra. Ou ainda «um poema de caráter pluridimensional, artisticamente construído sobre os pilares da experiência e maturidade», como definiu o escritor João Carlos Taveira, no prefácio.

De fato, W. J. Solha procura reconstruir uma epopeia do século XXI, mas a partir do *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), e de *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, sem deixar de evocar o mito de Dom Sebastião (1554-1578), o rei de Portugal, que desapareceu na África, gerando o sebastianismo, espécie de crença messiânica em seu retorno ao país. Portanto, são muitos os significados que podem ser extraídos desta obra de maturidade do autor, mas o que se pode intuir é que seus versos pendem mais para a descrença, ainda que de uma incredulidade discreta.

### IV

Nascido em Sorocaba-SP, Waldemar José Solha (1941) radicou-se em João Pessoa, na Paraíba, a partir de 1962. Além de poeta, teve várias pesagens pelo teatro como autor e diretor de peças e ator. Escreveu textos para *Cantata Pra Alagamar*, música de José Alberto Kaplan, 1980, e *Os Indispensáveis*, para música de Eli-Eri Moura, apresentada em João Pessoa em 1992. Trabalhou como ator



nos filmes *O salário da morte*, dirigido por Linduarte Noronha e lançado em 1970; *Fogo morto*, dirigido por Marcus Farias; *Soledade*, dirigido por Paulo Thiago (ambos de 1975); *A canga*, de Marcus Vilar, em 2001, e *Lua Cambará*, dirigida por Rosemberg Cariry, em 2002. É autor dos painéis *Homenagem a Shakespeare*, de 1997, em exposição permanente no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPb), e *A Ceia*, de 1989, no Sindicato dos Bancários da Paraíba.

Publicou os romances *Israel Rêmora*, Prêmio Fernando Chinaglia de 1974 (Rio de Janeiro, Editora Record, 1975), *A canga*, 2.º prêmio Caixa Econômica de Goiás de 1975 (São Paulo, Editora Moderna, 1978; Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984); *A verdadeira história de Jesus* (São Paulo, Editora Ática, 1979); *Zé Américo foi príncese no trono da monarquia* (Rio de Janeiro, Codecri, 1984); *A batalha de Oliveiros*, Prêmio INL 1988 (Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1989); e *Shake-up*, (João Pessoa, Editora da UFPb, 1997).

Na área de poesia, é autor também de *Trigal com corvos* (São Paulo, Recanto das Letras, 2004), poema longo publicado pela Editora Palimage, de Portugal, também em 2004, Prêmio João Cabral de Melo Neto 2005 como melhor livro de poesia de 2004; *História universal da angústia* (Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005), coletânea, Prêmio Graciliano Ramos 2006 e finalista do Prêmio Jabuti 2006; e *DeuS e outros quarenta PrOBleMAS* (Guaratinguetá-SP, Editora Penalux, 2015).

*Adelto Gonçalves\**

---

\* Professor universitário, Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta, crítico literário, jornalista e escritor.

## *De memórias, loucuras e esqueletos guardados*

TEOLINDA GERSÃO (2019). *Atrás da Porta e outras Histórias*. Lisboa: Porto Editora, 128 p.



Contra todas as expectativas, há uma possibilidade, ainda que remota, de conseguires sair da escuridão, mesmo que, fora de ti, não haja nenhuma luz.

Teolinda Gersão, *Atrás da Porta e outras Histórias*.

Ler estes contos de Teolinda Gersão, *Atrás da Porta e outras Histórias*, cada um deles é como ler um extenso romance. O conto «Atrás da porta» é um perfeito exemplo da sua mestria. Uma personagem inquieta e perturbada consulta um psiquiatra, quer saber se é ele ou o mundo que está doido ou a perder o juízo em tempos de guerras e loucura por toda a parte. Nessas palavras de «diálogo» contido, o psiquiatra não tem respostas, tal como não se importa minimamente por quem está sentado à sua frente. O nosso mundo actual está aqui representado de modo lapidar, a paródia um perfeito retrato do inferno em que todos vivemos. Sobressaem destas palavras um e outro, os dois extremos do nosso sentido de dor e responsabilidade pessoal e da indiferença de quem poderá ser ou não um médico legítimo ou simplesmente um fraudulento mestre do engano e do desprezo por quem lhe aparece no «consultório», o psiquiatra sem empatia e muito menos respostas. Em quase toda a escrita da autora, seja ela em qualquer género, conto ou romance, é sempre a ironia e estranheza de sermos vivos-mortos ambulantes (como diria um Tomas Wolfe acerca de certos nova-iorquinos num seus próprios contos, «Only the Dead Know Brooklyn») e em busca da saída para a sanidade e a decência que se manifestam em certas

personagens suas, ou então um cotidiano sem sentido, quase sempre de sofrimento sem queixas, quer seja numa grande cidade como Lisboa ou na mais remota das aldeias escondidas nas serras portuguesas. Solidão e distância perante todos os outros numa pequena ou grande comunidade. De vidas vividas num miserável apartamento na cidade ou numa casa primitiva nos mais escondidos e esquecidos recantos, reencontramos sempre uma humanidade ora carinhosa ou pelo menos pacífica, ou o outro lado raivosos em qualquer um destes contextos da sua vivência. «Sair da escuridão» descreve perfeitamente a temática que nos dá o fio condutor desta prosa repartida e que nos apresenta a totalidade infeliz do mundo contemporâneo em que vivemos, e aonde estes seres reinventados representam e se tornam em símbolos maiores do desespero e da má sorte. Estão eles e elas num estado alienado de tudo que se passa à sua volta ou no resto do mundo. Estamos aqui num tempo ficcional que são os nossos dias. É a angústia de uns e, uma vez mais, o desespero de outros. A obra de Teolinda Gersão não só nos aproxima deste estado de ser e estar como nos coloca no corpo e na alma de cada uma das suas protagonistas. Intercala de conto em conto a voz de narradores masculinos e femininos. Nenhum leitor se poderá afastar em modo identitário de ninguém aqui representado. A grande literatura faz ou permite-nos esta aproximação emotiva ou mesmo meramente artística de uma leitura simultaneamente gentil e forte, sem limites de linguagens ou pudores moralistas das suas e nossas vidas em dias de grande incerteza ou aldrabice do cotidiano do nosso presente e da condição humana no terror da pobreza, violência ou de amores e desamores.

Se coloquei o conto que dá o título ao livro no centro deste meu texto é porque acredito que sintetiza vigorosamente todo o resto da narrativa desta obra. De certo modo, esta escrita de Teolinda Gersão faz-me também lembrar os quadros magistrais de um Edward Hopper, mas ao contrário: Ele iluminava os seus seres imaginados na luz do interior dos quartos enquanto olhavam com expressões de solidão e tristeza o sol ou a luz do exterior, sempre com a descrença no que viam na claridade do lado de fora. Aqui, todos os interiores são de escuridão, sem que nenhuma personagem, do mesmo modo, vislumbre um pouco de esperança ou crença nos dias que se seguirão à sua má sorte ou raiva. Não existem amores sinceros ou verdadeiros, cada vivência em conjunto é uma separação sem futuro. Homens e mulheres raramente se amam, e os seus filhos são deixados num limbo do nada e de ninguém que os proteja. Pobres, bêbados ou simplesmente pequenos comerciantes ou donos de um café rural agem de modo absolutamente desligados do sofrimento interior de quem conhecem ou encontram. Deparamo-nos com cenas que são de puro realismo literário como

mágico. Mulheres procuram o amor que nunca acontece, homens esperam pela noite ou fim da tortura diária dos seus empregos ou relacionamentos com os outros. Não se trata aqui de um pessimismo generalizado, tão-só de retratos que nos mostram as nossas vivências possíveis num mundo sem regras nem moralidade alguma. O último conto deste livro, «Dona Branca e os prestidigitadores» é devastador, mais parece uma reportagem da velha e muito conhecida «banqueira» do povo, que acabou na prisão, e agora fala-nos após a morte dos que a usavam, desde os mais pobres a figuras gradas da sociedade, comparando o que fazia com o dinheiro que lhes confiavam e que ela nunca roubava como os bancos oficializados do neoliberalismo financeiro, ou de quem na verdade nos rouba todos os dias e governam a seu proveito descarado o mundo inteiro. Faz-me lembrar o que um dia disse Philip Roth numa entrevista quando lhe perguntaram como era ainda possível «imaginar» uma história ficcional na nossa época. Ele respondeu que nenhum escritor poderia ultrapassar o ultraje da realidade. A primeira página de qualquer jornal ultrapassava de longe qualquer ficção sobre um mundo em sobressaltos ou surrealista. Na obra de Teolinda Gersão temos um Portugal muito conhecido e escuro, e depois a tal luz que a sua ficção lança sobre nós. Vale por cem livros de História académica ou “oficializada”.

É esse o problema: como identificar uma coisa que pode ser meramente virtual, um objecto que não é portanto um objecto, que (por enquanto) ainda é desconhecido, diferente de tudo o que cabe nas habituais categorias do entendimento? Poderia dar-lhe nomes, à experiência, mas em nenhum ele se enquadra: luz, vibração, planta, animal, pedra, sombra, máquina, vento, ritmo, conceito. Por vezes (mas tudo é relativo, porque ele muda constantemente de forma), assemelha-se vagamente a uma borboleta ou pássaro, para logo se transformar em folha ou ramo ou árvore e cair apodrecido, parecendo confundir-se com a terra. Mas também essa transformação é ilusória, ou virtual. É talvez apenas isso: movimento, constante mudança, constelação instável de formas: uma amiba luminosa, incandescente, que num momento seguinte é engolida pela sombra e desaparece no escuro.

De «realidade» e «sombras» é feita a grande literatura. Em *Atrás da Porta e outras Histórias* é essa outra transfiguração de um país que bem conhecemos, mas que nos leva a qualquer geografia e à condição em que vivemos. Conhecemos a narrativa escolástica, mas só os grandes escritores entram na alma dos esquecidos, no seu esconderijo, nas suas mentiras, na sua mítica estudada e grafada em documentos que mais dizem sobre a classe dominante e as suas decisões do

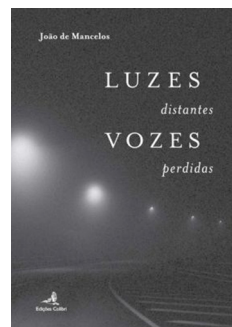
que de todo um povo em luta pela sua sobrevivência ou alegrias e tristezas. O chamado “universalismo” é também isto: a condição humana em qualquer parte, como aliás confirma toda a distinta literatura do mundo, mudando só de língua, imagística e impulso metafórico de cada artista. Ou seja: traz-nos o resto da verdade, ou se calhar a verdade inteira.

*Vamberto Freitas\**

---

\* Docente universitário, ensaísta e crítico literário.

João DE MANCELOS (2019). *Luzes distantes, vozes perdidas*. Lisboa: Edições Colibri, 92 pp.



Ao acabar de ler o livro *Luzes distantes, vozes perdidas*, do escritor e poeta João de Mancelos, senti necessidade de dizer o que penso e sinto sobre esta sua mais recente obra, publicada em finais de 2019, pelas Edições Colibri.

Depois de um verão de raparigas (primeira parte), às quais, se poderia também dar o nome de «casa» (p. 21), entro num lugar (segunda parte) que os bons guardiões da memória (os poetas) me proporcionam, de vez em quando: o lugar sagrado da memória, no qual me deparo com a excelência de tercetos como este «procuro-te, memória»: «no sono e na chuva noturna, / no grito distante dos comboios, / no lado mais frio desta cama» (p. 42).

Tocou-me a voz pungente que o Autor dá a lugares vazios, como, por exemplo, o «lado mais frio desta cama». E é ainda nesta segunda parte do livro, que eu encontro um terceto marcante sobre o «amor de outrora» que já é «apenas uma canção longínqua / numa rua sem saída» (p. 41).

E estes «pássaros invisíveis» (memórias) que, por vezes, são «punhais», voam, em seguida, para um silêncio (terceira parte) que o Poeta não deixa de amar, mesmo «depois de ouvir um pássaro cantar / no teu peito inundado de azul» (p. 47). Um silêncio onde o Grito atinge o auge. Um silêncio que se torna «mais aceso do que o sol» (p. 53). Um silêncio poderoso, estranho, frágil, exausto, que me transportou para uma dimensão da qual não me apetecia sair.

E é com este «ruído branco» de um silêncio pungente, que eu entro na quarta parte desta gratificante caminhada, e me deparo com a beleza de «mãos em concha» que transportam o oceano «[...] cautelosamente, para não tropeçar. / a gota que perder podes ser tu» (p. 57).

Nesta quarta etapa, o Poeta vive momentos tensos de escolhas difíceis: «quem pode escolher, diz-me / se morro ou parto com as gaivotas» (p. 58). Momentos de «ruínas de mim» erguidas pelas «tuas mãos» (p. 60), momentos de «beber o teu lume, boca a boca» (p. 61), momentos de ser barco e árvore «pesada de pássaros / incendiados» (p. 63), momentos de «rumor de mar, silêncio de céu», quando «escuto o teu vestido / descendo a pele» (p. 64), momentos de «inquietação para os dedos / esses pássaros / que hesitam entre voar ou arder» (p. 66).

E o abandono chega, devagar, num beijo reduzido a uma «marca do teu batom num copo» (p. 69), num «quarto duplo para um só» (p. 70), na insónia («desde que me abandonaste, não durmo» (p. 71), no pássaro que não «regressa / ao lugar mais noturno / do teu peito» (p. 72).

E esta visceral e mágica viagem que o Autor nos leva a fazer pelos tempos de outrora e por lugares distantes, culmina com «poemas de lume» (quinta e última parte), em que a própria poesia é questionada, poesia que nos foi dada pelos deuses, apesar de eles não quererem que «fôssemos perfeitos» (p. 75).

E, com esta meta-poesia, que viaja também pela insónia, por silêncios avassaladores («o terrível silêncio de um verso» (p. 77), pelo desassossego («a poesia é um desassossego: / como ser pedra e pássaro / no mesmo céu?») (p. 79), termino este meu já longo comentário, agradecendo a João de Mancelos a beleza e a profundidade universal de *Luzes distantes, vozes perdidas*, e aceitando o desafio que sinto no último terceto desta sua obra: «desce os degraus, / poema a poema, / até ao silêncio.»

Maria João L. G. de Oliveira\*

---

\* Licenciada em Filosofia pela Universidade de Coimbra, autora premiada de obras de prosa e de poesia e crítica literária.

## *Clauder Arcanjo: tributo à mulher nordestina*

CLAUDER ARCANJO (2019). *Mulheres fantásticas*. Prefácio de Dimas Macedo e ilustrações de Raísa Christina. Mossoró-RN: Sarau das Letras Editora/Fortaleza: Edições Poetaria, 167 pp.



### I

*Mulheres fantásticas*, reunião de dezoito pequenos contos, do cronista, romancista, crítico literário e contista Clauder Arcanjo (1963), que constitui um tributo ao realismo fantástico tão presente nas histórias do Nordeste brasileiro, na definição do próprio autor, tem como figura central a mulher e suas habilidades únicas, que tanto intrigam os homens, que, muitas vezes, buscam em vão explicações para o seu comportamento. Não foi para tentar encontrar essas respostas que o Clauder Arcanjo escreveu estes contos, mas, principalmente, para realçar estes mistérios.

Para tanto, tratou de imaginá-las como elementos da natureza, objetos e até animais, como galinha, sapo, abelha, mas sem cair no tratamento chulo das palavras, ou ainda forças naturais, como ventania, maré e nuvem, ou sentimentos, como saudade, mostrando com leveza e bom humor os dramas que ocorrem no relacionamento entre homens e mulheres. Na visão do autor, os homens se mostram frágeis e incapazes de compreender a sensibilidade delas.

As histórias – ou *causos*, no linguajar popular nordestino – se dão num vilarejo, Licânia, que seria encravado no sertão do Ceará e que aqui funciona como a Yoknapatawpha, de William Faulkner (1897-1962), a Macondo, de Gabriel García Márquez (1927-2014) e a Santa Maria, de Juan Carlos Onetti (1909-1994), cidades fictícias que atuam como núcleo vital de assuntos literários ou ainda entidades míticas. *Licânia*, aliás, é o título do primeiro livro de Clauder Arcanjo, publicado em 2007, que reúne contos que já trazem essa ideia de reunir



num local mítico histórias e personagens que se movimentam num mundo picaresco, habilidade que o autor haveria de sedimentar em *Cambono* (2016), romance em que presta homenagem a esse gênero tão ibérico.

No prefácio, Dimas Macedo, professor, jurista e membro da Academia Cearense de Letras, observa que *Mulheres fantásticas* «pode ser lido como uma reunião de crônicas e memórias, quanto fragmentos daquilo que se pode fazer com a magia das mulheres e com a áurea de suas fantasias». E acrescenta que, para a Literatura, «as mulheres e seus arquétipos são fontes de inspiração que nunca se esgotam, especialmente quando concertadas por um escritor de talento, como é o caso do autor deste livro».

## II

No texto de apresentação, a poeta Kalliane Amorim ressalta a adesão de Clauder Arcanjo ao realismo fantástico, gênero que despontou na América Latina na década de 1940, mas encontrou o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, e que, no Brasil, não alcançou o mesmo impacto, embora tenha influenciado escritores importantes como José J. Veiga (1915-1999), Moacyr Scliar (1937-2011) e, especialmente, Murilo Rubião (1916-1991), cujos contos combinam uma visão realista do mundo com elementos mágicos que são inseridos em cenários cotidianos.

Diz Kalliane: «A incredulidade e o espanto do homem diante da mulher que se transforma em sapo, que acende uma cidade inteira, que é portal para as travessias da vida, ou diante do mais fantástico que é, nesses dias em que vivemos, estar diante de uma mulher que acolhe, escuta e alimenta, na certeza de que essa mulher pode ser qualquer uma de nós – eis a beleza do fantástico que emerge no trivial da vida, sob a pena de Clauder Arcanjo».

O livro foi escrito em homenagem à professora potiguar Aíla Sampaio (1965-2017). Arcanjo pretendia fazer um livro em coautoria com ela, cada um escrevendo seus contos. Ele já havia escrito o primeiro e mostrado a ela, que já estava escrevendo o segundo conto, quando veio a falecer em novembro de 2017, de câncer. Por isso, o livro é dedicado a ela *in memoriam*.

## III

Antonio Clauder Alves Arcanjo, ou apenas Clauder Arcanjo, nascido em Santana do Acaraú-CE, é graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará, Ao lado do romancista e jurista David Medeiros Leite, é um

dos fundadores da editora Sarau das Letras, de Mossoró-RN, que já lançou mais de 300 livros. Produz e apresenta na TV a cabo Telecom (Mossoró) o programa cultural *Pedagogia da Gestão*. É membro da Academia Mossoroense de Letras, da Academia Norte-rio-grandense de Letras e da Academia de Letras do Brasil. Mora em Mossoró desde 1986. Em 2017, recebeu o título de cidadão norte-rio-grandense, que lhe foi concedido pela Assembleia Legislativa.

Por alguns anos, foi cronista semanal do jornal *Gazeta do Oeste*, de Mossoró, e usou durante muito tempo o heterônimo Carlos Meireles (homenagem aos poetas Carlos Drummond e Cecília Meireles) para resenhar textos literários, colaborando em sites, revistas e jornais de várias partes do País. Atualmente coordena, no *Jornal de Fato*, o Espaço Martins de Vasconcelos e escreve para a versão online do jornal *O Mossoroense* e para revista cultural *Kukukaya*, entre outros veículos literários.

A reunião de contos, intitulada *Licânia*, contos, marca a sua estreia em livro em 2007. É autor também de *Lápis nas veias* (2009), minicontos, *Novenário de espinhos* (2011), poemas, *Uma garça no asfalto* (2014), crônicas *Pílulas para o silêncio*/Pildoras para el silencio (2014), aforismos, edição em português-espanhol, com tradução do poeta peruano Alfredo Pérez Alencart, professor da Universidade de Salamanca, Espanha, *Cambono* (2016), romance, *Separação* (2017), contos, *O Fantasma de Licânia* (2018), novela, *A província em exílio* (2019), discursos, e *Sinos/Campanas* (2019), poemas, com tradução também de Alfredo Pérez Alencart. Entre seus trabalhos inéditos, o autor tem obras nos gêneros poesia, crônica, minicontos, romance e resenhas literárias.

Em 2003, recebeu menção honrosa no Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, promovido pela Fundação José Augusto, de Natal. No ano seguinte, foi distinguido com nova menção honrosa, desta feita na categoria contos dos Prêmios Literários Cidade do Recife. Com *Pílulas para o silêncio*, ganhou o Prêmio Geir Campos, da União Brasileira dos Escritores, seção do Rio de Janeiro.

Adelto Gonçalves\*

---

\*Professor universitário, Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta, crítico literário, jornalista e escritor.



## *Caindo com Palavras para Dentro do Silêncio*

Valério Romão (2018). *Cair para dentro*. Lisboa: Abysmo, 212 pp.



Poderíamos considerar *Cair para dentro*, o mais recente romance do escritor português Valério Romão, conclusão da trilogia *paternidades falhadas*, menos forte do que os anteriores, não fosse a perfeita adequação da sua forma à proposta narrativa, mesmo com as dificuldades e problemas que daí advêm, originando um todo singular. Além disso, apesar de alguma frustração das nossas elevadas expectativas, surgidas perante o tema anunciado para este romance e após a leitura dos anteriores, não podemos deixar de apreciar a forma como o autor continua a expandir uma certa quintessência com que se apresentou à publicação, logo nas suas primeiras obras – com o estampido efusivo, mas circunscrito ao nosso pequeno meio literário, que se espera perante uma solidez que desafia o marasmo –, mostrando já um azimuth aparentemente bem medido, uma proposta mais enformada do que o habitual. Partindo da sua biografia, chegaremos a este livro através dos anteriores, parando também em apeadeiros da receção e do estilo deste autor.

Valério Romão nasceu em 1974, em Clermont-Ferrand, França, de onde se mudou para Portugal aos dez anos. Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, *mas é* informático de profissão, além de escritor e tradutor (traduziu, por exemplo, Samuel Beckett e Virginia Woolf). Além de romances e contos, escreve também peças de teatro – como *A Mala*, *Posse* e *Macha*, já levadas à cena em Portugal –, e escreve semanalmente no jornal Hoje Macau. Foi por três vezes selecionado no concurso Jovens Criadores e, em 2016, esteve entre os cinco finalistas do prémio literário Femina, com a edição francesa de *Autismo*, num lote onde

também se encontrava, curiosamente, outro português, Gonçalo M. Tavares, com *Matteo perdeu o emprego*.

Sobre a escrita de Valério Romão, enquanto o olhar vai ao osso e o estilo é por vezes duro e distanciado, algo frio, dizemos que ainda assim a escrita não é seca, sendo o seu estilo bastante palavroso, com muitos apartes, muitos símiles e metáforas, misturando amiúde registos de linguagem eruditos (principalmente vindos da filosofia) com o coloquial, indo além do que se esperaria de tal mistura numa digestão que apropria esses registos e os baralha em algo muito próprio, presente nas vozes que narram os seus textos, quase sempre numa primeira pessoa essencial à tensão que claramente se procura implementar. A escrita oferece-nos uma torrente de pequenos sobressaltos poéticos, formas outras de dizer as coisas do dia-a-dia, e aqui falamos especialmente, mas não exclusivamente, de *Cair para dentro*, onde se sente um apuro cada vez maior em não obstruir o conteúdo com a forma, embora a forma adquira aqui uma nova relevância, como veremos.

Chegados ao estilo desta escrita, não podemos deixar de o pôr em diálogo com uma certa epigonia de António Lobo Antunes, e não dizemos nada de mais ao apontar-lhe tendências antunianas, uma vez que o próprio autor o admite, por exemplo em declarações ao Público: «Ainda há Lobo Antunes em mim, felizmente agora em níveis pouco mais que homeopáticos – e não refiro isto por menosprezar a qualidade e a influência, mas por não achar salutar a ideia de estilo que ‘faz escola’» (*apud* Lucas, 2016). Concordamos com a progressiva homeopatia da aproximação, uma vez que é nos seus primeiros textos (por ordem de escrita, não de publicação) que encontramos mais proximidade, incluindo até no uso de um certo tipo de quebra de linha para falas ou apartes próxima à que Lobo Antunes usa frequentemente nas suas crónicas. Já neste *Cair para dentro* poderíamos apontar ainda um certo uso da metáfora e uma certa eloquência palavrosa, mais descoberta do que inventada por Lobo Antunes, que, em abono da verdade, foi uma aurora demasiado brilhante na literatura portuguesa para que não se encontre a sua luz vertida em muitas das outras vozes, ainda que não a reflitam, ou lhe pretendam fugir sem sucesso.

Especialmente a partir dos romances e dos contos de Valério Romão, verificam-se facilmente os dois temas centrais na sua obra até à data: a família e a doença, com predominância do primeiro. Esses assuntos «interessam-lhe por não serem muito explorados ou, segundo defende, por o serem insuficientemente[:] “Quando tanta gente está a fazer coisas em termos de literatura e teatro que são tão amenas e tão tépidas, que não se distingue a atmosfera da água, aparece uma

pessoa que faz uma coisa um bocadinho mais quente e parece que já está ferver, e isso não é verdade”» (Tomás, 2015). Seja como for, a partir destes temas o autor pode lograr o seu *modus operandi* essencial, colocando as personagens perante os seus próprios limites, numa situação de teste e provação, com consequências reveladoras não só a nível do indivíduo, mas também da própria natureza humana. Além da forma admirável como procura o risco, principalmente nos romances, que poderiam facilmente falhar noutras mãos ou circunstâncias, Romão não escreve de todo para entreter, e os seus temas difíceis são sempre abordados sem distorções sensacionalistas. Na expressão feliz de José Riço Direitinho, a sua escrita tem uma «cruza desapiedada» (Direitinho, 2013), perante as personagens e o leitor, que parece imune a concessões.

Especialmente o tema da família é uma constante nos seus contos. Entre alguns dispersos por várias revistas portuguesas (como a *Egoísta* ou a *Magma*), destaca-se *À medida que fomos recuperando a mãe*, publicado no número inaugural da *Granta Portugal*, em maio de 2013. Considerado por vários leitores um dos melhores da publicação portuguesa, misturando um certo humor negro *deadpan* com uma melancolia abnegada em contexto familiar, este conto acabou por ser também traduzido para inglês e publicado na secção *New Writing* da *Granta* inglesa *online*, não sendo incluído na edição em papel apenas por, segundo Carlos Vaz Marques, o editor da *Granta Portugal*, «não se enquadrar nos temas já previstos para os próximos números» (Coutinho, 2013). Depois disso, saíram mais dois contos de Romão na *Granta Portugal* – *Quando se pôs o meu irmão fora de casa* (n.º 3, maio 2014), que também granjeou alguma atenção, especialmente por partilhar o mesmo tom do anterior, e *Enciclopédia médica da família* (n.º 8, outubro 2016), aparentemente autobiográfico, sobre a infância do autor em França.

Depois de um primeiro volume com apenas três contos reunidos em *Facas* (ed. Companhia das Ilhas, 2013) – que José Riço Direitinho diz serem fruto de um autor ainda a «fazer a mão» para o que escreveria a seguir (o autor escreveu-os ainda antes dos dois primeiros romances, e é aqui que se sente a maior influência antuniana que referimos), embora os considere já surpreendentes (Direitinho, 2013) –, Romão reuniu alguns desses contos dispersos em *Da Família* (ed. Abysmo, 2014), a que se seguiu uma terceira coleção de contos com o título *Dez razões para aspirar a ser gato* (ed. Mariposa Azul, 2015), onde se percebe cada vez mais um *flirt* com o fantástico, quase apenas como mote, sem fazer sucumbir a narrativa aos seus modelos.

A trilogia *paternidades fallhadas* começou com *Autismo* (ed. Abysmo, 2012), com um casal em guerra a desfazer-se perante as dificuldades que têm com

o filho autista. Apesar do seu tom algo *kafkiano* de uma interminável espera por notícias no serviço de urgências de um hospital português, este livro é claramente autobiográfico, tendo o autor deveras um filho com essa doença. Além de uma edição em Itália, *Autismo* foi traduzido e publicado em França pela editora Chandeigne a partir do grafismo original, merecendo também elogios da crítica, para além da atenção do Prix Fémina, já referida. O *Le Figaro*, por exemplo, em novembro de 2016, dá a pontuação máxima a *Autisme*, que considera «une oeuvre majeure, justement retenue par les jurées du prix Femina jusqu'à leur dernier tour du scrutin cet automne, qui fait entendre la voix d'un écrivain européen qui n'a pas fini de troubler le sommeil de ses contemporains» (Lapaque, 2016).

*O da Joana* (ed. Abysmo, 2013), que merecia mais atenção concreta da crítica do que a que teve, apresenta uma narrativa intensa mas simples, sobre o drama de uma mulher que dá à luz um nado morto, passada no período de menos de 24 horas entre o trabalho de parto e o desenlace tão arrepiante quanto pungente, pouco depois do nascimento, num final inesquecível que conjuga, ampliando-as mutuamente, a abjeção e a compaixão pela protagonista. Com apenas 160 páginas, metade da extensão do episódico *Autismo*, esta segunda parte da trilogia apresenta uma tensão e uma força emocional tremenda da primeira à última página, numa situação limite onde o chamamento do presente não impede que se conheçam as personagens e as suas histórias descarnadas no essencial.

A força desse livro, que talvez pudesse ser mais bem identificado com a circunscrição da novela, encontra ecos em *Cair para dentro*, numa aparição por várias vezes reiterada de Joana – contratada a certa altura para cuidar de uma das protagonistas –, e da sua ausência definitiva, comunicada por Jorge, o seu marido, epilogando a história anterior. Além disso, também o pai de *Autismo* faz um breve *cameo*, ficando assim os cantos aparados a um possível embrulho para uma trilogia de histórias com o mesmo universo partilhado, o mais quotidiano que poderíamos conceber (aqui não há qualquer laivo fantástico de alguns contos de Romão).

Fruto de um longo processo de escrita, *Cair para dentro* – que tinha o título provisório de *Alzheimer*, segundo várias entrevistas ao autor (*apud* Tomás, 2015) – demorou quase cinco anos a vir concluir a trilogia. Segue a voz e as vidas de duas mulheres em confronto permanente: mãe, Virgínia, e filha, Eugénia, numa complexa relação de poder que virá a ser subvertida quando Virgínia adoece com Alzheimer. Virgínia é uma mãe muito exigente e controladora, praticamente uma tirana que, apenas querendo o melhor para a filha, acaba por impedir Eugénia de ser autónoma, incapaz de uma adulez

plena. Quando a doença começa a incapacitar Virgínia, a relação de cuidadora inverte-se, assim como a necessidade de uma controlar a outra, passando agora a autoridade para a filha. É então que surge uma questão essencial, que acaba por permitir até uma forma de vingança: como é que Eugénia pode tratar bem quem a maltratou durante toda a vida?

Eugénia tem alma de poeta, mas Virgínia, espírito inverso, pragmático e austero, antiga presidente de Junta de Freguesia, cerceia-a desde pequena. Eugénia acaba por estudar filosofia, embora a mãe quisesse que ela fosse para direito. Talvez a doença da mãe venha permitir uma oportunidade de libertação, embora se acabe por não se perceber se Eugénia conseguirá sair da gaiola onde foi criada, e de onde talvez não tenha meios e recursos pessoais e íntimos – principalmente estes – para dela sair.

Em *Cair para dentro*, a doença de Alzheimer é menos determinante do que o autismo era para o romance homónimo. Não tem a mesma relevância plena, mas, ainda assim, é o pano de fundo e o motor essencial da narrativa, embora a tensão surja muitas vezes apenas da relação entre mãe e filha, antes da doença. Mais para o fim, no entanto, a dissolução da memória e da personalidade de Virgínia começa a ocupar todas as páginas, e a doença influencia até a própria estrutura do livro, numa narrativa completamente estilhaçada em fragmentos, peças de um puzzle de memórias, a duas vozes, que o leitor tem de montar. O contexto vai surgindo aos poucos, à medida que os episódios aparentemente aleatórios começam a fazer sentido, e chega mesmo a haver fragmentos, especialmente na primeira metade do livro, onde se confundem as duas protagonistas, como se se mimetizasse a confusão identitária da demência. Este dispositivo torna-se, assim, bastante eficaz, podendo ser visto como o inverso da degeneração da Alzheimer – aqui começamos desamparados, confusos, e emergimos conscientes das vidas destas personagens e dos acontecimentos que antes, remoídos, eram apenas vislumbres sem contexto. Sem lucidez.

É o próprio autor que nos confirma a impressão, referindo a esse propósito o seguinte:

Pensei numa estrutura em que a composição fosse parecida à dificuldade que um doente de Alzheimer tem relativamente à memória: recupera não aquilo que quer, mas aquilo que pode. Parece haver sempre uma ambiguidade latente nas coisas recuperadas, como se estas pertencessem a outra pessoa ou a outra fase da sua vida. Não podia, obviamente, ser “alzheimeriano” tal e qual, sob pena de comprometer o sentido da narrativa. Mas tentei aproximar-me tanto quanto possível disso. (*Apud* Direitinho, 2018).



Os fragmentos vão mudando de voz, perspectiva e época (o tempo verbal é, ainda assim, sempre passado, numa rememoração constante), mas o tom e estilo de cada voz é semelhante, ou, pelo menos, não suficientemente diferente, ao contrário do que se esperaria de duas protagonistas/perspetivas/vozes distintas. No entanto, até essa aparente continuidade estilística ajuda ao puzzle, mesmo que retire alguma coerência ao dispositivo.

Esta construção permite também algum ensaísmo que nos outros romances estaria ausente. Por vezes, onde não há uma voz específica (apenas pelos temas abordados se supõe ser Eugénia a narradora, embora haja alguma polifonia tímida justificada por um ou outro fragmento completamente constituído pelo discurso, ou assim parece, de outra personagem), surgem reflexões preponderantemente filosóficas, embora também abordem, por vezes, outros temas, como por exemplo numa sequência sobre o filme (e a história sobre a morte de Nietzsche que lhe serve de mote) *O Cavalo de Turim* e a novela *A Morte de Ivan Ilitch*.

Assim, a escrita de *Cair para dentro* denota uma grande bagagem de leituras de forma mais explícita do que anteriormente, percorrendo a filosofia todo o livro de uma forma concreta, teórica, bastante nomeada, proporcionada pelo curso e profissão de Eugénia, que dá aulas no ensino superior, e alimentada, naturalmente, pela formação do próprio autor. Enquanto os outros livros eram mais focados e coesos tematicamente – especialmente *O da Joana* –, este é mais disperso, mas tal dispersão não surge forçada e, de qualquer forma, condiz mais uma vez com a forma.

Dado o carácter atribuído a Eugénia, também a poesia é presença constante e explícita no romance, que vai pedindo versos – e até um poema inteiro – a poetas contemporâneos/as portugueses/as. Poderíamos questionar o núcleo demasiado constrito de poetas, e talvez apontar alguns nomes do grupo de amizades do autor, mas os versos (e poema) escolhidos são inquestionavelmente apropriados e os/as autores/as de renome, pelo que não duvidamos das intenções do autor. Em vez disso, apreciamos a serendipidade das suas leituras, a divulgação de nomes que a merecem, e o diálogo que fica estabelecido entre a prosa e a poesia.

Nesta história cheia de desaparecimentos – como o do pai ausente (queria um filho em vez de uma filha, o que lhe justifica o abandono da família e depõe uma laje de culpa sobre mãe e filha, falhadas ambas na vontade patriarcal), o da gata Maria, e por fim de Virgínia, que desaparece para dentro de si mesmo –, as duas mulheres são uma espécie rara de anti-herói, com a coragem possível pelos limites por vezes autoimpostos. Na verdade, tal como em toda a trilogia *paternidades falhadas*, as (e os) protagonistas são pessoas normais que

falham como todas, mas que também encontram forças onde não esperavam. Como dita a condição humana, dificilmente conseguiriam antecipar a reação que teriam frente às adversidades com que se deparam, acabando por fazer coisas que não imaginavam vir a fazer.

O leitor já familiarizado com o tom por vezes frenético do texto, por vezes até aparentemente errático (mas sempre com um objetivo definido), encontrará aqui a mesma negrura nos temas e no humor que por vezes parece indispensável, mesmo nos momentos em que tal pareceria um risco, caso não estivéssemos perante um autor experiente no manejo de tais venenos.

Por fim, ficando *Cair para dentro* num extremo de fragmentação de pequenos *sprints*, fica o grande contraste com o longo mergulho em apneia de *O da Joana*, enquanto *Autismo* retira forças do equilíbrio entre estas duas intensidades, embora se perceba, em qualquer dos casos, a felicidade da forma certa para cada narrativa. Além disso, vislumbra-se em Valério Romão a argúcia de saber acabar as histórias na altura certa, o que se nota especialmente bem nos dois primeiros volumes desta trilogia, cujos finais em clímax não deixam pedra sobre pedra, exigindo assim o desmoronar do edifício, ou simplesmente o fechar de uma porta, o fim daquilo que interessava observar. Em *Cair para dentro* também não há um final feliz, nem poderia haver, e só aparentemente fica mais por contar. Entrevê-se deveras um fim, chega-se ao presente de duas vidas sem futuro, e adivinha-se a sua falência, num lento despenhar para dentro do silêncio.

## Referências bibliográficas

- COUTINHO, Isabel (2013). «Conto de Valério Romão na Granta online em inglês e adaptado ao cinema», *Jornal Público*, 06-11. URL: <https://www.publico.pt/2013/11/06/culturaipsilon/noticia/conto-de-valerio-romao-na-granta-online-em-ingles-e-sera-uma-curta-1611606>. (Acesso em 14-12-2018).
- DIREITINHO, José Riço (2013). «Fazer a mão», *Jornal Público*, 05-12. URL: <https://www.publico.pt/2013/12/05/culturaipsilon/critica/fazer-a-mao-1658614>. (Acesso em 14-12-2018).
- DIREITINHO, José Riço (2018). «Daqui a cinquenta anos falaremos da família tradicional como falamos hoje de tribos desaparecidas», Entrevista a Valério Romão, *Jornal Público*, 24-03. URL: <https://www.publico.pt/2018/03/24/culturaipsilon/noticia/valerio-romao-1807199>. (Acesso em 14-12-2018).

- LAPAQUE, Sébastien (2016). «Autisme», *Le Figaro*, 24-11. URL: <http://evene.lefigaro.fr/livres/livre/valerio-romao-autisme-4570317.php>. (Acesso em 14-12-2018).
- LUCAS, Isabel (2016). «O Antunes pega-se?», *Jornal Público*, 23-01. URL: <https://www.publico.pt/2016/01/23/culturaipsilon/noticia/o-antunes-pegase-1720707>. (Acesso em 14-12-2018).
- TOMÁS, Ana (2015). «Valério Romão. Um escritor sem liftings», *Jornal i*, 08-04. URL: <https://ionline.sapo.pt/387003>. (Acesso em 14-12-2018).

*Emanuel Madalena\**

---

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade de Aveiro e Mestre em Estudos Editoriais pela mesma instituição. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto. Investigador colaborador no Centro de Línguas Literaturas e Culturas (CLLC).

## *Daniel Blume: poesia para além do terno e da gravata*

DANIEL BLUME (2018). *Resposta ao terno*. Apresentação de Bioque Mesito e prefácio de Laura Amélia Damous. São Luís-MA: Editora Belas Artes, 202 pp.



### I

Daniel Blume (1977), advogado, jurista e procurador do Estado do Maranhão, autor de uma obra de Direito e coautor de outras duas, começa a traçar paralelamente uma carreira de sucesso como poeta, já acumulando quatro livros na área. Começou com *Inicial*, em 2009, que foi seguido por *Penal* (2015) e *Resposta ao terno*, em 2018. Mas a obra que se vai procurar analisar aqui é *Resposta ao terno*, que já foi traduzida para o italiano e para o francês e apresentada em 2019 no Salão do Livro em Genebra.

Com um estilo maduro, Blume faz, neste livro, registros poéticos sobre a vida cotidiana e a carreira jurídica, sem deixar de ressaltar a necessidade da poesia nestes tempos tão difíceis que vivemos. Como se depreende do título escolhido para a obra, o autor procura, a partir da formalidade imposta pelo uso do terno e de gravata a quem se dedica à profissão ligada ao Direito, dar respostas, em linguagem poética, aos desafios da modernidade.

Se poesia é expressão do “eu” poético por meio de metáforas, o autor «assume uma máscara de um terceiro que narra, como verdadeira, uma história que ele (escritor) sabe fingida», como observou o professor Massaud Moisés (1928-2018) em *A criação literária. Poesia* (São Paulo, Cultrix, 2003, p. 135). E assim age o poeta Blume, pois se o Fernando Pessoa-cidadão português, «correspondente-estrangeiro-em-casas-comerciais», é uma face bem diferente do «Fernando Pessoa-criador-dos-heterônimos» (p. 136), bem diverso é o Blume poeta do Blume jurista. Afinal, na poesia quem fala é um *alter ego*, ainda que

aqui e ali se possa relacionar alguma referência com a atividade profissional do poeta.

Portanto, como ensinava Massaud, podemos inferir que, na medida em que o poeta se distingue do cidadão, a voz dos poemas equivale à do poeta (p. 137), mas não se pode deixar de concluir também que o poeta faz seus versos a partir das vivências da pessoa física que o carrega, ou seja, daquilo que viu ou vê no dia a dia de suas atividades profissionais ou não. É o que se vê, por exemplo, no poema «O miserável»:

Falo de um verme  
a se esgueirar bem debaixo  
de sua timidez.  
Falo do gago fraco  
a celebrar o mal  
dos conchavos e traições  
que lhe aprazem.  
Falo do dono  
dos olhos miúdos  
intranquilos, fugidios  
dos covardes.  
Falo do rato magro  
de pelos ralos  
meio ruivos mal pintados.  
Falo do tal corvo, parvo, zote, biltre e néscio: o Comendador Pitanga.  
O dono da suja essência  
que escorre em sua própria aparência  
sem vergonha da repugnância.  
De terno e gravata, medalha no peito, livros não lidos nas mãos,  
jamais se viu alguém tão vil.  
Pior é que esse pachola  
medíocre maledicente salafrário, após suas maldades de praxe, para  
às 19 horas  
para uma sopa, pois diz cultivar  
uma vida leve.

## II

Como bem observa o poeta Bioque Mesito na apresentação que escreveu para este livro, o autor também não deixa de praticar o pastiche que, como se sabe, é a arte de se imitar abertamente o estilo de outros escritores, pintores ou músicos, o que, na poesia, pode ser visto como uma espécie de colagem de outros textos, sem procurar satirizar ou menosprezar o estilo imitado. Pelo contrário, antes a colagem pode assumir-se como uma homenagem a personagens consagrados na história da Literatura, a partir do momento em que se torna eco de outros autores. É o que se pode ver no poema «Capitu», que, obviamente, remete à famosa personagem de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis (1839-1908):

[...] Desejo nadar de peito,  
no leito, das tuas perigosas  
e quentes águas amazônicas.  
Pretendo a poesia dos teus tons e sons,  
nem penso em pagar ou apagar,  
mas apenas num lugar,  
naquele oceano que não é mar  
dos teus olhos de Capitu.  
Busco então o abismo  
da tua alma resiliente,  
onde me abismo, esqueço  
e mergulho.

Já no poema «Úrsula», Blume procura homenagear a maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerada a primeira romancista negra brasileira, autora de *Úrsula* (1859), seu primeiro romance. Musicista, compositora e professora de primeiras letras, Maria Firmina constitui hoje um ícone da luta pela libertação feminina, pois, em toda a sua vida, sempre defendeu não só a causa abolicionista como o direito das meninas de aprender a ler e escrever tal como os meninos. Eis o que diz o poema de Blume:

Descendente ainda cativa,  
ludovicense libertária  
daquele brasileiro assunto  
necessário  
aqui mitigado.  
Do negro ao branco,  
Maria inovadora firmou  
a dor interna  
decorrente daquela  
imposta odiosa  
diáspora africana.  
Firmina fundadora  
do texto  
aboli dor  
do sujo porão  
dos navios.  
Ao escrever  
da africana subcondição,  
clamou solidariedade  
dos Reis.  
Ao revelar racismo, evidenciou igualdade  
Maria Firmina dos Reis.  
Primeira voz em tinta  
da trama do drama  
chamado  
escravidão.

No prefácio Laura Amélia Damous, poeta e membro da Academia Maranhense de Letras, também destaca a sensibilidade do autor e seu estilo «forte, vigoroso e lúcido», além de sua capacidade de dar respostas em linguagem poética, que «cumprem a sua finalidade que é a de causar emoção». Veja-se alguns exemplos: «A vida é uma cópia / de um poema onde tudo / nada.» («Resposta ao Tempo»); «Não se atreva a mitigar / sua grandeza / sob pena de, / além de ódio, / exhibir argumentos / filosóficos históricos matemáticos / acerca da verdadeira verdade» («Resposta à Política»).

Como se percebe, este livro já mostra um poeta com amplo domínio da linguagem, que pensa por imagens, e que, portanto, está maduro em seu ofício. Por isso, o leitor só terá a ganhar ao conhecer esta e outras obras deste poeta.

### III

Titular da cadeira n.º 15 da Academia Ludovicense de Letras, cujo patrono é o parnasiano Raimundo Correia (1859-1911), Daniel Blume, nascido em São Luís, filho da poeta e escritora Sônia Almeida, é também cronista, com muitas colaborações publicadas em revistas, jornais, coletâneas e antologias.

Ex-juiz eleitoral, é membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) e conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) pela seccional do Maranhão. É professor da Escola Superior de Advocacia da OAB no Maranhão. Em 2018, recebeu a medalha do mérito judiciário Antônio Rodrigues Vellozo do Tribunal de Justiça do Maranhão e o título de cidadão honorário do município do Rio de Janeiro pela trajetória produtiva multidisciplinar.

Na área jurídica, é autor do livro *Natureza jurídica das decisões dos Tribunais de Contas* (2003) e coautor de *Aspectos polêmicos do Direito Constitucional Luso-Brasileiro* e de *Aspectos polêmicos do Direito Penal Luso-Brasileiro*.

*Adelto Gonçalves\**

---

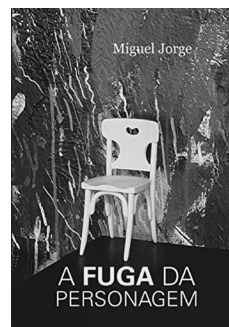
\* Professor universitário, Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta, crítico literário, jornalista e escritor.





## *Miguel Jorge: contos eróticos e bem escritos*

MIGUEL JORGE (2016). *A Fuga da Personagem*. Contos. Prefácio de Ricardo Viveiros e texto de apresentação de Ronaldo Cagiano. Goiânia: Editora da UFG, 260 pp.



### I

Publicar mais de 40 livros não é para qualquer um. Ainda mais com qualidade. É o caso do escritor Miguel Jorge (1933), mato-grossense de origem libanesa criado e vivido em Goiás, que, em 2016, publicou *A fuga da personagem*, a 40.<sup>a</sup> obra de uma carreira que inclui vários romances, livros de poesia e contos, peças de teatro e roteiros para cinema. O livro reúne 13 contos, mas é possível dizer que traz doze contos e uma novela policial, que seria o último texto da obra, «Crime imperfeito: Dora».

Primeira experiência do autor nessa área, o texto, com 39 páginas, foge um pouco ao tamanho normal de um conto, mas ainda estaria longe de constituir uma novela, que, segundo estudiosos, deve conter de cem a duzentas páginas ou mais de vinte mil palavras, «a meio caminho entre o romance e o conto», como se lê no *Dicionário de Termos Literários* (São Paulo, Cultrix, 2004), de Massaud Moisés (1928-2018). Aliás, este professor não concordava com essa definição simplista, baseada no critério quantitativo, definindo-a como um «equívoco metodológico».

Seja como for, o texto de Miguel Jorge está mais para novela do que para conto ou romance por muitas razões que não valeria a pena aqui citar, até porque Massaud Moisés gastou nada menos que sete páginas (pp. 320-326) para procurar definir esse vocábulo que até hoje é passível de discussões tanto na literatura espanhola como na francesa, na inglesa, na alemã ou na italiana.

Obviamente, parece claro que o melhor do livro é mesmo este conto ou novela que o encerra, embora os demais textos tenham também o mesmo tom experimental que caracteriza a obra de Miguel Jorge, de que são bons exemplos *Veias e vinhos* (São Paulo, Ática, 1982), romance-reportagem, talvez o seu livro mais conhecido e louvado, e *Avarmas* (São Paulo, Ática, 1978), que reúne contos que seguem nas pegadas do escritor irlandês James Joyce (1882-1941).

## II

Em «Crime imperfeito: Dora», através dos interrogatórios feitos por um delegado com vários suspeitos do assassinato de uma «dama da sociedade», de nome Doralice, mulher que seria «bonita, elegante, dessas que até os cegos querem», conforme depoimento de um dos interrogados, fica-se sabendo de pormenores de quem vivia uma vida dissoluta, que compartilhava a casa com um sobrinho, de quem também seria amante, mas entregava-se a vários amores furtivos. Como numa boa novela policial, o segredo só é revelado nas últimas linhas e a conclusão é bastante surpreendente.

Tal como esse conto que seria mais uma novela, os demais também envolvem histórias sobre o gênero erótico, alguns, inclusive, passando dos limites aceitáveis, como o do caminhoneiro que procura desnudar e transar com as três filhas menores de idade. O conto, porém, não deixa claro se o caminhoneiro chega a vias de fato, o que poderia lhe causar alguns anos de xilindró, se viesse a ser denunciado.

Quase todos os contos, que, diga-se de passagem, são bem escritos, envolvem taras ou desvios sexuais, como o daquele homem que se confessa tarado por pés de mulheres, mas que, igualmente, nunca se sabe se consegue de algum modo ir até o fim em sua procura. Já no conto «Perigosos afetos», a personagem Hélida, noiva da Márcio, embora apaixonada pelo prometido, sonha também com Marcos, seu cunhado e irmão gêmeo do futuro marido.

No conto que dá título à obra, a história surrealista que se lê é a de Maria Paula, personagem que sai do livro e rebela-se contra o seu criador, o escritor, negando-se a retornar às páginas de onde saíra. Ao final do conto, entre parênteses, há uma observação do escritor-personagem que serve também para resumir o tratamento dado pelo próprio autor a sua escritura, enfim, uma definição ou um resumo do seu ofício: Eis o texto:

Meus personagens surgem da luz, não das sombras, que envolvem as noites. Dou-lhes forma, personalidade, vida. Frutos de mim mesmo. Da repartição de vários nomes, vários lugares, novas máscaras. Mesmo que em sonhos, me faço

neles, me guardo neles, talvez, como se fosse eles. Para isso, se espera um mundo de horas, a eternidade passada em segundos. Os gestos humildes, obscenos, brutais, são jogos duros da terra que criei com seus tortuosos caminhos).

Não pense o leitor, porém, que irá encontrar nestes contos enredos próprios de livros baratos que exploram a pornografia. Pelo contrário. Como bem observa o escritor Ronaldo Cagiano no texto de apresentação que escreveu para esta obra, «na construção dessas narrativas finamente elaboradas, o sexo e suas paixões são abordados com sutileza estilística e fluxo poético e na sua peculiar intensidade aflora o império dos sentimentos».

### III

Nascido em Campo Grande-MS, Miguel Jorge mudou-se ainda menino, com seus pais comerciantes, para Inhumas-GO, onde fez o curso primário. Depois, cursou o ginásio em Goiânia e concluiu o científico em Belo Horizonte. Formou-se em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Direito e Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás (UCG). Foi professor de Farmacotécnica e de Literatura Brasileira na UCG. Foi presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), seção de Goiás, e dirigiu o Conselho Estadual de Cultura. É membro da Academia Goiana de Letras.

Estreou com *Antes do túnel*, contos (Goiânia, UFG, 1967). É autor ainda de *Asas de moleque* (São Paulo, FTD, 1989); *Profugus*, poesia (São Paulo, Ática, 1990); *Nos ombros do cão*, romance (São Paulo, Siciliano, 1991); *A descida da rampa*, contos (São Paulo, Estação Liberdade, 1993); *Ana Pedro*, novela infanto-juvenil (São Paulo, Cartago Forte, 1994. São Paulo, Mercuryo Jovem, 2002); *Pão cozido debaixo de brasa*, romance (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1997); *Calada nudez*, poesia (Goiânia, Ver Curiosidades, 1998); *As horas dos bichos: poemas para crianças* (Goiânia, Kelps, 2000); *Lacraus*, contos (São Paulo, Ateliê, 2004); *O Deus da hora e da noite*, romance (Goiânia, Kelps, 2008); *As confissões da senhora Lydia*, teatro (Goiânia, Kelps, 2010); *De ouro em ouro* (Casa Brasil de Cultura, 2010); e *Minha querida Beirute* (Goiânia, Kelps, 2012), entre outros.

Entre os prêmios que conquistou estão o ABCA para o romance *Veias e vinhos*; Machado de Assis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro para o romance *Pão cozido debaixo de brasa*; Prêmio de Poesia Hugo de Carvalho Ramos da UBE-GO para *Calada nudez*; e Prêmio Centro-Oeste da Funarte para *Matilda*, teatro, entre outros. Escreveu com o diretor João Batista de

Andrade o roteiro para o longa-metragem *Veias e vinhos*, baseado em seu romance, filmado em São Paulo, em 2004. Seus textos sobre artes visuais estão inseridos, na grande maioria, no livro *Da caverna ao museu: dicionário das artes plásticas em Goiás*, de Amaury Menezes, editado pela Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, de Goiânia.

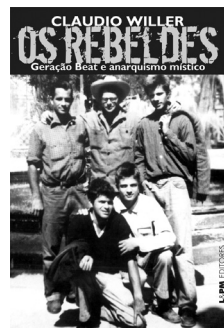
*Adelto Gonçalves\**

---

\* Professor universitário, Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta, crítico literário, jornalista e escritor.

## *Jack Kerouac e o anarquismo místico*

CLAUDIO WILLER (2014). *Rebeldes: Geração Beat e Anarquismo Místico*. Porto Alegre: L&PM Editores, 200 pp.



### I

O poeta, ensaísta, crítico e tradutor Claudio Willer (1940), reconhecidamente o mais importante estudioso brasileiro da literatura beat e um dos mais finos representantes da atual geração de poetas, lançou em 2019 *Dias Ácidos, Noites Lisérgicas* (São Paulo, Editora Córrego), coletânea de crônicas, mas o que traz este articulista até aqui é o seu livro *Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico* (Porto Alegre, Editora L&PM, 2014), uma história imperdível e definidora do que foi a contracultura no século XX. E que é de uma profundidade que nem mesmo os críticos e ensaístas americanos alcançaram, embora não tenham sido poucos os daquele país que examinaram a religiosidade e misticismo no âmbito da geração beat.

Escrita em português apurado e em estilo leve, de quem dedicou toda a vida a atividades culturais e chegou a pós-doutor já com os cabelos encanecidos, esta obra não só conta a história de cada um dos principais representantes daquele movimento como mergulha nas experiências artísticas de seus personagens para desvendar as influências que marcaram esse movimento que se iniciou a partir de 1943/1944.

Detém-se, porém, especialmente sobre a obra de Jack Kerouac (1922-1969), escritor de ascendência franco-canadense, autor de *On the Road* (1957), obra considerada a bíblia do movimento hippie, sem deixar de focalizar suas afinidades e relações com outros expoentes do movimento, como William Burroughs (1914-1997), Allen Ginsberg (1926-1997), Gregory Corso (1930-

-2001), Michael McClure (1932-2020), Diana Di Prima (1934), Gary Snyder (1930) e Lawrence Ferlinghetti (1919).

Definida a filosofia da geração como produto de um anarquismo místico, Willer procura recuperar a história de Jack Kerouac, que seria o porta-voz daquele movimento, “um rebelde que nunca pactuou com a exploração e a injustiça”, além de ter sempre abominado todo tipo de elite e autoridade. Mas adverte que a cosmovisão tradicionalista de Kerouac se traduz em reverência diante dos vagabundos errantes, e de índios, negros e integrantes de culturas arcaicas, como os esquimós, aos quais visitou na Groenlândia em sua primeira viagem de navio.

Segundo Willer, qualquer um desses marginais com relação à civilização ocidental equivalia, para Kerouac, aos felás ou *fellahéen* do alemão Oswald Spengler (1880-1936), mas com uma exceção: a visão que este filósofo tinha das culturas arcaicas seria elitista, pois dotada de um profundo desprezo pelas “massas”, enquanto a do escritor americano reverenciava a plebe, ou seja, aqueles que pertencem à base da pirâmide social.

Firmado em extensa base teórica, Willer, familiarizado com a geração beat há décadas, pôde dedicar-se a estudar a obra de Jack Kerouac, que ocupa a maior parte deste ensaio. Tanto que, na bibliografia, constam 25 livros de Kerouac publicados em inglês ou em português, além de uma entrevista dada para a *Paris Review* nº 41, em 1968, que está na Internet. Ao mesmo tempo, o ensaísta analisa a pluralidade religiosa, política e literária que uniu os autores ligados ao movimento, observando que, pela primeira vez, aquela rebelião artística não teria sido comandada por burgueses dissidentes ou aristocratas excêntricos, mas por proletários e *lumpens*, ou seja, mendigos, marginais, subempregados, artistas boêmios e outros representantes do estrato inferior da sociedade.

## II

Como mostra Willer, embora não possa ser considerado um movimento religioso, a geração beat foi influenciada pelo budismo, hinduísmo, taoísmo e outras correntes, pois fundamentada em poetas que se relacionaram com tradições místicas, esotéricas e ocultistas, em especial o inglês William Blake (1757-1827), o francês Arthur Rimbaud (1854-1891) e o irlandês William Butler Yeats (1865-1939). Outra influência veio do anarquismo como contraponto aos dois blocos que sustentavam a Guerra Fria (1947-1991), o monoteísmo institucional e o materialismo ortodoxo, ou seja, o capitalismo representado pelos Estados Unidos e o comunismo pela União Soviética.

Esse anarquismo, porém, pouco tinha a ver com aquele que teve forte influência na Espanha, até a chegada do general Francisco Franco (1892-1975) ao poder em 1936, e que propunha uma sociedade de liberdades individuais, sem autoridade ou poder estatal, baseada na ajuda mútua e voluntária. Para Willer, o anarquismo beat seria uma terceira via, “aquela da religião pessoal, do sincretismo, pluralismo e heterodoxia; da liberdade, inclusive no modo de relacionar-se com a esfera transcendental ou com camadas mais profundas do próprio ser”.

Como lembra o autor em nota introdutória, este denso ensaio foi preparado durante seu pós-doutoramento em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sobre o tema “Religiões estranhas, misticismo e poesia”, concluído em 2011. Em 2008, já havia obtido o título de doutor em Letras na mesma instituição, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese “*Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*”, publicada pelas Editora Civilização Brasileira em 2010. Aproveitando sua passagem pela USP, como professor convidado, deu curso de pós-graduação sobre surrealismo e outro de extensão cultural sobre a geração beat.

### III

Nascido em São Paulo, Claudio Willer é graduado em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1963, e em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), em 1966. Entre os seus livros estão também *Geração Beat* (Porto Alegre, L&PM, 2009), *Estranhas experiências: poesia* (São Paulo, Lamparina, 2004, Buenos Aires, Nulu Bonsai Editora, 2018, tradução de Thiago Souza Pimentel), *Volta: narrativa* (São Paulo, Iluminuras, 2004), *A verdadeira história do século XX, poesia* (Lisboa, Apenas Livros, 2015, São Paulo, Córrego, 2016), *Anotações para um apocalipse* (São Paulo, Massao Ono, 1964), *Dias circulares* (São Paulo, Massao Ono, 1976), e *Jardins da provocação* (São Paulo, Massao Ono/Roswitha Kempf, 1981).

Publicou ainda a coletânea *Escritos de Antonin Artaud*. Traduziu: *Os cantos de Maldoror, poesias e cartas, de Lautrémont* (São Paulo, Iluminuras, 2008) e *Uivo e outros poemas, de Allen Ginsberg* (L&PM, 2010). Teve publicados também *Poemas para ler em voz alta* (Costa Rica, Andrômeda, 2007), tradução de Eva Schnel, *Manifestos, 1964-2010* (São Paulo, Azougue, 2013) e ensaios na coletânea *Surrealismo* (São Paulo, Perspectiva, 2008).



Seus trabalhos estão incluídos em antologias e coletâneas, no Brasil e em outros países, que fazem parte de uma bibliografia crítica formada por ensaios em revistas literárias, resenhas e reportagens na imprensa. Está citado em obras de história da literatura brasileira, como as de Afrânio Coutinho (1911-2000), Alfredo Bosi (1936), Carlos Nejar (1939), José Paulo Paes (1926-1998) e Luciana Stegagno Picchio (1920-2008). Ao lado de Sergio Lima (1939) e Roberto Piva (1937-2010), foi um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês *La Brèche-Action Surrealiste*, dirigido por André Breton (1896-1966), em fevereiro de 1965.

Ocupou cargos públicos em administração cultural e presidiu por vários mandatos a União Brasileira de Escritores (UBE). Foi coordenador da Formação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo de 1993 a 2001. Coeditou, com Floriano Martins, a revista eletrônica *Agulha*, de 1999 a 2009. Tem dado cursos e palestras e coordena oficinas literárias em universidades, casas de cultura e outras instituições. Mais informações podem ser obtidas em <http://claudiowiller.wordpress.com/>

*Adelto Gonçalves\**

---

\* Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e crítico literário.

# ■ ■ Apontamentos Literários



## Poemas Primos e de Pi

### 1.

Pois eu sei. Sempre soube. Ninguém quer acreditar, mas eu sei que vais partir, água da minha sede, pão da minha fome, candeia que me sustém e me alumia. Eu te invoco e te agradeço, antes de partires, e te choro já, antes que me esqueça, antes que não possa, antes que te perca, antes que pereça. Só muito no fim descobri que eras a poesia, e que o pastor de cabras, de ovelhas e de bois era o poeta. Mas era tarde e já é noite. Quando isso aconteceu, ajoelhei e rezei. De alegria eram, de tristeza e de remorso, as lágrimas que verti sobre o teu altar sagrado. Afinal, eu podia ter escrito os impossíveis poemas primos e de pi, que ninguém nunca, e infinitos. Voltarei ao monte. Habitarei a noite. Voltarei a ser o pastor de poemas e rebanhos, e vou gravar a fogo os poemas adiados.

### 2.

Não fizeste o milagre de tirar-me as pedras do caminho, nem das rosas os espinhos. E fizeste bem, porque foi aí e nelas que te pressenti, sem saber quem eras, e te persegui. As pedras e as rosas não eram bem pedras nem eram bem rosas. Eram espelhos. Quando olhava para elas, via montes assombrados nelas, campos lavrados de tesouros reluzentes enterrados penedos de mouras encantadas, rios serpeando entre o arvoredor, enamoradas vozes de animais a falar, e anjos a tanger os sinos do universo. Era, poesia, a tua face divina que eu via à janela espelhado de tudo o que é bom e nobre e belo. E eu, aprendiz apaixonado, construí catedrais, cheias de vitrais, em que te guardei, presa num sacrário. Esqueci-me do tempo. Quando acordei, estavas triste e desmaiada e o gado abandonado.

### 3.

Agora eu sei que foste tu que me levaste a conhecer todos os pássaros, seduzido pelo bico triunfante da sua harmonia em canto, pelas penas do voo colorido, em movimento, e pelos ninhos, onde em cada ovo dormia um

universo. Foste tu que me levaste a entrar nas minas, de gatinhas, à procura das pedras mais lindas, e das intocadas mais antigas, para ver das águas a ideia, como era, antes da nascente. Foste tu que acendeste o fogo negro das nuvens gigantescas e das batalhas de fantasmas, fulminadas por mil raios, que retorciam árvores que chiavam, e as rachavam, da cabeça até aos pés, e as arrancavam. E foste tu, pela voz maga de meu pai, que me ensinaste a meter-me no meio dos bois protectores, pastores de rapazes, que afastavam os medos de sombras e de tempestades.

#### 4.

Não, não foste tu que naquele dia de chuva intensa, e batida a vento, mandaste entrar, surpreendente, pela escola dentro, sem bater à porta, o homem grande, vestido todo de preto, embrulhado num oleado preto, todo apertado, capuz preto, tapando a cabeça toda, como ave vendada, e donde só uma voz sem rosto sai a romper o pasmo quente. Mas foste tu que me levantaste e me fizeste subir primeiro para o banco da carteira e depois para o próprio tampo dela, quando Kondor, o homem de preto, hierática ave gigantesca, aprumada e preta, avatar do sol, perguntou se algum menino queria ir estudar. Foste tu sempre, poesia, e eu não o sabia. Pensava que estavas presa nos versos dos poetas, e não te via viva, aparição possessa e criativa, a arfar-me no peito, na sede dum abraço a sério.

#### 5.

Desde que te vi, admirei-te, medi-te e namorei-te. Desnudei, um a um, devagarinho, os encantos que guardavas no escaninho dos segredos. Amei-te. Morei em ti, e tu em mim, de corpo e alma. Éramos um, sendo os dois. Levava-se sempre, pela mão, consigo, cada um, quando saía. Sempre te senti dentro de mim, na brisa do pensamento, no coração, na raiz do sangue. Eras a Poesia. Não a escorrida em linha, desenhada em verso, mas a toda inteira, a fugidia, a verdadeira. Ouvi-te sempre, na voz remanescente das árvores e dos deuses e dos animais. Eras tão linda, quando ias a passar. Compor os sons das tuas cores, pareceu-me aquém prender-te numa pauta. Adiei-te.. Mas a minha obrigação era além escrever-te sempre e libertar-te para além do nunca antes. Voltarei.

#### 6.

E assim andei a minha vida inteira, e tu comigo sempre, em todos os actos, em toda a reflexão, e em todo o lado, em tudo o que é sincero, que é divino e

que é humano, e por toda a parte, em tudo o que é bom e que é honesto e que é belo. Trabalhei como um danado o tempo todo, para amar-te mais, porque amar-te mais era amar mais tudo o que mais amo. E eu só sei amar o que é completamente. E tive o tempo todo para amar-te, louvar-te, e engrandecer-te. E dei-te tudo. Mas nunca me passou pela cabeça que podia fazer amor contigo, que devia fazer amor contigo, como um possesso, que devia engravidar-te, sucessivamente, e sem sossego, de poemas nunca antes vistos, nunca antes escritos, nunca antes ditos, os mais sagrados que, sendo humanos, são divinos.

## 7.

Pois eu sei. Sempre soube. Ninguém quer acreditar, mas eu sei que vais partir, água da minha sede, pão da minha fome, candeia que me sustém e me alumia. Eu te invoco e agradeço, antes de partires, e te choro já, antes que me esqueça, antes que não possa, antes que te perca, antes que pereça. Só muito no fim descobri que eras a poesia, e que o pastor de cabras, de ovelhas e de bois era o poeta. Mas era tarde e já é noite. Quando isso aconteceu, ajoelhei e rezei. De alegria eram, de tristeza e de remorso, as lágrimas que verti sobre o teu altar sagrado. Afinal, eu podia ter escrito os impossíveis poemas primos e de pi, que ninguém nunca, e infinitos. Voltarei ao monte. Habitarei a noite. Voltarei a ser o pastor de poemas e rebanhos, e vou gravar a fogo os poemas adiados.

### NOTA BIOGRÁFICA

Escritor, poeta e crítico literário, António Manuel Rodrigues da Mota é natural de Portela das Cabras, Vila Verde, Braga. Completou o ensino secundário nos Estados Unidos da América, como bolseiro do American Field Service. Coursou Direito na Universidade de Coimbra, mas interrompeu devido à mobilização militar. É licenciado em Ensino de Português/Inglês pela Universidade do Minho. Posteriormente, frequentou o Mestrado em Literatura Portuguesa, dedicando-se ao estudo da intertextualidade entre Camões e Jorge de Sena. É autor de diversos trabalhos literários dispersos por mais de uma dezena de colectâneas e de revistas da especialidade.



## I – A FLAUTA DE HAMELIN

O Outono menoriza-te os braços e as pernas?  
Progride como uma bandeira sem vigor,  
manchando a vizinhança do abismo?  
Torna-te disforme sem razão, risca  
com as unhas a janela e lá ficam  
traços de cor vermelha-escura? O Outono  
dá-te a chave da pequena escuridão?  
Fornece-te a casa de coisas tão antigas  
que te perguntas como é isso possível,  
essa des-ressurreição de cada dia, a  
floresta que afinal é a teia da cidade  
a desfazer-se em manchas sem vigor ?  
E o tempo, essa viagem à volta  
de cada grão de areia? E o perfume  
do doce suicídio da matéria? E o caminho  
onde a cada passo nos sumimos  
atrás do Sol, que toca uma flauta mágica  
a que ninguém consegue resistir?

## II – NO INVERNO

No inverno, quando a terra é doutra geração  
e fica mais infantil, dou por mim a visitar  
móveis e perfumes velhos que ficam  
nos rasgões de tule. Dou por mim  
encarquilhada numa tarde cor de opala,



a ouvir a chuva com uma desrazoável  
esperança imaginada. E é um bom delírio,  
um delírio manso, o do antigo inverno,  
onde o escuro não entra, nunca entrava,  
e todos os monstros tinham o seu lugar –  
lá fora.

### III – TEMPO DE NATAL

A chuva de hoje é benévola, mas divide  
o horizonte em pedaços de memória;  
o burel da alma, o musgo arrancado  
a velhas pedras e depois afofando  
o barro do presépio, e o frio que não era  
frio mas o lugar exato de um caminho.  
Os dentes e os olhos e a língua e o palato  
confusos no dourado, na imensa canela  
da espiral, e a leveza ávida dos anos  
onde ainda não havia nenhuma nódoa  
de memória.

### IV – O INSTANTE DE ANO NOVO

O novo ano não nasce, vem das profundas  
da História como um cão de trela posta  
que quer sair de casa. O novo ano não nasce,  
aparece na varanda e faz-nos estremecer  
como se fosse real. Das costas  
saem nuvens esfarrapadas e a cara  
é um enorme vazio com trezentos e sessenta  
e cinco olhos impassíveis. Mas ao som da meia-noite,  
daqueles ponteiros colados um ao outro,  
há um instante, só um: o da alegre guilhotina  
a decepar o tempo. É mesmo só um segundo,  
brilhante, frágil e naif. Perfeito para a esperança.

## V – LE PRINTEMPS

Há dias de primavera que se escondem  
na chuva; outros emergem de repente,  
com braços esbraseados que se abrem  
para nós. Ficamos de posse  
de pequenas ilhas, de cantos da casa  
iluminados, de destino puro. Eu gosto  
tanto destas redações.

## VI – VERÃO

Julho, e o céu encaracola  
o sorriso da casa. No calor,  
crescem as árvores emprestadas pelos livros.  
O que se faz em julho,  
para além de respirar a  
dobra do mundo, que lentamente  
quebra?

## FELINOGRAFIA

### I – O MEU REINO POR UM GATO

Dêem-me um gato para eu pôr no subterrâneo  
das coisas muito belas. Um gato destigrado,  
poluído pelo excesso de um amor  
que poucos vêem. Um gato onde eu encontre  
os estranhos segredos das montanhas  
e do escuro certíssimo das casas. Um gato  
corado pelo silêncio do sol, cheio  
de uma grandeza que pouco espaço ocupa.  
Dêem-me um gato herói das horas livres,  
com uma modorra que é a grande pequena solidão.  
Dêem-me um gato que me saiba verdadeira,  
porque a ponta do nariz tocou na minha mão.  
Um gato alheio a todos os minutos, alheio até  
ao grato tiquetaque do meu peito. Quero um gato  
bem gato, longínquo animal no paraíso, para que  
eu o adore todos os dias, durante anos,  
como a uma estranha criatura  
que se não conhece e se começa a amar.

### II – ATELIER DE PINTURA

Os gatos desenhados nunca mentem.  
Têm todas as linhas do futuro, mas nunca  
as do passado – há algo nos gatos  
que convence o tempo a ser eterno.

Quem desenhou os gatos? Foi quem inventou  
aquilo que paira sobre os corvos  
e os atira para outra dimensão.

Foi quem pintou o mar e o ali deixou  
deitado, opaco e sem sentido. Ou  
quem construiu a primeira árvore complicada.

Foi quem viu que os gatos desenhados  
ressuscitam sempre que o olhar  
os fixa durante um certo tempo:

brotam no volume que é o seu,  
passam da noite à luz como poetas  
e dão-nos o sábado das coisas.

## MISTÉRIOS DO QUOTIDIANO

### I – O PEIXE

Acordo todos os dias  
a um metro de profundidade.

Como acontece a qualquer peixe,  
distráí-me  
e troquei a vida por um aquário.

### II – ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Vivo num reino sem messias, desenhado  
por grandes massas de ar e nevoeiro.

Com o nó dos dedos bato na janela  
à espera do milagre.

## TROPEÇANDO EM TANATOS

### I – O EMBEIÇADO

Que coisas inteligentes se podem extrair  
de um simples beijo: a península carnuda  
de um lábio emoldura uns quantos infinitos.  
É assim o amor: o grande embeijamento  
devolve-nos o mundo enquanto cresce  
a baba da volúpia. É assim a árvore da paixão:  
o debrum sábio da boca transforma-se em beijoleta,  
num grande submarino palpitante, no monstro  
de Loch Ness pronto a emergir do coração.  
Em cima, o beijo incha ácido, fremente, cognitivo;  
em baixo, cai no precipício da bem aventurança,  
na nitroglicerina azul e enervada de um preto  
formigueiro. Vendo bem, poderia aquecer-se  
uma cidade com os ais dos embeijados,  
com este fogo paralítico dos beijos, com  
a dissimulação; e até alimentá-la o ano inteiro  
com o desejo que se mascara na boca,  
essa lesma rubra, gigante e assustada,  
sempre pronta a gritar.

### II – OFÉLIA DEBAIXO DE ÁGUA

Mesmo que a tua boca nada diga  
sou obrigada a perguntar-te  
porque amaste assim, de tal maneira  
que a morte te esperou constantemente,  
com aquela paciência de quem sabe;  
e provocou farrapos de veneno ou  
cordas de enforcado, e finalmente  
esses rolhos de algas que te enleiam  
os olhos e a boca, pouco a pouco.  
Não sabias que o roxo cinzento te esperava?  
Que os corações acabam, como os corpos

ou a fala de quem ama e de quem ouve?  
Apetece-me abanar-te nessa água  
e ver-te arrastada na torrente,  
um ridículo cadáver confinado  
à sua eternidade, com palavras  
de amor a gotejar pela garganta,  
os ouvidos cheios de gigantes  
e as mãos mergulhadas na memória. Vai,  
vai conhecer outros países, para além  
da dinamarca, lugar onde se passam  
coisas monstruosas. Verás que é sempre  
dinamarca, todas as estações do ano  
e em todos os lugares do mundo. A tua morte  
apenas confirma a geografia.

### III – CADA UM CONHECE A SUA MORTE

Cada um conhece a sua morte.  
Cada um a guarda no coração cobarde  
como a única certeza, um ataque  
que começa a enrolar-se à nossa volta  
a certa altura, a comédia dos belos absurdos  
de cada funeral. Nem falo das perdas,  
mas do suor da nossa morte fininha na gaveta,  
de olhar o corpo calçado – para que viagem  
vamos nós? –, do fato e da gravata,  
- que frio nos lamenta?-, tudo coisas  
teatrais, porque o que importa  
é o dia que nos apaga, aquele precipício  
de não haver ninguém  
no nosso bilhete de identidade,  
e ficar o plástico a brilhar ao sol, enquanto  
nós inexistimos na nossa inexistência.

#### IV – A ESPIRAL

Persigo ao de leve uma espiral  
como todos os que vivem no universo.  
Não sei se caminho para o centro, esmagada  
por aqueles que existem neste mundo,  
ou se me perco na borda, tão perdida  
como todos os que habitam o país.  
Sinto o movimento iridiscente,  
porque alguma luz tem de existir  
para aqueles que moram na cidade.  
E procuro o quê, e o como, e o não sei  
como todos os que passeiam no parque.  
E rodopio no ar, afundo-me no céu  
e olho a chuva que cai, como todos  
os mortos desta casa.

#### V – AS HORAS

As horas sobem a escada sem ruído,  
carregam o dia de castanhos, de horas mortas,  
da substância raivosa da memória.  
As horas sobem e descem sem barulho,  
maceram os que morrem devagar, os que  
ponderam. Levam e trazem a morte como um círio  
sem razão, um estranho disparate  
do abismo. Mas quem tingiu as horas? Quem  
construiu este tempo, que torce o relógio  
do olhar?



## NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953. Licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatria. Desde 1987 que tem vindo a publicar regularmente prosa e poesia. Entre as suas obras mais conhecidas contam-se: *Universal, Limitada* (contos, 1987 – prémio Caminho de Ficção Científica e prémio Revelação da revista *Mulheres*); *A Árvore das Marionetas* (romance, 1989); *A Casa em Espiral* (contos, 1991); *A Roda do Olhar* (poesia, 1993); *À Porta de Nárnia* (poesia, 1995); *Cobra de Papel* (poesia, 1997); *Todas as Cores do Azul* (poesia, 2001); *O Nome do Poeta* (romance, 2003); *Deserto Pintado* (poesia, 2007); *O País das Ondas à Janela* (poesia, 2013); e *Cidade das Imagens* (poesia, 2015). Está representada em inúmeras antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão).

## O beijo do íncubo

Naquela noite quente de julho, a rapariga de catorze anos debateu-se com um estranho pesadelo, num limbo entre o acordado e o adormecido. Na semiobscuridade do quarto, vislumbrou, sentado sobre o ventre e as coxas, um demónio. Seria mais pequeno do que um anão. A pele, negra e luzidia, lembrava a de uma barata, dessas que o pai esmagava com o sapato, nos degraus para a cave. Os olhos, húmidos e despojados de qualquer humanidade, evocavam os do tubarão que vira numa visita de estudo ao oceanário, quando era criança. Experimentou um pânico gelado, superior a qualquer um que tivesse vivido.

A jovem tentou desesperadamente agitar-se, de um lado para o outro, mas não conseguia mover um único dedo. Quis gritar pela mãe; contudo, por mais que se esforçasse, som algum lhe brotava da garganta. Custava-lhe tanto a respirar que, por um instante, receou morrer asfixiada. Sentia-se uma marioneta a quem tivessem tesourado os fios.

A criatura poisou com violência as patas nos ombros da rapariga. Debruçou-se sobre os seios dela e inalou o cheiro. Sentia um resto de perfume a lavanda, com um travo de transpiração adocicada, e o odor acre do medo. O demónio lançou a cabeça para trás, excitado. Deitou a língua de fora e lambeu o pescoço da jovem, deixando um rasto gélido. Ela reuniu todas as forças e conseguiu estrebuchar um pouco, enojada. Contudo, não lograva libertar-se daquele bizarro ser.

Em seguida, o demónio encostou a cabeça à face da adolescente. Mordiscou-lhe o lóbulo, apreciando a brancura tenra. Ela sentiu uma dor igual à de furar as orelhas para pôr brincos. Um gemido ficou-lhe preso na garganta. A língua bifurcada daquele ser percorria cada curva da concha do ouvido, num ruído ensurdecedor, como a maré em dia de equinócio. Não parou até a baba, amarela, escorrer pelo pescoço da jovem.

A criatura abriu os lábios. Um hálito a peixe podre atingiu a rapariga. Quando esta tentou gritar, o demónio aproveitou a oportunidade e inseriu a língua, com um golpe rápido, na boca dela. Queimava tanto como um chá

a ferver que alguém, imprudentemente, bebesse, sem sondar a temperatura. A língua rodopiou dentro dela, sôfrega, deixando um sabor escaldante. Quando ele se saciou, a jovem teve de conter o vômito. Sabia que, se regurgitasse, asfixiaria. Paralisada, chorou em silêncio.

Nas férias do verão anterior, praticara alpinismo com um grupo de adolescentes, orientados por um instrutor de vinte e poucos anos, invulgarmente destro e com experiência na área. Numa manhã de julho, conquistavam uma escarpa pedregosa, com as cautelas timoratas de principiantes, mas também a natural curiosidade. As condições para a prática daquele desporto eram perfeitas: pouco calor, apenas a brisa afastando os insetos e visibilidade máxima. Sob eles, estendia-se um vale verdejante, retalhos de campos de cultivo orlados pelo bosque escuro.

De súbito, um pitão soltou-se da fachada, com um estalido metálico. A adolescente soltou um grito que ecoou pelo vale. Mergulhou cinco metros no abismo, arranhou o cotovelo e os joelhos na vegetação que cobria a encosta. Encontrava-se presa apenas pela corda de segurança ao arnês. Baloiçava, agora, perigosamente, no vazio, como um pêndulo. Tombou sobre o grupo um silêncio de expectativa.

O monitor procurou disfarçar a aflição com uma voz falsamente tranquila:

«Estás bem?»

«Magoei-me num braço e nas pernas.»

«Partiste alguma coisa?»

A rapariga contemplou o cotovelo esfolado, mas não se atreveu a espreitar os joelhos, pois isso implicaria ver o abismo.

«Acho que não!»

«Muito bem. Vou dar-te trinta segundos para sentires todo o medo do mundo.»

«O quê?»

«Ouviste bem. Imagina-te a cair. Depois, vais fazer exatamente o que te disser.»

A rapariga e os restantes alpinistas estranharam esta ordem inusitada. No entanto, ela obedeceu. Imaginou a corda de segurança a roçar numa pedra, a esfriar-se, a quebrar. Em seguida, o seu corpo a tombar no vazio, observado em plano picado por uma ave, a ferir-se nas rochas, até se transformar num ponto e, por fim, numa nuvem de poeira. Sentiu o pânico percorrer cada fibra de si, a transpiração gelada na testa, as mãos inchadas como balões.

Exatamente meio minuto depois, o monitor despertou-a da letargia:

«Basta! Já deste uma oportunidade ao medo. Agora, é a altura de agires. Mantém-te agarrada à corda de segurança e não te mexas, para não baloiçares mais, certo?»

«Certo!»

«Vou puxar-te o mais devagar que conseguir. Quando estiveres perto da parede, usa os pés de gato.»

A rapariga tinha a garganta seca como cortiça. Sentiu-se elevar, paulatinamente, com puxões firmes. Procurou controlar a respiração. Por fim, atingiu o cimo da escarpa. Abraçou o monitor, aliviada, e o grupo aplaudiu-a. Salvava-se.

Quando todos atingiram o cume, ainda sob o efeito da adrenalina, o monitor não desperdiçou a oportunidade. Pediu-lhes que se sentassem na relva, em semicírculo, e transmitiu-lhes esta lição:

«É fácil perder a calma, numa situação como esta. Mas o maior inimigo de um alpinista é o *pânico*. Deem a vocês próprio a oportunidade de o sentir, durante uns segundos. Depois, parem! Ganhem coragem. Porque quem controlar o medo terá uma hipótese de sobreviver, mesmo que seja mais pequena do que uma unha negra.»

Naquele momento, tão longe do abismo, na semiobscuridade, a jovem recordou as palavras do instrutor de escalada. Já dera uma chance ao medo. Agora, havia que pôr o instinto de sobrevivência a funcionar. Porque o corpo parecia irremediavelmente encarcerado, foi a sua imaginação que se libertou. Respirou fundo, a custo, fixou o olhar no teto, procurando abstrair-se. Sentia que flutuava acima do leito, como uma bola de sabão.

Conseguia observar-se sobre a cama, prostrada, com o pequeno demónio de pele de inseto sobre si. Era ela, mas não era ela: apenas uma imagem de si. E se a criatura a violasse? E se, por fim, saciado, desferisse o golpe de misericórdia? Tinha de dar tudo por tudo. A rapariga concentrou-se de novo e regressou ao corpo, fazendo-o estremecer ligeiramente.

Num rompante, o monstro lançou o cobertor e o lençol que a cobriam para o lado. Puxou para cima a longa camisola de manga-curta que a jovem usava para dormir. Olhou-a, guloso. Debruçou-se sobre ela. Lambeu-lhe as coxas. A rapariga tentou gritar, aterrorizada. As garras arranharam-lhe as pernas, como a queda abrupta durante a escalada, no verão passado.

A garganta ardia-lhe ainda do beijo do demónio. Contudo, para sua surpresa, descobriu que conseguia murmurar, numa voz que não parecia a sua:

«Para. Imploro-te!»

O demónio contemplou-a, estupefacto, como se escutasse um animal a falar.

A rapariga balbuciou:

«Por que me estás a fazer isto?»

O monstro repetiu as suas palavras, numa voz rouca, omitindo algumas sílabas, sem compreender o significado.

«Por favor», insistiu a adolescente.

Irritada, sem compreender, a criatura pôs-se a seu lado, na cama, e virou-a violentamente de costas, como quem faz girar uma canoa ao contrário. Sentou-se sobre ela. A jovem sentiu todo o peso dele sobre si. Custava-lhe ainda mais a respirar. Ele puxou-lhe os cabelos para trás, pôs-lhe o rosto de lado e lambeu-lho, demoradamente. Em seguida, arranhou-a com uma pata, do pescoço até ao cóccix. Um amante excitado, tirando prazer da surpresa e da dor dela.

«Pensa, pensa, pensa», repetiu a rapariga para si, como um mantra.

Tentando abstrair-se do pânico, na semiobscuridade do quarto, verificou que estava a pouco mais de meio metro do candeeiro da mesinha de cabeceira. Se conseguisse acender a luz, talvez o pesadelo findasse. Procurou mover o braço. Sentia os músculos entorpecidos, incapazes de lhe obedecerem. Bateu ligeira, mas repetidas vezes, com o braço no colchão, procurando despertar da letargia. Por fim, conseguiu esticá-lo um pouco. A dor era excruciante, mas avançou alguns centímetros, muito a custo.

O demónio afastou-se na direção dos pés da jovem, puxou-lhe a *t-shirt* para cima e afastou-lhe as pernas. Instintivamente, ela soube que a criatura a iria sodomizar. Reuniu todas as forças. A sua vida dependia de um único gesto. Mais um centímetro, apenas isso. A dor era tanta que parecia que o braço lhe estava a ser arrancado. Tateou o interruptor. Deixou-o escorregar. Esforçou-se de novo. Por fim, acendeu a lâmpada.

Num ápice, o peso de chumbo nas suas costas desapareceu. A adolescente inalou o ar morno e a tresandar a suor do quarto. Engoliu em seco. A garganta ainda lhe ardia. Forçou-se a abrir os olhos. A luz branca era agressiva para as íris, por um lado, mas tranquilizava-a, por outro. Virou-se de frente e, a custo, sentou-se no leito.

Contemplou o quarto: não vislumbrou vivalma. O demónio esfumara-se. O leito estava em desalinho, com os lençóis tombados no chão e o cobertor junto ao tapete. A camisola de manga-curta estava enrodilhada na cintura, expondo-lhe a nudez. Tinha mapas de transpiração nos sovacos.

A memória do episódio agoniou-a. Precipitou-se para o quarto de banho. Abriu a tampa da sanita e vomitou, nauseada de pensar na língua do demónio a percorrê-la. Poisou as mãos no lavatório e contemplou-se demoradamente ao espelho: tinha os olhos inchados do choro, o cabelo em desalinho e a tez de uma palidez seráfica. Nunca experienciara um pesadelo tão vívido, nem brutal. Passou o rosto por água fria. Lavou a boca e bochechou com elixir dental, que fez arder as gengivas.

Sentia-se febril. Um duche fresco faria baixar a temperatura e ajudá-la-ia a relaxar. Despiu a *t-shirt* e colocou-a no banquinho da casa de banho. Ia a abrir a porta do chuveiro, quando se olhou, de relance, ao espelho. Horrorizada, verificou que apresentava as costas em ferida. Tinha os três longos e vermelhos arranhões de uma garra.

#### NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos nasceu em Coimbra, em 1968. É doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). É professor universitário. Publicou vários livros de ensaio, poesia e ficção. Dois contos seus foram adaptados a teatro e um a cinema, no Brasil.



LÚIS AGUIAR

## PRIMEIROS DIAS DE ABRIL DE 1974

Talvez esta seja a nossa pertença,  
a cicatriz incerta,  
um pequeno risco de pele, bordado na carne,  
em pleno heroísmo pela liberdade.

Uma palavra pulsa na boca,  
o peso de um país inacabado na lisura do alecrim.  
Assim se cresce na linha da memória –  
a cicatriz prepotente toca o mundo.

Os relâmpagos doem, frágeis,  
nos pilares da beleza.  
Então, um rio insurge-se nos becos dos grandes rios.

As crianças clamam pelo alvorecer de passos  
no sangue –  
a errância déspota sitiada no horizonte.



ENSAIO SOBRE A «ELEGIA PARA O ÁRTICO»  
DE LUDOVICO EINAUDI

Num só instante ouço o alvoroço,  
o som grave da água dura a desfazer-se na água mole  
e o piano negro sobre o branco do gelo  
a insistir que o percurso do silêncio  
insurge-se contra as orações dos que não sabem  
falar na suprema penitência deste chão.  
O piano é mais primitivo que a neve,  
Einaudi está ali sentado,  
no meio do Ártico como se aguardasse  
pela tempestade ou por um novo elemento  
que não seja a água, ou o fogo, ou o vento.  
Perco-me na extensão do que é exangue.  
O sangue das calotas polares a desfazer-se no mar  
dói como um coração que é excessivo.  
Não obstante tudo é tão dantesco,  
desmesuradamente grande, terno, eterno  
e continuamos vivos em tão grande solidão.  
O amor?, encontrá-lo-ei neste frio,  
já que o caminho possível  
não tem poemas, nem música, nem dor.  
Tudo está entre dois pontos –  
a dissolução do sangue, o gelo, o mar,  
os animais marinhos, feridos pelo inferno dos dias.  
As estrelas adormecem neste chão  
e em vez de um piano sobre o gelo,  
sonho com um cavalo negro, hirtos, a cantar melodias  
ao Ártico, e ao lodo subterrâneo que vive no inverno,  
e às sombras que transparecem o mal.  
Mas o destino é um desassossego que se alastra  
até aos confins do vazio, do nada, dos desencontros.  
Ludovico Einaudi continua sentado, a contemplar o frio,  
a conversar com o sibilar agreste das gaivotas,  
e com a imensidão do abismo.  
Ah, que luz poderia engravidar tamanha beleza?  
Que pássaro gostaria de ser amante desta música?

As teclas negras rivalizam com o som do vento,  
em uníssono, o vento e os sustenidos,  
enquanto o vigor do Ártico é irrepetível neste milagre  
que é a música.

Depois, o silêncio decidiu ranger a carne  
e evadir-se para o exílio da tormenta e que é memória  
da respiração das montanhas pálidas.  
Por aqui tudo é sagrado – a solidão, o mistério rasgado,  
a infelicidade dos que não compreendem o fim,  
a linguagem da música com palavras  
difíceis de serem pronunciadas  
porque o abismo será sempre branco, como a beleza,  
branca, mas eternamente serena  
enquanto perdurar o amor junto dos deuses.

## HAIKU

O lodo  
do velho tanque –  
a minha infância.

## MARIA DA BÁRBARA

Lembro-me da forma como te levantavas  
da cama,  
o gesto calmo do andar,  
enquanto as mãos contemplavam as paredes –  
retratos antigos amadurecidos nos lábios.  
Tinhas oitenta anos mas apenas o corpo  
envelhecido.  
Lembro-me de como cumprimentavas  
o gato branco,  
tão sujo pela vida e pelo cio de janeiro.  
As flores apreciavam, sobretudo,  
o ondular das mãos.  
Não sabias ler nem escrever,  
mas tinhas o brilho todo do mundo.  
Estava inscrito em cada palavra, em cada gesto,  
em cada recado repetido.

## AS MADRUGADAS SEM SONO

Fica. O dia será completo quando terminarmos aquele desenho  
que a tua alma anseia recortar. Não rasgues o sorriso,  
o silêncio estende-se para lá das margens do tempo.  
Chamo-te, em bicos de pés, e não aguento o peso do meu corpo  
com o teu nome nos lábios.  
Trago ventos por dentro dos olhos e choro cores, cores do mundo  
que os espelhos recusaram-se a refletir só porque o teu nome  
envelheceu no meu rosto e no meu espírito.  
A luz quebrou-se no chão, os dedos já não suportam a pele  
que os cobre e as janelas murmuraram a tua partida.

Fica. O dia será completo quando terminarmos aquele desenho que os pássaros, aflitos, uivam, em desespero, como se o mundo fosse acabar já amanhã. E não há amanhã, apenas páginas soltas de um livro envelhecido que eu me cansei de ler.

As manhãs dos dias encheram-se de poeiras e de aves violentas que atormentavam a minha viagem até aos teus despidos pés.

Então, alguém agastará as tuas mãos, levemente, e a água azul dos ribeiros fingirá novos peixes, para que dancem no teu vestido branco, ainda tão cheio de mim.

## RUA IDIOSSINCRÁTICA

Ainda não anoiteceu e alguém pronuncia-se sobre a inexistência da luz em todos os lugares. Não conheço outra morada a não ser a que tem uma varanda junto às vielas de lume.

Percorri, entre escombros, a escadaria de Rodchenko. Trago nos pés a herança das cabras esguias e nas mãos um sol inteiro. Como são obstinadas as mãos com as palavras mais frágeis, sobretudo as que têm alcatrão no lugar do sangue.

Os dias vão escorrendo na velocidade dos carros – pequeno rio, estorninho, fio de vento ou poeira fina aconchegada nas esquinas dos prédios.

Já não distingo o incêndio no coração de um pássaro – neblina que me invade a sede, o amor e a loucura.

## SAL

Era uma cidade branca com água no regaço,  
um melro cantava no beiral de uma janela –

poema de Safo traduzido por uma criança.

Agora, o moinho de vento em Santorini  
tem a mesma salmoura  
que as ruas inclinadas de Alcácer do Sal.

Não muito longe a memória envelheceu,  
quando as madressilvas foram colhidas no verão.

## NOTA BIOGRÁFICA

Luís Aguiar nasceu em Oliveira de Azeméis há 42 anos. É licenciado e Mestre em Línguas e Relações Empresariais pela Universidade de Aveiro. Estudou também música clássica, guitarra portuguesa e fotografia. Pratica *karaté* há mais de 15 anos. Ao nível profissional é gestor numa empresa de venda *online* de artigos de dermocosmética e perfumaria. Tem 10 livros de poesia publicados e foi galardoado em dezenas de prémios literários, nomeadamente, entre outros, o Prémio Literário Cidade de Almada (2021), o Prémio de Poesia Judith Teixeira (2017) e o Prémio Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage (2016).

# **Departamento de Línguas e Culturas:**

## **Eventos | 2019**



# Departamento de Línguas e Culturas

## Provas Académicas e Atividades Culturais | 2019

Segue-se uma lista das provas académicas e um apanhado das atividades culturais mais relevantes realizadas no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (DLC/UA) ao longo do ano civil de 2019, no âmbito dos diversos cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento que são ministrados nesta unidade orgânica.

### Provas académicas\*

#### 1. Pós-Doutoramento e Estágios Pós-Doutoramento

- António Guimarães da Silva Pinto (Universidade Federal do Amazonas, Brasil), «Textos prefaciais de tratados médicos neolatinos de autores cristãos-novos portugueses» (Pós-Doutoramento).  
Orientação: António Manuel Andrade.
- Dulce Cassol Tagliani, «Crenças de estudantes de licenciatura sobre o ensino da língua portuguesa: diálogo Portugal/Brasil» (Pós-Doutoramento).  
Orientação: António Barreira Moreno.
- Maíra Lacerda, «*Design* e seu relevo no livro infantil contemporâneo», PUC-Rio de Janeiro, Brasil (Pós-Doutoramento).  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Silvia Sueli Santos da Silva, «De mascaradas e caretos: a presença feminina nas brincadeiras de rua luso-brasileiras – Pará, Brasil e Portugal» (Pós-Doutoramento).  
Orientação: Maria Manuel Baptista.
- Simone Aparecida Rechia, «Processos de planeamento e apropriação dos espaços públicos de esporte, lazer e cultura: paralelismos e transferências entre as realidades urbanas do Brasil e Portugal» (Estágio de Pós-Doutoramento).  
Orientação: Maria Manuel Baptista.

\* Provas académicas concluídas no DLC e noutras instituições de Ensino Superior nacionais e estrangeiras, sob a orientação científica de docentes do DLC.



## **2. Doutoramento e Estágios de Doutoramento**

- Claudiomar Pedro da Silva, «A Personagem e seu Duplo - Singularidades do Teatro de Nelson Rodrigues e Augusto Sobral» (Ppgel, Unemat, Brasil) (Estágio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, CAPES/Brasil).  
Coorientação: Maria Fernanda Brasete.
- Gisele Carvalho, «Mulheres Brasileiras que viajam sozinhas: experiências, desafios e perspectivas» (Doutoramento). Programa Doutoral em Turismo.  
Orientação: Maria Manuel Baptista & Carlos Costa (com bolsa Capes).
- José Guimarães, «Marguerite Yourcenar: a recusa da agonia» (Doutoramento).  
Universidade do Minho.  
Coorientação: Maria Hermínia Amado Laurel.
- Mo Guo, «A Inspiração Chinesa nos Temas da Faiança Portuguesa do Século XVII» (Doutoramento). Programa Doutoral em Estudos Culturais.  
Orientação: Nuno Rosmaninho.
- Walter Chile Rodrigues Lima, «Traquitanas às claras: Um estudo das artes de pesca para a criação dos apetrechos cênicos do Teatro Cacuri» (Doutoramento). Programa Doutoral em Estudos Culturais.  
Orientação: Maria Manuel Baptista & Wlad Lima (Universidade Federal do Pará).
- Zhihua Hu, «Sobre a Análise e a Tradução das Partículas Auxiliares do Chinês para o Português - Com base num corpus paralelo chinês-português» (Doutoramento). Programa Doutoral de Tradução e Terminologia da Universidade de Aveiro e da Universidade Nova de Lisboa.  
Orientação: Maria Teresa Roberto & Wang Suoying.

## **3. Mestrado**

### **3.1. Mestrado em Estudos Editoriais**

- Ana Lúcia Nogueira Pinto, «Relatório de Estágio na Booktailors».  
Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Andreia Sofia Pereira Sobral, «Relatório de Estágio na Alêtheia Editores».  
Orientação: Maria Cristina Carrington.

- Beatriz Lopes Jardim, «Relatório de estágio nas Edições Salesianas».  
Orientação: João Manuel Nunes Torrão.
- Carla Filipa Maciel de Sousa Brito, «Relatório de Estágio em Edição na Sana Editora».  
Orientação: António Manuel Andrade.
- Catarina da Costa Fernandes, «Uma experiência de estágio na Alêtheia Editores».  
Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Inês Graça, «Num mar de palavras. Relatório de estágio na Âncora Editora».  
Orientação: Maria Teresa Cortez.
- Inês Santos Rodrigues, «Aspetos do quotidiano na Edições Almedina – Um Relatório de Estágio».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Jessica Franco Spilla Costa, «Bebés e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Luísa Sousa Monteiro, «Uma Maratona em passo de corrida. Relatório de Estágio na Booktailors».  
Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Márcia Monteiro, «Presença das editoras infantojuvenis nas redes sociais».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Marco Bacelo, «Nos meandros da edição: reflexões sobre um estágio na Porto Editora».  
Orientação: Maria Teresa Cortez.
- Micaela Alexandra Gomes da Costa, «*Sportbook*: Tradução, Revisão e *Marketing*».  
Orientação: Carlos Morais.
- Talita Corrêa de Sousa, «Coletânea biográfica feminina infantojuvenil: uma tendência editorial em análise».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.

### **3.2. Mestrado em Línguas e Relações Empresariais**

- André Saraiva, «A responsabilidade ambiental do grupo Jerónimo Martins». Orientação: Maria Hermínia Laurel.
- Bruna Borges, «Relatório de Estágio realizado na empresa Transgranitos – Mármore e Granitos do Alto Tâmega (Covilhã)». Orientação: Abdelilah Suisse.
- Carina Conceição Félix, «A tradução e a internacionalização: o caso da Heliflex». Orientação: Maria Teresa Murcho Alegre & António Carrizo Moreira (Departamento de Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, DEGEIT/UA).
- Catarina João da Costa Campos, «Os alunos internacionais na Universidade de Aveiro – motivações e dificuldades». Orientação: Gillian Moreira.
- Diana Isabel Terrão Renou Teixeira, «Internacionalização e mercados externos: Caso prático da Revigrés». Orientação: Katrin Herget.
- Francisca Ribeiro Macedo, «Marketing Digital na Empresa Ludefer – Relatório de Estágio». Orientação: Ana Maria Ramalheira.
- Hélène Rose Pereira Ventrinponete, «A Comunicação Organizacional na CCQE – estudo de caso». Orientação: Carlos Morais.
- Inês Carvalho Moleiro, «Turismo Desportivo e os Centros de Alto Rendimento na Região Centro». Orientação: Maria Fernanda Brasete & Rui Costa (DEGEIT).
- Marcelo António Silvestre Monteiro de Moura, «Comunicação Interna na Renault Cacia S.A. – Relatório de Estágio». Orientação: Ana Maria Ramalheira.
- Márcia Correia, «Projecto de aplicação: o caso Essência D' Alma-Vadia». Orientação: Noemí Pérez.

- Mário Rui Leão Neto, «Ativação de Marcas no Mercado Nacional e Internacional – Relatório de Estágio na Tendência Imaginária». Orientação: David Callahan.
- Mathilde Marques da Conceição, «A dinâmica do Departamento de Exportação da Revigrés – O Mercado francófono». Orientação: Otilia Pires Martins.
- Mei-Huei Lin, «Entrando em novos mercados – o caso da OLI Sistemas Sanitários, S.A. em Taiwan». Orientação: Gillian Moreira.
- Rúben Alexandre Dinis Almeida, «Revisão teórica e crítica de modelos culturais de Hofstede e Trompenaars, com foco em Portugal». Orientação: Anthony Barker.
- Rui Pedro Rente Fernandes, «Intercâmbios de jovens do Erasmus + e o desenvolvimento de competências-chave». Orientação: Gillian Moreira.
- Sara Golpe Geraldo, «Relatório de Estágio na FHC – Farmacêutica, S.A.». Orientação: David Callahan.
- Sofia Ramos Barbosa, «Ecco' let (Portugal) – Relatório de Estágio». Orientação: Carlos Morais.
- Susana Inês Gonçalves Cardigos, «Larus *Design*: Relatório de Estágio». Orientação: Ana Maria Ramalheira.

### 3.3. Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda

- Ana Luísa Oliveira, «Desafios do ensino do português como língua segunda em Timor-Leste». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Cheng Wenjing, «Sobre as técnicas de ampliação e omissão na tradução de português para chinês — Relatório de tradução do conto *Um Homem Célebre*». Orientação: Wang Suoying.
- He Zhengwei, «Análise sobre a tradução de português para negócios». Orientação: Wang Suoying.

- Jiyu Ma, «Rostos do Fim: tradição e alegoria em *As intermitências da morte*, de José Saramago».  
Orientação: Paulo Alexandre Pereira.
- José Muachiânvua, «Os pronomes clíticos em textos escritos por estudantes angolanos: O caso de duas escolas do Município de Chitato».  
Orientação: António Barreira Moreno.
- Kehan Ma, «*Olhares cruzados sobre o Tibete*: as cartas do jesuíta António de Andrade e *Viagem ao Tecto do Mundo* de Joaquim Magalhães de Castro».  
Orientação: António Manuel Andrade.
- Laura Marcinkute-Sukhachev, «Adaptação de duas publicações infantis lituanas para a semiosfera da cultura portuguesa: da tradução à resposta leitora».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Li Beilei, «Temas e motivos chineses nos livros para crianças de José Jorge Letria».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Luísa Campos, «*La presencia de la cultura Hispanoamericana en manuales de español como lengua extranjera*».  
Orientação: Noemí Pérez Pérez.
- Sandra Ribau, «O ensino – aprendizagem da Competência Intercultural nas aulas de espanhol de iniciação para alunos portugueses».  
Orientação: Noemí Pérez Pérez.
- Wantong Ning, «Experiências de lazer de alunos chineses em Aveiro/Portugal».  
Coorientação: Maria Manuel Baptista.
- Xiaoxiao Yang, «Imagens do feminino em *Nam Van. Contos de Macau*, de Henrique de Senna Fernandes».  
Orientação: Paulo Alexandre Pereira.
- Xu Yetao, «Sobre a tradução técnica português/chinês na área de economia-comércio».  
Orientação: Wang Suoying.
- Xu Ying, «Estudo sobre o uso de pronomes pessoais por alunos chineses e portugueses».  
Orientação: Rosa Lúcia Coimbra & Ran Mai.

- Yang Di, «A Cultura Chinesa em *A China Fica ao Lado*».  
Orientação: António Manuel Ferreira.
- Yao Xiao, «Estudo de provérbios e de expressões idiomáticas portuguesas e chinesas no âmbito do corpo humano».  
Orientação: Carlos Morais & Ran Mai
- Yao Xiao, «Estudo dos provérbios e expressões idiomáticas portuguesas e chinesas no aspeto do corpo humano».  
Orientação: Carlos Manuel Morais & Ran Mai.
- Yihuizi Zhao, «Versos de palmo e meio: em torno da poesia para crianças em Portugal e na China».  
Orientação: Paulo Alexandre Pereira.
- Ying Xu, «Estudo sobre o uso dos pronomes pessoais por alunos chineses».  
Orientação: Rosa Lúcia Coimbra & Ran Mai.
- Zewen Zang, «Um estudo comparativo de provérbios portugueses e chineses: o caso dos nomes de comidas».  
Orientação: Rosa Lúcia Coimbra.
- Zhang Haoran, «Saramago para crianças: uma leitura da obra infantil do Prémio Nobel português».  
Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Zhang Ying, «Análise do uso de prefixos em português por falantes chineses e portugueses».  
Orientação: Rosa Lúcia Coimbra.

### 3.4. Mestrado em Tradução Especializada

- Ana Cristina Lourenço Silveiro, «Da Teoria à Prática: As Normas de Qualidade em Tradução Especializada».  
Orientação: Maria Teresa Roberto.
- Ana Mafalda Águas Areias, «Tradução de Elementos Visuais e Textuais da Toolbox do Projeto EUPATI».  
Orientação: Maria Teresa Roberto.

- Ana Rita Pereira Araújo, «Pandemia de Gripe: Tradução e Glossário». Orientação: Maria Teresa Roberto.
- Andréa Pinheiro Silva, «Análise comentada da tradução de um texto de divulgação científica». Orientação: Fernando Martinho.
- Cátia Sofia Pereira Teodósio, «Tradução de artigos de revisão sobre Défice da Lípase Ácida Lisossomal». Orientação: Maria Teresa Roberto.
- Jéssica Silva, «Revisão de traduções médicas obtidas com tradutores automáticos». Orientação: António Barreira Moreno.
- Jorge Filipe Martins Ferreira, «Registos de língua e a sua influência na tradução médica para Alemão». Orientação: Katrin Herget.

## **Congressos, Colóquios, Ciclos de Conferências, Seminários e Jornadas\***

- «Histórias com Ciência na Biblioteca Escolar». 5.º Ciclo de Conferências. Organização e coordenação: António Manuel Andrade com o apoio dos seguintes Centros de Investigação e entidades: Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC/UA), *Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores* (CIDTFF/UA), Centro de Investigação e Desenvolvimento em Matemática e Aplicações (CIDMA/UA) e Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM); Rede de Bibliotecas Escolares – Ministério da Educação, Agrupamento de Escolas de Aveiro, Agrupamento de Escolas José Estêvão, Agrupamento Dr. Mário Sacramento, Agrupamento de Escolas de Esgueira, Agrupamento de Escolas da Gafanha da Nazaré, Agrupamento de Escolas de Ílhavo, Agrupamento de Escolas da Murtosa, Agrupamento de Escolas de Ovar, Agrupamento de Escolas de Ovar-Norte,

\* Por ordem cronológica.

Agrupamento de Escolas de Ovar-Sul, Agrupamento de Escolas de Vagos e Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos. Ano letivo de 2019-2020.

- «Diálogos Interculturais Portugal-China». II Congresso Internacional. Comissão Organizadora: Carlos Morais & Zh. Guo (coordenação geral), António Manuel Ferreira, Carlos Rodrigues, J.A.H. Rangel, L. Shao, Mai Ran, Maria Fernanda Brasete, N. Dias, Rosa Lúcia Coimbra & Zélia Breda. Universidade de Aveiro, 15 a 17 de fevereiro (<http://dialogosipc.web.ua.pt>).
- «Que Rumor(s) para as novas gerações na Europa?». Seminário-Debate. Organização: Gillian Moreira, R. Himmel e & P. Silva, em colaboração com o Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal. DLC/UA, 22 de fevereiro.
- «Línguas e carreira profissional: um testemunho». Conferência por Carlos Naia Sardo (Diretor de *Marketing* / Global Enterprise & Midmarket da IBM), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 11 de março.
- «*Qigong* Terapêutico & Conservação e manutenção da saúde através da estimulação dos pontos de acupuntura na Medicina Tradicional Chinesa». Seminário dinamizado pelo médico Zhang Honghuan e pela professora de Artes Marciais Li Ying, ambos da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian. Organização: Carlos Morais & Zh. Guo. ESSUA (Anfiteatro Helena Nazaré), 12 de março.
- «*Recent Changes in Income Distribution in China*» e «*Poverty Reduction and Redistribution Policies in China and Portugal*». Seminários dinamizados por Li Shi (Professor da Normal University of Beijing e Member of Advisory Committee of Poverty Alleviation Office of China's State Council). Organização nacional: Carlos Morais & Zh. Guo. UA, 13 de março; Universidade de Coimbra (Faculdade de Economia), 14 de março; Lisboa, 15 de março (ISEG) e 16 de março (Sala de Conferências Sino-Portuguesa).
- «Alemão fora de Portas – Percursos históricos do ensino da Língua Alemã». Jornada internacional. Organização: Maria Cristina Carrington & Maria Teresa Cortez. DLC/UA, 14 de março.
- «*Indian in the World*». Jornada. Comissão Organizadora: Anthony Barker, Gillian Moreira & David Callahan. DLC/UA, 26 de março.



- «Desafios a uma liderança eficaz». Conferência por António Calheiros (Coimbra Business School ISCAC), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 01 de abril.
- «Como Fomentar uma atitude empreendedora de âmbito internacional». Conferência por Heloísa Santos (Kaishi Consulting), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 08 de abril.
- «Relações Interartes». 2.º Simpósio de Jovens Investigadores em Literatura para a Infância e Juventude. Comissão Organizadora: Ana Margarida Ramos, Inês Costa. Emanuel Madalena & Jéssica Silva. UA, 10 de abril.
- «Vianna da Motta no 150.º aniversário do seu nascimento». Conferência por Elvira Archer e Recital de Canções de Câmara pelos alunos da Classe de Canto da Prof.<sup>a</sup> Isabel Alcobia. Organização: Ana Maria Ramalheira & Isabel Alcobia (Departamento de Comunicação e Artes da UA, DeCA). Auditório DeCA/UA, 11 de abril.
- «Estratégias de internacionalização de empresas: partilha de casos práticos». Conferência por Juliana Teixeira (Kaishi Consulting), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 23 de abril.
- «Geração qualificada. Novos desafios ao recrutamento». Conferência por Hélder Pais (Managing Partner da empresa Global Headhunters), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 23 de abril.
- «As competências da Era Criativa». Conferência por Vasco Rosa Pires (VR2P – Consultoria Estratégica), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 06 de maio.
- «III Jornadas do Programa Doutoral em História das Ciências e Educação Científica». Membro da Comissão Organizadora: António Manuel Andrade. Departamento de Matemática da UA (Anf. Sousa Pinto), 10 de maio.
- «Como organizar uma feira internacional». Conferência por Paula Soares (CEO Tendência Imaginária - Ativação de Marcas, Lda.), no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Ana Maria Ramalheira. DLC/UA, 13 de maio.

- «1.º Colóquio Internacional Aquilino Ribeiro». Coordenação: António Manuel Ferreira. Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 27 de maio.
- «Que rumo(s) para as novas gerações na Europa?». Seminário. Organização: Gillian Moreira, R. Himmel & P. Silva. UA, 04 de junho.
- «*51th EUCEN Conference, University Lifelong Learning to Live a Better Life Continued Education for Sustainable Quality of Life in Europe*». Conferência Internacional. Comissão Organizadora: Lucília Santos, Maria Eugénia Pereira, Clara Magalhães & Royo Carme. UA, 05 a 07 de junho.
- «2019 Joint Conference of the European Confucius Institutes: Chinese Language Course Design and Development». Organização: Carlos Morais & Zh. Guo. UA, 06 a 08 de junho.
- «Vivências e Experiências no Ensino Superior em Portugal». Seminário. Organização: B. Lopes, C. Magalhães, F. Costa, Gillian Moreira & T. Neto, em colaboração com voluntários no Projeto «Mentoring Ser Mais Valia». Universidade de Aveiro, 08 de junho.
- «VI Encontro Internacional de Reflexão sobre a Escrita – algumas décadas de investigação e ensino». Comissão Organizadora: F. Caels, F. Reis, I. Cardoso, J. A. Brandão Carvalho, L.Á. Pereira, L.F. Barbeiro, L. Graça, M. Alexandre, M. J. Gamboa, M. Oliveira Pinto & Rosa Lúcia Coimbra. UA, 21 e 22 de junho (<http://protextos.web.ua.pt/vi-eire2019>).
- «O Apoio ao Luto». Colóquio Luso-Brasileiro. Comissão Organizadora: António Barbosa, Cristina Santos, José Eduardo Rebelo & Maria Teresa Roberto. DLC/UA, 28 de junho.
- «Cultura Território e Lazer – Diálogos Entre Políticas Públicas do Brasil e Portugal». Seminário internacional. Coorganização geral: Maria Manuel Baptista, numa iniciativa conjunta do Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio (NECO, afeto ao CLLC/UA), da Unidade de Investigação Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP/UA), do Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC) e da Fundação Para Ciência e Tecnologia (FCT). UA, 01 e 02 de julho.
- «AVANCA | CINEMA 2019» Conferência Internacional de Cinema. Comissão Organizadora: António Costa Valente, Carla Freire, Cláudia Ferreira, Herlânder Marques, Maria João Faceira, Marta Varzim, Moghadaseh Rouhi Ardeshiri, Nuno Fragata & Sérgio Reis. Avanca, 24 a 28 de julho.

- «Olhares de Narciso: egotismo e alienação». Congresso Internacional. Comissão Organizadora: Ana Maria Ramalheira, António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Maria Hermínia Amado Laurel & Rosa Lúdia Coimbra. Universidade de Aveiro, 10 e 11 de outubro.
- «*Urbi et orbi. Lire les villes, vivre en littérature*». Congresso internacional Colloque International LEA 2019. Comissão Organizadora: Maria Hermínia Amado Laurel (coordenadora), A. Ádám, Carlos Morais, J. Domingues, Maria Fernanda Brasete, M.J., Cabral, Rosa Lúdia Coimbra & Schuerewege. UA, 16 a 20 de outubro (<http://lea.letras.ulisboa.pt/?p=1332>).
- «Palavras traiçoeiras: notícias falsas, censura e o indizível / *Treacherous Words: Fake News, Censorship and the Unsayable*». Congresso Internacional. Comissão Organizadora: Abdelilah Suisse, Anthony Barker, Emanuel Madalena, Gillian Moreira, Inês Costa, Isabel Cristina Rodrigues, Katrin Herget, Luís Carlos Branco & Zhihua Hu. DLC/UA, 23 a 25 de outubro.
- «Conceptualização e Desenvolvimento de *Start-ups* em Portugal». Sessão informativa dinamizada por Diogo Bandeira e Shreyansh Surana, da Incubadora de Empresas da UA, no âmbito do «Ciclo de Conferências Línguas e Relações Empresariais 2019». Organização: Margaret Gomes. DLC/UA, 28 de outubro.
- «Centenário do Nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen». Organização: Ana Margarida Ramos. UA, 06 de novembro.
- «Porcelana Chinesa». Seminário, no âmbito da XIV Bienal Internacional de Cerâmica Artística de Aveiro. Organização: Carlos Morais & Zh Guo. Museu de Aveiro / Santa Joana, 07 de novembro.
- «Revisitar António Sérgio cinquenta anos depois. Jornada Sexta: Literatura e crítica literária». Colóquio Internacional. Comissão Organizadora: António Manuel Ferreira, Carlos Morais, D. Quintela, Maria Fernanda Brasete, M. Raro & Rosa Lúdia Coimbra. Vila Nova de Gaia, 21 e 22 de novembro (<https://antoniosergio.pt/index.php/404-revisitar-antonio-sergio-cinquenta-anos-depois-2>).
- «II Seminário Lazer, Cultura e Território: diálogos sobre corpo e cidade entre Brasil e Portugal» e «II Seminário Linguagem, Corpo e Estética na Educação». Coorganização: Maria Manuel Baptista, numa iniciativa conjunta do GEPLEC, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), do NECO (CLLC/UA). Dependências do *campus* Rebouças da Universidade Federal do Paraná, Brasil, 25 e 26 de novembro.

- «Exílio, exílios...». Colóquio Internacional no âmbito do Projeto «Itinerâncias – Memórias, Imagens e *Transfers*» (CLLC/UA). Comissão Organizadora: Maria Cristina Carrington, Maria Teresa Cortez & Otilia Pires Martins. Universidade de Aveiro, 28 e 29 de novembro.
- «*Global Trends: Where are you from? Identity and belonging in global times*». Jornada. Organização: Gillian Moreira, Margaret Gomes & Timothy Oswald. DLC/UA, 06 de dezembro.
- «I Jornadas em Línguas Minoritárias». Organização: Lurdes C. Moutinho, A. Gómez Bautista & Rosa Lúcia Coimbra. Universidade de Aveiro, 06 de dezembro ([http://www.varialing.eu/?page\\_id=362](http://www.varialing.eu/?page_id=362)).
- «Diálogos Luso-Sefarditas». II Colóquio Internacional. Organização: António Manuel Andrade (presidente da Comissão Organizadora), CLLC/UA, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Universidade de Lisboa e da Câmara Municipal de Aveiro). Museu de Aveiro / Santa Joana, 12 e 13 de dezembro.
- «*Mix-and-Match*: hibridismo e transmedialidade». 2.º Colóquio, no âmbito do Projeto «Entregéneros: Literatura e Hibridismo» do CLLC/UA. Comissão Organizadora: Ana Margarida Ramos, Isabel Cristina Rodrigues & Márcia Neves. DLC/UA, 13 de dezembro.

## **Conferências, Aulas Abertas, Seminários, Workshops, Exposições e Visitas de Estudo**

- «O negócio de *ebooks* a nível global». *Workshop* com Angeline Torne (diretora global de vendas de livros eletrónicos da empresa editorial inglesa Taylor & Francis) e Nuno Cravo. Organização: Maria Cristina Carrington. DLC/UA, 26 de fevereiro.
- «Configurações do espaço na obra juvenil de Ana Saldanha». Aula Aberta lecionada pela Dr.<sup>a</sup> Ana Rita Gonçalves (Universidade Complutense de Madrid). Organização: Paulo Alexandre Pereira. DLC/UA, 27 de fevereiro.
- «*Deutsche Redewendungen und Interkulturelle Stereotype*». Palestra por Yvonne Hendrich (Universidade de Mogúncia). Membro da Comissão Organizadora: Katrin Herget. DLC/UA, 04 a 08 de março.

- «*Mitos grecorromanos en el cine y en la televisión*». Conferência/Aula Aberta por M.<sup>a</sup> Elena Curbelo Tavío (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha). Organização: António Manuel Andrade & Maria Fernanda Brasete. DLC/UA, 07 de maio.
- «*Mitos y Cultura Clásica en la Literatura Infantil y Juvenil: adaptaciones y reescrituras*». Aula Aberta pela Prof.<sup>a</sup> María Elena Curbelo Tavío (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria). Organização: António Andrade, Inês Costa & Paulo Alexandre Pereira. DLC/UA, 08 de maio.
- «*Deutsch im europäischen Kontext*». Palestra por Maria Ulz (Universidade de Namur, Bélgica). Membro da Comissão Organizadora: Katrin Herget. DLC/UA, 15 de maio.
- «*El ocio como factor de desarrollo humano y promotor de la calidad de vida*». Conferência pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Aurora Madariaga Ortuzar, no âmbito das atividades do NECO. Organização: Maria Manuel Baptista. CLLC/UA, 27 de junho.
- «*Voll der Osten – Leben in der DDR* / O Leste por inteiro – A vida na RDA». Exposição por ocasião trigésimo aniversário da Queda do Muro de Berlim. Comissão Organizadora: Katrin Herget, Maria Teresa Alegre, Maria Teresa Cortez & Sebastian Knoth. Biblioteca da UA, Sala de exposições Hélène de Beauvoir, 01 de outubro a 23 de novembro.
- Sessão de lançamento do livro *Portugal Anti-clerical*, de Luís Machado de Abreu. Apresentação de Moisés de Lemos Martins. Organização: Maria Manuel Baptista. Livraria da Universidade de Aveiro, 23 de outubro.
- «*Das Leben in der DDR*». Palestra por Jörg Stiehler. Membro da Comissão Organizadora: Katrin Herget. Biblioteca da UA, 06 de novembro.
- «Poesia e expressão de crítica política no séc. I a. C.». Conferência / Aula Aberta por João Batista Toledo Prado da Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho» (UNESP, FCLAr, Brasil). Organização: António Manuel Andrade, Emília Oliveira & João Manuel Torrão. DLC/UA, 07 de novembro.
- «Traços largos e dilemas no panorama editorial de hoje». Aula Aberta por Nuno Medeiros, para os alunos do 1.º ano do Mestrado em Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. DLC/UA, 07 de novembro.

- «Desafios de uma editora universitária: perguntas e respostas». Aula Aberta por Bárbara Castro Monteiro (editora da Universidade Católica Portuguesa), para os alunos do 1.º ano do Mestrado em Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. DLC/UA, 14 de novembro.
- «O Livro em Debate: Quês e Porquês do Processo Editorial». Aula Aberta por Rui Beja, para os alunos do 1.º ano do Mestrado em Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. DLC/UA, 28 de novembro.
- Visita de Estudo ao Museu da Imprensa (Porto), com os alunos do 1.º ano do Mestrado de Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. 05 de dezembro.
- Visita de estudo à Gráfica NORPRINT (Santo Tirso), com os alunos do 1.º ano do Mestrado de Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. 05 de dezembro.
- Duas sessões de um Programa piloto *Go4it*, em parceria com a empresa AMH - Consulting, para exploração e desenvolvimento das *soft skills* dos alunos do Mestrado em Estudos Editoriais. Organização: Maria Cristina Carrington. DLC/UA, 12 e 19 de dezembro.



## RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras

A RUA-L. *Revista da Universidade de Aveiro – Letras* foi fundada em 1984 pela direção do Departamento de Línguas e Culturas (DLC), então liderada pelo Prof. Doutor Albino de Matos, com o objetivo principal de divulgar trabalhos de investigação nos domínios da Literatura, Cultura e Ciências da Linguagem.

Sucessivamente dirigida por diversos docentes ligados à Comissão Científica do DLC, a RUA-L visa publicar textos de cariz essencialmente ensaístico em torno de temas vários, afetos às Ciências Sociais e Humanas, *lato sensu*, incluindo resultados de investigação desenvolvida no âmbito de cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento oferecidos pelo DLC.

A RUA-L propõe-se divulgar anualmente artigos de docentes e investigadores afetos não só ao Departamento de Línguas e Culturas, mas também a outras instituições ou centros de investigação portugueses e estrangeiros, estimulando, nos planos nacionais e internacionais, a reflexão, o diálogo, a cooperação e o desenvolvimento de atividades científicas em rede.

Publica anualmente um volume temático na área das Humanidades e das Ciências Sociais com artigos inéditos em português, inglês, francês, alemão ou espanhol (*vd.* Normas de Aceitação / Publicação), sujeitos a uma avaliação prévia duplamente cega por parte de uma Comissão Científica / Arbitragem, constituída por investigadores e docentes afetos à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros.

Aberta assim à participação de todos os interessados, a RUA-L privilegiará artigos de investigação e leituras críticas assentes em perspetivas de abordagem e métodos atuais. Avesa a escolas ou a qualquer proselitismo de índole política, ideológica ou religiosa, a RUA-L orienta-se apenas por critérios de qualidade científica e de tolerância, no respeito pela pluralidade de pontos de vista.

A RUA-L está associada ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

ISSN: 0870-1547 | E-ISSN: 2183-4695

Editora: UA Editora.

*Website:* <https://proa.ua.pt/index.php/rual>

A RUA-L adota a licença Creative Commons BY 4.0.

A RUA-L está indexada no RCAAP e no OpenAIRE e está em processo de indexação nas seguintes bases de dados: DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/RoMEO e Web of Science.



## **RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras**

The RUA-L. *Revista da Universidade de Aveiro/Letras* was founded in 1984 (ISSN: 0870-1547) by the Chairman of the Department of Languages and Cultures (DLC), Professor Albino de Matos, with the purpose of publishing scholarship on issues related to Literature, Culture, and Linguistics.

The RUA-L journal aims at publishing mostly scholarly essays within the Social Sciences and the Humanities while keeping track of the research conducted in the degree programs offered at this institution both at an undergraduate and graduate levels.

The RUA-L journal aims at publishing, once a year, essays submitted by scholars who are associated with the research centers based at the DLC or by scholars from other institutions as well as those affiliated with other national or international research centers so as to enhance academic dialogue while fostering a network of cooperation and development both at a national and international levels.

Open to the participation of a worldwide academic community, the RUA-L encourages scholarly submissions which enhance contemporary models of critical inquiry and scope. A publication exempt from any political, ideological or religious affiliation, the RUA-L is imbued with the mission of fostering a spirit of tolerance and academic excellence while encouraging a plurality of points of view.

RUA-L is associated to the Department of Languages and Cultures of the University of Aveiro.

E-ISSN: 2183-4695 | ISSN: 0870-1547

Publisher: UA Editora.

*Website:* <https://proa.ua.pt/index.php/rual>

RUA-L adopts the Creative Commons BY 4.0 license.

RUA-L is indexed in RCAAP and OpenAIRE and is in the process of being indexed in the following databases: DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/RoMEO and Web of Science.

## Chamada de artigos (2020)

# Arte(s) e ofício(s) do mundo editorial na atualidade

Data limite de submissão: 31 de março de 2020

Coordenadores: Maria Cristina Carrington e António Manuel Andrade

Enviar submissão de artigos para [carrington@ua.pt](mailto:carrington@ua.pt)

Numa era dominada pelas redes sociais, pela diversidade dos *media* e pela desmaterialização de conteúdos, o contexto editorial e a indústria livreira procuram (re)inventar-se, (re)criar-se, (re) construir-se.

É, pois, num ambiente de dispersão e de ruído, no seio de um ‘festim digital’, que o livro se propõe continuar a ser um meio de formação e de conhecimento, um espaço de cultura, uma forma de preservação da memória, um objeto de lazer.

Desta feita, autores, editores, livreiros e também leitores informados e atentos desafiam a agitação circundante e, cientes de toda a conjuntura transversal, procuram que o mundo da edição prossiga um dos seus principais desígnios, o de ser um dos mundos da arte.

Propõe-se assim que sejam apresentados textos / estudos que contribuam para a reflexão e discussão de algumas das temáticas mais relevantes na ‘arte de editar’ da atualidade:

- Leitores e Leitura(s)
- Pluralidade, mudanças e o valor da edição
- A desmaterialização do livro: a realidade digital
- A turbulência editorial: os grandes monopólios *vs.* os editores independentes
- A importância das artes gráficas e tipográficas

## **Call for papers (2020)**

# **Art(s) and craft(s) of the publishing world today**

Deadline: March 31, 2020

Coordinators: Maria Cristina Carrington / António Manuel Andrade

Send article submission to [carrington@ua.pt](mailto:carrington@ua.pt)

In an era dominated by social networks, media diversity and the dematerialization of content, the publishing and book industries seek to (re) invent, (re) create, (re) build themselves.

It is, therefore, in an environment of diffusion and noise, in the midst of a 'digital feast', that the book aims at maintaining its role as educator and knowledge builder, a space of culture, a means of preserving memory, as well as an instrument of leisure.

Within such a framework, authors, editors, booksellers, along with informed and keen readers challenge the surrounding turmoil and, aware of all the cross-cutting environment, seek that the publishing world pursues one of its main goals, that of it also being one of the foremost players in such a world art.

We, hence, therefore call for the submission of texts / studies that contribute to the reflection and discussion of some of the most relevant themes in today's 'art of publishing':

- Readers and Reading (s)
- Plurality, changes and the value of publishing
- The dematerialization of the book: the digital reality
- The editorial turbulence: great monopolies *vs.* independent editors
- The importance of graphic and typographic arts

# Normas de Submissão e de Publicação

## 1. Condições para Submissão

A revista organiza-se em volumes temáticos anuais. Propõe-se publicar apenas artigos inéditos em português, inglês, francês, alemão ou espanhol (*vd.* Normas de Aceitação / Publicação), sujeitos a uma avaliação prévia duplamente cega por parte de membros de uma Comissão Científica / Arbitragem, constituída por investigadores e docentes afetos à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros.

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os pontos listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

Os artigos publicados (originalmente inéditos) poderão, se os respetivos autores assim desejarem, surgir noutras revistas ou livros, desde que estes incluam a referência bibliográfica completa da sua publicação prévia na RUA-L.

Esta revista não cobra encargos de processamento nem de submissão de artigos.

## 2. Normas de Publicação

A RUA-L segue basicamente o modelo de referências bibliográficas da APA (American Psychological Association).

Convém, contudo, atentar nos seguintes aspetos:

### 2.1. Formatação dos artigos

Os textos devem ser apresentados em formato digital (*Word for Windows*, ou programa compatível), em letra *Times New Roman*, de tamanho 12 (com exceção das notas, de tamanho 10), com espaçamento de 1,5 entre linhas e parágrafos. As páginas devem ser configuradas no formato A4, com 3 cm nas margens superior e esquerda e 2 cm nas margens inferior e direita.

#### 2.1.1. Extensão

Cada artigo, configurado no formato acima indicado, deve ter no máximo 17 páginas.

#### 2.1.2. Organização

A apresentação de cada artigo (ver volumes já publicados *online* e em papel) deve obedecer à seguinte sequência:

- Título – centrado

- Autor(es) – centrado
- Instituição de Ensino e/ou Centro de Investigação a que está(ão) ligado(s) o(s) autor(es) – em nota de rodapé, afeta ao nome do(s) autor(es)
- Palavras-chave – até 6 palavras, justificadas à esquerda, no idioma do artigo, em português e em inglês, logo a seguir ao nome do(s) autor(es)
- Resumo – máximo de 200 palavras, em português e em inglês, no final do artigo
- Referências bibliográficas – apenas de obras, de artigos e de outros trabalhos referenciados no texto.

**2.2. Critérios de apresentação gráfica e referenciação bibliográfica (por ordem alfabética)**

**Citações:** até três linhas, incorporar as citações no texto, entre aspas. Se o texto for escrito em português, usar «...», em alemão, »...« ou „...”. Recolher as citações mais extensas: 1 cm à esquerda e à direita, em letra *Times New Roman*, tamanho 12, sem aspas.

Quando a tradução da citação for incorporada no texto, colocá-la entre aspas, seguida do original entre parênteses retos (sem utilizar novamente aspas).

**Ilustrações / Gráficos:** numerar e legendar.

**Interpolações / Omissões:** identificar as interpolações por meio de parênteses retos [...]. Se uma omissão num texto citado se encontrar já no original, usar reticências entre parênteses curvos (...).

**Itálico:** usar itálico para expressões em línguas estrangeiras e para títulos de livros, revistas ou jornais.

**Notas:** formatar em *Times New Roman* 10 e espaço simples em rodapé, com a numeração seguida. Colocar o algarismo que remete para a nota depois do sinal de pontuação.

**Numeração das páginas:** inserir no canto inferior direito.

**Parágrafos:** no início de cada parágrafo, introduzir um espaço de 1,25 cm.

**Parênteses:** dentro dos parênteses retos pôr curvos: [(...) texto]. *Vd.* igualmente, *supra*, «Citações».

**Referências bibliográficas:**

a) No corpo do texto: entre parênteses curvos, indicar o apelido do autor, seguido de vírgula, data da publicação, seguida de vírgula, e número de página (p. 15 / pp.15-16).

Exemplos: (Santos, 2007, p. 15); (Martins / Polónio, 1985, p. 35); (Ribeiro et al., 1973, pp. 25-30)

No caso de haver muitas remissões seguidas para a mesma obra, deverá indicar-se apenas *ibid.*, seguido da indicação da(s) página(s). Exemplo: (*ibid.*, p. 350).

Quando o nome do autor precede imediatamente a referência bibliográfica, indicar apenas entre parênteses as datas e páginas. Exemplo: ... como refere António Santos (2007, p. 15).

Se se tratar de uma citação indireta, preceder a indicação de *apud*. Exemplo: *apud* Melo, 2002, p. 55.

Se se tratar de uma paráfrase, preceder a indicação de cf. Exemplo: cf. Monteiro, 2018, pp. 11-14.

b) Em lista única no final do texto (nas «Referências bibliográficas»), apresentar por ordem alfabética de apelidos dos autores e, no caso de várias obras do mesmo autor, por ordem alfabética das respetivas obras, com indicação da cidade, da editora e das páginas (estas nos casos de artigos).

Exemplos (de monografias, coletâneas, antologias de estudos, revistas, dicionários, textos *online*...):

– Ramalheira, A. M. P. (2002). *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações Historiográficas e Literárias (1578-ca. 1800)*. Coimbra: MinervaCoimbra / CIEG / Universidade de Aveiro.

– Martines, E. (ed.) (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

– Coelho, M. H. da C. / Homem, A. L. de C. (eds.) (1999). *A Génese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (Séculos XIII-XV)*. Ciclo temático de conferências organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa no ano letivo de 1996/97. Lisboa: Universidade Autónoma Editora.

– Mingocho, M. T. D. / Gil, M. de F. / Castendo, E. (coords.) (2011). *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*. 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CIEG / Edições MinervaCoimbra.

– Diogo, A. T. (1991). O Cavalo de Sol, *Colóquio de Letras*, Lisboa, n.ºs 121-122, Julho/Dezembro, pp. 258-259.

– Schulze, H. (1997). *Estado e Nação na História da Europa*. Trad. de M. A. Júdice e A. Hall. Lisboa: Presença. [Ed. original: (1992), *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*. München: Beck].

– Mexia, P. (2011). Parque da Pena, *Expresso / Atual*, 10-09, n.º 2028, p. 3. URL: <http://aeiou.expresso.pt/parque-da-pena=f672148> (Acesso em....).

– Lucas, I. (2007). Saramago acusado de ser “incapaz de defender Portugal”, *Diário de Notícias*, 16.07. URL: <http://dn.sapo.pt> (Acesso em....).

c) Na indicação de artigos de autores vários inseridos num mesmo volume: abreviar as referências bibliográficas. Exemplo: Silva, R. (2007). John Steinbeck and Ernest Hemingway's Attitudes towards Otherness, in: George, S. K. / Heavilin, B. A. (eds.), *John Steinbeck and His Contemporaries*. Lanham / Maryland: The Scarecrow Press, pp. 69-76.

d) Duas ou mais referências do mesmo autor e do mesmo ano: acrescentar à data as letras a, b, etc. A data da primeira obra indicada de um mesmo autor deve ser seguida da letra a.

e) As datas da primeira edição, se relevantes, poderão ser indicadas. Incluir estas indicações no fim da respetiva referência, entre parênteses retos. Exemplo: [2.<sup>a</sup> ed., 1999].

**Remissões:** no próprio texto; usar as expressões latinas consagradas (cf. *supra*...) (cf. *infra*...) em itálico.

**Títulos:** centrar o título do artigo a negrito, em *Times New Roman*, tamanho 14.

Os títulos dos livros em itálico e o dos artigos entre aspas. O tipo de aspas dependerá da língua usada no texto (vd. *supra* Citações).

Os títulos de obras constantes do título de um artigo devem vir em itálico.

**Traduções:** na tradução das citações, inserir uma linha de separação entre a citação e a respetiva tradução. Quando a tradução da citação for incorporada no texto, deve ser colocada a seguir ao original entre parênteses retos, sem utilizar novamente aspas (vd. *supra* Citações).

Sobre referências bibliográficas de traduções, vd. *supra* Referências bibliográficas.

# **Submission and publication guidelines**

## **1. Conditions for Submission**

Each volume of this journal will feature an annual special topic. It aims at publishing original scholarship – in either Portuguese, English, French, German or Spanish (see Submission and publication guidelines) – firstly subject to a double blind peer review process by appointed members of the Scientific Committee/Peer Review Panel, composed by researchers and instructors affiliated with the University of Aveiro and by other Portuguese or foreign institutions of higher learning and research centers.

As part of the submission process, authors are required to verify the compliance of the submission for all items listed below. Submissions that are not compliant will be returned to the authors.

The articles (originally unpublished) may, if their authors so wish, appear in other journals or books, provided they include the complete bibliographic reference of their previous publication in RUA-L.

This journal does not have article processing (APCs) nor submission charges.

## **2. Publication standards**

The RUA-L follows the APA (American Psychological Association) bibliographic reference model.

However, attention should be paid to the following aspects:

### **2.1. Formatting**

The texts must be presented in digital format (Word for Windows, or compatible program), in font Times New Roman, size 12 (with the exception of notes, size 10), with 1.5 spacing between lines and paragraphs. The pages should be configured in A4 format, with 3 cm in the upper and left margins and 2 cm in the lower and right margins.

#### **2.1.1. Extension**

Each article, configured in the above format, should have a maximum of 17 pages.

#### **2.1.2. Organization**

The presentation of each article (see volumes already published online and on paper) should follow the following sequence:

- Title – centered



- Author(s) – focused
- Educational Institution and/or Research Centre to which the author(s) is (are) attached – in footnote, linked to the name of the author(s)
- Keywords – up to 6 words, left justified, in the article language, in Portuguese and in English, right after the author(s) name(s)
- Abstract – maximum of 200 words, in Portuguese and English, at the end of the article
- Bibliographical references – only of works, articles and other works referenced in the text

## 2.2. Criteria for graphical presentation and bibliographic reference (in alphabetical order)

### Bibliographic references:

a) In the text: in parentheses, include the author's surname/last name, followed by a comma, date of publication, followed by a comma and the page number.

Examples: (Santos, 2007, p. 15); (Martins / Polónio, 1985, p. 35); (Ribeiro et al., 1973, pp. 25-30)

- In case of a sequence of the same reference, should be used only *ibid.*, followed by the number of the page(s). Example: (*ibid.*, p. 350).

- When the author's name is mentioned right before the bibliographic citation, simply indicate the dates and page numbers in parentheses.

Example: ...as noted by António Santos (2007, p. 15).

- If the material was quoted elsewhere (indirect quote), precede it by *apud*. Example: *apud* Melo, 2002, p. 55.

- In case of a paraphrase, precede it by *cf.* Example: (*cf.* Ramalheira, 2000, p. 505).

b) Bibliographic references should be listed in alphabetical order at the end of the text (in the "Bibliographical references"). In the case of several works by the same author, in alphabetical order of their respective works, with an indication of the city, publisher and pages (these in the case of articles).

Examples (monographs, collections, anthologies, journals, dictionaries, online texts):

Ramalheira, A. M. P. (2002). *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações historiográficas e literárias (1578-ca. 1800)*. Coimbra, MinervaCoimbra / CIEG / Universidade de Aveiro.

Martines, E. (ed.) (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Coelho, M. H. da C. / Homem, A. L. de C. (eds.) (1999). *A Génese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (séculos XIII-XV). Ciclo Temático de Conferências Organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa no Ano Lectivo de 1996/97*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora.

Mingocho, M. T. D. / Gil, M. de F. / Castendo, M. E. (coords.) (2011). *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*. 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CIEG / MinervaCoimbra.

Diogo, A. T. (1991). O Cavalo de Sol. *Colóquio de Letras*, Lisboa, n.ºs 121-122, Julho/Dezembro, pp. 258-259.

Schulze, H. (1997). *Estado e Nação na História da Europa*. Trad. de M. Augusta Júdice e A. Hall. Lisboa: Presença. [Ed. original: (1992). *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*. München: Beck].

Mexia, P. (2011). Parque da Pena. *Expresso / Atual*, 10-09, n.º 2028, p. 3. URL: <http://aeiou.expresso.pt/parque-da-pena=f672148> (Acesso em...).

Lucas, I. (2007). Saramago acusado de ser “incapaz de defender Portugal”. *Diário de Notícias*, 16.07. URL: <http://dn.sapo.pt> (Acesso em...).

c) When referring to articles with multiple authors in a collection of essays, abbreviate the bibliographical references. Example: Silva, R. (2007). John Steinbeck and Ernest Hemingway's Attitudes towards Otherness. In George, S. K. / Heavilin, B. A. (eds.), *John Steinbeck and His Contemporaries*. Lanham / Maryland: The Scarecrow Press, pp. 69-76.

d) When there are two or more references of the same author and the same year, add to the date the letters a, b, etc. The date of the first work by the same author must be followed by the letter a.

e) The dates of the first edition, if relevant, may be indicated. Include these indications at the end of the respective reference, in square brackets. Example: [2nd ed., 1999].

Ellipses: highlight ellipses by way of using square brackets [...]. When an original text that was quoted includes an ellipsis, use three dots inside square brackets [...]. Foreground any omissions using three dots inside square brackets [...].

**Footnotes:** Times New Roman, font 10, single spaced, and numerated sequentially. The superscript number for the footnote should appear right after the punctuation mark.

**Identification:** each author must indicate which institution he or she is affiliated with.

**Illustrations / Graphs:** numbered and with an explanatory caption.

**Italics:** italicize phrases in foreign languages and titles of books, journals, newspapers and other published works.

**Number of pages:** texts should not exceed 17 pages, including the notes and the bibliography.

**Page numbers:** these should appear on the lower right hand side.

**Paragraphs:** paragraphs in the entire essay should be indented 1.25 cm.

**Parentheses:** use parentheses inside square brackets [(...) text]. See information in the Quotes section.

**Quotes:** up to three lines, run the quote along with the text using quotation marks; longer ones should be indented (1 cm from both the left and right hand margins), Times New Roman, font 12, without quotation marks. If the text is written in Portuguese, use «...», in English or any other language »...« or "...".

Quoted material which has been translated must be followed by the original quote in parentheses (without quotation marks).

**References:** to something already alluded to: inside the body of the text, use the appropriate Latin phrases (cf. / *vd. supra*, cf. / *vd. infra*) in italics.

**Titles:** please center the title of the paper in bold letters, Times New Roman, font 14, followed by the respective English translation.

Titles of books are italicized and titles of articles are in quotation marks. The use of quotation marks depends on the language in which the paper has been written (see Quotes above). Titles of books included in the title of an article should be italicized.

**Translations:** in the translation of the quotations, insert a line between the quotation and the respective translation. When the translation of the quotation is incorporated into the text. When the translation of the quotation is incorporated into the text, it should be placed after the original in square brackets, without using quotation marks again (see above Quotations). On bibliographical citations of translations, please see Bibliographical references above.



O presente volume da revista RUA-L, subordinado ao tema *Itinerâncias: línguas, textos e mediações*, inscreve-se no diálogo entre línguas e culturas sob diferentes perspetivas – linguísticas, culturais, literárias, tradutológicas. Os artigos aqui reunidos confluem em torno de duas temáticas aglutinadoras que dizem respeito aos textos e à tradução (Parte 1) e às línguas (Parte 2). Assim, a respeito das línguas discutem-se questões relacionadas com os processos de aprendizagem de línguas estrangeiras e variação linguística em contextos multilingues e multiculturais. Relativamente aos textos e às suas trajetórias, valoriza-se o texto enquanto fenómeno social, cultural e histórico, sublinhando-se as suas recontextualizações e reconstruções de significado. Tais processos de ressignificação, quando observados sob o ponto de vista de transposições culturais e literárias, emergem de interações complexas entre diferentes espaços linguísticos e culturais. Os estudos de tradução têm vindo a valorizar, desde meados do século passado, as interações entre tradução e cultura e a análise de processos de recriação, numa trajetória que conduziu a propostas de interdisciplinaridade, nomeadamente com as áreas da linguística, literatura e cultura. Refira-se ainda a visão da tradução como fenómeno indissociável de comunicação interlinguística e intercultural, caracterizada pela aplicação de filtros culturais.



universidade de aveiro  
departamento de línguas e culturas



universidade de aveiro  
centro de línguas, literaturas e culturas